BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA

SEGUNDA TIRAGEM DA EDIÇÃO
COMEMORATIVA DO IV CENTENÁRIO
DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

NOBILIARCHIA PAULISTANA HISTORICA E GENEALOGICA

TOMO II

BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA
DIREÇÃO DE AFONSO DE E. TAUNAY

IV

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

NOBILIARCHIA PAULISTANA HISTORICA E GENEALOGICA

Terceira edição acrescida da parte inédita, com uma biografia do autor e estudo crítico de sua obra por

AFONSO DE E. TAUNAY

•

Tomo II

LIVRARIA MARTINS EDITORA
SÃO PAULO

PRADOS

A nobre familia de Prados da capitania de S. Paulo é uma das mais antigas della. O seu progenitor foi João do Prado. natural da praça de Olivença na provincia do Alemtejo em Portugal, onde a nobreza desta familia é bem conhecida. Foi um dos nobres povoadores da villa de S. Vicente, a qual fundou pelos annos de 1531 o seu donatario Martim Affonso de Sousa, vindo em pessoa no dito anno, e trouxe para isso navios com todos os petrechos de guerra para a conquista dos gentios barbaros, e muitos e nobres povoadores por mercê do Sr. D. João III, e por este principe feito capitão-mor governador das terras do Brasil, para o dito Martim Affonso de Souza as poder repartir de sesmarias com as pessoas que consigo trazia, para as povoarem, como se vê da sua carta patente datada na villa do Crato a 20 de Novembro de 1530 annos, registrada no cartorio da provedoria da fazenda real da capitania de S. Paulo, livro 1º de sesmarias, tit. 1.554, pags. 42 e 102. Trouxe este fidalgo varios homens de foro, e cavalleiros da ordem de Christo, sendo entre elles os mais estimados Luiz de Góes, casado com D. Catharina, e seus irmãos Pedro de Góes, que depois foi capitão-mor de armada pelos annos de 1553 e falleceu em S. Paulo, e Gabriel de Góes todos com foro de fidalgos; Domingos Leitão, casado com uma filha do dito Luiz de Góes; Braz Cubas, cavalleiro fidalgo e primeiro alcaide-mór da villa de Santos, e seu povoador, que depois foi provedor da fazenda real, capitão-mór, governador e ouvidor da capitania de S. Vicente, e seu filho Pedro Cubas, moço da camara de el-rei, que tambem foi provedor da fazenda e capitão-mor governador, e ouvidor da dita capitania, e o dito Braz Cubas teve mais tres irmãos, que todos eram naturaes da cidade do Porto; e foram Gonçalo Nunes Cubas, Antonio Cubas e Francisco Nunes Cubas, moradores da villa de Santos; Ruy Pinto, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, casado com D. Anna Pires Missel; e seu irmão Antonio Pinto e Francisco Pinto; Nicolao de Azevedo, fidalgo da casa real, casado com D. Isabel Pinto, irmã de Ruy Pinto, de Antonio Pinto e Francisco Pinto, que todos foram filhos de Francisco Pinto, fidalgo da casa real, que ainda existia em Lisboa no anno de 1550, quando por escriptura vendeu aos allemães Erasmo Esquert e João Visnet as terras que em S. Vicente tinham ficado por morte de seu filho Ruy Pinto, e eram as da fazenda e engenho de S. Jorge (que depois tomou o nome dos allemães, chamando-se S. Jorge dos Erasmos), que havia fundado com o governador Martim Affonso

de Souza. Vieram tambem com este fidalgo para S. Vicente João Ramalho, que tinha o foro de cavalleiro (fundador da povoação de Santo André da Borda do Campo, que depois se acclamou villa em 8 de Abril de 1553, sendo o dito Ramalho, alcaide-mor e guarda-mor desta povoação), e sua irmã Joanna Ramalho, mulher de Jorge Ferreira, cavalleiro fidalgo, que foi capitão-mor governador da capitania de S. Vicente pelos annos de 1556; Jorge Pires, cavalleiro fidalgo, João Pires, o Gago de alcunha, Pedro Vicente e sua mulher Maria de Faria, Pedro Colaço, e outros muitos, e nobres povoadores de S. Vicente; e João do Prado, em quem principiamos este titulo de Prados.

Na villa de S. Vicente casou João do Prado com Felippa Vicente, filha do povoador Pedro Vicente e de sua mulher Maria de Faria, os quaes em 1554 eram lavradores de grandes cannaviaes com partido no engenho de assucar de S. Jorge dos Erasmos, e no dito anno venderam umas terras e seus cannaviaes a Pedro Rodrigues, as quaes terras já as possuiam em 1546. (Cart. da provedoria da fazenda real, livro de sesmarias, lit. 1ª, pag. 1..v.) Passou-se o dito João de Prado com sua mulher Felippa Vicente para S. Paulo, onde se estabeleceram com muitos indios, que no sertão conquistou João do Prado. Foi da governança da republica e serviu todos os honrosos cargos della, e de juiz ordinario muitas vezes, como foi no anno de 1588, 1592, e consta dos livros da camara de S. Paulo e no caderno de registros, 1.583, fl. 7.

Tendo feito o seu testamento no anno de 1594 entrou para o sertão interessado em maior numero de indios que queria conquistar neste mesmo anno, em que contra os barbaros indios da nação *Carijó*, que tinham vindo pôr em cerco aos moradores da villa de S. Paulo, formou exercito, e foi em pessoa ao sertão contra estes inimigos Jorge Correa, moço da camara de el-rei, capitão-mor governador da capitania de S. Vicente. Falleceu João do Prado no arraial do capitão-mor João Pereira de Sousa Botafogo, em Fevereiro de 1597. Em S. Paulo falleceu sua mulher Felippa Vicente com testamento a 27 de Junho de 1627; e no inventario feito dos bens para partilha dos filhos e herdeiros consta a fl. 18 que João do Prado e Felippa Vicente eram pessoas honradas e nobres. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra I, n. 13, o de João do Prado, etc., maço 2º, letra F, n. 50 o de Felippa Vicente). Este João do Prado teve no Rio de Janeiro uma prima, chamada Clara Martins, que deixou nobre descendencia. E teve, como consta dos inventarios supracitados, onze filhos.

Cap. 1º. — Isabel do Prado.
Cap. 2º. — Helena do Prado.
Cap. 3º. — Domingos do Prado.
Cap. 4º. — João do Prado.
Cap. 5º. — Catharina do Prado.
Cap. 6º. — Felippa Vicente do Prado.

Cap. 7º. — Maria do Prado.
Cap. 8º. — Martim do Prado.
Cap. 9º. — Pedro do Prado.
Cap. 10º — Anna Maria do Prado. Falleceu solteira.
Cap. 11º — Clara. Falleceu solteira.

Teve fora do matrimonio um filho mameluco, chamado Domingos do Prado, que na matriz de S. Paulo casou em 1616 com Felippa Leme, filha bastarda do grande Pedro Vaz de Barros, chamado pelo idioma brasilico Pero Vazguassú. E falleceu esta Felippa Leme com testamento em S. Paulo a 20 de Novembro de 1636. E teve cinco filhos, como se vê do inventario de orphãos, letra F. maço 3º, n. 3.

CAPITULO I

1 — 1. Isabel do Prado, natural de S. Vicente, casou em S. Paulo com Paschoal Leite Furtado, natural da ilha de Santa Maria dos Açores, filho de Gonçalo Martins Leite, e de sua mulher D. Maria da Silva. Este Paschoal Leite veiu em serviços da coroa ás Minas de S. Vicente em 1599 com D. Francisco de Sousa, setimo governador geral do Estado do Brasil, que neste anno veiu da Bahia, e chegou a S. Paulo, onde residiu até 1602, em que chegou á Bahia o seu successor Diogo Botelho, oitavo governador geral do Estado, despachado por el-rei D. Philippe III de Castela, e II de Portugal. Depois em 1609 chegou a S. Paulo o mesmo D. Francisco de Souza, feito governador administrador geral das minas das capitanias do Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente, com mercê de marquez das minas com 30 tt^os^ de juro e herdade. Se as minas, que descubrisse rendessem cada anno para o real erario 500 tt^os^, e nada conseguiu, porque em S. Paulo falleceu a 10 de Junho de 1611. Porém, no anno de 1670 se verificou o titulo de marquez das Minas em seu neto D. Francisco de Sousa, 1º marquez das Minas e terceiro conde do Prado por carta de el-rei D. Affonso VI, passada em 7 de Janeiro do mesmo anno de 1670.

Este Paschoal Leite Furtado foi irmão direito de Catharina Furtado Leite, mulher de Sebastião de Andrade, o qual foi irmão de Francisco de Andrade, pai do Exm. bispo do Rio de Janeiro D. Francisco de S. Jeronymo. E pelo brazão de armas passado aos padres Gaspar de Andrade Columbreiro e Francisco de Andrade a 23 de Janeiro de 1707 pelo rei d'armas principal Manoel Leal, sendo escrivão da nobreza José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, e registrado na camara de S. Paulo no liv. 5º de registro geral, se mostra que por seu pai Gonçalo Martins Leite foi o dito Paschoal Leite neto de Jorge Furtado de Souza, fidalgo da casa real, e de sua mulher Catharina Nunes Velha; e por ella bisneta de Isabel Nunes Velha, e de seu marido Fernão Vaz Pacheco; terneto de Nuno Velho (irmão de Ruy de Mello, que foi estribeiro-mor de el-rei D. João II), e de sua mulher Africa

Annes, que era viuva de Jorge Velho. Quarto neto de D. Violante Cabral, e de seu marido Diogo Gonçalves de Travassos, que foi vedor do infante D. Pedro, regente do reino de Portugal, com quem se achou na batalha e tomada de Ceuta; e foi do conselho de el-rei D. Affonso V e tanto seu privado, que na sua doença foi visitado de el-rei em pessoa; e jaz sepultado no convento da Batalha á porta da capella dos reis com a letra D sobre sua sepultura por ordem do mesmo rei. Quinto neto de D. Maria Alves Cabral, e de seu marido Fernão Velho, o sexto neto do Sr. de Belmonte. Todo o referido consta melhor do dito brazão supracitado; e o mesmo contexto se lê com mais diffusa noticia no padre Cordeiro; *Historia Insulana*, impressa em Lisboa em 1717. Em S. Paulo falleceu Paschoal Leite Furtado com testamento a 4 de Maio de 1614 na sua fazenda do sitio de Pinheiros. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra P, n. 3, o de Paschoal Leite.) E teve oito filhos naturaes de S. Paulo:

§ 1º

2 — 1. Isabel do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 19 de Abril de 1635 com Francisco Leal, natural da Ilha Terceira, filho de Manoel Lopes Leal, e de sua mulher Catharina Neto. Sem geração.

§ 2º

2 — 2. Paschoal Leite Furtado, casou na matriz de S. Paulo a 12 de Outubro de 1639 com Mecia da Cunha, filha de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher Maria de Freitas. Com geração. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º, § 1º.

§ 3º

2 — 3. Isabel do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Abril de 1640 com Pedro Dias de Castilho (filho de Manoel Lourenço Valença, e de sua mulher Anna de Castilho), natural da villa da Victoria da capitania do Espirito-Santo, e falleceu em Parnahyba com testamento no 1º de Setembro de 1675. (Cart. de orph. de Parnahyba, letra P. n. 256.) E teve dois filhos:

3 — 1. Anna de Castilho, mulher de Pedro Lopes de Lima.
3 — 2. Maria de Jesus.

§ 4º

2 — 4. Ursula Pedroso, casou tres vezes: primeira com João Nunes da Silva, que falleceu em S. Paulo em 1639; segunda com

Alberto Sobrinho natural da villa de Santos (em titulo de Annes, cap. 2º, § 2º) ; terceira vez casou aos 17 junho de 1643 com João Guerra Branco, natural da villa de Vianna, filho de Gonçalo da Guerra, e de sua mulher Branca Dias Maciel. Sem geração. Do primeiro matrimonio teve quatro filhos (1) e do segundo um filho:

3 — 1. Isabel Nunes da Silva, casou na matriz de S. Paulo a 2 de Março de 1642 com Estevão Ribeiro, filho de Balthazar Ribeiro, e de sua mulher Margarida Cançada.

3 — 2. Antonio.

3 — 3. João.

3 — 4. Maria.

3 — 5. Alberto Sobrinho.

§ 5º

2 — 5. Potencia Leite, casou com Antonio Rodrigues de Miranda, natural da cidade de Lamego e tronco da familia do seu appellido em S. Paulo. (Em titulo de Mirandas). Com geração.

§ 6º

2 — 6. Maria Leite, casou com Pedro Dias Paes Leme. (Em titulo de Lemes, cap. 5º. Com sua descendencia).

§ 7º

2 — 7. Paschoa Leite, falleceu sem geração em 14 de Junho de 1667, tendo sido casada com Gaspar Lopes Godim. (Cart. de orph. de Parn. inv. letra P. n. 185, o de Paschoa Leite).

2 — 8. João Leite, falleceu com testamento em 8 de Abril de 1616, e foi casado com Ignez Pedroso (em titulo de Moreiras, n. 1 cap. 3º, § 7) ; a qual viuvando casou com Thomé Martins (em titulo de Bonilhas, cap. 1º § 4º) ; e falleceu a mesma com testamento a 4 de Novembro de 1634; e foi irmão de Maria Moreira, mulher de Innocencio Preto. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 3, letra I, n. 24, e n. 160, invent. de Ignez Pedroso.) E teve dois filhos:

3 — 1. Sebastião Pedroso Leite, casou na matriz de S. Paulo a 29 de Janeiro de 1631, com Maria Gonçalves (a qual depois casou segunda vez com Sebastião Martins, e terceira vez com Sebastião Gama), filha de André Martins Bonilha e de sua mulher Justa Maciel. (Em titulo de Bonilhas, cap. 1º). Falleceu Sebastião Pedroso com testamento a 18 de Maio de 1698. (Cart. de orph.

(1) Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1.º, letra I, n. 32.

de S. Paulo, maço 1º de inv. letra S, n. 7 e cart. 1º de notas, maço de inventarios antigos, o de Maria Gonçalves). E teve dois filhos:

4 — 1. Antonio Pedroso Leite, falleceu com testamento a 30 de Junho de 1677, e foi casado com Catharina Dias (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 4º, de inv., letra A, n. 29.) E teve cinco filhos:

5 — 1. José Pedroso Leite.

5 — 2. Maria.

5 — 3. Ignez Pedroso.

5 — 4. Timotheo.

5 — 5. Catharina.

4 — 2. Manoel Pedroso Leite, falleceu. Sem geração.

3 — 2. João Leite, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Janeiro de 1636 com Antonia Gonçalves (depois foi viuva de João da Costa Leal), natural de S. Paulo, filha de Francisco Jorge, e de sua mulher Isabel Rodrigues. (Em titulo de Bonilhas, cap. 3º no segundo casamento de Isabel Rodrigues com Francisco Jorge; e deste Francisco Jorge, temos feito menção em titulo de Godoy, cap. 2º.) E teve naturaes de S. Paulo quatro filhos.

4 — 1. Isabel Pedroso, casou com Manoel Vieira Barros, nobre cidadão e natural de S. Paulo, estando viuvo de sua primeira mulher Anna Dias, filho de Domingos Machado, natural da Ilha Terceira (filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Antonia Machado de Toledo, neto por parte paterna de Sebastião Vieira e de sua mulher Joanna Jacome, em titulo de Vieiras da Ilha Terceira. E pela materna neto de Gonçalo de Toledo Machado, e de sua mulher Maria Fernandes, a rica: em titulo de Machados Toledos da Ilha Terceira), e de Catharina de Barros, natural de S. Paulo. (Em titulo de Alvarez de Souza, de S. Paulo.) Falleceu dito Manoel Vieira de Barros com testamento a 21 de Abril de 1705, e se mandou sepultar no jazigo proprio, que como irmão da companhia lhe havia concedido por carta o Revm. padre provincial Alexandre de Gusmão, vindo de visita ao collegio de S. Paulo. Foi Manoel Vieira Barros quem com liberal piedade e devoção concorreu para a construcção do recolhimento de Santa Theresa, que para accommodação da nobreza de S. Paulo ideou o Exm. D. José de Barros de Alarcão, 1º bispo da cidade do Rio de Janeiro, achando-se de visita em S. Paulo, largando tres moradas de casas que tinha no sitio, que se elegeu para o dito recolhimento, cuja custosa obra supposto teve por fundador o dito prelado, foi Manoel Vieira quem concorreu com a dadiva das suas tres moradas de casas; e para as mais despesas, que foram grandes e importaram cabedal, soffreu Lourenço Castanho Taques, seu irmão o capitão-mór governador Pedro Taques, aos quaes fez concurso com uma certa porção de dinheiro Diogo Rodrigues, que foi pai do honrado paulista Antonio Rodrigues de Medeiros,

capitão dos cavalleiros de S. Paulo; neste recolhimento entraram as filhas do dito Manoel Vieira Barros com grande consolação de seus pais, e applauso do fundador do Exm. bispo, havendo missa cantada e sermão no dia desta entrada com despeza grande pelos applausos deste dia. E teve do seu matrimonio treze filhos (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra M., n. 34 o de Manoel Vieira Barros), naturaes de S. Pedro:

5 — 1. Frei José Vieira, carmelita; occupou os cargos de prior em varíos conventos e de visitador, e falleceu em S. Paulo em 1758.

5 — 2. Bento Vieira, foi clerigo presbytero de São Pedro.

5 — 3. Antonio Pedroso Leite, casou com D... (Em titulo de Raposos Silveiras, cap...

5 — 4. Maria Leite e

5 — 5. Theresa Vieira. Estas duas tomaram o habito no recolhimento de Santa Theresa, porém como com a morte do Exm. e Revm. fundador não passou a professo, veiu o recolhimento por falta de rendas a decahir totalmente da elevação com que tivera principio o ingresso das primeiras recolhidas, servindo muito para a tal decadencia o fallecimento do fervoroso fundador Lourenço Castanho, até que Maria Leite e Theresa Vieira voltaram para o seculo, tendo nelle o patrimonio das legitimas que herdaram por morte de seus pais.

5 — 6. Jorge, falleceu menino.

5 — 7. Leonor de Barros Vieira, falleceu solteira.

5 — 8. Francisca Leite de Barros, fallecera solteira.

5 — 9. Cordula Vieira, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Setembro de 1695, com Simão Pereira do Faro, filho de Francisco Pereira de Faro, e de sua mulher Anna de Oliveira. Sem geração.

5 — 10. Antonia Pedroso Vieira, casou a 29 de Outubro de 1699 com Manoel Ribeiro Leal, natural de Lisboa, freguezia de S. Julião, filho de Silvestre Dias Ribeiro e de Maria de Jesus, sua mulher. E teve dois filhos:

6 — 1. Francisco Ribeiro Leal.

6 — 2. Ignacio Ribeiro Leal.

5 — 11. Ursula Pedroso, falleceu solteira.

5 — 12. Ignacia de Barros, casou com Felix Sanches Barreto, natural de Lisboa, filho de Pedro Sanches e de sua mulher Maria Barreto, ambos de Lisboa (Camara episcopal da cidade de Marianna, autos de *genere* do padre Felix Sanches Barreto). E teve quatro filhos naturaes de S. Paulo:

6 — 1. O padre Felix Sanches Barreto, presbytero, morador no Serro do Frio em 1770.

6 — 2. Manoel Sanches Barreto, casou com D. Antonia Ignez de Almeida e Moura, filha do sargento-mor Domingos de Moura Miguel, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Beatriz Cardoso de Almeida, natural da cidade da Bahia, com geração de quatro filhos ainda tenros.

6 — 3. Isabel Pedroso Leite casou em Taubaté a 20 de Janeiro de 1725 com João Paes Domingues, natural de Pindamonhangaba, filho de Manoel da Costa Leme, e de sua mulher Maria Paes Domingues e neto de Antonio Bicudo Leme, o Via-Sacra de alcunha. (Em titulo de Lemes, cap. 1º, § 2º, ou em Bicudos, cap. 1º, § 2º.) Com geração de dez filhos nascidos em Pindamonhangaba.

6 — 4. Pedro Sanches Barreto, falleceu solteiro. . .

5 — 13. Ignez Pedroso (ultima filha de Ignez Pedroso e Manoel Vieira Barros), casou a 5 de Novembro de 1695 com Thomé Rodrigues da Silva, que acabou em patente de sargento-mor dos auxiliares de S. Paulo, filho de Mathias Rodrigues Silva e de sua mulher Catharina d'Horta. (Em titulo de Hortas, cap. 1º, §.) Falleceu o sargento-mor Thomé Rodrigues com testamento a 26 de Setembro de 1743. E teve cinco filhos naturaes de S. Paulo. (Orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra T., n. 11.):

6 — 1. O Revm. padre mestre frei Salvador Caetano de Horta, carmelita; falleceu em Lisboa.

6 — 2. O Revm. frei Bento Rodrigues de S. Angelo carmelita, é presentado: ha muitos annos que existe feito descobridor de minas de ouro no sertão do Tibagy, onde descobriu perto da estrada dos Campos Geraes, faisqueiras de ouro de lavagem, e apparecendo diamantes, ficou prohibido o ingresso para estes descobrimentos, e se lhe pôz uma guarda de soldados infantes com um cabo commandante do presidio de Santos.

6 — 3. José Rodrigues da Silva Horta, casou por força de consciencia com Rita da Silva, de quem já tinha antes do matrimonio varios filhos.

6 — 4. Frei Francisco de Santa Ignez, carmelita, foi repetidas vezes prior do convento de S. Paulo, onde deixou varias obras filhas do seu grande zelo e actividade. Estando definidor passou-se a residir na aldea de Maruhiry do real padroado, onde fez construir um novo templo com bem proporcionada architectura em comprimento, largura e altura, seguindo-se um convento de sobrado com commodidades grandes para os Revms. que se ajuntam no dia da festa do orago da dita aldea, Nossa Senhora da Escada, e para os Revms. visitadores ou Revms. provinciaes; porém, antes de adornar o templo, e fazer levantar casas de taipa para vivenda dos indios em ruas, que já tinha destinado, acabou na mesma aldea, de repente, e com não pequenas conjecturas de que fora veneno introduzido em um crystel que lhe administrou um seu escravo, que o servia com apparencias de fidelidade havia muitos annos. Jaz sepultado na casa do capitulo do convento de S. Paulo.

6 — 5. Catharina da Silva d'Horta, que falleceu de bexigas em 1769, foi casada com Francisco da Cunha Lobo, nobre cidadão de S. Paulo, que ainda existe em 1770, filho de.... (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º, § 1º, n. 3 — 4 a n. 4 — 2, e seguintes.) Com doze filhos, que alli temos descriptos.

4 — 2. Paschoal Leite (filho do n. 3 — 2); falleceu menino.

4 — 4. Antonio Pedroso Leite, casou com Maria de Oliveira, natural de S. Paulo, irmã direita do coronel Antonio de Oliveira Leitão, que falleceu degolado em alto cadafalso na praça da Bahia. (Em titulo de Alvarengas, cap. V.)

Falleceu Antonio Pedroso Leite com testamento nas Minas-Geraes no anno de 1719. E teve cinco filhos naturaes de S. Paulo (Cart. 1º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Antonio Pedroso Leite.):

5 — 1. Antonio Pedroso Leite, cidadão de S. Paulo, foi casado com Maria Paes Domingues, irmã de Manoel Cavalhero Lumbria, naturaes de S. Paulo, filho de Manoel Fernandes Cavalhero, natural de S. Paulo, morador no sitio de Tiete, que falleceu com testamento a 18 de Novembro de 1699, e de sua mulher Maria Paes Garcia, a qual casou segunda vez com João da Cunha Leme, neta por parte paterna de José Cavalhero, natural de Castella, reino de Toledo, villa de S. Olaya do senhorio do conde de Astorga, e de sua mulher Isabel Fernandes, natural de S. Amaro; e pela materna neta de Martim Garcia Lumbria, natural de S. Paulo, que foi capitão-mor da capitania de Itanhaen pelos annos de 1693, a quem o Sr. rei D. Pedro II mandou escrever uma carta firmada do seu real punho datada em Lisboa a 20 de Outubro de 1698, e de sua mulher D. Maria Domingues das Candeas. (Cartorio de orphãos de S. Paulo maço 6º de inventarios, letra M., n. 58, o de Manoel Fernandes Cavalhero, casado com Maria Paes Garcia.) E teve nove filhos naturaes de S. Paulo:

6 — 1. João Leite de Oliveira, morador em Goyazes, e casado com D. Escholastica Bueno, filha do mestre de campo Antonio de Camargo Ortiz e Albuquerque. (Em titulo de Camargos, cap. 7º, §.)

6 — 2. Manoel Cavalhero Leite, cidadão de S. Paulo; tem occupado os honrosos cargos da republica: foi juiz ordinario em 1765, e é capitão de infantaria da ordenança do bairro do Tiete. Está casado com Mecia da Cunha, filha de Estevão da Cunha Abreu. (Em titulo de Pires, cap. 6º, §.)

6 — 3. Miguel Pedroso Leite, sahiu na recruta dos 200 soldados paulistas no anno de 1759 em capitão de infantaria, como temos referido em titulo de Rendons. Casou no Rio-Pardo com D. Innocencia Maria Pereira Pinto, filha do coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, e de D. Francisca Velloso de Fontoura. E tem quatro filhos:

7 — 1. Francisco de Paula Barreto Pereira Pinto.

7 — 2. Miguel Pinto Carneiro de Fontoura.

7 — 3. Antonio Pinto Carneiro de Fontoura.

7 — 4. Manoel Cavalhero Leite.

6 — 4. Maria Paes de Oliveira foi casada com Domingos Gomes Albernaz, natural de S. Amaro, filho de...

6 — 5. Antonio Pedroso de Oliveira, está casado com Anna Maria da Luz, filha de Lourenço de Siqueira Preto, natural e cidadão de S. Paulo, e de Anna da Silva de Padilha.

6 — 6. José Paes, falleceu solteiro em Minas do Pilar em 1752.

6 — 7. Bento Paes, falleceu solteiro em Pilar.

6 — 8. Clara Domingues Pedroso, foi casada com José Innocencio de Aguirre. Sem geração.

6 — 9. Francisco, falleceu menino nas minas de Crixás da comarca de Villa-Boa de Goyazes.

5 — 2. Antonia de Oliveira Leite, casou em S. Paulo no 1º de Maio de 1695 com Francisco Rodrigues de Freitas, natural de Mogy das Cruzes (filho de André Rodrigues de Freitas, e de sua mulher Maria da Luz), o qual falleceu a 20 de Julho de 1743. (Residuo ecclesiastico, testamentos, maço 7º, letra F.) E teve:

6 — 1. Francisco.

6 — 2. Josepha Rodrigues, mulher de Manuel da Cunha, e segunda vez de João Machado Castanho.

6 — 3. Maria .... casada primeira vez com Antonio de Alcaçova, ou Alcovia, e segunda com Manoel da Maya.

5 — 3. Anna de Oliveira, casou em S. Paulo a 21 de Fevereiro de 1700 com Vasco da Motta Cavalcanti, natural da villa de Mogy das Cruzes, filho de Antonio da Motta Cavalcanti e de sua mulher Maria Fragoso de Mattos. Em Mogy falleceu Antonio da Motta Cavalcanti a 10 de Dezembro de 1696. (Orphãos de Mogy, inventario letra A., n. 16.) E teve:

6 — 1. João Leite de Moraes, que foi casado com D. Maria de Lara em S. Paulo, filha do sargento-mór Simão de Toledo de Castelhanos. (Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º, §.)

6 — 2. Manoel de Oliveira.

5 — 4. Francisca Leite casou com Manoel de Azambuja, natural do Rio de Janeiro, filho de Manoel de Azambuja, e de sua mulher N., que elle matou, e se passou para S. Paulo deste homicidio; por cujo crime veiu a ser preso pelo desembargador Antonio Luiz Peleja 1º ouvidor geral e corregedor de S. Paulo. E teve filhos naturaes de S. Paulo:

6 — 1. Manoel de Azambuja, falleceu solteiro no Rio Grande do Sul.

6 — 2. Francisco Xavier de Azambuja, falleceu no Rio-Pardo em 1769, estando alli casado com... Foi capitão da cavallaria auxiliar do districto da freguezia nova do Bom-Jesus, em cujo posto fez muito serviços a Sua Majestade com grande respeito e affecto do povo. Viveu abundante com a sua grande fazenda de gados, que tem no mesmo districto, e deixou numerosa successão.

5 — 5. Ignez Pedroso de Oliveira, foi casada com Domingos Coelho Barradas, natural e cidadão de S. Paulo. Foi capitão da ordenança do bairro de Cahaguassú, e falleceu com testamento em S. Paulo, e nelle declarou a sua naturalidade, e que era filho de Domingos Coelho Barradas e de sua mulher Custodia Gonçalves. (Em titulo de Alvares Sousas, cap. 7º). E teve seis filhos nascidos em S. Paulo:

6 — 1º Antonio Coelho, casou com Maria de Godoy Cardoso, irmã direita de João de Godoy Pinto e Silveira, filha de Francisco de Godoy Preto, cidadão de S. Paulo, guarda-mor das minas da Papuã, arraial do Pilar, e seu descobridor, na comarca de Villa-Boa de Goyazes, e de sua mulher D........ Cardoso.

6 — 2. Frei Manoel de S. Ignez, religioso franciscano, correu as Indias de Hespanha e foi vigario na cidade do Cusco: falleceu em S. Paulo.

6 — 3. José, faleceu solteiro nas Indias de Hespanha, indo de S. Paulo na companhia do irmão.

6 — 4. Philippa, casou com José Pereira de Oliveira, natural de S. Paulo, filho de Manoel João de Oliveira. Em titulo de Moraes.

6 — 5. Escholastica...... casada com Domingos de Almeida Ramos, natural da villa de Mogy das Cruzes, filho de Domingos de Almeida Ramos, que falleceu na mesma villa a 4 de Novembro de 1755, natural do lugar do Landoal, termo da villa de Obidos (filho de Manoel Ramos, e de sua mulher Catharina de Almeida), e de sua mulher Barbara Correa, natural de Mogy, que tambem são os pais do padre Marcello de Almeida Ramos, clerigo do S. Pedro.

6 — 6. Theresa de Jesus, foi casada com Philippe Corrêa Quintana, natural da villa de Santos e cidadão de S. Paulo, capitão da ordenança do bairro de S. Miguel, filho de Philippe Correa Quintana, alferes de infanteria do presidio de Santos. Falleceu do tiro que lhe deu por emboscada um N. de Avila, seu inimigo. Com geração.

4 — 4. Ignez Pedroso (filha ultima do n. 3 — 2.) falleceu sem geração. Foi casada com Bartholomeo Fernandes de Faria, que, sendo preso quando já contava acima de 80 annos de idade, e remettido para a Bahia com o processo das culpas, que lhe resultaram de varias mortes, que mandou fazer por um *Carijó* da sua administração, chamado Judeo de alcunha, antes da sentença acabou a vida na cadea da Bahia, de bexigas. Este foi o Bartholomeo Fernandes de Faria, terror da villa de Jacarehy, em cujo termo foi morador muitos annos; e o que pôz aos moradores da villa de Santos cheios de um temor panico, quando baixou áquella villa com um troço de gente armada sem lhe embaraçar a resolução, que ia executar, como executou, o ser a villa de Santos um presidio fortificado de quatro companhias de infanteria paga, e ter naquela occasião por governador da praça e suas fortalezas ao mestre de campo José Monteiro de Mattos; porque o dito Faria

posto em marcha chegou á villa de S. Vicente, e por ella se introduziu por terra em distancia de duas leguas com o seu troço, valendo cada soldado, na estimação do seu commandante Bartholomeo Fernandes de Faria por muitos dos que na praça tinham o soldo do rei. Deu motivo para esta briosa, posto que indiscreta acção, o vexame, que soffriam, sem remedio, os moradores de serra acima; porque a ambição tinha convertido em negocio particular a venda do sal (que por estanco se dignou conceder a real piedade do Sr. rei D. João V em preço taxado de 1$280 por alqueire, por supplica que lhe haviam feito os mesmos moradores de serra acima pela camara capital de S. Paulo), que tinha chegado ao excesso de pedir o contratador por cada um alqueire 20$, affectando que do reino lhe tinha faltado a providencia annual deste genero. Porém constando a Bartholomeo Fernandes que tudo era dissimulação no contratador, que, protegido dos magnatas da villa de Santos, estava praticando com liberdade esta insolencia debaixo dos seguros de lhe não ser castigada a culpa, sendo tantas vezes requerida pelos da republica de S. Paulo, formou um corpo de armas, e baixou com elle na forma referida á villa de Santos: chegado a ella tomou logo as casas dos armazens do sal; e mandando chamar o contratador do sal com o seguro da palavra de homem de bem de lhe não fazer minima offensa, e que só carecia da sua presença com os seus caixeiros para ver a extracção do sal, e receber de cada um alqueire o seu taxado preço de 1$280, e porque desta quantia tem a fazenda real 400 rs. por consignação, que prometteram os povos de S. Paulo e suas villas para subsidio da infanteria da praça, mandou aviso ao provedor da mesma fazenda Thimoteo Correa de Góes para mandar para os portos dos armazens do sal o fiel recebedor dos 400 rs. de cada alqueire. Estando tudo assim disposto com grande tranquilidade de espirito, occupou Bartholomeo Fernandes a rua onde existiam os ditos armazens, cujas portas fez abrir, e por medida que tinham os mesmos fez extrahir e evacuar o sal, que entendeu necessario para fornecimento dos povos de serra acima, que havia mezes supportavam a barbaridade da ambição do dito contratador, pagando-se (dentro dos mesmos armazens), o sal que para fóra se tirava, e os 400 rs. de cada alqueire alli mesmo recebeu o fiel da fazenda real, sem que esta, ou o contratador recebesse prejuizo por diminuição de um só real. Para conducção do genero que deu causa a esta liberdade e despotismo, havia Bartholomeo Fernandes de Faria disposto uma multidão de *Carijós,* a cujas costas se conduziu todo o sal, e com cavallos de cargas, que para o mesmo fim os fez ir em sua companhia, o que tudo augmentou tanto o troço da gente armada, que avultava a um pé de exercito, que para praça tão pequena; e seus nacionaes sem terem occasião de verem cavallos, que ainda então os não havia naquelle rocio, menos corpo sobrava para o temor, e para a admiração. Executado este lance sem outro algum procedimento de maldade, que costuma obrar qualquer corpo auxiliado do despotismo, se retirou Bartho-

lomêo Fernandes de Faria pelo mesmo caminho de terra da villa de S. Vicente; e porque nesta estrada ha uma ponte chamada de S. Jorge, tanto que teve toda a gente assim de armas, como de cargas e bestas, posta de outra parte da dita ponte com accordo de soldado esperto, mandou deital-a abaixo, acautelando-se assim para passar a noite em socego, se na sua retaguarda tocasse alarma a infanteria da praça para o atacarem dentro da villa de S. Vicente, em marcha para S. Paulo até o sitio chamado do Cubatão. Não foi esta advertencia de pequena consequencia, porque, resolvendo-se os da praça a seguirem a Bartholomeo Fernandes para castigarem a ousadia, chegando as tropas ao passo de S. Jorge, o acharam sem ponte, a qual se não podia fabricar em breves horas; e por este impedimento retrocedeu para Santos sem mais acção, que haverem intentado o despique por desafogo. Socegados os animos do primeiro susto e horror, que causou a liberdade de Bartholomeo Fernandes entrando com corpo armado na praça de Santos, houve acção de graças por ficarem os moradores livres de um potentado, de quem receiaram hostilidades, roubos, e outras insolencias, que costuma praticar qualquer corpo tumultuoso, e sem disciplina regular. Foi a acção de graças celebrada na igreja do collegio dos PP. jesuitas da praça de Santos, e houve no fim do *Te-Deum* um sermão, que se dedicou, para o prelo, ao mestre de campo governador José Monteiro de Mattos. Nós tivemos o gosto de ver este papel; porém como nos falta a lição para termos voto de o applaudir ou criticar, só fizemos conceito, que sahindo ao mundo pela publicidade da imprensa, não faltaria quem reputasse primeira satyra, que sermão adornado de textos sagrados, por uma acção, que mais accusava o terror panico dos moradores de Santos, que a força das armas do despotico Bartholomeo Fernandes de Faria. Deixou nesta acção estampado o seu nome, que em todo o tempo seria recommendavel se o não manchára com a nota indesculpavel de tantas mortes, que se executaram por seu auxilio e consentimento. Porém ainda que as não pagou por sentença de recta justiça, sempre por ella foi preso quando já os annos lhe aconselhavam o retiro, em que se achava para chorar peccados em um quasi deserto da praia da villa da Conceição de Itanhaen, dentro de uma pequena cabana de palha: e conduzido em ferros para a cadea de Santos, della o embarcaram para a cidade da Bahia, onde, como temos referido, acabou de bexigas. Como a pobreza era summa, logo que expirou, sahiu o padre provedor dos presos, que sempre foi este emprego de religioso jesuita, a pedir esmolas para a mortalha e bens da alma, e, não tendo passado de uma rua proxima á cadea da relação, se achou com tão avultada esmola, que passou de 800$, que todos lhe serviram para o enterramento e suffragios. Esta verdade se diffundiu em S. Paulo por cartas de alguns jesuitas escriptas a outro do collegio de S. Paulo (1).

(1) Sobre Bartholomeu Fernandes de Faria, vd. Ernesto G. Young, nos seus estudos de história de Iguape na Revista do Instituto Historico de São Paulo, (A de E. T.).

CAPITULO II

1 — 2. Helena do Prado, casou com Pedro Leme, natural da villa de S. Vicente. (Em titulo de Lemes, cap. 1º com sua descendencia.)

CAPITULO III

1 — 3. Domingos do Prado, estudou no Rio de Janeiro em casa de sua tia Clara Martins. Foi jesuita; e, vindo para cantar missa no collegio de S. Paulo, falleceu entrevado. Desta Clara Martins do Rio de Janeiro houve um jesuita N. Martins, que existia no collegio daquella cidade pelos annos de 1728.

CAPITULO IV

1 — 4. João do Prado, falleceu no sertão em 1616, estando casado com Maria da Silva de S. Paio, filha de Domingos Martins, a qual casou segunda vez com Sebastião Soares, natural de Portugal, que falleceu em 1630, (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra I, n.... e s. maço 1º, n. 23. E teve tres filhos:

§ 1º

2 — 1. Joanna do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 25 de Janeiro de 1632 com Antonio de Lima, natural de Ponte de Lima (filho de Simão Nunes Homem, e de sua mulher Isabel Rodel), que falleceu em 1648. (Cartorio de orphãos, maço 4º de inventarios, letra A, n. 39.) E teve sete filhos:

3 — 1. Antonio de Lima do Prado, se habilitou *de genere* no anno de 1661.

3 — 2. João de Lima do Prado, falleceu na Atibaia em 16 de Dezembro de 1716. Casou com Maria de Siqueira de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap......) Residuo da ouvidoria de S. Paulo, testamento de João de Lima do Prado, e cartorio de notas de S. Paulo, inventario de João de Lima do Prado.) E teve cinco filhos:

4 — 1. Antonio de Lima do Prado, que falleceu em S. Paulo com testamento em Julho de 1723. (Orphãos, maço 4º, letra A, n. 27), casado com Maria Antunes. E teve tres filhos:

5 — 1. João de Lima do Prado.

5 — 2. Anna Maria.

5 — 3. Antonio de Lima do Prado, casou com Maria da Luz, filha de Gaspar Lopes de Medeiros, e de sua mulher Catharina Cortez.

4 — 2. João de Lima, que já era fallecido em 1706.

4 — 3. Pedro de Lima.

4 — 4. Joanna de Lima, mulher de Hyeronimo da Rocha Pimentel. (Em Camargos, cap. 8º, § 3º, n. 3 — 2.)

4 — 5. Mecia de Siqueira.

3 — 3. Pedro de Lima do Prado, que viuvando foi clerigo de S. Pedro; casou e teve a filha D. Anna de Lima do Prado, mulher do alcaide-mor José de Camargo Pimentel. (Em titulo de Camargos, cap. 4º, § 2º.)

3 — 4. Manoel de Lima do Prado, casou com Anna Peres Vidal de Siqueira, a qual falleceu a 12 de Março de 1719, e seu marido falleceu a 9 de Abril de 1715. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço n. 4, letra A, n. 26.). E teve tres filhos:

4 — 1. João de Lima do Prado.

4 — 2. Maria de Lima do Prado, mulher de Bartholomêo Bueno de Azeredo. (Em titulo de Camargos, cap. 7º, § 1º, n. 3 — 1.)

4 — 3. Maria de Lima do Prado, mulher de Luiz Barroso, natural e cidadão de S. Paulo, onde falleceu em 1695, e sua mulher falleceu a 16 de Abril de 1729. (Cart. 1º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos o de Luiz Dias Barroso, e o de Maria de Lima do Prado; e tambem ouv. de S. Paulo, maço dos residuos, o testamento de Maria de Lima) ; filho de João Barroso, natural de Portugal, e de sua mulher Catharina de Siqueira, irmã do Rev. Matheus Nunes de Siqueira; o que temos mostrado em titulo de Camargos, cap. 1º, § 2º, n. 3 — 9. E teve dois filhos:

5 — 1. Hyeronimo Dias Barroso, que falleceu em Mogy-Guassú, casado com...... Forquim.

5 — 2. Maria de Lima do Prado, mulher do capitão Fernando Lopes de Camargo, com geração. (Em titulo de Camargos, cap. 1º, § 2º, n. 3 — 9.)

3 — 5. Domingos, casado com Maria Ramires.

3 — 6. Maria.

3 — 7. Domingos.

§ 2º

2 — 2. Domingas da Silva, casou na matriz de São Paulo a 25 de Janeiro de 1632 com André Bernaldes, filho de João Bernaldes e de sua mulher Helena Gonçalves. Sem geração.

§ 3º

2 — 3. João do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 20 de Outubro de 1635 com Maria de Chaves, filha de Antonio Lourenço e de sua mulher Marianna de Chaves. (Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º, § 4º.) Com geração em dito titulo, e foram:

3 — 1. João do Prado, que se passou para Taubaté, onde já morava em 1658.

3 — 2. Philippa do Prado, casou com João de Santa Maria, natural de Castella, que veiu a S. Paulo em 1909 feito secretario de D. Francisco de Sousa, governador administrador geral das minas, que falleceu em S. Paulo em Junho de 1611. (Cam. de S. Paulo, cad. de residuos, titulo 1.607, pag. 33, e Cam. Episcopal, aut *de genere* de Domingos de Camargo, que foi clerigo.) E teve:

4 — 1. Marianna do Prado, mulher de Fernando de Camargo, o Tigre de alcunha. (Em titulo de Camargos, cap. 1º.) Deixou geração.

CAPITULO V

1 — 5. Catharina do Prado, natural da villa de S. Vicente, falleceu em S. Paulo com testamento a 17 de Maio de 1649, e foi casada com João Gago da Cunha, natural e cidadão de S. Paulo, que falleceu com testamento a 4 de Setembro de 1636. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra C, n. 10, e letra I, maço 3º, n. 20), filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher...... (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 2º.) E teve doze filhos naturaes de S. Paulo:

§ 1º

2 — 1. Maria da Cunha, foi casada com Hyeronimo da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo, onde já era morador em 1638; irmão de Belchior da Veiga, que casando com Beatriz Camacho, falleceu sem filhos e sem testamento, por cuja razão ficou por seu herdeiro o dito Hyeronimo da Veiga (Cart. 2º de notas de S. Paulo, maço de justificação de Hyeronimo da Veiga), que falleceu a 2 de Dezembro de 1660, e sua mulher Maria da Cunha a 14 de Outubro de 1670. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra H., n. 10, e letra M., maço 1º, n. 20.) Os ditos irmãos Veigas eram já moradores de S. Paulo em 1609. (Notas, liv. n. 27. 1609, fl. 10 v.) E teve quatorze filhos:

3 — 1. João da Veiga, falleceu solteiro.

3 — 2. Antonio da Veiga casou com Maria de Pinho, e teve tres filhos: João, Catharina e Ignez.

3 — 3. Balthazar da Costa da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo, onde serviu todos os cargos da republica, foi potentado em arcos, e abundante de suas lavouras de trigo e outros mantimentos, com grande criação de gados vaccuns. Falleceu a 24 de Agosto de 1700 (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra B., n. 5), e foi casado com Maria Bueno de Mendonça, que falleceu em 1709, filha de Amador Bueno e de sua mulher Margarida de Mendonça. (Em titulo de Buenos, cap. 1º, § 2º.) E teve onze filhos naturaes de S. Paulo:

4 — 1. Amador Bueno da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo, onde serviu todos os cargos da republica. Foi potentado em arcos, dos quaes teve numerosos indios da sua administração, e a sua fazenda era um populoso arraial. No anno de 1709 teve mercê de juiz de orphãos de S. Paulo pelo marquez de Cascaes, donatario da capitania de S. Vicente, de que tomou posse, e não exerceu o seu officio por fazer delle desistencia em camara, como abaixo fazemos menção. Foi casado com D. Martha de Miranda, filha de Bartholomeo da Cunha Gago (em titulo de Prados aqui, cap. 7º, § 2º, n. 3 — 3), nobre cidadão de S. Paulo que falleceu na villa de Taubaté com testamento a 31 de Janeiro de 1685 (Orph. de Taubaté maço de inv., letra B., n. 10) e de sua mulher Maria Portes de El-Rei, natural da villa de Mogy Sant'Anna das Cruzes, filha do capitão João Portes de El-Rei, e de sua mulher Juliana Antunes (em titulo de Portes de El-Rei, cap. 4º) onde se verá a nobre ascendencia do capitão João Portes de El-Rei. Falleceu Amador Bueno no sertão do Rio-Pardo a 21 de Dezembro de 1719. E teve seis filhos, de que faremos menção no fim da digressão em que entramos por dar uma verdadeira noticia do levantamento que houve nas Minas-Geraes, que produziu ser em S. Paulo constituido este Amador Bueno em cabo-maior do exercito paulistano em 1709.

(O autor principiou a dar uma noção da origem da capitania de S. Vicente para entrar na historia dos descobrimentos das Minas do Brasil feitos pelos paulistas sem a menor despeza da fazenda real; porém não continuou e diz: "Aqui se ha de copiar o discurso chronologico, que tenho escripto dos descobrimentos do Brasil, desde o primeiro que se intentou em 1572 na Bahia sem effeito, até o ultimo de Goyazes em 1725 conseguido." E, como o pouco que narra acha-se em outros titulos, deixei de copiar aqui por desnecessario.)

5 — 1. Bartholomeu Bueno da Cunha, falleceu nas minas do Pilar da Papuã, tendo gozado um grande respeito, estimação e cabedal grande, e foi casado em Taubaté a 11 de Agosto de 1726 com D. Francisca Barbosa de Lima, filha do brigadeiro Alexandre Barreto de Lima. (Em titulo de Moraes, cap. 3º, § 1º, n. 3 — 4: na descendencia de Gabriel Barbosa de Lima.) Com geração.

5 — 2. Balthazar da Cunha Bueno, foi coronel das ordenanças e guarda-mor das Minas, como temos tratado em titulo de Camargos, cap. 8º, § 3º, n. 3 — 4 e seguintes até D. Maria Buena da Rocha, mulher do mesmo com sua descendencia.

5 — 3. Francisco Homem de El-Rei.

5 — 4. Maria Portes de El-Rei, mulher de Pedro de Moraes da Cunha. (Em titulo de Moraes, cap. 1º, § 5º, n. 3 — 4 a n. 4 — 3 e seg. E em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º, § 4º, n. 3 — 7 a n. 4 — 2, com sua descendencia.)

5 — 5. Maria Portes de El-Rei, foi casada com José Barbosa de Lima, irmão inteiro do brigadeiro Alexandre Barreto de Lima,

a cima n. 5 — 1. (Em titulo de Moraes, cap. 3º, § 1º, n. 3 — 4, na descendencia de Gabriel Barbosa.)

5 — 6. Maria de Miranda, casou com Estevão Raposo de Siqueira, deste cap. 5º, § 6º, n. 3 — 2 a n. 4 — 2: adiante.

4 —2. Antonio Bueno (filho do n. 3 — 3) casou com....

4 — 3. Hyeronimo da Veiga. Vive. Se casou com Maria Moniz de Miranda: e teve a filha Catharina da Veiga de Onhate, que falleceu em Taubaté a 17 de Novembro de 1733, casada com Antonio Vieira da Cunha; e tiveram sete filhos. (Caz. 11 de Taubaté.)

4 — 4. Miguel Bueno da Veiga, casou com....

4 — 5. João da Veiga Bueno, casou com....

4 — 6. Balthasar da Veiga Bueno, foi casado com D. Anna Maria da Silveira, filha de D. Anna Maria da Silveira. (Em titulo de Raposos Silveiras, cap. 1º, § 7º.) Deixou geração.

4 — 7. Catharina do Prado, casou com Lourenço Corrêa Paes.

4 — 8. Guilherme da Veiga, nobre cidadão de São Paulo, que serviu os cargos da republica, e na matriz de S. Paulo a 2 de Maio de 1706 casou com Isabel de Sousa, filha de José de Sousa de Araujo e de sua mulher Paschoa Domingues. Guilherme da Veiga falleceu em S. Paulo a 19 de Novembro de 1734. (Residuo ecclesiastico, testamentos, letra G., n. 3). E teve dez filhos naturais de S. Paulo:

5 — 1. Maria Buena, que foi casada com Antonio Corrêa Pires Barradas, que ainda existe, republicano de S. Paulo, natural de.... E tem seis filhos, entre os quaes é o Rev. Antonio Bueno da Veiga, clerigo de S. Pedro: existe em Goyazes.

5 — 2. Bento de Sousa Bueno.

5 — 3. Escholastica Buena, beata carmelita, que primeiro esteve no recolhimento de Santa Theresa.

5 — 4. Antonio Bueno de Sousa, casou com D. Luzia Martins Bonilha, irmã do capitão Salvador Martins Bonilha em titulo de Lara, e são pais de (Bonilhas, cap. 1º, § 1º, n. 3 — 1 a n. 4 — 7).

6 — 1. D. Maria da Encarnação, mulher do coronel Bartholomêo Bueno da Silva, e casou em Meia-Ponte a 20 de Agosto de 1767. (Em titulo de Lemes, cap. 5º, § 5º, n. 3 — 2.)

5 — 5. Isabel Buena de Sousa, beata no recolhimento de Santa Theresa.

5 — 6. Antonia Buena, que existe solteira no estado de celibato, que elegeu.

5 — 7. Balthazar da Veiga Bueno.

5 — 8. Margarida Buena, falleceu solteira.

5 — 9. Marianna Buena, casou com João Rodrigues do Prado, e foi para Minas-Geraes, onde, casando segunda vez, não teve filhos.

5 — 10. José de Sousa, foi para Minas do Cuyabá, onde existe.

4 — 9. Maria da Veiga (filha do n. 3 — 3), foi casada com Estevão Sanches de Pontes, natural de S. Paulo e seu cidadão, que falleceu a 16 de Abril de 1686; filho de Estevão Sanches e de sua mulher Mecia Soares Corrêa. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios letra E., n. 14), neto de Geraldo Corrêa Sardinha, natural da cidade de Braga, da rua do Corno, que falleceu em S. Paulo a 24 de Abril de 1668, e de sua mulher Maria Soares, que falleceu em S. Paulo a 10 de Março de 1671 (Cartorio de orphãos, maço 1º de inventarios, letra G., n. 21 e maço 1º, letra M., n. 1); bisneto de Francisco Corrêa, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Atanasia Sardinha, natural da cidade de Braga; e por sua avó Maria Soares, bisneto de João Soares, e de sua mulher Mecia Rodrigues. Estevão Sanches foi sargento-mor da leva de D. Rodrigo de Castel Blanco em 1681. E Maria da Veiga tambem casou com Manoel Vieira, como consta do inventario de sua mãi, letra M., n. 141. E teve de seu matrimonio com o dito Estevão Sanches quatro filhos:

5 — 1. Maximiano.

5 — 2. João.

5 — 3. Estevão.

5 — 4. Catharina.

4 — 10. Maria da Cunha (filha do n. 3 — 3), casou com Luiz Corrêa de Lemos, o Alferes, e morador em S. Miguel. (Em titulo de Moraes, cap. 3º, § 2º, n. 3 — 5 a n. 4 — 4, 5 — 3, com sete filhos.)

4 — 11. Margarida Buena da Veiga de Mendonça, casou na matriz de S. Paulo a 5 de Março de 1696 com Bartholomeu da Cunha Gago, natural da villa de Taubaté, que foi capitão-mór da tropa para o descobrimento de prata, ouro e pedras em 22 de Janeiro de 1680 (V. Taubaté, fl. 2), filho de Bartholomeu da Cunha Gago, e de sua mulher Maria Portes d'El-Rei, os mesmos dos quaes notamos no n. 4 — 1. Falleceu Margarida Buena da Veiga em Taubaté com testamento a 27 de Setembro de 1741, sendo casada segunda vez com Manoel da Cruz, sem geração. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra M., n. 2º e n. 35). E Bartholomêo da Cunha Gago, falleceu em Taubaté a 9 de Dezembro de 1710. (Orphãos de Taubaté, letra B., n. 7.) E teve tres filhos:

5 — 1. Maria Portes da Cunha.

5 — 2. Antonio.

5 — 3. Francisca.

3 — 4. Hyeronimo da Veiga (filho do § 1º), casou com Maria Moniz de Miranda, que foi filha de José Corrêa Moniz, natural do Espirito-Santo, que falleceu em Taubaté a 19 de Maio de 1692,

e de sua mulher Maria Collaça (orphãos de Taubaté, maço de inventarios, letra I., n. 49), neta pela parte paterna de Christovão Moniz, e de Catharina Soares. Falleceu Hyeronimo da Veiga a 13 de Outubro de 1716. (Orphãos de Taubaté, letra H., n. 2.) E teve sete filhos:

4 — 1. Catharina de Onhate, que em Taubaté casou a 14 de Novembro de 1697 com Antonio Vieira da Cunha, filho de Matheus Vieira da Cunha e de Beatriz Gonçalves.

4 — 2. Garcia Rodrigues.

4 — 3. Pio da Veiga Corrêa.

4 — 4. João Correia da Veiga, falleceu a 2 de Abril de 1759, casado com Maria Bicuda. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra I., n. 62.) E teve:

5 — 1. Antonia, mulher de Antonio Pereira da Costa.

5 — 2. Miguel Corrêa.

5 — 3. Maria.

5 — 4. Anna.... mulher de Francisco da Costa.

5 — 5. Ignacia.

5 — 6. Francisca... mulher de Antonio da Costa.

5 — 7. Catharina.

4 — 5. Francisco Corrêa da Veiga. V. se casou com Martha de Miranda, pais de Maria Antunes, mulher de Pedro Teixeira da Cunha. (Orphãos de Taubaté, letra M., n. 99).

4 — 6. Estacia da Veiga, mulher de Dyonisio Rodrigues do Prado.

4 — 7. Martha de Miranda, que era solteira em 1716 quando falleceu seu pai Hyeronimo da Veiga.

3 — 5. Belchior da Costa da Veiga (filho do § 1º).

3 — 6. Lourenço da Veiga, casou com Marianna Fragoso, e teve:

4 — 1. Maria Fragoso, que na matriz de Taubaté casou a 2 de Agosto de 1698 com Antonio Gonçalves, filho de Antonio Gonçalves e de sua mulher Maria Alves.

3 — 7. Gaspar, falleceu solteiro.

3 — 8. Estacia da Cunha (filha do § 1º), casou em S. Paulo a 16 de Janeiro de 1633 com Geraldo Corrêa, natural de S. Paulo, filho de Geraldo Corrêa Sardinha, natural da cidade de Braga da rua do Corno, e de sua mulher Maria Soares, os mesmos do n. retro 4 — 9. Falleceu Estacia da Veiga em S. Paulo com testamento a 19 de Outubro de 1674, e seu marido Geraldo Corrêa falleceu com testamento a 23 de Outubro de 1667. (Cartorio de orphãos, maço 1º de inventarios, letra E., n. 7 e letra G., maço 1º, n. 34.) E teve 10 filhos:

4 — 1. Isabel Corrêa da Veiga.

4 — 2. Maria Antunes, casou com Mathias de Oliveira.

4 — 3. Anna Soares, casou com Manoel Dofouros.

4 — 4. Mecia Corrêa da Veiga, casou com Jorge Velho, e teve: 5 — 1. Maria da Costa da Veiga, que a 8 de Outubro de 1699 casou em S. Paulo com Manoel da Costa de Azeredo n. 471.

4 — 5. Hyeronimo da Veiga.

4 — 6. João Corrêa, casou.

4 — 7. Antonio Corrêa.

4 — 8. Francisco Corrêa.

4 — 9. Manoel Corrêa.

4 — 10. Salvador.

3 — 9. Maria da Cunha (filha do § 1º), foi casada com Alvaro Gonçalves.

3 — 10. Philippa da Veiga, foi casada com Clemente Alvares e teve a filha:

4 — 1. Anna do Prado, que, na matriz de S. Paulo, casou a 27 de Junho de 1643 com Pedro Ribeiro, natural do Rio de Janeiro (filho de Pedro Ribeiro e de sua mulher Magdalena Fernandes); falleceu a 7 de Junho de 1665, com geração de seis filhos. (Cartorio de orphãos de São Paulo, maço 1º de inventarios, letra P., n. 41.)

3 — 11. Catharina do Prado, casou duas vezes: a primeira com Manoel Borja, a segunda com Manoel Vareja.

3 — 12. Isabel da Cunha, foi casada com Pedro Gil. Ella falleceu em Taubaté, com testamento, a 4 de Abril de 1683. (Taubaté, inventarios letra I, n. 26.) E teve:

4 — 1. Domingas da Veiga, mulher do capitão Manoel Vieira Sarmento. V. se foi alcaide-mor.

4 — 2. Maria da Cunha.

4 — 3. Hyeronimo da Veiga.

3 — 13. Apolonia da Veiga, foi casada com o capitão Antonio Bicudo Leme.

3 — 14. Luiza da Veiga, foi casada com João de Siqueira, morador na freguezia da Conceição dos Guarulhos. E teve, natural da Conceição:

4 — 1. João de Siqueira da Veiga, falleceu em Taubaté a 28 de Abril de 1722, casado com Margarida Bicuda, viuva de Domingos Gil. E não teve filhos. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra I, n. 57.)

§ 2º

2 — 2. Luzia da Cunha (filha do cap. 5º), foi casada com Domingos Rodrigues Velho, filho de Garcia Rodrigues e de Isabel Velho. (Em titulo de Garcias Velhos, cap. 9º.) E teve:

3 — 1. Catharina do Prado, casou em S. Paulo a 9 de Junho de 1642, com Manoel Nunes de Siqueira, filho de Antonio Nunes

de Siqueira e de Maria Maciel. (Em titulo de Nunes Siqueiras, cap. 3º, § 6º, com seis filhos alli declarados.)

§ 3º

2 — 3. Antonia da Cunha, foi casada na matriz de S. Paulo a 3 de Julho de 1631 com João Ribeiro, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Estevão Ribeiro e de sua mulher Maria Missel. (Em titulo de Alvarengas, cap. 5º, § 5º.)

§ 4º

2 — 4. Catharina do Prado, foi casada com Mathias Lopes, natural de S. Paulo (irmão de Zuzarte Lopes, de Antonio Lopes Medeiros, de Maria de Medeiros, mulher de Gonçalo da Costa Ferreira, morador no Rio de Janeiro), filho de Mathias Lopes, o Velho, que falleceu com testamento, a 25 de Maio de 1651, e de sua primeira mulher Catharina de Medeiros, que falleceu com testamento em 1629. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra C., n. 27 e maço 2º, letra M., n. 46). E teve:

3 — 1. Catharina do Prado, casou na matriz de São Paulo a 30 de Janeiro de 1682, com Estevão Ribeiro Martins, filho de Diogo Martins da Costa e de sua mulher D. Isabel Ribeira. (Em titulo de Alvarengas, cap. 5º, § 1º, n. 3 — 6.)

3 — 2. João Lopes de Medeiros, casou com Marianna da Luz, sogros do capitão-mor Antonio Corrêa de Lemos, e foi João Lopes, sargento-mor, e teve quatro filhos:

§ 5º

2 — 5. Isabel da Cunha, casou primeira vez na matriz de S. Paulo, a 30 de Março de 1636, com Gaspar Fernandes, filho de Gaspar Fernandes e de sua mulher Domingas Antunes, sem geração. Casou segunda vez com Manoel da Costa.

§ 6º

2 — 6. João do Prado da Cunha, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu todos os honrosos cargos da republica, falleceu com testamento a 10 de Março de 1695, casado com Mecia Raposo, irmã direita do coronel João Raposo Boccaro e de D. Maria Raposo, mulher de Antonio Raposo da Silveira, cavalleiro fidalgo, professo da ordem de S. Thiago, que foi capitão-mor, governador e ouvidor da capitania de S. Vicente, proprietario do officio de juiz de orphãos, que deu em dote a seu genro Salvador Cardoso de Almeida,

e foram filhos de João Raposo Boccarro, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Anna Maria de Siqueira, e netos de Antonio Raposo, natural da cidade de Beja, que foi armado cavalleiro em 1600 em S. Paulo, por D. Francisco de Sousa pela sua nobre qualidade e serviços e de sua mulher D. Antolinna de Peralta, natural de Castella, com quem veiu a Santos na Armada do general D. Diogo Flôres de Baldez. (Em titulo de Raposos Boccarros. Cartorio de Orphãos de S. Paulo maço 2º de inventarios, letra I, n. 14.) E teve naturaes de S. Paulo quatorze filhos:

3 — 1. Antonio do Prado da Cunha, foi nobre cidadão de S. Paulo, com grande respeito e veneração. No real serviço acompanhou o governador Fernão Dias Paes ao descobrimento das esmeraldas, e obrando n'esta conquista, como se esperava de sua pessoa, se fez distincto entre os mais, de sorte que, pelos seus assignalados serviços, foi promovido em mestre de campo (por D. Braz Balthazar da Silveira, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo e Minas em 2 de Outubro de 1713) do terço das minas de Pitangui; e no contexto d'esta carta patente se deve notar ibi: "Tendo consideração aos merecimentos e assignalados serviços do capitão dos auxiliares d'esta comarca Antonio do Prado da Cunha, obrados no posto de alferes e capitão de uma das companhias das que creou o governador Fernão Dias Paes, para o descobrimento das esmeraldas e mais pedraria, em cuja diligencia andou oito annos, como consta das suas certidões, sustentando-se e aos seus escravos á sua custa, tolerando sempre com grande constancia as calamidades e trabalhos, que d'aquella expedição experimentaram, arriscando-se varias vezes nos encontros e pelejas que teve com os barbaros, em que se distinguiu sempre com singular valor e prudencia, com notorio e evidente perigo de sua vida, desprezando todos os que se lhe offereciam, só afim de que tivesse effeito o dito descobrimento. Sendo capitão dos auxiliares desta comarca, acudiu promptamente á villa de Santos por andarem na costa seis navios francezes; e sendo mandado fornecer a fortaleza do Itapema, assistiu n'ella quarenta dias, fazendo fachinas. Voltou a Santos quando os francezes tomaram o Rio de Janeiro, guarnecendo com a sua companhia a praia do Crasto, com excessiva despeza de sua fazenda, por haver sustentado a sua companhia todo o tempo que alli se deteve. Nas minas de Pitangui desempenhou no posto de mestre de campo do terço d'ellas, o grande conceito que tinha merecido ao sobredito general, obrando muitas e repetidas acções no real serviço com despeza da propria fazenda, de que foi opulento em cabedaes e escravatura, com lavras mineraes muito rendosas, das quaes extrahiu muita cópia de ouro. Casou na matriz de S. Paulo a 8 de Setembro de 1698 (tendo-se recolhido do descobrimento das esmeraldas no anno de 1681, em que falleceu o governador Fernão Dias Paes) com D. Maria Pires de Camargo, filha do potentado paulista Hyeronimo de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap. 5º, § 1º, com sua descendencia do filho unico,

João do Prado de Camargo, que ainda existe n'este anno de 1769, morador em S. João da Atibaia.)

3 — 3. João do Prado da Cunha, nobre cidadão de São Paulo, que occupou os honrosos cargos da republica, com estimação, respeito e applauso; casou com Maria Paes, natural de S. Paulo, onde falleceu, com testamento, a 22 de Março de 1701, e era irmã de Salvador de Oliveira. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 4° de inventarios, letra M., n. 15), filha de Matheus de Siqueira de Mendonça, nobre cidadão e natural de S. Paulo, onde falleceu, com testamento, em Junho de 1680 (irmão de Antonio de Siqueira de Mendonça) e de sua mulher D. Antonia Paes, que falleceu em 1688, natural da ilha de S. Sebastião (irmã direita de Estevão Raposo Bocarro, guarda-mor da marinha, e senhor do engenho chamado do Bairro, na dita ilha, de quem tratamos em titulo de Taques Pompêos, cap. 3°, § 3°, n. 3 — 5. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 4° de inventarios, letra M. n. 39, e cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario, letra A, n. 339. Este Matheus de Siqueira de Mendonça, marido de D. Antonia Paes, foi filho de Antonio de Siqueira de Mendonça, da nobre familia dos seus appellidos. (Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. 1°, § 2°, n. 3 — 1.) E teve tres filhos naturaes de S. Paulo:

4 — 1. Matheus de Siqueira de Mendonça, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu todos os cargos da republica; e foi juiz ordinario em 1746, em que no dia 8 de Dezembro fez a sua publica entrada o Exm. e Revm. D. Bernardo Rodrigues Nogueira, primeiro bispo de S. Paulo, e n'este acto soube o juiz ordinario Mendonça, desempenhar as obrigações de sua nobreza e cargo. Casou com Maria Barbosa de Lima, que ainda existe n'este anno de 1769, com geração. (Em titulo de Annes, cap. 7°, § 4°, n. 3 — 1 e seg.)

4 — 2. Estevão Raposo de Siqueira, foi casado com Maria de Miranda, filha do capitão-mor Amador Bueno da Veiga, n'este cap. 5°, § 1°, n. 3 — 1 a n. 4 — 1.

4 — 3. Mecia Raposo foi casada com João da Cunha Portes de El-Rei.

3 — 3. Thomaz Gago Raposo, morador de S. Miguel e nobre cidadão de S. Paulo, casou na sua matriz a 20 de Abril de 1700, com Margarida de Siqueira, filha do capitão Francisco Cubas de Mendonça e de sua mulher Isabel de Ribeira da Luz. (Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. 1°, na sua descendencia, e em titulo de Buenos, cap. 1°, § 8°, n. 3 — 3. Falleceu Thomaz Gago Raposo, com testamento, a 9 de Novembro de 1745. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1° de inventarios, letra T., n. 10.) E teve quatro filhos:

4 — 1. Thomaz Gago de Siqueira, casou na Conceição.

4 — 2. José Cubas do Prado, casou na Acutia, com Maria de Camargo.

4 — 3. Francisco Cubas do Prado, casou na Conceição com.... filha de Gabriel Barbosa de Lima.

4 — 4. João do Prado de Siqueira, casou duas vezes.

3 — 4. Manoel do Prado de Siqueira, casou em S. Paulo com Catharina Cubas de Siqueira, dispensados. E teve dois filhos:

4 — 1. João do Prado de Siqueira, casou em S. Paulo com Josepha Rodrigues Barbosa, filha de Antonio Rodrigues Lopes e Maria da Luz. (Em titulo de Rodrigues Lopes.) E teve cinco filhos:

5 — 1. Bartholomêo Rodrigues do Prado.

5 — 2. Catharina Rodrigues do Prado, falleceu solteira.

5 — 3. Escholastica Rodrigues do Prado, casada com Vicente Pimenta de Godoy.

5 — 4. Manoel de Siqueira Barbosa.

5 — 5. Margarida Rodrigues do Prado, casada com José Barbosa da Cunha.

4 — 2. Maria do Prado, que em 1773 existe no estado de celibato.

3 — 5. Francisco de Siqueira do Prado.

3 — 6. João Gago do Prado, casou em Mogy das Cruzes com.... filha do Berbozem, de alcunha. E teve filho unico:

4 — 1. João Domingues do Prado, fallecido em S. Miguel, casado com Maria de Siqueira, filha de Francisco de Barros Coelho.

3 — 7. Estevão Raposo Boccarro, falleceu solteiro, com testamento, a 30 de Março de 1748. (Residuo ecclesiastico, letra E.)

3 — 8. José do Prado, casou com Anna Barbosa de Lima. E teve quatro filhos:

4 — 1. José do Prado, existe casado na Conceição com.... filha de Rodrigo de Moraes.

4 — 2. Maria do Prado Barbosa, existe casada com Antonio de Camargo, natural de S. Paulo.

4 — 3. João do Prado, existe solteiro, soldado no Rio Pardo do Sul.

4 — 4. Domingos do Prado, existe solteiro, soldado como seu irmão.

3 — 9. Domingos do Prado.

3 — 10. Maria do Prado, casou com Estevão Gago da Camara.

3 — 11. Anna Maria de Siqueira, casou com Manoel da Motta.

3 — 12. Catharina do Prado, falleceu sem geração.

3 — 13. Mecia Raposo, foi beata franciscana.

3 — 14. Bartholomêo do Prado, casou com D. Lourença Corrêa de Araujo, natural de S. Paulo. E teve só filha unica D. Antonia.

§ 7º

2 — 7. João Gago, foi nobre cidadão de S. Paulo e occupou todos os cargos da republica. Casou com Anna Pires, filha de João Pires e de sua mulher Mecia Rodrigues. (Em titulo de Pires, cap. 6º, § 3º, pags. 38, 2, 3.)

§ 8º

2 — 8. Paula da Cunha, casou na matriz de S. Paulo a 7 de Janeiro de 1642, com Bernardo Sanches de La Pimenta Cabeça de Vacca, filho de Balthazar de Almeida e de sua mulher Petronilha de Freitas. Falleceu Paula da Cunha em a villa de Taubaté a 20 de Setembro de 1683. (Cartorio de orphãos de Taubaté, letra P, n. 22.) E teve filho unico:

3 — 1. Francisco de Almeida Gago, casou com Marianna do Prado, filha de Francisco Borges Rodrigues e de sua mulher Luzia Rodrigues do Prado. (Em o cap. 6º aqui, § 2º, n. 3 — 2, a n. 4 — 2.) Falleceu em Taubaté Francisco Borges, com testamento, a 9 de Setembro de 1685, natural de S. Paulo, filho de Francisco Borges e de Helena Rodrigues. (Cartorio de orphãos de Taubaté, letra F, n. 8). E Marianna do Prado falleceu em Taubaté, e se lhe fez inventario dos bens no anno de 1743. (Orphãos, letra M, n. 49.) E teve:

4 — 1. Francisco de Almeida Gago.

4 — 2. Luzia Rodrigues de Almeida, mulher de Balthazar do Rego Calheiros.

4 — 3. Maria de Almeida, casou em Taubaté em 1696 com Francisco de Goes da Costa, filho de Domingos Gomes e Ignez Gonçalves.

4 — 4. Marianna de Almeida do Prado, casou em Taubaté a 14 de Março de 1703 com João de Figueiredo Telles, natural de Villar Maior, filho de Francisco de Figueiredo Telles e de Antonia da Fonseca.

4 — 5. Catharina de Almeida, mulher de Antonio Raposo Lima.

§ 9º

2 — 9. Anna da Cunha, falleceu em S. Paulo, com testamento, a 28 de Março de 1675 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 5º, letra A, n. 18, inventario de Anna da Cunha, e nos mesmos autos appenso o de seu marido Antonio Paes) : e foi casada com Antonio Paes, que falleceu no sertão no mesmo anno de 1675, natural de São Paulo, filho de João Paes e de sua mulher Suzana Rodrigues, natural de S. Paulo, e por ella neto do capitão Martim Rodrigues

Tenorio e de sua mulher Suzana Rodrigues, que primeiro tinha sido casado com Damião Simões. (Em titulo de Tenorios, cap. 1º.) E teve oito filhos:

3 — 1. João Gago Paes, paulista de muita veneração e respeito; casado com D. Anna de Proença. (Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º, § 9º, n. 3 — 7.) Com geração.

3 — 2. Martinho Paes.

3 — 3. Thomaz Rodrigues.

3 — 4. Catharina Rodrigues, mulher de João das Neves.

3 — 5. Suzana Rodrigues, mulher de José Domingues Pontes. (Em titulo de Pontes, cap. 1º, § 17.)

3 — 6. Maria Paes.

3 — 7. Paula da Cunha.

3 — 8. Josépha Paes, falleceu em S. Paulo, com testamento, a 29 de Abril de 1725. Casada com Domingos Luiz Bueno (Cartorio da Ouv. de S. Paulo, testamentos, o de Josépha Paes). E teve dois filhos:

4 — 1. Anna da Cunha, mulher ou de João Rosado Pires, ou de João da Rocha de Mattos.

4 — 2. Margarida Bueno, mulher de um dos dois supra.

§ 10º

2 — 10. Joanna da Cunha, foi casada com.... Rodrigues.

§ 11º

2 — 11. Philippa da Cunha, foi casada com Antonio Ferreira, que falleceu em S. Paulo, com testamento, em 1627, e sua mulher falleceu tambem no mesmo anno (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra A, n. 41). E teve unica filha:

3 — 1. Anna.

§ 12º

2 — 12. Thomaz, falleceu solteiro.

CAPITULO VI

1 — 6. Philippa Vicente do Prado, casou duas vezes; a primeira com Antonio Pereira de Avellar, que falleceu em 1602. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra A, n. 45.) E teve filho unico. Casou segunda vez com Luiz Furtado, irmão inteiro de Daniel Furtado, naturaes de Monsanto de Caminha, filhos de Simão Furtado e de sua mulher Catharina Luiz. Este Luiz Furtado, ficando viuvo de Philippa Vicente, que

falleceu em 1615, casou com Cosima Mendes, e falleceu em S. Paulo com testamento, a 22 de Maio de 1636. (Cartorio de orphãos, maço 1º de inventarios, letra L, n. 41.) E teve quatro filhos.

Primeiro matrimonio.

Paulo Pereira de Avellar ... § 1.

Segundo matrimonio.

Antonio Furtado .... § 2.
Isabel Furtado ...... § 3.
Luiza Furtado ...... § 4.

§ 1º

2 — 1. Paulo Pereira de Avellar, casou na matriz de S. Paulo, a 19 de Outubro de 1631, com Anna de Chaves, filha de Antonio Lourenço e de sua mulher Marianna de Chaves. (Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º, § 3º.) Foi Paulo Pereira de Avellar cidadão de S. Paulo, e occupou todos os cargos da republica. Falleceu a 10 de Junho de 1647, e sua mulher falleceu em 11 de Agosto de 1655 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra P, n. 21; e nos mesmos autos o inventario de Anna de Chaves). E teve cinco filhos naturaes de S. Paulo:

3 — 1. Antonio Pereira de Avellar, cidadão de São Paulo, falleceu, com testamento, a 22 de Novembro de 1691. Foi casado duas vezes: a primeira com Maria Pedroso, filha de Antonio Pedroso de Freitas e de Clara Parenta (Em titulo de Freitas, cap. 6º, § 2º, ou em titulo de Dias Teveriçás, cap. 2º, § 1º, n. 3 — 2.) Casou segunda vez dito Antonio Pereira com Isabel de Pontes. (Em titulo de Pontes); e falleceu sua primeira mulher Maria Pedroso a 22 de Janeiro de 1694. E teve do primeiro matrimonio oito filhos; e do segundo dois filhos:

4 — 1. Clara Pereira, casou duas vezes; primeira com Francisco Dias de Alvarenga, e segunda vez com José de Mongellos.

4 — 2. Catharina Pereira, casou duas vezes; primeira com Antonio Rodrigues; segunda, ignoramos.

4 — 3. Isabel Pereira, casou com João de Siqueira.

4 — 4. Margarida Pereira, casou com João de Godoy Pires.

4 — 5. Antonio Pereira.

4 — 6. José Pereira.

4 — 7. Paulo Pereira.

4 — 8. Domingos Pereira.

Segundo matrimonio.

4 — 9. Roque Pereira Pontes.
4 — 10. Salvador Pereira Pontes.

3 — 2. Amador Pereira.
3 — 3. Paulo Pereira.
3 — 4. João Pereira de Avellar, foi casado com Maria Leme do Prado. (Em titulo de Lemes, cap. 2º, § 4º. n. 3 — 8.) Com geração alli.
3 — 5. Marianna de Chaves.

2 — 2. Antonia Furtado, casou com Francisco Rodrigues, que falleceu em 1652 (Orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra F. n. 20), filho de Affonso Pires Rodrigues, e de sua mulher Anna Affonso, como consta na camara episcopal, autos *de genere* de Antonio Rodrigues, maço 1º letra A, n. 2. Porém o certo é que o dito Francisco Rodrigues era nacional do Ameixial da freguezia de Lanhoso, termo da villa de Vianna, porque em S. Paulo, na nota do 1º cartorio, no cad. n. 50, titulo 1624, pag. 28, o dito Francisco Rodrigues, com sua mulher Antonia Furtado, fez doação, por escriptura, dos bens, que tinha herdado por morte de seu pai, Affonso Pires, a Beatriz Affonso, alli moradora, para os gozar em sua vida somente, e por sua morte tornarem a elles testamento, a 4 de Agosto de 1672 (Cartorio de orph. de Taubaté, maço de inv. letra A, n. 63). E teve nascido em S. Paulo doze filhos:

3 — 1. Antonio Rodrigues, presbytero secular, foi morador de Taubaté, onde falleceu a 10 de Agosto de 1672. (Orph. de Taubaté, inv. letra A, n. 66; e residuo ecclesiastico de S. Paulo, testamentos A, maço 1º, n. 25.) Tendo sido vigario da matriz da mesma villa, e foram herdeiros do seu cabedal seus irmãos.

3 — 2. Luzia Rodrigues do Prado, falleceu com testamento a 28 de Maio de 1728 (Orph., inv. letra L, n. 7; e orph. de Guaratinguetá, letra L, n. 5) ; casou com Francisco Borges Rodrigues, natural de S. Paulo, irmão de Manoel Borges Cousseiro, que falleceu solteiro em Taubaté, em 1680 (filhos de Francisco Borges e de sua mulher Helena Rodrigues), que primeiro tinha sido casado com Mecia Vaz, sem geração. Como tudo declarou no testamento com que falleceu em Taubaté, onde foi morador, a 9 de Setembro de 1685. (Orph. de Taubaté, inv. letra F, n. 8). E teve treze filhos naturaes de Taubaté.

4 — 1. Manoel Rodrigues do Prado, causou em Taubaté com Guiomar de Alvarenga, em 1693, filha de Manoel Rodrigues Moreira e de sua mulher Maria Bicuda, sem geração; falleceu Manoel Rodrigues do Prado em Guaratinguetá, com testamento, aos 24 de Dezembro de 1727, sem geração. (Guaratinguetá, inv. letra M. n. 25.)

4 — 2. Marianna do Prado, casou duas vezes; primeira com Francisco de Almeida Gago, de quem teve filhos; segunda, sendo já quinquagenaria, com Antonio Rodrigues, sem geração. (Em Prados, cap. 5º, aqui § 8º e n. 3 — 1, alli os seus filhos.) Mas, como no n. 4 — 2 de Luzia Rodrigues (pg. 26) não se disse tudo, aqui se ampliará sua descendencia com o n. 5.

5 — ". Luzia Rodrigues de Almeida, casou em Taubaté a 10 de Janeiro de 1694, com Balthazar do Rego Calheiros, natural de Guaratinguetá, filho de Antonio Raposo Barreto, natural de Guaratinguetá, e de sua mulher Maria de Brito Leme. Falleceu o dito Balthazar em Taubaté, com testamento, a 2 de Novembro de 1735. (Orph. de Taubaté, inv. letra B, n. 9.) E Luzia Rodrigues falleceu com testamento, a 8 de Março de 1756. (Orph., inv. letra L, n. 8.) E teve:

6 — 1. Francisco Barbosa da Silva.

6 — 2. Marianna Barbosa, causou com Domingos Vaz Guedes.

6 — 3. Maria Barbosa, casou com Miguel Rodrigues de Faria ou com Garcia Rodrigues da Cunha.

6 — 4. Joanna Barbosa, casou com Ignacio Barbosa de Moraes.

6 — 5. Catharina da Silva, casou com José Corrêa Leme.

4 — 3. Domingos Rodrigues do Prado falleceu, com testamento, a 28 de Fevereiro de 1717, e foi casado em 1706 com Maria de Todos os Santos, filha de Amaro Gil e Marianna de Freitas. (Livro dos casamentos de Taubaté.)

4 — 4. Antonio Rodrigues.

4 — 5. Matheus Rodrigues.

4 — 6. José Rodrigues do Prado, falleceu em Guaratinguetá, a 14 de Junho de 1748, com testamento, casou em Taubaté, de onde era natural, com Maria Sobrinha Antunes, filha de Francisco Corrêa da Veiga e de Martha de Miranda Antunes, como declara no mesmo testamento. E teve:

5 — 1. Francisco.
5 — 2. Manoel.
5 — 3. João.
5 — 4. Domingos.
5 — 5. Anna.
5 — 6. Maria.
5 — 7. Antonia.
5 — 8. Martha.
5 — 9. Luzia.
5 — 10. Maria.

4 — 7. Salvador Rodrigues.

4 — 8. Miguel Rodrigues do Prado, falleceu em Taubaté, com testamento, a 14 de Janeiro de 1719, e foi casado com Maria de

Madureira. E de sua mulher Joanna Cordeira (Orph. de Taubaté, inv. n. 45.) teve:

5 — 1. Francisco.

5 — 2. Antonio.

5 — 3. Joanna.

5 — 4. Luzia.

4 — 9.º João Rodrigues do Prado, casou em Taubaté a 12 de Junho de 1724 com Sebastiana Leite de Miranda, filha de Paschoal Leite de Miranda e de sua mulher Maria Pires. (Em Leites Mirandas, cap. 9º, § 1º, n. 3 — 6.)

4 — 10. Maria Rodrigues do Prado.

4 — 11. Antonia Furtado, falleceu em Taubaté, com testamento, a 30 de Dezembro de 1732; e foi casada duas vezes: primeira com João Delgado de Escobar, natural de S. Paulo, filho de Antonio Delgado de Escobar e de sua mulher Ignez Gonçalves, ambos naturaes de S. Paulo, o qual Antonio Delgado falleceu em Taubaté, com testamento, a 5 de Outubro de 1708. (Orph. de Taubaté, inv. letra A, n. 2 e n. 13.) E o dito João Delgado falleceu em Taubaté a 22 de Fevereiro de 1713. Neto por parte materna de Sebastião Gil o Velho, por alcunha o Villão, e de sua mulher Feliciana Dias. E pela paterna neto de Antonio Delgado de Escobar e de sua mulher Beatriz Ribeira; como tudo consta do testamento já citado a 5 de Outubro de 1708. (Em titulo de Dias Teveriçás, cap. 3.º, § 3.º, n. 3 — 3.) E teve dez filhos. Casou segunda vez dita Antonia Furtado com Affonso de Barros, de quem não teve filhos.

5 — 1. Antonio Delgado de Escobar.

5 — 2. João Delgado de Escobar, casou na matriz de Taubaté, ao 1.º de Novembro de 1747, com Theresa de Moraes, natural de S. Paulo, filha de Christovão da Cunha e de Maria de Moraes. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1.º, § 4.º, n. 3 — 7, em sua descendencia.)

5 — 3. Francisco de Siqueira Furtado, casou na matriz de Taubaté, a 9 de Setembro de 1727, com Maria de Moraes da Cunha, filha de Christovão da Cunha e de sua mulher Maria de Moraes. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1.º, § 4.º, n. 3 — 7, em sua descendencia.)

5 — 4. Raymundo Furtado.

5 — 5. Lourenço Rodrigues do Prado.

5 — 6. Luzia Rodrigues do Prado, casou com Salvador Esteves Leme, natural de Itú, a 10 de Janeiro de 1705, filho de Francisco Leme e de sua mulher Isabel Anhaya. Em titulo de Lemes, cap....

5 — 7. Ignez Gonçalves, casou com Cypriano Corrêa.

5 — 8. Maria das Neves, casou com Antonio Soares Ferreira.

5 — 9. Antonia Furtado do Prado, falleceu em Taubaté, e se lhe fez inv. letra A, n. 10, e foi casada com Geraldo Cubas

Ferreira a 12 de Maio de 1717, filho de Francisco Corrêa e de sua mulher Martha Miranda. E teve sete filhos, que foram:

6 — 1. João.
6 — 2. Francisco.
6 — 3. Martha.
6 — 4. Quiteria.
6 — 5. Antonio.
6 — 6. Domingos.
6 — 7. Anna.

5 — 10. Helena do Prado, casou em Taubaté, a 8 de Outubro de 1727, com Antonio da Cunha Barros, filho de Christovão da Cunha e Maria de Moraes. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1.°, § 4.°, n. 3 — 7; em sua descendencia.)

4 — 12. Francisco Rodrigues do Prado, foi casado em S. Paulo com Catharina Dias, natural de S. Paulo, filha de Manoel Gonçalves Morgado e de sua mulher Catharina Dias, a qual tinha sido primeira vez casada com Antonio de Almeida de Miranda, como tratamos neste titulo, cap. 7.°, § 7.°, n. 3 — 2.

4 — 13. Francisco Borges Rodrigues, casou com Anna Vaz Bicudo, filha de Antonio de Alvarenga e de sua mulher Maria Moreira. Elle falleceu a 27 de março de 1703. (Orph. de Taubaté, inv. A, maço 1.°, n. 40, e letra F, n. 24.) E tiveram tres filhos:

5 — 1. Isabel Bicudo do Prado mulher de Matheus Vieira da Cunha. (Em titulo de Cunhas, cap. 4.°, § 1.°, n. 3 — 6 a n. 4 — 2.)

5 — 2. Antonio, falleceu solteiro.

5 — 3. Luzia Bicudo, casou com Manoel da Motta Paes (Inventarios de Guaratinguetá, letra L, n. 13); casou segunda vez dito Francisco Borges Rodrigues com Francisca Cordeiro de Costa. E teve tres filhos:

6 — 1. Francisca, casada com José do Rego.

6 — 2. João Borges do Prado, casou com Margarida Nunes Bicudo, em Taubaté, a 8 de Janeiro, filha de Miguel Garcia Bicudo e de sua mulher Margarida de Siqueira.

6 — 3. Maria, casou com Matheus Leme da Costa.

3 — 3. Domingos Rodrigues do Prado, o Longo de alcunha, que teve sempre as redeas do governo civil de São Paulo, com grande respeito e veneração, falleceu em Taubaté, a 9 de Maio de 1715, com testamento, que fez de mão commum com sua mulher Violante Cardoso Siqueira, fallecida a 27 de Maio de 1721, natural tambem de S. Paulo, filha do Capitão Pedro Gil, e de sua mulher Violante de Siqueira (2). Esta falleceu em Taubaté, em 1656, e

(2) Orphãos, inventarios, D. n. 14 e V. n. 2.

aquelle na mesma parte a 14 de Outubro de 1668, e foi filho de Sebastião Gil, chamado o Villão, natural de S. João da Foz, e de sua mulher Feliciana Dias, natural de S. Paulo, filha do leigo Pedro Dias e de sua mulher Antonia Gomes da Silva, natural de Braga, que a S. Paulo veiu solteira com seus pais Pedro Gomes Affonso e Maria da Silva, ambos naturaes de Braga. (Em tit. de Dias.) E teve filhos:

4 — 1.º Domingos Rodrigues do Prado, assistiu nas minas de Pitangui, onde se fez poderoso com o grosso cabedal que extrahiu de suas lavras mineraes com o numero grande de escravos que teve até o anno de 1720, em que se retirou por não romper com o ouvidor de villa real do Sabará, o Dr. Bernardo Pereira de Gusmão, que havia sahido acompanhado de 20 soldados a prender ao dito Domingos Rodrigues, que, sendo potentado em armas, temeu o ouvidor entrar em Pitangui; e Prado se retirou para dar a conhecer que não era regulo, para que com o poder e força das armas impedisse a entrada de um ministro regio, que vinha a devassar de varias mortes acontecidas no Pitangui por aquelles tempos, e o dito Dr. ouvidor para entrar nesta diligencia se preveniu com contas que deu a Sua Majestade em 6 e 8 de Janeiro de 1720, dizendo ser o Pitangui da sua jurisdicção. Entrou Domingos Rodrigues do Prado para as minas dos Goyazes depois de descobertas por seu sogro e cunhado, o capitão-mor Bartholomêo Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortiz em 1725. N'ellas tambem extrahiu um grosso cabedal de oitavas de ouro. Retirou-se para a estrada geral de Goyazes a S. Paulo, e, fazendo assento em o sitio além do rio Parnahyba, succedeu chegar a esta fazenda (vinha de retirada de Goyazes para a praça de Santos) o capitão de infanteria .... com a sua companhia de 50 soldados infantes do presidio da villa de Santos, e sendo o dito capitão arrogante por natureza e opposto por inclinação aos filhos do Brasil, descomedindo-se nas palavras de tratamento com Domingos Rodrigues do Prado sobre não ter este as farinhas promptas para o fornecimento do pão de munição da sua infanteria, e não admittindo a indispensavel escusa que lhe deu Prado de que na occasião não havia farinhas feitas, mas que se fariam a custa de todo o trabalho e presteza, visto que sua mercê lhe não tinha feito aviso adiantado de que vinha fazer pouso n'aquella fazenda, o tal capitão, preoccupado de um furor fanatico, capacitando-se que qualquer paulista se reputava por um indio neophito, se alterou em vozes e com imperio, para ser maior a injuria; e, tendo tolerado Domingos Rodrigues as primeiras arrogancias, não lhe pode soffrer mais o descomedimento quando já este tocava em total desprezo e abatimento da sua pessoa; e a estas alteradas vozes acudiu do interior da casa um filho seu, chamado Bartholomêo Bueno do Prado, que, considerando ao pai totalmente abandonado pelo furor, e descomedimento do capitão, lhe disparou uma arma de fogo, de cujo tiro cahiu morto no mesmo lugar do terreiro e pateo das casas. N'este

sitio se deu á terra o cadaver do capitão, com geral sentimento dos soldados de sua companhia, os quaes confessavam publicamente que esta morte fora solicitada de seu capitão pelo excesso com que se demasiára com Domingos Rodrigues do Prado, pois este se tinha portado com attenção, urbanidade e agasalho com o dito capitão logo que chegára áquella fazenda. Com effeito os soldados foram fornecidos de todo o necessario com liberalidade para seguirem a marcha para S. Paulo por uma estrada falta de todos os viveres e mantimentos para a manutenção dos viandantes. Não faltaram pessoas da praça, que quizessem macular de fraco ao sargento d'esta companhia Francisco Aranha Barreto (hoje capitão de infanteria) por não haver despicado a morte do seu capitão, pois se achava com 50 homens para emprehender destruir a Prado; porém, a verdade é que o mesmo sargento e seus soldados reconheceram o despotismo do seu capitão para a fatalidade da sua morte, que não foi pensada do aggressor d'ella; e quando contra os merecimentos da razão quizesse tomar despique o dito sargento, já não tinha partido algum contra as forças de Domingos Rodrigues do Prado, que, percebendo o mais minimo movimento, certamente seria aquella fazenda não Troya abrasada, mas abrasadora; porque dos 50 soldados infantes não escaparia um só ao ferro de Domingos Rodrigues; e sobretudo nem a companhia vinha fornecida de polvora e bala para em corpo de batalha cercar a fazenda. Este inopinado successo fez com que, passados tempos, se retirasse Domingos Rodrigues a buscar povoado para se encommendar a Deus com a tranquillidade e socego, que já lhe aconselhavam os annos; e, tendo-se assim feito, e posto em execução, não chegou a gozar a desejada paz de espirito, porque falleceu antes de chegar a povoado no anno de 1738. Estava casado com D. Leonor de Gusmão filha do capitão-mor Bartholomêo Bueno da Silva, descobridor das minas de Goyazes. (Em titulo de Lemes, capitulo... com sua descendencia.)

4 — 2. Dionysio Rodrigues do Prado, casou com Estacia da Veiga, filha de Hyeronimo da Veiga e de sua mulher Maria Moniz de Miranda d'este titulo de Prados, cap. 3.º, § 1.º n. 3 — 4 ao n. 4 — 6.

4 — 3. Salvador Rodrigues do Prado, casou em São Paulo, com D. Philippa de Siqueira de Albuquerque Camargo, que ainda existe em 1769. (Em titulo de Camargos, cap. 1.º, § 4.º, n. 3 — 7.

4 — 4. Eusebio Rodrigues do Prado, totalmente degenerou do ser que lhe deu a natureza; e, perdendo o santo temor de Deus, foi cruel por inclinação e matador por vicio; não falta quem affirme, que as mortes que fez pelo proprio pulso excederam ao numero de vinte quatro: nós não podemos conseguir a verdade d'estes factos; mas é certo, que, como aggressor de tantos delictos, chegou a ser preso, e nós o vimos no calabouço da fortaleza de Santo Amaro, da Barra de Santos, e não chegou a ser castigado pela justiça, porque, fugindo do calabouço da fortaleza da Barra Gran-

de, falleceu nas Minas-Geraes, em casa de seu irmão João Rodrigues do Prado, estando casado com uma irmã de Fr. Francisco de S. José, carmelita, que acabou com opinião de santo no rio Parahybuna, e fazenda do guarda-mor geral Garcia Rodrigues Paes, de d'onde se trasladaram, com muito decencia, os seus ossos para o convento do Rio de Janeiro, á custo da liberalidade de seu intimo amigo Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, etc.

4 — 5. João Rodrigues do Prado foi de morada para Minas Geraes, onde falleceu casado com Marianna da Veiga.

4 — 6. Manoel Rodrigues do Prado, falleceu em Taubaté, a 3 de Junho de 1749, estando casado com Joanna de Oliveira em Taubaté em 1707, filha de Philippe Lobo, e Maria de Oliveira. E teve 8 filhos, (Orphãos, inventarios, letra M, n. 15.):

5 — 1. João Rodrigues, casou com Maria Moreira.

5 — 2. Verissimo de Siqueira do Prado, casou com Francisca Moreira Leme.

5 — 3. Joanna de Oliveira casou com Antonio Barreto Moreira.

5 — 4. Theodosia.

5 — 5. Anna.

5 — 6. Liberato.

5 — 7. Ignacio.

5 — 8. Agueda.

4 — 7. Catharina de Siqueira do Prado, casou com Domingos Luiz Cabral, natural da Ilha Grande (filho de Domingos Cabral, e de sua mulher Domingas Barbosa, como se vê do testamento com que falleceu o dito Domingos Luiz Cabral, a 21 de Agosto de 1726; e sua mulher falleceu a 3 de Junho de 1736. (Orphãos de Taubaté, inventarios, C. n. 19 e inventarios, D. n. 30.) E teve:

5 — 1. Estevão Cabral.

5 — 2. Salvador Barbosa, casou em Taubaté a 2 de Setembro de 1744, com Estacia da Veiga, filha do capitão Antonio Corrêa da Veiga e de sua mulher Maria de Miranda.

5 — 3. Lucindo Cabral, o Tangua de alcunha, foi para Buenos-Ayres.

5 — 4. Seraphino Barbosa do Prado, falleceu em Goyazes.

5 — 5. Raymundo Cabral.

5 — 6. Francisco Barbosa.

5 — 7. Claudio Barbosa, casou em S. Sebastião com uma irmã do reverendo vigario Domingos Costa.

5 — 8. Domingas Barbosa, casou com Miguel Antonio.

5 — 9. Barbara Cabral casou em Taubaté, a 21 de Fevereiro de 1695, com André Leme, filho de Aleixo Leme e de sua mulher Anna da Costa.

4 — 8. Violante de Siqueira, casou em Taubaté em 1699, com Belchior Felix Corrêa, natural de Taubaté, filho do alcaide-mór Manoel Vieira Sarmento, natural do Rio de Janeiro, e de sua

mulher Marianna Moreira, neto de Belchior Felix e de sua mulher Anna Sarmento. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra M. n. 46, o do alcaide-mór Miguel Vieira Sarmento.) E teve o filho:

5 — 1. João Corrêa Sarmento, que casou em Taubaté, a 15 de Novembro de 1727, com Juliana Antunes do Prado, filha de Sebastião Fernandes Corrêa e de sua mulher Maria do Prado.

4 — 9. Josepha do Prado, casada com Gaspar Pereira de Castro, em Taubaté a 16 de Agosto de 1708, natural de S. Julião, termo de Valença, filho de Antonio Pereira de Castro e de sua mulher Philippa Barbosa.

4 — 10. Francisco Rodrigues do Prado, casou em Taubaté a 31 de Janeiro de 1699 com Maria Antunes da Veiga, filha do capitão Manoel Corrêa da Veiga e de sua mulher Juliana Antunes. Falleceu Francisco Rodrigues, em Taubaté, sem testamento, e se lhe fez inventario dos bens, a 25 de Fevereiro de 1709. (Orphãos, inventarios, letra F, n. 25.) E teve:

5 — 1. José, falleceu solteiro.

5 — 2. Francisco Rodrigues do Prado.

5 — 3. Domingos Rodrigues do Prado, casou com Maria de Todos os Santos, filha de Amaro Gil Côrtes e de sua mulher, Marianna de Freitas. (Taubaté, M, 65, vide retro n. 4 — 3, pag. 123.)

5 — 4. Violante de Siqueira.

5 — 5. João, falleceu solteiro.

4 — 11. Antonia Furtado, casou com Miguel Gil, como se mostra do casamento de seu filho Miguel Rodrigues de Siqueira, que em Taubaté casou a 13 de Fevereiro de 1713 com Maria Vieira, filha de Domingos Vieira Cardoso e de sua mulher Martha de Miranda. (Em titulo de Vieiras Mayas, cap. 5.º, § 12.)

4 — 12. Philippa Rodrigues do Prado (filha ultima do n. 3 — 3, retro) casou em Taubaté a 29 de Outubro de 1704 com João Pinto de Queiroz, natural de Amarante, filho de Manuel Pinto Monteiro e de sua mulher Luzia da Silva.

3 — 4. Lourenço Antonio, falleceu solteiro.

3 — 5. Miguel Rodrigues do Prado, foi casado com Isabel da Rosa, que falleceu em Taubaté, a 27 de Setembro de 1715, estando casada segunda vez com José Dias de Carvalho. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra I, n. 16.) E teve filha unica:

4 — 1. Antonia Furtado, mulher de Domingos de Góes.

3 — 6. Catharina Furtado Rodrigues, casou duas vezes, e falleceu em Taubaté, e se lhe fez inventario dos bens em 1702. Casada segunda vez com Salvador de Freitas Albernaz: e d'este segundo matrimonio teve:

4 — 1. Sebastião Gil de Siqueira.

4 — 2. José Maria da Cruz.

4 — 3. Domingas Rodrigues.
4 — 4. Violante de Siqueira.

E da primeira vez casou a dita Catharina Furtado com Manoel Cardoso de Almeida, que falleceu em S. Paulo. (Orphãos de S. Paulo, letra M, n. 61.) Como consta do inventario de seu pai Francisco Rodrigues em S. Paulo em 1652. E teve oito filhos, entre os quaes foi:

4 — 5. João Vaz Cardoso, que casou em Itu a 20 de Abril de 1687, com Isabel da Costa, filha de João Diniz da Costa, e de sua mulher Cecilia Ribeiro. (Casamentos n. 380.)

3 — 7. Isabel Rodrigues, falleceu em S. Paulo com testamento, a 6 de Dezembro de 1683, casada com Gaspar Vaz Cardoso. (Orphãos de S. Paulo, maço 2.º, de inventarios, letra I, n. 19.) E teve dois filhos.

4 — 1. Antonio Vaz, casou com...... E teve dois filhos:
5 — 1. Gaspar.
5 — 2. Maria.

4 — 2. Francisco Rodrigues.

3 — 8. Antonia Furtado, falleceu solteira como consta do inventario de seu pai.

3 — 9. Bernarda Rodrigues de Jesus, falleceu em Taubaté, com testamento, a 10 de Agosto de 1672, e foi casada com Luiz Coelho de Abrêo. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra B, n. 4.) E teve:

4 — 1. Francisco Coelho, falleceu em Taubaté, em 1697, e foi casado com Violante de Siqueira, de quem teve Francisco, Bernarda, Helena. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra F, n. 18.)
4 — 2. Antonia.
4 — 3. Joanna.
4 — 4. Francisca.

3 — 10. Maria Furtado, ficou sendo moradora de S. Paulo, sua patria, onde havia casado com Belchior da Cunha Barregão, natural de Portugal, que falleceu em 1702, e ella em 1708. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra B, n. 6.) E teve sete filhos nascidos em S. Paulo.

4 — 1. Marianna da Cunha casou duas vezes; primeira com Manoel Vicente Pereira, que falleceu a 5 de Junho de 1684. (Orphãos de S. Paulo, letra M. n. 6.) E teve dois filhos:
5 — 1. Francisco.
5 — 2. Catharina.

Casou segunda vez dita Marianna com Ignacio Vieira Antunes, natural de S. Paulo (irmão inteiro de Ignacia Vieira, avó do M. R. conego José Rebello Pinto, do Revd. Antonio Rodrigues Villares, do Dr. Joaquim Mariano de Castro, auditor de um regimento

do presidio do Rio de Janeiro desde 1764, e mãi do Revd. padre mestre frei Bento da Annunciação, religioso capucho da provincia do Rio de Janeiro, e do Rev. Dr. Manoel Velloso Vieira, clerigo de S. Pedro, que falleceu no Rio de Janeiro em 1763), filho de Francisco Vieira (em S. Paulo foi conhecido com o appellido de honrado pela sua exemplar vida e virtudes), natural da freguezia de S. Martinho da Ventosa, do conselho da Ribeira do Soares, e de sua mulher Isabel Manoel Alvares de Sousa, que nasceu a 16 de Junho de 1651, irmã inteira de frei Placido, que, sendo monge benedictino no Brasil, passou ao reino de Portugal, e ficou monge de S. Bernardo, tomando o habito no real mosteiro de Alcobaça; e voltou a visitar os parentes pelos annos de 1681; e foi eminente na prenda de tanger viola, e tão destro, que mereceu tanger na presença do Sr. rei D. Pedro II. Irmão tambem do padre Sebastião Coelho Barradas, que foi conego na Sé da Bahia, e tinha sido batizado na matriz de S. Paulo, a 26 de Agosto de 1651. Neto pela parte paterna de Adrião Vieira, e de sua mulher Agueda Dias, ambos da freguezia da Ventosa. (Cartorio do tabellião de S. Paulo na nota de 1755, de Antonio Muniz, o testamento de Francisco Vieira.) E pela parte materna neto de Manoel Alvares de Sousa, natural da ilha de S. Miguel, e nobre cidadão de S. Paulo (senhor do jazigo na quadra da igreja do mosteiro de S. Bento para si e seus descendentes, que conservam o seu direito pela campa de pedra, que lhe accusa o dominio), e de sua mulher Maria Carneiro, natural de S. Paulo, por quem foi bisneto de Sebastião Coelho Barradas (irmão inteiro do padre mestre Manoel Coelho Barradas, jesuita, que falleceu em São Paulo em 1627, e de sua mulher D. Catharina de Barros, que falleu em S. Paulo, com testamento, a 9 de Setembro de 1687 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, inventario, letra S, maço 1.º, n. 11; e letra C, maço 1.º, n. 46), cuja naturalidade ao certo não se sabe porque seus pais d'ela D. Jorge de Barros Fajardo, e sua mulher D. Anna Maciel, natural da villa de vianna do Minho, vieram de Portugal para S. Paulo, na companhia de João Maciel, que era pai da dita D. Anna, e o dito João Maciel trouxe mais uma filha já casada com Antonio Antunes, e trouxe tambem filhos. Este D. Jorge de Barros Fajardo, era natural da cidade de Ponte-Vedra, do reino de Galliza, filho de Balchior de Barros, e de sua mulher, D. Catharina Vaz, como tudo se vê do testamento com que falleceu em São Paulo, o dito Jorge de Barros, em 1615 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3.º, letra I, n. 28). A passagem da nobre qualidade de João Maciel, de Vianna para o Brasil, consta no cartorio das justificações da côrte de Lisboa nos autos de *nobilitate probanda* de Domingos Antunes Maciel, processados no anno de 1756 no juizo de India e Mina. Manoel Alvares de Sousa, natural de S. Miguel, veiu ao Brasil á imitação do seu ascendente Gaspar Vaz de Sousa, que, em serviço do Sr. rei, D. João III, tambem veiu ao Brasil á Capitania do Porto-Seguro em tempo do seu primeiro donatario

Pedro de Campo Tourinho, a quem o mesmo monarcha a dera com 50 leguas de costa, que dito Tourinho, natural de Vianna, veiu povoar com sua casa e algumas familias que trouxe; e ganhando varias victorias aos gentios, os afugentou para o interior d'aquelles sertões, que depois se voltaram contra os moradores de Porto-Seguro, que destruiram, matando a maior parte da gente européa. Em soccorro vieram outros mandados pelo Sr. rei D. João III, e entre muitos veiu da ilha de S. Miguel dito Gaspar Vaz de Sousa, João Lordello e outros da mesma ilha, porém, todos pereceram flexados da multidão dos barbaros indios. Este infeliz successo toca succintamente no seu *Nobiliario* o grande e famoso genealogico, o Rev. Dr. Gaspar Fructuoso (que falleceu sendo vigario da igreja da Estrella, no anno de 1591), livro 4.º, cap. 12, onde trata da nobre origem dos Alvares Sousas de S. Miguel, dizendo o seguinte: "Deixo de copiar, por brevidade." Nós omittimos os mais irmãos, que teve Balthazar Vaz de Sousa, que foram sete, e de cada um d'elles trata o mesmo *Nobiliario;* porque para verdadeira noção de que d'este Balthazar Vaz de Sousa, e de sua mulher Leonor Manoel procedeu Manoel Alvares de Sousa, devemos ponderar, com advertida connexão, que, casando em S. Paulo dito Manoel Alvares de Sousa, e dando-lhe Deus primeira filha, Isabel, que nasceu em S. Paulo, a 16 de Junho de 1641, para n'ella resplandece o honroso appelido dos seus ascendentes paternos, ficou chamando-se *Isabel Manoel,* que depois casou com Francisco Vieira, de cujo matrimonio foi filho Ignacio Vieira Antunes, marido de Marianna da Cunha, como fica retro mostrado no n. 4 — 1. D'este segundo matrimonio nasceu em S. Paulo unica filha:

5 — . Maria Vieira da Cunha, casou na matriz de São Paulo, a 16 de Fevereiro de 1706, com Gaspar de Mattos, que falleceu em 1734, em S. Paulo; natural da freguezia de Nozedo, arcebispado de Braga, filho de Sebastião de Mattos, e de sua mulher Isabel de Araujo, da freguezia de Nozedo. (Camara episcopal de S. Paulo, autos de *genere* do padre Antonio Xavier de Mattos em 1747.) E teve seis filhos nascidos em S. Paulo:

6 — 1. Frei Sebastião Maria Mattos, carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro, em cujo convento existe em 1769. Passou a Roma duas vezes, e foi procurador na sua provincia no hospicio da corte de Lisboa, cuja igreja elle fez construir no estado excellente de finas pinturas, como existe. Quando segunda vez passou a Roma a negocios da religião na sua provincia, soube bem acreditar a actividade, zelo e desembaraço com que manejou os negocios n'aquella grande corte, que lhe conferiu o caracter de mestre com as honras de provincial para as desfrutar na sua religião e provincia.

6 — 2. Antonio Xavier de Mattos, passou de S. Paulo, mandado por seu pai, para a universidade de Coimbra, e por força de destino infeliz, pela maledicencia de um seu criado, se viu consternado a largar os estudos, e fugitivo retirar-se para o reino

de Castella. No serviço d'esta coroa teve praça de soldado e foi destacado para Barcelona.

6 — 3. Frei Francisco de Mattos, carmelita do Rio de Janeiro, em cujo convento existe em 1769. Foi prior do convento da villa de Santos, e tem servido de procurador do convento do Rio de Janeiro, que traz muito pensionado este cargo.

6 — 4. José Vieira, jesuita e professor do quarto voto, que não quiz merecer a honra de ficar gozando a naturalidade em que nasceu vassallo da coroa de Portugal, e seguiu a teima de acompanhar para a Italia aos mais padres, que foram desnaturalizados. Tinha passado á capitania de Goyazes para missionario apostolico dos gentios *Acroás* e *Xavantes* no distrito das minas de Natividade, e foi recolhido ao tempo da expulsão dos jesuitas.

6 — 5...... falleceu solteira, de bexigas.

6 — 6. Maria Josepha de Mattos, foi casada com Francisco de Salles Ribeiro, natural da cidade de Lisboa, e criado na villa de Setubal desde tenros annos, cidadão de S. Paulo, onde foi juiz ordinario no anno de 1763, e tinha sido muitos annos antes capitão de infanteria da ordenança da mesma cidade. (Camara episcopal de S. Paulo, autos de *genere* de José Francisco de Salles.) E teve, fóra os que tenrinhos voaram para o céo, onze filhos, nascidos em S. Paulo.

7 — 1. O padre Gaspar de Salles Ribeiro, que, estando jesuita, se deixou ficar no seculo quando da Bahia foram recolhidos á corte os mais jesuitas; e elle em S. Paulo se ordenou de presbytero secular. Passou para Lisboa em 1769. Existe em S. Paulo cura da Sé em 1795.

7 — 2. Bento de Salles Ribeiro, casou em S. Amaro com Anna de Iberós, natural de S. Amaro, filha de João Moreira Garcia e de sua mulher Maria de Eyró, ambos de S. Amaro.

7 — 3. Anna de Salles, casou duas vezes: primeira com José Francisco de Andrade, de quem lhe ficaram tres filhos; segunda casou com José da Cruz Almada, natural de Lisboa, de quem tem quatro filhos.

8 — 1. Gertrudes Maria de Andrade.
8 — 2. Anna Joaquina de Andrade.
8 — 3. Manoel Francisco de Andrade.
8 — 4. Joaquim Antonio.
8 — 5. Maria Francisca.
8 — 6. José Maria.
8 — 7. João.

7 — 4. O padre Antonio Xavier de Salles, presbytero secular. Acha-se despachado em Lisboa para o vigario collado na igreja de S. José, em Minas Geraes, em 1795.

7 — 5. O padre João de Salles Ribeiro, presbytero secular.

7 — 6. O padre frei Ignacio de Salles, religioso franciscano, prégador.

7 — 7. Manoel Francisco de Salles.

7 — 8. Francisco Marianno de Salles.

7 — 9. José Francisco de Salles.

7 — 10. Theodora Maria de Salles, depois de avançada em annos, casou com.........

7 — 11. O padre Joaquim de Salles, jesuita, que foi para Italia *in minoribus*.

4 — 2. Maria da Cunha do Prado, foi casada com Accenso Rodrigues Lopes, natural de S. Paulo, filho de João Rodrigues e de sua mulher Joanna Simoa, que falleceu em S. Paulo, a 20 de Agosto de 1706, estando segunda vez casada com Pedro Vaz Muniz; e ella foi filha de Simão Lopes e de sua mulher Joanna Fernandes. (Cartorio de Orphãos de S. Paulo, maço 3.º de inventarios, letra I, n. ... o de Joanna Simoa,) Accenso Rodrigues falleceu a 12 de Janeiro de 1721, e sua mulher Maria da Cunha falleceu a 19 de Fevereiro de 1732, (Cartorio de Orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra B, n. 50.) Em titulo de Rodrigues Lopes, cap. 2.º, § 5.º, com seis filhos alli, que foram os seguintes, nascidos na freguezia da Conceição dos Guarulhos:

5 — 1. Catharina Rodrigues do Prado, mulher de Antonio Martins de Macedo.

5 — 2. Antonia Furtado, casou duas vezes: primeira com Francisco Rodrigues Fortes: segunda com Manoel Telles de Menezes.

5 — 3. Marianna Rodrigues da Cunha, mulher de Antonio de Siqueira Cubas.

5 — 4. Joanna da Cunha, mulher de Miguel de Siqueira.

5 — 5. Belchior da Cunha, falleceu nas Minas-Geraes, em Itaverava, em 1718, estando casado na freguezia da Conceição dos Guarulhos, com Margarida Cardoso de Siqueira, de quem teve dois filhos:

6 — 1. João Rodrigues Antunes, morador da Conceição, casado com D. Joanna Baptista.

6 — 2. Helena Maria de Jesus, mulher de Antonio Lopes Chaves, natural d'esta villa e fallecido no Sumidouro de Marianna. E teve filha unica.

5 — 6. João Rodrigues da Cunha, existe na Conceição, casou duas vezes: primeira com Josepha Pedroso, irmã de Bento de Siqueira Pedroso. (Em titulo de Camargos, cap...) Segunda vez está casado com Maria de Godoy Bueno, filha de Francisco de Godoy Pires com D. Josepha Bueno. (Em titulo de Silveiras, cap. 1.º, § 7.º, n. 3 — 1.)

4 — 3. Anna Maria da Cunha, foi casada com seu parente em quarto grao em S. Paulo a 20 de novembro de 1686, o capitão

João Vaz dos Reis natural de Mogy das Cruzes, e cidadão de S. Paulo, onde falleceu em janeiro de 1708; filho de Gaspar dos Reis e de sua mulher Maria Pedroso, moradores de Mogy das Cruzes. E Anna Maria da Cunha tinha fallecido a 7 de Janeiro de 1705. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 5.º de inventarios, letra A. n. 8.) E teve sete filhos nascidos em S. Paulo:

5 — 1. O padre Belchior Vaz dos Reis, clerigo de S. Pedro, que foi muito estimado pela excellencia da voz para as missas cantadas.

5 — 2. Frei Francisco Vaz, que existe em 1769 conventual do Rio de Janeiro, ou Ilha-Grande.

5 — 3. Antonia Furtado, falleceu a 8 de Maio de 1731, estando casada com Hyeronimo de Faria Marinho, enteado do desembargador Roberto Car Ribeiro. Sem geração. Hyeronimo de Faria casou depois em Itu, onde falleceu. (Residuo ecclesiastico, testamento n. 28, letra E.)

5 — 4. João Vaz dos Reis.

5 — 5. Gaspar Vaz, falleceu em Outubro de 1709, foi morador no sitio da Borda do Campo e casado com Maria Dultra, filha de Manoel Dultra Machado, e de sua mulher Marianna Machado. Em titulo de Machados Castanhos, cap. 7.º, ou em titulo de Dultras, cap. 1.º, § 7.º.)

5 — 6. Maria da Luz, moradora em 1769 na freguezia nova da Conceição de Jaguary, no estado de viuva de seu marido.

5 — 7. Catharina Pedroso, falleceu em Outubro de 1769, estando casada com o Alferes Aleixo Garcez da Cunha, nobre cidadão de S. Paulo, filho de Christovão da Cunha Rodrigues. Em titulo Cunhas Gagos, cap. 1.º, § 4.º, n. 3 — 12 e seg. a n. 4 — 1, com sua descendencia; ou em Rodrigues, cap...).

4 — 4. Catharina da Cunha, foi casada com o capitão Sebastião Borges da Silva, sem geração, e tinha sido primeiro casada com Mathias Rodrigues da Silva, o qual tinha casado primeira vez com Catharina de Horta: elle falleceu em S. Paulo em 1709. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, maço 6.º, letra M, n. 15.) Sem geração.

4 — 5. Phillippa da Cunha, foi senhora da quinta que hoje chamam de *Torres* ao pé da quinta do alferes Aleixo Garcez da Cunha, no caminho que da cidade vai para a capella de N. S. da Penha, que passou a ser de D. Maria Eufrasia da Silva. Casou duas vezes: primeira com Francisco Romero: segunda com Antonio Teixeira de Oliveira, que na noite de S. João lhe rebentou um foquete que traspassando-lhe a mão, lhe ficaram nella as buxas e acabou da gangrena a 2 de Julho de 1722, natural da cidade do Porto, filho de Simão Teixeira e de sua mulher Maria de Oliveira. (Residuo ecclesiastico de S. Paulo, testamento de Antonio Teixeira, n. 5, letra A.) Sem geração.

4 — 6. Antonio da Cunha, passou de S. Paulo para Pernambuco a visitar um tio irmão de seu pai, que alli era morador muito

abastado e de grande nome e estimação: alli casou o dito Antonio da Cunha, e deixou geração.

4 — 7. João da Cunha, passou a Pernambuco, e voltou para S. Paulo, falleceu solteiro.

3 — 11. Maria Rodrigues (filha ultima do § 2.º), casou em S. Paulo a 16 de Abril de 1640 com Luiz Dias, filho de Gonçalo Ribeiro e Catharina Dias.

§ 3.º

2 — 3. Isabel Furtado (filha do cap. 6.º), falleceu em S. Paulo com testamento a 17 de Abril de 1683, casada com Mathias Cardoso de Almeida, natural da Ilha Terceira, e falleceu no sertão em 1656. (Orphãos de S. Paulo, maço 2.º de inventarios, letra I, n. 28; e maço 4:º, letra M, n. 41.) E teve naturaes de S. Paulo cinco filhos:

3 — 1. Barbara Cardoso, foi casada com Domingos Lopes Lima, natural de Pernambuco, que falleceu em S. Paulo com testamento a 18 de Novembro de 1667, filho de Francisco Pereira de Lemos. (Em titulo de Camargos, cap. 4.º, § 4.º, n. 3 — 7. Orphãos de S. Paulo, maço 2.º de inventarios, letra D, n. 13, e camara episcopal, autos do *genere* de Domingos Lopes de Godoy.) E teve cinco filhos:

4 — 1. O padre mestre Dr. frei Mathias do Espirito Santo; monge benedictino, cuja cogula tomou pelos annos de 1685, porque em 11 de Abril de 1648 lhe tiraram os inquisidores em S. Paulo.

4 — 2. João Lopes de Lima, casou com Gabriella Ortiz de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap. 4.º § 6.º) Deixou geração.

4 — 3. Manoel Cardoso de Lima, clerigo de S. Pedro, fundador e padroeiro da capella do Senhor Bom Jesus de Nazareth.

4 — 4. Sebastião Lopes de Lima, casou com Maria Ribeiro de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap. 4.º, § 4.º, n. 3 — 7.) Com geração.

4 — 5. Maria de Lima, casou com João de Godoy Moreira, filho de Balthazar de Godoy Moreira e de Maria Jorge. (Em titulo de Godoy, cap...) E teve filho unico:

5 — . Domingos Lopes de Godoy, cidadão de S. Paulo, habilitado de *genere* em 1712. (Camara episcopal, autos de *genere*, letra D.)

3 — 2. Salvador Cardoso de Almeida, nobre cidadão de S. Paulo que serviu os cargos da republica, casou com D. Anna Maria da Silveira, levando em dote de propriedade o officio de juiz de orphãos de S. Paulo. (Em titulo de Raposos Silveiras, cap. 1º.) Falleceu com testamento no 1º de Fevereiro de 1690. (Orphãos

de São Paulo, maço 2º de inventarios, letra S, n. 3.) E teve nove filhos:

4 — 1. José Raposo da Silveira.

4 — 2. Domingos Cardoso.

4 — 3. D. Isabel Cardoso, mulher de Francisco de Camargo Pimentel.

4 — 4. D. Maria Cardoso de Almeida, mulher de Ignacio Lopes Munhós. (Em titulo de Munhós, cap. 2º, § 2º.)

4 — 5. Mathias Cardoso de Almeida, falleceu solteiro com testamento a 29 de Março de 1732. (Orphãos de São Paulo, inventarios, letra M, maço 1º, n. 35.)

4 — 6. Antonio Cardoso da Silveira.

4 — 7. D. Anna Maria.

4 — 8. D. Marianna Cardoso, mulher de Bernardino de Moura.

4 — 9. Salvador Cardoso de Almeida, foi casado com D. Anna Pedroso de Moraes, que ainda existe em 1769, filha de Francisco Pedroso de Almeida e de sua mulher Agueda Machado. (Em titulo de Laras, cap. 7º, § 1º n. 3 — 1.) Com sua descendencia.

3 — 3. Mathias Cardoso de Almeida, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu os cargos da republica. Este paulista fez varias entradas ao sertão, e conquistou grande numero de indios bravos, e no modo da guerra contra os gentios se fez um famoso soldado com grande disciplina; de sorte que entre os mais cabos do seu tempo teve applausos de excellente capitão.

Sendo encarregado ao governador Fernão Dias Paes Leme o descobrimento das esmeraldas (tão appetecidas desde o principio da povoação do Brasil, como nunca jamais encontradas pelos que intentaram o descobrimento dellas, como foram no anno de 1572 Sebastião Fernandes e Tourinho, a quem succedeu Antonio Dias Adorno, ambos enviados da Bahia por Luiz de Brito de Almeida, 4º governador geral do Estado; e, depois destes, Diogo Martins Cam, o Magnata de alcunha, e seus successores até Marcos de Azeredo Coutinho), no anno de 1672 por Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, governador geral do Estado do Brasil, que lhe conferiu o caracter de governador por patente sua datada na Bahia a 30 de Outubro de 1672, estando já o governador Fernão Dias Paes prompto a sahir de S. Paulo para a conquista e descobrimento das minas de prata em Sabarabuçú, e esmeraldas no sertão dos barbaros indios *Mapáxós* e mais nações gentilicas e bravas; foi lembrado o capitão Mathias Cardoso de Almeida para o acompanhar. Para este effeito o mesmo governador Fernão Dias, representou a necessidade que havia da sua pessoa, expressando ser muito conveniente que fosse por seu adjunto por ter grande experiencia daquelle sertão e dos gentios delle, onde já havia conseguido entradas de importancia, procedendo com muito valor e boa disposição na conquista dos gentios que domara. O referido contexto se vê da carta patente que do capitão-mór se passou

ao dito Mathias Cardoso de Almeida, datada em 13 de Março de 1673. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registro n. 4, titulo 1.662, pags. 98 e 99.) Para o sertão de Sabarabuçú, (hoje se chama Sabará, que é Minas Geraes) e Cataguazes entrou o governador Fernão Dias Paes com o seu adjunto o capitão-mor Mathias Cardoso de Almeida no mesmo anno de 1673, e penetrando naqueles vastos sertões, nelles não perderam os exploradores os mais efficazes exames para o descobrimento da prata; e sem jamais se enviar o mineiro para este fazer as experiencias para o conhecimento e desengano de haver ou não a desejada prata que se procurava. Sendo passados tres para quatro annos de constante trabalho, e vida laboriosa toda empregada de exames á custa dos maiores soffrimentos de calamidades de um sertão inculto, retrocedeu Mathias Cardoso com todos os mais da conducta que formavam o corpo militar, com que de S. Paulo sahira o governador Fernão Dias. Este, vendo-se só sem mais companhias que a do seu filho Garcia Rodrigues Paes, e seu genro Manoel de Borba Gatto, penetrou os vastos sertões até estabelecer feitoria na Tucumbira, e mais ao centro outro no Itamirindiba, de donde sulcando por diversas veredas, o mesmo sertão do rieno dos *Mapáxós*, até o lugar da alagoa Vupavuçu', no laborioso desvelo de descobridor as appetecidas esmeraldas, no sitio em que as havia extrahido Marcos de Azeredo, que recolhido ao Rio de Janeiro quiz antes morrer em uma cadea, e sequestrados todos os seus bens do que declarar o sitio onde tinha achado as esmeraldas e prata. Com effeito foram descobertas em Fevereiro de 1681: e voltando o governador para S. Paulo no mesmo anno com as esmeraldas do seu descobrimento, chegando ao Rio das Velhas, alli falleceu; e quasi ao mesmo tempo chegou tambem aquelle sertão o administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco, a quem veiu procurar Garcia Rodrigues Paes no arraial de S. Pedro da Parahyba, e lhe apresentou e entregou as esmeraldas que havia descoberto o governador seu pai, que de tudo se lavrou auto em 26 de Junho de 1681; pedindo ao dito administrador geral que as ditas pedras enviasse a Sua Magestade, pelo impedimento que elle dito Garcia Rodrigues Paes tinha de poder naquella occasião seguir marcha para S. Paulo por conta da epidemia, que tinha de cama gravemente enfermos a todos os indios da tropa de seu defunto pai. Recebidas as esmeraldas, foram estas conduzidas para S. Paulo pelo ajudante Francisco João da Cunha, o qual no 1º de Setembro do dito anno de 1681 apresentou aos officiaes da camara um saccozinho cosido e lacrado, em que vinham as esmeraldas com uma carta para Sua Magestade para tudo remetterem os ditos officiaes camaristas ao Rio de Janeiro ao syndicante João da Rocha Pinto, ausente ao governador Pedro Gomes. Assim executaram os officiaes, que então eram Pedro Taques de Almeida, Diogo Bueno, Manoel Vieira de Barros, Roque Furtado Simões, e José de Godoy Moreira (Archivo da Camara de S. Paulo, livro de registro, tit. 1.675, pag. 71 v. e livro de

Vereanças, tit. 1.675, pag. 139.) Além destas esmeraldas veiu depois a S. Paulo o mesmo Garcia Rodrigues Paes, e apresentou em camara a 11 de Setembro de 1681 quarenta e sete pedras grandes, e outras pequenas, que todas pesaram 133/8 e 1/2. (Archivo da camara de São Paulo, livro de Vereanças, tit. 1.675, pag. 149.) Estando em S. Paulo Mathias Cardoso de Almeida, chegou em 1680 o sobredito administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco a dispôr a sua jornada para o sertão da serra de Sabarabuçú, a que vinha mandado pelo serenissimo principe o Sr. D. Pedro. O mesmo senhor á custa da real fazenda tinha mandado a este D. Rodrigo (era natural do reino de Castella) no anno de 1673 com os honrosos empregos de governador administrador geral das minas com 600$ de ordenado por anno, tendo-o tomado por fidalgo da sua real casa; e acompanhado de Jorge Soares de Macedo, capitão de infantaria (depois foi o primeiro governador da praça de Santos pelos annos de 1700, em patente de mestre de campo) para no sertão da Bahia na Tabaiana fazer os descobrimentos de minas que se esperavam achar nelle. Com effeito chegou á Bhaia dito D. Rodrigo e Jorge Soares em 1673. e apresentadas as ordens que trazia ao governador geral do Estado Roque da Costa Barreto, fez a sua primeira entrada ao dito sertão de Tabaiana em Julho de 1674, e em 11 do mesmo mez e anno principiou o primeiro exame com trabalhadores pagos por conta de Sua Magestade, e continuaram os ditos exames em diversas partes do mesmo sertão da Bahia até 1678 sem o menor effeito de descobrimento algum, com excessivas despesas de trabalhadores a jornal, que todos constam do caderno dellas, que se acha na provedoria da fazenda real de S. Paulo com o titulo — Caderno que ha de servir de rol do ponto dos officiaes que trabalharam nas minas, etc. — Além dos ordenados de 600$ por anno que percebia D. Rodrigo, e 16$ por mez o capitão Jorge Soares de Macedo, consumo das fabricas mineraes, e materiaes, que só de azougue trouxe de Lisboa 500 arrateis, e em dinheiro 400$ para os primeiros gastos; e depois recebeu tres ditos na Bahia; o que tudo se vê dos caps. 1° e 2° da instrucção que trouxe. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros 1.675, pag. 57.) Da Bahia sahiram D. Rodrigo e Jorge Soares com uma companhia de 30 soldados de sua guarda para o acompanharem ao sertão, do presidio da mesma Bahia, sendo capitão dos ditos soldados Manoel de Souza Pereira, e no Rio de Janeiro recebeu mais 20 soldados e um alferes daquella praça Mauricio Pacheco Tavares, com que se encheu uma companhia de 50 homens com capitão e alferes. Trouxe por capellão-mór o Rev. Felix Paes Nogueira, provido na Bahia a 3 de Setembro de 1678 com 83$920 por anno. Um escrivão das minas, João da Maia, com 15$ por mez, provido na Bahia em 3 de abril de 1678. Um thesoureiro, Manoel Vieira da Silva, com 15$ por mez, provido na Bahia em 15 de Abril de 1678. Um apontador do rol do ponto dos trabalhadores, Francisco João

da Cunha, com 10$ por mez, provido na Bahia a 3 de Abril de 1678. Um mineiro com experiencia de minerar, João Alves Coutinho, natural de Sergipe d'el-Rei, com 20$ por mez, provido na Bahia a 20 de Agosto de 1678. (Provedoria da fazenda real supra, caderno citado, pags. 31 v., 32 v., 33, 34, 34 v. e 35 v.)

Com todo este corpo embarcou D. Rodrigo de Castel Blanco na Bahia, e chegou ao Rio de Janeiro em Novembro de 1678, acompanhado do mesmo Jorge Soares de Macedo, que já vinha com patente de tenente-coronel (bem se vê que esta patente não correspondia ao gráo das que têm hoje este nome) por mercê de Sua Alteza (com exercicio e governo na infantaria que passasse aos descobrimentos das minas com D. Rodrigo de Castel Blanco com 26$ de soldo por mez) datada em Lisboa a 30 de Outubro de1677. (Camara de S. Paulo, livro de registos, tit. 1.675, pag. 25). Emquanto se demorou no Rio de Janeiro mandou D. Rodrigo a João de Campos de Mattos, por provisão sua datada no Rio de Janeiro a 18 de Novembro de 1678, que fosse fazer descobrimentos naquelle sertão, onde o dito Mattos dizia haver serras com pedrarias; porém, não se conseguiu desta entrada e despesas della o menor effeito de utilidade. (Carta da provedoria da fazenda real no caderno citado retro, pag. 36 v.)

Este mesmo corpo militar, e officiaes que acompanhavam a D. Rodrigo, chegou á villa de Santos em Novembro de 1678. (Caderno supra citado, pags. 37 v. e 38.) Trazia D. Rodrigo já disposto que o tenente de mestre de campo general Jorge Soares de Macedo fosse fazer os descobrimentos de minas de prata no sertão do sul até o Rio da Prata, e ilhas de S. Gabriel; e no emtanto passar elle ao sertão da villa de Paranaguá para depois se intentar a entrada para o sertão de Sabarabuçú. E como com esta divisão se dividiam as forças, assentaram D. Rodrigo e Macedo que este subisse para S. Paulo a formar gente para o acompanhar, e embarcar-se no porto de Santos a demandar o Rio da Prata; e elle D. Rodrigo seguir para a villa de Parnaguá: assim se executou. A S. Paulo chegou o tenente general Macedo, e aos officiaes da camara apresentou todas as ordens e carta de Sua Alteza para os ditos officiaes, que eram neste anno juiz ordinario Lourenço Castanho Taques, vereadores Gaspar Cubas Ferreira, Manoel da Rosa de Azevedo e Manoel de Góes; procurador do conselho Matheus de Leão. Nesta carta lhes ordenava Sua Alteza que do dinheiro do donativo e paz de Hollanda se havia de fazer toda a despesa, e assistencia a D. Rodrigo e Macedo, como melhor se vê do teor della:

"Officiaes da camara de S. Paulo. Eu o principe vos envio saudar. Viu-se a vossa carta de 22 de Dezembro do anno passado, e o que me representais sobre o imposto e donativo de Inglaterra, e paz de Hollanda, e serviços que esses moradores têm feito a esta coroa na conquista dos indios barbaros do reconcavo da Bahia, ao que em toda a occasião dos seus accrescentamentos lhes hei de mandar deferir, como merecem;: e porque ora fui servido resol-

ver fossem ao descobrimento das minas de prata e ouro de Parnaguá o administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco, e o tenente-general Jorge Soares de Macedo, para de uma vez se vir em conhecimento de que ha estas minas, ou de todo se colher o desengano de que não persistem, mandei applicar a este dispendio o dito imposto, e os mais dessas villas da repartição do sul, por se achar a minha fazenda tão exhausta, que não houve outros effeitos para lhe applicar, e satisfazer a Inglaterra e Hollanda, pelos deste reino o que elles importam; e desvanecendo-se o intento das minas de Parnaguá, lhes ordeno passem a serra de Sabarabuçú; e porque não poderão fazer sem adjutorio desses moradores, como levar por instrucção, communicando comvosco o modo com que póde fazer este serviço, quando sejam em numero, em que se lhes haja de nomear capitão, que vá á ordem do dito tenente-general, o nomeareis; e o fio do vosso zelo, e do bem, que tendes assitido ao que toca em beneficio desta coroa, obreis nisto, e na entrega do que se estiver devendo do donativo, e for cahindo, para supprir as despesas do que fica referido, de modo que tenha eu que vos agradecer, e deferir em vossos accrescentamentos, como merecem tão leaes vassallos. Escripta em Lisboa a 29 de Novembro de 1677. — *Principe*. — *Conde de Val dos Reis*."

D. Rodrigo de Castel Blanco, por alvará de 29 de Novembro de 1677, veiu feito administrador geral, como já o era quando viera para as minas do sertão de Tabaiana com 600$; e para as de Parnaguá e Sabarabuçú trouxe mais de propriedade o officio de provedor e administrador com 40$ por mez de ordenado, vencidos desde o dia do seu embarque na Bahia; e quando as minas que descobrisse rendessem livres para a fazenda real 40 libs. (* creio que este signal são mil cruzados) por anno, subiriam os 40$ a 60$ por anno; além de 700$ de juro herdade para sempre. (Archivo da camara de São Paulo, livro de registros, tit. 1.675, pag. 48 v.). Por outra ordem do mesmo senhor de 29 de Novembro de 1677 (livro supra citado, pag. 23) trouxe D. Rodrigo faculdade para em nome de Sua Alteza prometer aos paulistas que o acompanhassem aos descobrimentos um habito de Christo, dois de Aviz e dois de S. Thiago, com 20$ até 40$ effectivos cada um dos ditos habitos. Manda tambem dar seis foros de cavalleiros fidalgos; seis de moços da camara, e que se terá respeito ao serviço que fizerem, para haverem do mesmo senhor a mercê de fidalgos da sua casa.

Em cumprimento destas reaes ordens estiveram os camaristas pelo que pediu o tenente-general Jorge Soares de Macedo, o qual para a jornada do sertão do sul até o Rio da Prata recebeu em dinheiro 2:050$; além deste dinheiro recebeu mais 3.000 alqueires de farinha de trigo, 300 arrobas de carne de porco, 100 alqueires de feijão, 98 arrobas de fio de algodão torcido em tres linhas, e de fio singelo duas arrobas, 19 espingardas, 12 catanas, 15 arrobas de tabaco de rolo, e 8.000 varas de panno de algodão. Para

o acompanhar, foram nomeados os paulistas, que do sertão tinham a melhor pratica, e disciplina militar contra os indios bravos; e em patente de capitão-mor de toda a gente da leva e infanteria sahiu Braz Rodrigues de Arzão, de quem temos tratado em titulo de Arzão, cap. 5.º; em sargento-mor Antonio Affonso Vidal, e a um e outro se lhe passaram as patentes em S. Paulo a 15 de Janeiro do anno de 1679. (Camara de S. Paulo, livro de registros, titulo 1.679, pag. 40. E cartorio da provedoria da fazenda real, caderno de registros de rol do ponto de D. Rodrigo, paginas 38 v. e 40).

No porto da villa de Santos embarcou o tenente-general Macedo no mez de Março de 1679 com toda a gente da sua conducta, soldados infantes, officiaes, e um corpo de 200 indios bons flecheiros e arcabuzeiros. Compoz-se este transporte de sete embarcações grandes chamadas sumacas, entre as quaes ia um patacho, e nellas se accommodou toda a gente, fabricas e instrumentos mineraes, armamento, polvora e bala, mantimentos, viveres e fazendas seccas. Para capitão de mar com todo o governo maritimo teve patente Manoel Fernandes. Capitão da sumaca N. S. da Conceição e Almas teve patente Thomaz de Sousa Rios. Capitão da sumaca N. S. do Monte teve patente Vicente Pendão. Do patacho N. S. do Rosario teve patente de capitão João Jacques; e desta forma cada embarcação levava seu capitão de patente, que todas foram passadas em Santos no fim de Janeiro de 1679. (Cartorio da provedoria da fazenda real, caderno supracitado, pags. 39 v., 41, 42, e 43.)

Tendo esta pequena frota dado velas ao vento, em breves dias encontraram tormentas grandes, com contrarios ventos, que tendo obrigado a tres arribadas até a barra de Santos, da terceira vez foi maior o perigo, porque uma das sete sumacas se foi ao fundo destroçada; tres foram de arribada á ilha de Santa Catharina, e tres tomaram o porto de Santos com o tenente-general Macedo, capitão-mor Arzão, sargento-mor Vidal, capitão de infanteria Manoel de Sousa Pereira, e alferes Maurico Pacheco Tavares com os soldados infantes. Do porto de Santos tomaram o caminho de terra a ir demandar Parnaguá e dalli tomaram o sertão do Rio de S. Francisco até a ilha de Santa Catharina. Nella postou este militar corpo a tempo, que D. Manoel Lodo, governador do Rio de Janeiro que se achava na ilha de S. Gabriel fazendo construir uma fortaleza na nova povoação da Colonia e cidade do Sacramento em 1680, sabendo desta gente, mandou que o tenente-general com os officiaes de patente e soldados infantes o fossem buscar de soccorro contra o poder do castelhano, que já movia exercito para lançar daquelle sitio a D. Manoel Lobo: assim se executou, embarcando todos em um navio (ficou a gente da leva com 200 indios em Santa Catharina debaixo do commando do vedor Manoel da Costa Duarte, de quem temos tratado em titulo de Camargos, cap. 1º, § 11) que na altura do Cabo de Santa Maria deu á costa,

e muito apenas, por conhecido milagre, salvaram as vidas 24 pessoas, cada uma arrimada á sua taboa, que sahiram a terra em praia deserta; e foram o tenente-general Macedo, o capitão-mor Arzão e o sargento-mor Vidal, e não sabemos dos mais; e todos penetrando o sertão a demandar a ilha de S. Gabriel e nova cidade do Sacramento foram dar. ás mãos do inimigo castelhano, que os fez a todos conduzir presos para Buenos Ayres, que então com sua provincia era governada por D. José Garro. O que passou com estes presos até a rota, que tivemos no dia 6 de Agosto de 1680, em que os castelhanos ganharam a cidade do Sacramento com sua fortaleza pelo general D. Antonio de Vera Moxica, temos historiado em titulo de Rendons, n. 1, cap. 1º, § 4º e em titulo de Arzão, cap. 5º.

Embarcado o tenente-general Macedo em Santos, como fica referido, passou D. Rodrigo de Castel Blanco para a villa de Parnaguá no mesmo anno de 1679. Em 14 de Março do dito anno teve principio o rol do ponto com cento e tantas pessoas de comboio para Parnaguá, que importou a féria de 30 dias á salario dos conductores indios até 14 de Abril a dinheiro 186$300 réis, que o conduziram por terra da villa de Santos até Parnaguá. Importou o rol do ponto de 123 indios de 14 de Março até 14 de Abril em Parnaguá a dinheiro 177$000. Importou o rol do ponto de 118 pessoas que andaram em varias diligencias de descobrimento de prata e ouro no sertão de Parnaguá até 14 de Maio a dinheiro 174$000. Importou o rol do ponto até 14 de Junho a dinheiro aos trabalhadores das minas do Itambé com 118 pessoas, 111$730. Importou o rol do ponto de 116 pessoas até 14 de Julho no Itambé a dinheiro, 132$000. Rol do ponto com 88 pessoas em dito Itambé até 14 de Agosto importou a dinheiro, 71$100. Rol do ponto com 79 pessoas até 14 de Agosto, até 14 de Setembro, 72$000. Rol do ponto de 86 pessoas até 14 de Outubro, 71$730. Rol do ponto de 80 pessoas até 14 de Novembro, 78$300. Rol do ponto com 87 pessoas até 14 de Dezembro, 78$300. Rol do ponto com os indios até 14 de Janeiro de 1680 annos a dinheiro, importou 78$300. Até 14 de Fevereiro, 81$100. Até 14 de Março, 79$600. Até 14 de Abril, 75$600. Sommam estes roes dos pontos de 14 de Março de 1679 até 14 de Maio de 1680, a dinheiro, só com os indios, fora as mais despesas, 1:055$960 (* nesta conta entram 43$350 de que faz menção abaixo, e mais 1$530 não sei de que, e que o autor pôz á margem).

Em 14 de Abril de 1680 sahiu de Parnaguá para Santos D. Rodrigo de Castel Blanco sem conseguir o mais minimo descobrimento em o sertão de Parnaguá; e nelle as minas descobertas em Peruna, e no Itambé o ribeirão de Nossa Senhora da Graça foram por paulistas: em Peruna pelo capitão-mor Gabriel de Lara, e no Itambé por João de Araujo; e as ditas minas foram repartidas em Julho de 1679, e tão ricas que só uma data para el-rei foi rematada por João Rodrigues França em 155$000. As minas

de Nossa Senhora da Conceição, tambem descobertas no anno de 1679; e depois destas as minas descobertas por Salvador Jorge Velho, tambem paulista. E todos estes descobrimentos sem despesa da real fazenda a mais minima.

Da villa de Santos subiu para S. Paulo D. Rodrigo de Castel Blanco em 14 de Maio, e chegou a 30 do mesmo mez de 1680 com despesa de 43$350 com os indios de seu transporte, que foram 85, e tocou a cada um 510 réis, como tudo se vê do caderno do rol dos pontos acima citado de pag. 8 até pag. 28. Em S. Paulo dispôz a sua entrada para o sertão de Sabarabuçú, para o que em 20 de Junho de 1680 propôz em camara D. Rodrigo aos officiaes della, que eram juiz ordinario Antonio de Godoy Moreira; vereadores João Pinheiro, Francisco Corrêa de Lemos, Diogo Barbosa Rego; procurador do conselho Manoel Rodrigues Arzão, que carecia de ouvir aos melhores sertanistas para com elles consultar a sua entrada para o sertão de Sabarábuçú; e sendo chamados Mathias Cardoso de Almeida, Hyeronimo de Camargo, Antonio de Siqueira de Mendonça, Pedro da Rocha Pimentel, e outros paulistas mais, todos foram de voto, que se devia mandar plantar os sitios, que nomeados e assignalados fossem, para quando chegasse a tropa terem mantimentos promptos para o necessario sustento no sertão, assim acceitou o conselho o dito D. Rodrigo. (Camara de S. Paulo, livro de registro, titulo 1.675, pag. 53 v.)

Reconhecendo D. Rodrigo que, sem levar paulistas sertanistas de valor e experiencia de guerra contra os indios barbaros, não podia conseguir a sua entrada para Sabarábuçú, ficou eleito Mathias Cardoso de Almeida com patente de tenente-general em lugar de Jorge Soares de Macedo, que se achava prisioneiro em Buenos-Ayres, e lhe passou patente em S. Paulo do theor seguinte:

"D. Rodrigo de Castel Blanco, fidalgo da casa de Sua Alteza, administrador e provedor-geral das minas da repartição do Sul, etc. Faço saber aos que esta carta patente virem, que por patente do capitão-mor Mathias Cardoso de Almeida, se me representou a nomeação, que em sua pessoa fez o senado da camara desta villa de S. Paulo para tenente-general pelas partes, sufficiencia, e disposição, que em sua pessoa concorrem, e pelo bom governo dos que a seu cargo forem, pela prudencia, com que em todas as materias se sabe haver como tambem por ser visto no exercicio do sertão, para onde se ordena a presente jornada ao descobrimento das minas de prata á serra de Sabarabuçú; e dá elle dito para ajuda da dita jornada sessenta negros seus, e sua pessoa, sem interesse algum mais, que por servir a Sua Alteza; e por todas as razões recontadas, partes e merecimentos, e esperar de sua pessoa, me pareceu conveniente nomeal-o como por esta nomeação o nomeio tenente-general da gente, que for em minha companhia, para o que livremente exerça o dito cargo e com elle goze todas as honras, graças, franquezas, privilegios, poder, mando e autoridade, como os mais prós e precalços, que por razão do dito posto lhe per-

tencem. Pelo que por esta o hei por mettido de posse, dando juramento, de que se fará assento nas costas desta; e servirá o dito posto emquanto Sua Altez não mandar o contrario, e houver assim por bem na forma das suas reaes ordens; para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal, e sello das minhas armas; a qual se registrará nos livros da minha administração, a que tocar; e se guardará e cumprirá tão pontual e inteiramente como nella se contém, sem duvida, embargo, nem contradicção alguma. João da Maia, escrivão da administração, a fiz nesta villa de S. Paulo aos 28 de Janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1681. *D. Rodrigo de Castel Blanco.*" (Provedoria da Fazenda Real, caderno do rol do ponto, pag. 50, Camara de S. Paulo, livro de registros, tit. 1.675, pagina 67 v.)

Além de Mathias Cardoso de Almeida em tenente-general da leva foi constituido em sargento-mor della Estevão Sanches de Pontes, de que se lhe passou patente registrada no livro da camara supra, e no caderno do rol do ponto, pag. 52, pag. 29. Formaram-se tres companhias de paulistas voluntarios sem soldo algum cujos capitães por patentes de D. Rodrigo e nomeação da camara de S. Paulo foram Manoel Cardoso de Almeida (irmão do tenente-general); João Dias Mendes e André Furtado. Estando a tropa formada, para cujo augmento vieram os indios e alguns soldados que estavam em Santa Catharina, que se mandaram recolher depois que se soube da tomada da nova Colonia, e ficar prisioneiro o governador D. Manoel Lobo, foram os paulistas notando uma total frouxidão em D. Rodrigo, e muito mais no mineiro João Alves Coutinho, para a entrada do sertão de Sabarabuçú, e se ia vencendo o melhor tempo de monção por estarem entrados já no mez de Março. Isto deu causa para que o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, estimulado do zelo e ardor do real serviço, apparecesse em camara no dia 16 de Março de 1681, e aos officiaes della representasse com desafogo de vassalo leal e brioso, que elle observára uma grande repugnancia no mineiro João Coutinho, que por ordem de Sua Alteza, e carta, que o mesmo Senhor lhe escrevêra, viéra da Bahia para os exames das minas de prata, ouro e pedras preciosas; por cujo merecimento estava percebendo de soldo cada mez 20$000 réis havia já dois annos e meio: que estes termos devia ser constrangido a ir, sem que a escusa que dava de seus achaques, e idade avançada de 68 annos se lhe admittisse; e sendo chamado pelos officiaes camaristas no mesmo acto o dito João Alves Coutinho, e fazendo-se-lhe carga das suas escusas, disse que já não tinha dentes, e se achava muito impossibilitado para andar por sertão; porém que assim mesmo se sacrificaria a ir; ao que animou ao tenente-general Mathias Cardoso dizendo naquella assembléia, que elle não vencia soldo algum, e só tinha a honra de se empregar no real serviço por Sua Alteza querer desta vez ficar desenganado de haverem, ou não taes minas; que já na jornada do sertão das Esmeraldas, acompanhara muitos

annos ao governador Fernão Dias Paes, a custa da sua propria fazenda, indo em pessoa com seus escravos armados, com polvora, chumbo e balas; fazendo as despesas de todo o necessario para semelhantes emprezas, sem gastar um só real da fazenda de Sua Alteza; e que da mesma forma obrava agora para esta jornada de Sabarabuçú com o administrador e provedor geral D. Rodrigo de Castel Blanco; e que se obrigava a conduzir ao mineiro João Alves Coutinho em rede nos hombros de 60 indios seus administrados, que para isso os offerecia, e de lhe assistir com todo o necessario sustento no sertão, e que de tudo isto se lavrasse termo para todos assignarem; e assim se executou. (Camara de S. Paulo, liv., tit. 1.675, pag. 114, e pag. 127.)

Depois que chegou a S. Paulo D. Rodrigo achou nos officiaes camaristas de 1680 e de 1681 tanto zelo e promptidão para a expedição de Sabarabuçú, que o mesmo D. Rodrigo lhes passou uma certidão honrosa, que se acha registrada no liv. tit. 1.675, pag. 61 v.

De S. Paulo sahiu a tropa de D. Rodrigo em principios do mez de Maio de 1681 com 60 indios para o trem de sua pessoa; e outros 60 da administração do tenente-general Mathias Cardoso de Almeida para a conducta do mineiro João Alves Coutinho, e 120 indios mais para o trabalho das minas.

Marchou D. Rodrigo á direitura ao sertão e aportou ao arraial de S. Pedro, onde o veiu encontrar Garcia Rodrigues Paes, e já o achou alli nas mattas do rio Parahypeva no dia 26 de Junho do dito anno, no qual se formou o auto de apresentação e entrega que lhe fez das esmeraldas, que seu pai o governador Fernão Dias havia descoberto no reino dos *Mapaxós*, o que já fica referido, para que fossem remettidas á corte a Sua Alteza; e emquanto não tinha a sua real determinação na materia deste descobrimento, elle D. Rodrigo em nome do dito senhor tomasse posse de todos os arraiaes, feitorias, roupas e celeiros de mantimentos que tinha feito seu pai: o que assim se effectuou. E deste lugar de S. Pedro de Parahypeva mandou D. Rodrigo ao ajudante das ordens Francisco João da Cunha com carta datada a 28 de Junho do mesmo anno de 1681, aos officiaes da camara de S. Paulo um saquinho de chamalote amarello, cosido e lacrado, que trazia as esmeraldas para irem a Sua Alteza, mandando os ditos camaristas entregar o saquinho, e as vias no Rio de Janeiro ao desembargador syndicante João da Rocha Pita, ausente ao mestre de campo governador Pedro Gomes. (Archivo da Camara de S. Paulo, livro de registro, titulo 1.675, pags. 71 v., 72 e 79.)

Depois que chegou D. Rodrigo voltou Garcia Rodrigues para o seu arraial do Sumidouro, ao qual chegou depois dito D. Rodrigo a tomar posse delle e dos mais arraiaes que lhe havia offerecido; e tambem tomou posse em nome de Sua Alteza de todas as serras, das quaes o governador Fernão Dias havia extrahido as esmeraldas. Isto foi o que unicamente obrou D. Rodrigo todo o tempo

que lhe durou a vida até o mez de Setembro ou Outubro do anno de 1682, com tantas, e tao avultadas despesas que já antes do seu fallecimento tinham chegado as noticias aos reaes ouvidos de Sua Alteza, que se dignou mandar recolher ao sobredito D. Rodrigo por se ter conhecido a sua inutilidade. Assim se vê no contesto da sua real ordem datada a 23 de Dezembro de 1682. (Secretaria do conselho ultramarino, livro de registro das cartas do Rio de Janeiro, titulo 1.673, pag. 35.)

Entre os paulistas, que se achavam no sertão das esmeraldas e arraial do Sumidouro, era Manoel de Borba Gatto (depois foi tenente-general do Matto em Minas Geraes pelos annos de 1708), que, observando a inacção de D. Rodrigo de Castel Blanco, sem se applicar a fazer entradas ao sertão, para com os exames se descobrir o desejado fim para que Sua Alteza o havia despachado com tantas honras e mercês, distribuindo-se e consumindo-se da sua real fazenda uma muito consideravel somma de dinheiro, com alguma liberdade lhe extranhou ao dito Borba o amortecimento em que se conservava desde que chegara áquelle sertão, applicando-se só a mandar fazer caçadas de aves e animaes terrestres para o regalo e grandeza da sua mesa, e travando-se de razões menos comedidas, o sobredito Borba se precipitou tão arrebatado de furor, que dando em D. Rodrigo um violento empuxão o deitou ao fundo de uma alta cata, na qual cahiu morto. E, chegando a S. Paulo esta noticia, os officiaes da camara deram conta a Sua Alteza em carta de 2 de Novembro de 1682. (Archivo da Camara de S. Paulo, 1675, pag. 92.)

Recolhido á patria o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida no anno de 1682, nella desfructou o socego da quietação em desconto dos trabalhos que havia curtido na expedição com D. Rodrigo de Castel Blanco: porém não gozou da patria mais do que até o anno de 1689, porque o seu merecimento foi lembrado na cidade da Bahia para se confiar do seu grande valor e disciplina o socego e a paz que não gozavam os moradores do Rio-Grande da capitania do Ceará, pelas hostilidades dos barbaros gentios habitadores daquelles asperos sertões.

Antes que passemos a individuar as acções de Mathias Cardoso na guerra contra os gentios do Rio-Grande devemos noticiar, que o coronel Sebastião da Rocha Pitta no seu livro *America Portugueza*, pag. 437 do n. 52 até 54 affirma que o governador geral do Estado, Mathias da Cunha, ordenára ao governador de Pernambuco aos capitães-mores da Parahyba e Rio-Grande mandassem cabos, gente, petrechos e bastimentos para aquella empreza; o que assim se executara com tão bom successo, que delle resultara a quietação, que lograra aquella provincia, colhendo os fructos das culturas do seu reconcavo com menor perigo do que até aquelle tempo experimentara. Até aqui o dito Pitta: porém este autor tem tantas faltas no corpo da historia, que passam a ser erros indesculpaveis; porque as materias de que trata, constando a verdade

Estátua de Manoel de Borba Gato, por Nicolau Rollo — *(Cortesia do Museu do Ipiranga).*

dellas e a sua época e a chronologia dos documentos que existem nos registros dos livros da secretaria do governo geral, provedoria-mor e camara da Bahia, não devia escrever os successos pertencentes á mesma historia sem a lição destes cartorios; e por esta falta escreveu mais por vaidade que por zelo; e em muitas materias só o fez por informação dos apaixonados; e por isso cahiu em faltas que temos mostrado em alguns titulos genealogicos que temos escripto. Não duvidamos que ao governador geral do Estado Mathias da Cunha recorressem os opprimidos moradores da capitania do Ceará do barbaro gentio do Rio-Grande, o que lhe fizesse applicar as forças de que trata o dito coronel Pitta no n. 53; porém é totalmente engano affirmar, que desta providencia resultára a conquista daquelles barbaros; porque o contrario se mostra de documentos de que faremos menção. E não será muito padecer este autor semelhante engano, quando no liv. 6º, n. 79, até o n. 85 affirma que a conquista dos gentios barbaros, que offendiam as villas do Cairú, Camamú, Boypeva, fora conseguida pelo capitão-mór João Amaro Maciel Parente, e que tivéra em premio do Sr. D. Pedro II o senhorio de uma villa que elle fundára com vocação de Santo Antonio, que ficou sendo chamada vulgarmente de João Amaro; sendo certo que esta conquista foi do governador Estevão Ribeiro Baião Parente, pai do dito João Amaro, como temos historiado em titulo de Camargos, cap. 8º, § 3º, n. — 9. E até ignorou Pitta, que antes desta guerra do governador Estevão Ribeiro tinha já ido contra os mesmos gentios o capitão-mor Domingos Barbosa Calheiros com os seus adjuntos capitães de infanteria Fernando de Camargo e Bernardino Sanches de Aguiar, que todos sahiram de S. Paulo no anno de 1658 convidados pelo governador geral do Estado Francisco Barreto, como temos historiado em titulo de Camargos, cap. 1º, § 2º.

Nos poucos mezes do governo de Mathias da Cunha, recorreram a elle os moradores da capitania do Ceará pelos annos de 1687 ou 1688, pedindo soccorro contra os gentios daqueles sertões, que tinham feito grandes damnos na cidade e seu reconcavo. E' certo que o governador geral convocou a palacio uma junta de theologos, missionarios e os cabos principaes, para se votar se era justa a guerra, que se havia de fazer aquelles gentios, e se ficavam legitimamente captivos os que nella fossem presos, como já se havia resolvido nas juntas do governadores geraes Francisco Barreto em 1658 e Alexandre de Sousa Freire em 1671? E se resolveu da mesma forma. Então mandaria o governador geral Cunha ao de Pernambuco, e aos capitães mores de Parahyba e do Rio-Grande o que affirma o coronel Pitta; porém que não produziu effeito algum vemos do que obrou o mesmo governador geral Cunha. Mandou a S. Paulo, e fez o mesmo o seu successor o Exm. arcebispo D. frei Manoel da Resurreição (que entrou no governo geral do Estado pela morte de Mathias da Cunha na Bahia a 24 de Outubro de 1688), ordenando por carta sua de

30 de Agosto de 1689, dirigida a Thomaz Fernandes de Oliveira, capitão-mor governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, que applicasse o soccorro que tinha mandado ir dos paulistas a cargo do governador, o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, para a guerra dos barbaros gentios do Rio-Grande.

Com effeito em S. Paulo formou o seu terço o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida no anno de 1689. (Secretaria do governo de S. Paulo, livro de registro geral n. 3°, pag. 120 v.) E se pôz em marcha com mais de 500 leguas de sertão até o Rio de S. Francisco; porém, como a gente do seu terço não era sufficiente em numero para a guerra, deixou ordenado em S. Paulo a João Amaro Maciel Parente, capitão-mor do seu regimento, fosse formando os mais soldados da guerra e seus capitães, para todos sahirem em conducta com o dito capitão-mor, e irem incorporar-se com elle mestre de campo Mathias Cardoso no Rio de S. Francisco. Com effeito o capitão-mor João Amaro formou em S. Paulo as mais companhias de infanteria, que ainda faltavam para o terço do mestre de campo Cardoso; e entre os capitães foi João Pires de Brito, natural e nobre cidadão de S. Paulo, que á sua custa formou a companhia, da qual lhe passou patente de capitão de infanteria, que depois a confirmou o Exm. arcebispo como governador geral do Estado. Esta conducta do capitão-mor João Amaro Maciel Parente sahiu de S. Paulo a 18 de Junho de 1683, e marchou pelo sertão até o Rio de S. Francisco, onde se achava postado o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, a quem o sobredito governador geral do Estado constituiu governador absoluto da guerra contra os barbaros gentios do Rio-Grande e Ceará.

Incorporado o capitão-mor com o governador mestre de campo no Rio de S. Francisco, nelle ainda se deteve o exercito paulistano quatro mezes emquanto chegava a ordem do arcebispo governador para marchar este corpo, e dar principio á guerra intentada. Destacou este militar corpos até á barra do Jaguaribe, cujo sitio foi destinado para arraial e acampamento. Deu-se principio á guerra no sertão do Rio-Grande, onde se matou e destruiu a maior parte do inimigo por espaço de sete annos, que em guerra viva andaram as armas dos paulistas debaixo sempre do commando e disposições militares do governador Mathias Cardoso, que, aprisionando muita parte dos inimigos barbaros, e mettendo-se outros de paz, deixou totalmente livre a campanha do Rio-Grande e Ceará, de sorte que a 10 de Fevereiro de 1696 sahiu do Ceará Grande o sargento mor desta capitania, Domingos Ferreira Chaves (depois presbytero de S. Pedro, e missionario dos *Tapuias* e *Anacás* na capella de Nossa Senhora da Conceição, e estava morador no anno de 1701 na villa de S. José de Ribamar, capitania do Ceará Grande) com o capitão-maior Pedro Leliz a levantar um presidio na dita ribeira do Jaguaribe por conta dos *Tapuias* da nação *Pajocús, Janduhy* e *Javós.*

Com grande magoa lamentamos a falta das noticias dos capitães que tiveram a honra de servirem nesta guerra, e conquista do Rio-Grande e Ceará com o governador mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e muito apenas encontramos os documentos que nos deram a certeza de ser o capitão-mor deste regimento o dito João Amaro, e um dos capitães de infanteria o dito João Pires de Brito, o qual, acabada a guerra do Rio-Grande e Ceará, passou para a do Piagui, onde se achava quando Manoel Alvares de Moraes Navarro, natural de S. Paulo, mestre de campo de um terço de infanteria paga e governador da campanha do Rio-Grande por Sua Magestade em 1701, certificou que o governador geral D. João de Lencastro proveu no posto de sargento-mór do terço do dito mestre de campo Navarro ao dito capitão João Pires de Brito a tempo que assistia no Piagui em mais de duzentas leguas de distancia, onde chegando-lhe a noticia desta promoção viera tomar posse do dito posto; mas foi já a tempo que, por se julgar retirado já para S. Paulo dito capitão Pires, se havia provido o dito posto de sargento-mór em outro sargento; por cuja razão ficou servindo de capitão de uma das companhias do referido terço para delle passar ao de sargento-mor na primeira vagante pelos seus grandes merecimentos e serviços assim na guerra do Rio-Grande e Ceará, como na guerra contra o gentio *Quiriri* das ribeiras de Itahim, e Piracuruca na capitania do Piagui. Todo o referido consta das certidões e fés de officio do capitão João Pires de Brito, que se acham lançadas na nota do tabellião da villa de Taubaté, e das quaes tivemos em nosso poder uma cópia authentica.

Tambem Antonio Gonçalves Figueira, natural da villa de Santos, foi alferes de infanteria do terço que formou o mestre de campo Mathias Cardoso em S. Paulo no anno de 1689, levando consigo dito alferes, doze escravos seus, bons escopeteiros. Ficou existindo no Ceará debaixo do commando do capitão-mór João Amaro Maciel Parente, até que se retirou para o Rio-Grande por ordem do seu mestre de campo para alli se continuar a guerra. Em 12 de Novembro de 1693 se fez uma entrada contra o barbaro inimigo, que, opprimido das nossas armas, pediu paz, que se lhe concedeu, tendo sido de antes sempre viva a guerra que durou nesta campanha até 25 de Abril de 1694, em que o mestre de campo governador Mathias Cardoso se retirou para a sua casa por faltar já polvora e bala, e se haver ateado a epidemia, que já lhe havia morto muita parte da sua gente. Consta o referido na secretaria do governo de S. Paulo na carta patente de capitão passada a Antonio Alves Figueira, datada na villa de Santos a 5 de Março de 1729, registrada no livro 3º do registro geral a fl. 120 v. pelo secretario do governo Gervasio Leite Rabello.

Com esta conquista ficaram totalmente livres e desinfestados os grandes sertões do Rio-Grande e Ceará, cujas campanhas depois desta guerra foram povoadas, como até hoje existem com grande

augmento dos reaes direitos nos gados vaccuns e cavallares, de que abundam os estabelecimentos por todo o Rio de S. Francisco, Ceará e Piagui, nos districtos das capitanias da Bahia, Pernambuco e Maranhão. E os mesmos paulistas, que foram triumphantes nesta custosa conquista, foram tambem os que abriram os transitos que até hoje se seguem com communicação de todas estas tres capitanias. E dos mesmos cabos da conquista do Rio-Grande e Ceará se passaram para a conquista do Piagui, onde era capitão-mor o paulista Francisco Dias de Siqueira, o qual tendo penetrado o sertão de S. Paulo, sua patria, até o Maranhão, onde se achou pelos annos de.... dalli tendo incorporado o seu partido com varios indios catholicos das missões daquelle Estado, penetrando o inculto sertão, veiu continuar a guerra no Piagui contra os barbaros indios das nações *Precatez Cupenharos, Curatéz* e *Canapuruz*, que todas ficaram conquistadas até o anno de 1701, em que se retirou o capitão João Pires de Brito; como tudo vimos nos serviços já referidos do mesmo capitão.

O mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida não voltou mais para S. Paulo, sua patria, porque, acabada totalmente a guerra, ficou estabelecido no sertão do Rio de S. Francisco, onde teve copiosas fazendas de gados vaccuns e cavallares, que até hoje existem. Foi casado com D...

3 — 4. Manoel Cardoso de Almeida (filho do § 3º), foi cidadão de S. Paulo e teve igual respeito e veneração como seus irmãos Salvador Cardoso de Almeida e o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida. Foi tambem escolhido para camara de S. Paulo para um dos capitães de infanteria da leva de Sabaracuçú, da qual tratamos no numero antecedente, de que lhe passou patente D. Rodrigo de Castel Blanco em 1681. Recolhido do sertão do reino dos *Mappáxós*, passou no terço de seu irmão o mestre de campo governador para a conquista dos barbaros indios do sertão do Rio-Grande e Ceará. E como dito seu irmão ficou estabelecido nos curraes da Bahia, entendemos que elle tambem ficou alli de assento. Ignoramos com quem casou, e só sim que foi sua filha 4 —: Marianna Cardoso, natural de Nazareth, onde casou com Francisco de Campos, em titulo de Campos, cap. 4º, com sua descendencia.

3 — 5. Catharina do Prado Cardoso, foi casada com Manoel Francisco de Oliveira. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 3º, § 3º, n. 3 — 6.) E teve tres filhos que foram:

4 — 1. Frei Mathias.... monge benedictino na Bahia.

4 — 2. Salvador Cardoso de Oliveira, casou na cidade da Bahia e tem geração no Rio de S. Francisco.

4 — 3. Domingos do Prado de Oliveira, familiar do S. Officio, falleceu solteiro no Rio de S. Francisco.

§ 4º

2 — 4. Luzia Furtado, nasceu muda, falleceu solteira.

CAPITULO VII

1 — 7. Maria do Prado, faleceu em S. Paulo com testamento a 9 de Julho de 1670 e foi casada com Miguel de Almeida de Miranda, natural da villa de Cascaes, que falleceu em S. Paulo com testamento a 15 de Junho de 1659, tendo e possuindo na sua administração 120 indios, conquistados no sertão donde os extrahiu para o gremio da Igreja. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3º de inventarios, letra M, n. 7. E cartorio 2º de notas, maço de inventarios antigos o de Miguel de Almeida de Miranda.) Este foi pessoa de respeito e autoridade, e da governança da terra com grande estimação nella. Teve abundancia dos effeitos da cultura da sua fazenda com grossas manadas de gados vaccuns e cavallares. Com os seus arcos seguiu o partido dos Pires contra os Camargos, como sogro, que era dos tres genros Pires, que foram Henrique da Cunha, o moço, João da Cunha e Antonio da Cunha, todos irmãos. E teve do seu matrimonio, nascidos em S. Paulo, doze filhos:

Catharina de Almeida .... § 1.º
Martha de Miranda .... § 2.º
Anna de Almeida .... § 3.º
Fillippa de Almeida .... § 4.º
Ursula de Almeida .... § 5.º
Maria da Assumpção .... § 6.º
Salvador de Miranda .... § 7.º
Frei Miguel de Almeida .... § 8.º
Diogo de Almeida .... § 9.º
Antonio de Almeida .... § 10
Francisco de Almeida .... § 11
Anna, falleceu menina .... § 12

§ 1º

2 — 1. Catharina de Almeida, foi casada com Pedro Fernandes Aragonez, natural da cidade de Malaga da provincia de Andaluzia. Não tiveram filhos. Deixaram os seus bens ao mosteiro de S. Bento de S. Paulo, em cuja igreja constituiram um honroso jazigo com pensão de missas. Falleceu Pedro Fernandes Aragonez, depois de sua mulher, com testamento a 14 de Fevereiro de 1682. Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra C., n. 35.

§ 2.º

2 — 2. Martha de Miranda, casou na matriz de São Paulo a 27 de Janeiro de 1630, com Antonio da Cunha Gago, o Gambeta de alcunha, filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua segunda mulher Catharina de Onhatte, em titulo de Cunhas, capitulo 1º, § 5º. Foi este paulista potentado em arcos, com grande veneração e respeito, e igual voto no governo da republica; falleceu com testamento a 21 de Setembro de 1671, e sua mulher com testamento a 10 de Setembro de 1668. (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 2º de inv., letra M., n. 47. Cart. 2º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos o de Antonio da Cunha Gago.) E teve, nascidos em S. Paulo, onze filhos:

3 — 1. Antonio da Cunha Gago, alcaide-mor e descobridor da prata em 1680, casou na villa de Mogy das Cruzes com D. Anna Portes d'El-Rei, em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 2º. Com geração.

3 — 2. Simão da Cunha de Miranda, casou com Catharina Portes d'El-Rei, em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 3º. Com geração.

3 — 3. Bartholomeu da Cunha Gago, capitão-mor explorador em 1680, casou com Maria Portes d'El-Rei, de quem temos tratado no cap. 5º, § 1º, n. 3 — 3 a n. 4 — 1. Em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 4º. Com geração.

3 — 4. Francisco de Almeida, faleceu solteiro.

3 — 5. Miguel de Almeida e Cunha, casou em Taubaté com Maria Vieira da Maia, filha de Antonio Vieira da Maia, natural da villa de Guimarães, (que falleceu em Taubaté a 15 de Outubro de 1674, e de sua segunda mulher Maria Cardoso Cabral, com quem casou em S. Paulo a 28 de Janeiro de 1642. (Cart. de orph. de Taubaté, inv. A., n. 51.) Neta paterna do capitão Pedro Vieira da Maia, e de sua mulher Beatriz Lopes. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º, § 1º, n. 3 — 6. E pela parte materna neta de Manoel da Costa Cabral, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher Francisca Cardoso, natural da villa de Mogy das Cruzes. Em titulo de Vaz Guedes, cap. 5º. E teve, nascidos em Taubaté, tres filhos:

4 — 1. Francisca Vieira d'Almeida, casou com Antonio de Godoy Pires, natural e cidadão de S. Paulo, filho do capitão Francisco de Godoy Moreira, em titulo de Pires, cap. 6º, § 17. E teve filho unico:

5 — ", Francisco de Godoy de Almeida Pires, natural de Taubaté, dos primeiros da governança d'esta republica, onde tem servido repetidas vezes de vereador, juiz ordinario e dos orphãos por eleição triennal. Casou primeira vez com D. Isidora Portes d'El-Rei; segunda vez com D. Francisca das Chagas, filha do sargento-mór Manoel Pinto Barbosa, e de sua mulher Andreza de Castilhos, sem geração. Existe viuvo em 1771. E teve do primeiro matrimonio tres filhos naturaes de Taubaté:

6 — 1. José de Godoy Rodrigues, que indo com o coronel Christovão Pereira de Abreu no serviço de el-rei falleceu no Rio Grande do Sul, solteiro.

6 — 2. Miguel de Godoy de Almeida Pires, casou em Itu com Maria do Prado, filha de... do Prado.

6 — 3. Maria Vieira da Maia, casou em Taubaté com João de Godoy Moraes, natural de S. Paulo, filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua mulher D. Anna Maria Pedroso, irmã de Christovão da Cunha de Moraes. Em Cunhas Gagos, cap. 1º, § 4º n. 3 — 7.

4 — 2. Lourença Vieira falleceu solteira.

4 — 3. Miguel de Almeida e Cunha, descobridor do ouro do arraial de Itaverava nas Minas-Geraes, em cuja diligencia o barbaro gentio o matou. Foi casado em São Paulo com... filha de Manoel de Camargo. Esta viuva casou segunda vez com Francisco Pinto do Rego, coronel de Mogy e Jacarehy, a quem matou Domingos Nunes Paes.

3 — 6. Diogo de Almeida, falleceu...

3 — 7. Maria de Almeida, foi casada com José Preto, (irmão de Gaspar Cardoso, de Francisco Preto, e de Paulo Preto), natural de S. Paulo, onde falleceu em 1665; e sua mulher falleceu em Taubaté, a 9 de Dezembro de 1700 (Orph. de Taubaté, inv. letra M. n. 8). Sem geração.

3 — 8. Martha de Miranda, falleceu em Taubaté com testamento a 14 de Abril de 1689, e foi casada com Francisco Cubas Preto (Ouvidor de S. Paulo e residuo, o testamento de Martha de Miranda). E teve cinco filhos:

4 — 1. Martha de Miranda Antunes, mulher de João Corrêa da Veiga.

4 — 2. Maria de Miranda Antunes, mulher de Francisco Corrêa da Veiga; faleceu em 1725 (Orph. de Taubaté, inv. letra M. n. 30.) E teve:

5 — 1. Maria da Estrella, mulher de Matheus Rodrigues do Prado.

5 — 2. Anastacia da Veiga, mulher de Francisco de Godoy.

5 — 3. Margarida Sobrinha, mulher de José Rodrigues do Prado.

5 — 4. Martha de Miranda Antunes.

4 — 3. Isabel de Miranda, mulher de Domingos do Prado Martins.

4 — 4. Francisco Cubas Preto.

4 — 5. Antonio da Cunha Gago, casou em Taubaté a 28 de Novembro de 1691, com Marianna do Prado, filha de Antonio do Prado Martins, e de sua mulher Maria da Costa.

3 — 9. Catharina de Onhatte, falleceu em Taubaté a 11 de Novembro de 1691: casou em vida de seus pais com Garcia Rodrigues Moniz, e ella foi natural de São Paulo, assim como os filhos que teve:

4 — 1. Antonio Garcia da Cunha, falleceu em Taubaté com testamento a 10 de Março de 1732, e foi casado ao 1º de Novembro de 1688 em Taubaté com Maria Antunes Cardoso. (Em tit. de Portes d'El-Rei, cap...) E teve naturaes de Taubaté doze filhos:

5 — 1. Francisco Portes.
5 — 2. Juliana de Oliveira, mulher de Antonio Raposo.
5 — 3. Catharina de Onhatte, mulher de Alvaro Soares.
5 — 4. Margarida Antunes, mulher de Manoel Moreira.
5 — 5. Angela da Mota, mulher de João Fernandes Souza.
5 — 6. Francisca Cardoso, mulher de Gaspar Vaz.
5 — 7. Antonia Portes, mulher de João Barbosa.
5 — 8. Maria Portes, mulher de Guilherme Moreira, capitão em Taubaté em 1769.
5 — 9. João Garcia.
5 — 10. Martha.
5 — 11. Gertrudes.
5 — 12. Luzia, (Orph. de Taubaté, inv. A. n. 24.)

4 — 2. Garcia Rodrigues Moniz.
4 — 3. Miguel Garcia Rodrigues.
4 — 4. Martha de Miranda, casada com Domingos Vieira Cardoso, natural de villa de Santos, que falleceu em Taubaté em 1700 (Orph. de Taubaté, letra D. n. 23.), filho do capitão Antonio Vieira da Maia e de sua mulher Maria Cardoso. E teve treze filhos; em titulo de Vieiras Maias, em 13 §§.

3 — 10. Filippa de Almeida, casou em vida de seus pais com Francisco de Aguiar...

3 — 11. Sebastiana de Onhatte, natural de S. Paulo, falleceu em Taubaté com testamento a 24 de Outubro de 1702, casada em S. Paulo com Jorge Dias Velho, natural de S. Paulo, fundador da capella de Nossa Senhora da Ajuda no sitio de Caçapava, cuja construcção e ornamentos accusam a grandeza do seu fundador. É de talha levantada, toda dourada e dentro de uma tribuna na capella-mor se vê collocada a imagem de S. Jorge, de perfeita construcção, vinda do reino, e está o santo a cavallo. A igreja é da vocação de Nossa Senhora da Ajuda. Este Jorge Velho foi irmão de Manoel Garcia Velho, que casou em Taubaté em 1688 com Maria Fragoso, filha do coronel Sebastião de Freitas e Maria Fragoso. O dito Jorge Dias Velho falleceu com testamento em Taubaté a 18 de Junho de 1727, e n'elle declarou ser natural de S. Paulo, e filho de Manoel Garcia Velho, e de Maria Nunes da Costa, e que casára primeira vez com Sebastiana de Onhatte (ouv.

de S. Paulo, residuo, testamento de Jorge Velho.) E teve seis filhos. (Cart. de orph. de Taubaté, inv. letra J. n. 11.):

4 — 1. Antonio da Cunha Gago, falleceu a 31 de Março de 1749, foi casado com Margarida Antunes Cardoso (filha do capitão Thomé Portes d'El-Rei e Juliana de Oliveira) a 17 de Fevereiro de 1697 em a matriz de Taubaté. E teve:

5 — 1. Thomé Portes da Cunha.
5 — 2. João Portes da Cunha.
5 — 3. Antonio da Cunha Portes.
5 — 4. Ignacio Rodrigues da Cunha.
5 — 5. Francisca.
5 — 6. Bernardino Portes.
5 — 7. Juliana de Oliveira Cunha.

4 — 2. Miguel Garcia Velho, sargento-mor, casado com Leonor Homem d'El-Rei, que são os pais de D. Isidora Portes d'El-Rei, mulher que foi de Francisco de Godoy de Almeida Pires, e do padre Francisco Homem d'El-Rei, clerigo. Em Portes d'El-Rei, cap 1º, §...

4 — 3. Jorge Dias Velho, casou em Taubaté em 1709, com Rosa de Moraes, filha de João Sobrinho de Moraes, e de Maria Gonçalves.

4 — 4. O padre Manoel Rodrigues Velho, clerigo.

4 — 5. Maria Velha, mulher do Capitão Antonio Cabral da Silva.

4 — 6. Martha de Miranda, surda e muda, casou em Taubaté em 1688 com João Barbosa, que já era viuvo na cidade de S. Paulo.

§ 3.º

2 — 3. Anna de Almeida, casou na matriz de S. Paulo a 21 de Novembro de 1632, com Henrique da Cunha Gago, em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º, § 1º, n. 3 — 1. Falleceu Anna de Almeida a 30 de Agosto de 1680 (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra A. n. 14.) E teve tres filhos:

3 — 1. Miguel de Almeida, foi casado com Maria Soares, moradora na villa de Itu.

3 — 2. Henrique da Cunha.

3 — 3. Maria de Freitas, casou com Antonio Soares, irmão de Maria Soares supra, morador em Itu.

§ 4.º

2 — 4. Filipa de Almeida, foi casada com João da Cunha Lobo, que falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Setembro

de 1681, filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher Maria de Freitas, em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3 — 2; (Cart. de orph., maço 1º letra J. n. 45.) E teve oito filhos:

3 — 1. João, faleceu menino.

3 — 2. Henrique, falleceu menino.

3 — 3. Miguel de Almeida.

3 — 4. Maria de Freitas, mulher de Lourenço de Lemos.

3 — 5. Anna da Cunha, casou com Baptista Maciel, o qual falleceu no anno de 1682. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra B. n. 45.) E teve quatro filhos:

4 — 1. João da Cunha.

4 — 2. Baptista Maciel.

4 — 3. Maria Maciel.

4 — 4. Domingas.

3 — 6. Isabel da Cunha, mulher de Miguel Fernandes.

3 — 7. Catharina de Almeida, falleceu no Atibaia com testamento a 20 de Março de 1725, e jaz na capella-mor do Atibaia (Test. no eccles. de S. Paulo, letra C. n. 1) Foi casada com Sebastião Machado de Lima, que falleceu nas Minas-Geraes em 1720. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 2º letra S. n. 3.) E teve:

4 — 1. Domingos Machado de Almeida.

4 — 2. Sebastião Machado de Lima.

4 — 3. Henrique da Cunha, que casando deixou tres filhos, Joanna, João e Catharina.

4 — 4. Maria de Lima, que casou com Antonio Raposo Barbosa.

4 — 5. João da Cunha Lima, falleceu solteiro.

3 — 8. Filippa de Almeida, ignoramos o estado, que teve,

§ 5.º

2 — 5. Ursula de Almeida, foi casada com Lourenço de Amores de Siqueira, natural da Villa de Santos, (irmão inteiro de Domingos de Amores, primeiro coronel que teve o regimento das ordenanças, que levantou em S. Paulo pelos annos de 1698, Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, que veio a S. Paulo por ordem régia (como temos tratado em tit. de Camargos, cap. 8º § 3º n. 3 — 10.) Falleceu Lourenço de Amores em S. Paulo com testamento a 18 de Julho de 1685, filho de Domingos de Amores, e de sua mulher Antonia de Siqueira, (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra L. n. 19) E teve sete filhos nascidos em S. Paulo:

3 — 1. Antonia de Siqueira, casada em vida de seus pais com Manoel da Cunha Gago.

3 — 2. Maria do Prado, casada em vida de seus pais com Gervasio Lobo de Oliveira.

3 — 3. Ignacia de Siqueira, casada em vida de seus pais com Antonio Vieira da Maia. Em tit. de Vieiras Maias, cap. 6°. Com geração.

3 — 4. Catharina de Almeida, mulher de Paulo Vieira da Maia, filho de Antonio Vieira da Maia, natural de Guimarães de quem tratamos no § 2° n. 2 — 5 retro. Em tit. de Vaz Guedes, cap. 5°. E em tit. de Vieiras Maias, cap... Com geração.

3 — 5. Domingos de Amores de Almeida.

3 — 6. Martha de Miranda, foi casada com o afamado paulista o capitão João Pires de Brito, que falleceu em Taubaté sem geração e de quem tratamos no cap. 6°, § 3° n. 3 — 3.

3 — 7. Victoria de Siqueira...

§ 6.°

2 — 6. Maria da Assumpção, foi beata com habito de S. Francisco e falleceu solteira.

§ 7.°

2 — 7. Salvador de Miranda, cidadão de S. Paulo, onde casou com Antonia Ribeira (estando viuva do seu primeiro marido Gaspar Vaz Guedes (que era natural da villa de Mogy das Cruzes) e falleceu com testamento a 22 de Dezembro de 1668, e sua mulher falleceu com testamento a 14 de Março de 1681, (Cartorio de orph. de São Paulo, maço 1° de inv. letra S. n. 46. E letra A, maço 1° n. 3. E teve tres filhos nascidos em S. Paulo:

3 — 1. Miguel de Almeida.

3 — 2. Antonio de Almeida de Miranda, cidadão de S. Paulo, falleceu com testamento a 20 de Maio de 1672, e foi casado com Catharina Dias (irmã de Antonio Garcia) que falleceu em 1714; e casou segunda vez com Manoel Gonçalves Morgado, de quem teve dois filhos, *Miguel Gonçalves*, e *Catharina Dias*, mulher de Francisco Rodrigues do Prado (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço inv. ant. o de Catharina Dias.) E teve cinco filhos (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 3° de inv., letra A, n. 2.°) :

4 — 1. Salvador de Miranda, casou em S. Paulo a 19 de Agosto de 1697, com Joanna de Camargo Pires. Em tit. de Pires, cap. 6°, § 6°, n. 3 — 5.

4 — 2. Antonio de Miranda, casou.

4 — 3. Manoel de Miranda, casou.

4 — 4. Antonio de Miranda, casou, e teve tres filhos, João de Miranda, Isabel Garcez, mulher de Paulo Ribeiro, e Maria Garcez, mulher de Manoel da Costa.

4 — 5. Joanna de Miranda, casou.

3 — 3. Maria Ribeira, casou com Belchior de Godoy. Em tit. de Godoys, cap. 1º, § 4º. Com geração.

§ 8.º

2 — 8. Fr. Miguel, religioso franciscano da provincia do Rio de Janeiro.

§ 9.º

2 — 9. Diogo de Almeida, falleceu solteiro.

§ 10.º

2 — 10. Antonio de Almeida, falleceu solteiro.

§ 11.

2 — 11. Francisco de Almeida, falleceu solteiro.

§ 12 ultimo.

2 — 12. Anna, falleceu menina. Tudo consta do testamento e inventario de sua mãi Maria do Prado, etc.

CAPITULO VIII

1 — 8. Martim do Prado, conforme o que declarou no testamento com que falleceu em S. Paulo a 19 de Abril de 1616, casou duas vezes: primeira com Paula de Fontes em a villa de S. Vicente; segunda com Antonia de Sobral, que falleceu com testamento a 18 de Abril de 1616 (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 3º de inv. letra M. n. 17 o inv. de Martim do Prado.) E teve do primeiro matrimonio filho unico: do segundo teve sete filhos, cuja naturalidade ignoramos.

PRIMEIRO MATRIMONIO

Domingos do Prado .... § 1.º

SEGUNDO MATRIMONIO

Manoel do Prado ...... § 2.º
Antonio do Prado ...... § 3.º
Pedro do Prado .... § 4.º
João do Prado .... § 5.º
Maria do Prado .... § 6.º
Sebastiana do Prado ...... § 7.º
Helena do Prado .... § 8.º

Do segundo matrimonio procedem os Prados da cidade do Rio de Janeiro; entre cujos descendentes foi Christovão Lopes Leitão, que foi morador na freguezia de Irajá, de Nossa Senhora da Penha, onde teve uma quinta com capella de vocação S. Christovão; e foi pai de Francisco Viegas Leitão, o qual casando em Lisboa teve um filho frade da ordem de Christo no convento de Thomar. O dito Christovão Lopes Leitão foi irmão de Fr. Christovão de Christo, que foi benedictino, e D. abbade no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro. Estes Prados são os mesmos Prados e parentes dos descendentes de Clara Martins, a qual era prima de João do Prado, como referimos no principio deste titulo.

§ 1.º

2 — 1. Domingos do Prado, casou na matriz de São Paulo duas vezes: primeira com Philippa Leme: segunda vez a 12 de Agosto de 1637 (estando os seus pais moradores na villa de S. Vicente) com *D. Violante de Gusmão,* filha de Barnabé de Contreras e Leon, e de sua mulher D. Beatriz de Spinosa, natural de Santiago de Xerez da provincia de Paraguay, cidade da Assumpção. Esta D. Violante foi sobrinha direita de Gabriel Ponce de Leon, em cuja companhia veio a S. Paulo, e dito Ponce casou na villa de Parnahyba com D. Maria de Torales, natural da mesma villa, e filha do fundador e povoador d'ella, Balthazar Fernandes, e de sua mulher D. Maria de Zuniga, natural de villa Rica de Paraguay, que tinha vindo a São Paulo com seu irmão Bartholomeu de Torales; e eram filhos do capitão Bartholomêo de Torales, e de sua mulher D. Violante de Zuniga. O tal Gabriel Ponce de Leon que casou na Parnahyba, falleceu na mesma villa com testamento a 7 de Outubro de 1655 (que acha nos autos do seu inventario no cartorio de orphãos de Parnahyba, letra G, n. 128), em que declarou ser natural da provincia de Paraguay da cidade Real de Guairá, filho do capitão Barnabé de Contreras, e de sua mulher D. Violante de Gusmão, (Em titulo de Ponces Torales, caps. 1º e 2º.)

Domingos do Prado teve do primeiro matrimonio cinco filhos: do segundo teve filho unico. Tudo consta do testamento com que

falleceu em 8 de Agosto de 1639. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra D. n. 23).

Filhos do primeiro matrimonio

3 — 1. Braz Leme.
3 — 2. Antonia Leme.
3 — 3. Alonça do Prado, mulher de Domingos Lamim, com 1 filho...
3 — 4. Leonor Leme.
3 — 5. Domingos.

Filho do segundo matrimonio

3 — 6. Antonio.

§ 2.º

2 — 2. Manoel do Prado, sabemos que casou, como consta do inventario de seu pai, mas ignoramos com quem e se teve geração.

§ 3.º

2 — 3. Antonio do Prado, como consta do inventario dos bens de seu pai feito em 1616, que era morador na villa de Mogy das Cruzes. Não sabemos com quem casou, e somente que do seu matrimonio procedem os Prados desta villa e foram seus filhos:

3 — 1. Salvador do Prado, natural de Mogy, que falleceu a 2 de Junho de 1686, casado com Isabel da Silva, tambem natural da villa de Mogy, (Cartorio de Orphãos de Mogy, inventarios, letra S. n. 7.) E teve filha unica:

4 — Maria do Prado, casou com Francisco de Borja Xavier (nasceu no mar, e se baptizou na igreja matriz do Rio de Janeiro para onde vinham seus pais Pedro de Barros, sargento mor do regimento da artilharia daquelle presidio aqui governador da fortaleza de S. João, e de sua mulher D. Josepha Rodrigues, ambos naturaes da villa da Gaya da cidade do Porto de cujo matrimonio nasceram na villa de Mogy seis filhos:

5 — 1. Faustino Xavier do Prado (Quando o A. em este padre, conego da Sé de S. Paulo, depois de ter sido vigario em mais de uma igreja do Bispado o A. tinha tenção de augmentar a sua narração e esperava talvez por noticias que tinha pedido do mesmo conego, como consta de uma exposição avulsa dos seus ascendentes; no fim da qual sobre alguma cousas, que foram decididas e outras não. O mesmo conego existe em S. Paulo neste anno de 1795). — Nota de Ordonhes (?).

5 — 2 Angelo Xavier do Prado, em titulo de Rendons com geração.

5 — 3 D. Anna Xavier de Jesus, mulher de Francisco Pedroso Navarro, filha de Estanislau Correa de Moraes (Em titulo de Moraes Cap. I, § 7) com dous filhos:

6 — 1 O padre Faustino Xavier de Moraes.

6 — 2 Anna Maria do Espirito Santo casada com João Lopes de Oliveira (Em titulo de Siqueiras)

5 — 4 Pedro de Barros que, estando noviço jesuita, foi demitido com 23 companheiros por ordem regia intimada pelo Desembargador Cyriaco Antonio de Moura Tavares.

5 — 5 D. Sebastiana... mulher de José Candia de Abreo.

5 — 6 D.ª Josepha... mulher de Ignacio de Moraes Sarmento, natural de do Monte Negro, da provincia de Traz-os Montes.

3 — 2 Manuel do Prado, falleceu em Mogy de 1660, casado com Maria de Siqueira (orphãos de Mogy, letra M nº 48). E teve filha unica:

4 — 1 Catharina.

§§ 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, ultimos

2 — 4 Pedro do Prado, falleceu solteiro.

2 — 5 João do Prado, se foi morador da villa de Mogy, em tal certeza sabemos que casou com Catharina Vaz e que foi sua filha Antonia do Prado, que na matriz de Mogy casou com Antonio Delgado, filho de Francisco Delgado e de sua mulher Maria Pedroso.

2 — 6 Maria do Prado.

2 — 7 Sebastianna do Prado.

2 — 8 Helena do Prado, casou como consta do testamento e inventário de seu pae, ignoramos com quem.

CAPITULO IX

1 — 9 Pedro Prado foi nobre cidadão de S. Paulo e servio os cargos da sua republica; foi casado com Antonia Leme, filha de Matheus Leme e de sua mulher Antonia de Chaves (Em titulo de Leme, Cap. 2.º, § 4.º). Antonia Leme falleceu com testamento em S. Paulo a 23 de Dezembro de 1682 (Cartorio de orphãos, maço 1.º de inventário, letra A n.º 31). E teve nascidos em S. Paulo oito filhos que se acham indicados no dito titulo de Leme, no § 4.º do Cap. 2.º, acima indicado.

CAPITULO X e XI ultimos

1 —10 Anna Maria do Prado, falleceu solteira.

1 —11 Clara, falleceu solteira.

PIRES (*)

Grande variedade encontramos sobre a origem dos Pires da Capitania de São Paulo. Numas memorias introduzidas de pais a filhos fazem progenitor desta familia a Salvador Pires, que de Portugal trouxera dois filhos, a saber, Salvador Pires, e Manoel; porém no exame e lição dos cartorios viemos a descobrir a verdade deste progenitor da maneira seguinte:

Entre os nobres povoadores da vila de São Vicente, que a esta ilha chegaram com o fundador dela o fidalgo Martim Afonso de Sousa em principios do ano de 1531, foi João Pires, chamado o Gago, natural do Porto; e seu primo Jorge Pires, que era cavaleiro fidalgo (naquele tempo era este foro o melhor), cujo alvará veiu ao nosso poder para o lêrmos. Este João Pires trouxe consigo o filho Salvador Pires, da cidade do Porto, que, sendo casado com Maria Rodrigues, ignoramos se já de Portugal veiu casado, ou se casou na vila de São Vicente, como afirmam algumas memorias

---

(*) *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* tomo XXXIV,
(*) *Revista do Instituto Hitórico e Geográfico Brasileiro,* tomo XXXIV, I, 529.

Sobre os fatos notaveis a que se refere o genealogista neste título, é oportuna a consulta à *História Seiscentista da Vila de São Paulo,* da lavra de quem redige esta nota.

A respeito da guerra civil chamada dos Pires e Camargos, vide vol. II, caps. V-XII, págs. 55-147.

Sobre o episodio trágico do duplo assassinato de Antonio Pedroso de Barros e Leonor de Camargo Cabral, *ibidem,* págs. 70-79.

A versão de Pedro Taques é cheia de hesitações e dubiezas, conforme ele proprio confessa, dizendo-se informado pela tradição oral. Alguns documentos ulteriormente desvendados reportam-se a certos crimes famosos, mas tão obscuros são que não permitem fazer luz sobre o caso.

Vide, a tal propósito, na mesma obra, a nota final que se reporta à pág. 81 do tomo II.

Não nos parece possivel filiar o assassinato cometido por Alberto Pires à questão do homicídio de que foi autor Fernão de Camargo, o Tigre. Temo-lo como muito posterior a este crime do Pateo da Sé de São Paulo, muito embora reconheçamos que na *Nobiliarquia* haja numerosas indicaçoes cronológicas completamente falsas. É bom, entre parênteses, lembrar que o texto da obra que serviu à sua impressão na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* é o original de Pedro Taques, que certo se perdeu. E' copia, obra talvez de copista descuidado, por vezes. Ainda a propósito do caso de Alberto Pires, teve Silva Leme o ensejo de fazer importante retificação, demonstrando que adata indicada pelo linhagista da *Nobiliarquia* para o casamento do uxoricida não pode deixar de ser falsa (cf. *Genealogia Paulistana,* I, 381; II, 127; III, 344). Baseado em documentos que Silva Leme não conheceu (*Inv.* XV, 467; XX, 5, 25, 69), apresentamos algumas dúvidas às conclusões do autor da *Genealogia Paulistana* (*Historia Sescentista da Vila de São Paulo,* II 76 *et pass.*). — Afonso de E. Taunay.

deixadas de pais a filhos. A dita Maria Rodrigues era natural do Porto, que veiu para São Vicente com seus irmãos e pais, que foram Garcia Rodrigues e Isabel Velho. Em título de Garcias Velhos, cap. 6.º. De São Vicente passou para São Paulo João Pires, o Gago; e seu filho Salvador Pires com sua mulher Maria Rodrigues ficaram na povoação de Santo André da Borda do Campo, que foi aclamada em vila no dia 8 de Abril de 1533, em nome do donatario da Capitania Martim Affonso de Sousa. João Pires foi o primeiro juiz ordinario desta Vila. (Camara de São Paulo, caderno 1.º título 1553 da vila de Santo André, pág. 1.ª e seguintes).

Maria Rodrigues era já falecida em 1579; porque em 20 de Janeiro de 1580 lhe passou quitação de haver cumprido com as disposições testamentarias da defunta sua mulher o prelado administrador, sendo escrivão da camara eclesiastica e visita Francisco de Torres. Esta quitação nos tirou toda a dúvida de que a familia dos Pires não tivera principío em São Paulo do Campo de Piratininga em Salvador Pires, e Messia Fernandes, por quanto o Salvador Pires, em que teve a origem, foi este de quem tratamos, casado com Maria Rodrigues, como temos mostrado. Esse tal Salvador Pires veiu da cidade do Porto para a vila de São Vicente, como temos dito; e consta de uma carta de sesmaria, que no ano de 1573 lhe concedeu Hyeronimo Leitão, sapitão-mór governador loco-tenente do donatario Pedro Lopes de Sousa; e da mesma consta tambem que passara da vila de São Vicente para a de Santo André da Borda do Campo no ano de 1553, e lhe foi dada meia legua de terras na Tapera que tinha sido alojamento do indio *Baibebá*, partindo pelo campo de Piratininga direito á serra, por ser dito Pires lavrador potentado, que dava avultada soma de alqueires de trigo ao dizimo, além das colheitas de outros frutos todos os anos (1), Maria Rodrigues veiu ao Porto com seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velho. Em título de Garcias Velhos, cap. 6.º. Teve Salvador Pires do seu matrimonio com Maria Rodrigues dois filhos que foram:

N. — 1.º Manoel Pires
N. — 2.º Salvador Pires

Manoel Pires casou com Maria Bicudo. Em título de Bicudos, n. 1.º cap. 3.º, pág. 18.

N. 2.

Salvador Pires tambem viveu muito abundante, com grandes lavouras, e numerosos trabalhadores delas, quais eram os indios catolicos da república como pessoa principal dela: faleceu em 1592

(1) Cart. da Prov. da Faz. R. Livro de reg. de sesmar. tit. n. 1, 1562, pág. 158.

em São Paulo na sua fazenda de cultura, sita no lugar acima da cachoeira chamada Pàtuaí, no rio Tieté (2), com uma legua de terras em quadro por sesmarias (3); e ficou por testamenteiro e curador dos filhos seu genro Bartholomeu Bueno de Ribeira.

Casou duas vezes: primeira com N..... da qual teve os filhos Diogo Pires, Amador Pires, e Domingos Pires de que tratamos no fim da descendencia do segundo matrimonio; segunda vez casou com Messia Fernandes, vulgarmente chamada pelo idioma brasilico *Messiuçu*, que quer dizer Messia grande, natural de São Paulo, filha de Antonio Fernandes, e de sua mulher Antonia Rodrigues (a qual procede de Antonio Rodrigues e de Antonia Rodrigues, batizada pelo padre Anchieta, e era ela filha do maioral de Hururaí, chamado Piquirobí. O qual Antonio Rodrigues genro de Piquirobí veiu com Ramalho a São Paulo, 30 anos quasi antes de chegar em 1531 Martim Affonso de Sousa a São Vicente), povoadores de São Paulo como consta do testamento com que em 1625 faleceu dita Messia Fernandes, que se acha junto aos autos de inventario dos bens para partilhas com seus herdeiros, no cartorio do 1.º tabelião de São Paulo no maço dos inventarios antigos, letra M. E foi irmã de Marcos Fernandes, a quem matou um Antonio Fernandes Aia, ao qual deu perdão dita Messia Fernandes por escritura de 1 de Janeiro de 1612 (4).

E teve do seu segundo matrimonio nascidos em São Paulo oito filhos:

Cap. — 1.º Maria Pires, mulher de Bartholomeu Bueno da Ribeira.

Cap. — 2.º Catharina de Medeiros, mulher de Mathias Lopes, pág. 9.

Cap. — 3.º Anna Pires, mulher de Francisco de Siqueira, pág. 11.

Cap. — 4.º Isabel Fernandes, mulher de Henrique da Cunha Gago, pág. 17.

Cap. — 5.º Salvador Pires, casado com D. Ignez Monteiro, pág. 17.

Cap. — 6.º João Pires, casado com Messia Rodrigues, pág. 31.

Cap. — 7.º Custodia Fernandes, mulher de Domingos Gonçalves.

Cap. — 8.º Antonio Pires, faleceu solteiro, pág. 64.

CAPÍTULO 1.º

1 — 1. Maria Pires, casou com Bartholomeu Bueno da Ribeira natural da cidade de Sevilha, a 4 de Agosto de 1590, por-

(2) Cart. 1.º de Not. de São Paulo, Cad. Maio de 1592, pág. 35.

(3) Cart. sup. Liv. n. 2 tit. 1602, pág. 41. E Cam. de São Paulo, cad. de rag. tit. 1583, pág. 27.

(4) Primeiro Cart. de Not. de São Paulo, caderno de Dezembro de 1611, pág. 20.

que neste dia e ano lhe fizeram escritura de dote e casamento seus sogros, como se vê da dita escritura no 1.º cartorio de notas de São Paulo, no caderno título 1590 fl. 65. Em título de Buenos, com sua descendencia.

CAPITULO II

1 — 2. (* O autor poz como advertencia posterior e no principio deste capítulo o seguinte: Esta Catharina de Medeiros a casaram seus pais com Domingos Fernandes, a quem fizeram escritura de dote e casamento a 5 de Agosto de 1590, a qual se acha na nota do 1.º cartorio de São Paulo no caderno de notas, título Dezembro de 1590 fl. 68, onde se vê que a outorgante Messia Fernandes, era irmã de Antonio Fernandes, o qual tendo passado ao reino de Angola, com negocio, no regresso para o Rio de Janeiro faleceu naquela cidade em 1599, como se vê da procuração que fez a viuva Catharina de Medeiros a 19 de Julho do dito ano de 1599, que se acha no 1.º cartorio de notas de São Paulo no caderno do tabelião Belchior da Costa título 1599 fl. 8.)

Catharina de Medeiros (filha de Salvador Pires e Messia Fernandes) faleceu em São Paulo com testamento no anno de 1629, casada com Mathias Lopes (irmão de Zuzarte Lopes), natural de Portugal e cidadão da vila de Santos, que faleceu em São Paulo com testamento a 25 de Maio de 1651 (5). Foi mamposterior-mor dos cativos pelos anos de 1608; e tambem sargento-mor do troço de descobrimento das minas de prata e esmeraldas em 1608 (6). E teve nascidos em São Paulo quatro filhos.

2 — 1. Antonio Lopes de Medeiros. § — 1.º
2 — 2. Maria de Medeiros ...... § — 2.º
2 — 3. Mathias Lopes .... § — 3.º
2 — 4. Zuzarte Lopes .... § — 4.º

§ 1.º

2 — 1. Antonio Lopes de Medeiros, foi ouvidor da capitania de São Vicente e São Paulo, e na camara da capital daquela vila tomou posse a 7 de Setembro de 1659 (7), e casou na matriz de São Paulo a 29 de Junho de 1642, com Catharina de Onhatte, filha de Christovão da Cunha e Onhatte, e de sua mulher Messia Vaz Cardoso.
Em títulos de Cunhas Gagos, cap. 1.º § 4.º n. 2 — 4; e aí a sua descendência.

(5) Cart. de Orf. de São Paulo, maç. 1.º, de inv. let. C., o de Catharina de Medeiros. E maç. 2.º, let. M., o de Matthias Lopes.
(6) Cam. de São Paulo, cad. de reg. 1607, pág. 11 v.
(7) Cam. de São Paulo, Liv. de reg. 1658, pág. 65 v.

§ 2.º

2 — 2. Maria de Medeiros, casou no Rio de Janeiro com Gonçalo da Costa Ferreira, e ali deixou geração nobre, que ainda se conserva.

§ 3.º

2 — 3. Mathias Lopes, casou com Catharina do Prado, filha de Catharina do Prado. Em título de Prados cap. 5.º, § 8.º sem descendência.

§ 4.º

2 — 4. Zuzarte Lopes, faleceu com testamento em São Paulo a 9 de Dezembro de 1635, e foi casado com Maria de Pontes, irmã de Pedro Nunes de Pontes, natural de São Paulo (8), a qual Maria de Pontes e dito seu irmão foram filhos de Pedro Nunes e de sua terceira mulher Catharina de Pontes, a qual era viuva de Salvador de Lima, que tinha falecido em 1612 no sertão, sendo soldado do capitão da tropa Martim Rodrigues Tenorio (9). Em título de Pontes, cap. 2.º. E teve filha única, 3 — Catharina, que não lhe descobrimos nem o apelido nem o estado.

CAPÍTULO 3.º

1 — 3. Anna Pires de Medeiros, faleceu em São Paulo com testamento a 4 de Maio de 1668 (10). Casou duas vezes: primeira na matriz de São Paulo em 3 de Junho de 1629 com Antonio Bicudo, filho de Vicente Bicudo, e de sua mulher Anna Luiz. Em título de Bicudos, cap. 2.º, § 1.º, sem geração; segunda vez casou, depois da morte de seu pai, com Francisco de Siqueira natural da vila de Caminha (11). E teve do segundo matrimônio cinco filhos:

2 — 1. Francisco Pires de Siqueira. § — 1.º
2 — 2. Antonio de Siqueira ...... § — 2.º
2 — 3. Messia de Siqueira .... § — 3.º
2 — 4. Maria de Siqueira .... § — 4.º
2 — 5. Anna Maria de Siqueira .... § — 5.º

---

(8) Orf. de São Paulo, maço de invent., let. I, n. 21.
(9) Orph. de São Paulo, maço 1.º let. S., n. 28.
(10) Orph. de São Paulo, maço 3.º de inv. let. A.
(11) Cam. epsc. de São Paulo, aut. de genere do coronel João Raposo Bocarro. I. m. 1.º n. 9.

§ 1.º

2 — 1. Francisco Pires de Siqueira, cidadão de São Paulo, que ocupou os cargos da república, faleceu com testamento a 8 de Abril de 1671, e foi casado na matriz de São Paulo a 6 de Fevereiro de 1640 com Helena Dias, que faleceu com testamento em 1669 (12), filha de Francisco Dias, e de sua mulher Custodia Gonçalves, ambos de São Paulo, e de seu marido N... Gonçalves Penedo, que era irmão do capitão Diogo Gonçalves Penedo, povoador de Parnaguá. Neta de Pedro Dias (que foi leigo jesuita) e de sua segunda mulher Antonia Gomes da Silva, natural de Braga, filha de Pedro Gomes, e de sua mulher Maria Affonso ambos de Braga, cujo casal passou da vila de São Vicente para o campo de Piratininga com os primeiros jesuitas, que subiram a serra de Paranãa-piacaba em Janeiro de 1554. Em título de Dias. E teve tres filhos naturais de São Paulo.

3 — 1. Francisco Dias de Siqueira.
3 — 2. Anna Maria de Siqueira.
3 — 3. Anna Pires.

3 — 1. Francisco Dias de Siqueira, capitão-mor, chamado da alcunha Apuçá, que quer dizer surdo. Este paulista penetrou com a sua tropa o sertão até a cidade do Maranhão, e nas aldeias dos indios catolicos daquelle Estado fez varias extorsões, cujos impulsos se não atreveu a castigar o governador pelos anos de 1692. para 1693, e deles deu conta ao sr. rei d. Pedro II. Este principe, usando da sua paternal clemencia, ordenou aos oficiais da camara de São Paulo em carta de 2 de Novembro de 1893, que o castigassem com toda a demonstração, que ficasse servindo de exemplo para outros vassalos lhe não imitarem os procedimentos insultuosos, que havia cometido. Esta real ordem se acha registrada na Secretaria do conselho ultramarino no livro das cartas do Rio de Janeiro, título 1693, pág. 11, e é do teor seguinte:

"Tenho por notícias certas, que dessa capitania saira por cabo de uma tropa Francisco Dias de Siqueira a penetrar os sertões do Maranhão com ordens supostas, insinuando as levava para se fazer comunicável aquele Estado com o do Brasil, de que se seguira que o governador Antonio Albuquerque Coelho lhe dera os mantimentos e munições necessarias, entendendo que o seu ânimo seria de se empregar no meu real serviço e extinção do gentio de serco, o que obrára tudo pelo contrário, e que fizera grandes destruições, e hostilidade nas aldeias domesticas, valendo-se deste engano para obrar esta maldade; e por esta ação se fez digno de todo o castigo; vos ordeno procedais com toda a demonstração neste caso contra este sujeito, para que sirva de

(12) Orph. de São Paulo, invent, maço 1.º E, n. 2.

exemplo para os mais se não animarem a cometer estes insultos. Espero de vós como bons vassalos assim obreis, etc."

Casou este Francisco Dias de Siqueira com Joanna Corrêa, natural da vila de Santos (que faleceu em São Paulo a 20 de Abril de 1714, com testamento em que declarou sua naturalidade e seus pais) (13) irmã de Antonio Corrêa, mulher de Francisco Corrêa de Figueiredo chamado o Pinxa, natural da Bahia, e de Catharina Corrêa de Faria, que casou na ilha de São Sebastião, da qual procedeu o conego Antonio Nunes de Siqueira, que faleceu em São Paulo, em 1758, e filha de Simão Rodrigues Henriques, que faleceu em São Paulo em 1656, e de sua mulher Joanna Corrêa natural da cidade da Bahia, onde casou, e veiu a São Paulo onde faleceu com testamento, em que declarou ser natural da Bahia, filha de Gaspar Soares, e Ignez de Azevedo, da Bahia, etc. (14).

Francisco Dias faleceu na Bahia, para onde se tinha recolhidos da conquista e guerra contra os barbaros gentios do Rio Grande e Siará, de que foi capitão João Amaro Maciel e mestre de campo governador Mathias Cardoso de Almeida, o que temos tratado em Prados, cap..... e em Campos, cap... e deixou na dita cidade da Bahia um grosso cabedal, que se apurou pelo juizo dos ausentes, e se remeteu a Lisboa ao tribunal da mesa da conciencia e ordens.

Teve Francisco Dias do seu matrimonio com Joanna Corrêa, filha unica natural de São Paulo:

4 — ". Joanna Corrêa, que casou com Garcia Rodrigues Betim. Em título de Betins, cap. 7.º, § 2.º.

3 — 2. Anna Maria de Siqueira, foi casada com Manoel da Silva de Vasconcellos, como consta do testamento e inventario de seu pai Francisco Pires de Siqueira, que fica já indicado.

3 — 3. Anna Pires, filha última de Francisco Pires de Siqueira, do § 1.º, foi casada com Manoel Garcia Velho (como consta do testamento de seu pai já indicado), natural de São Paulo, filho de Manoel Garcia Velho, que faleceu em São Paulo com testamento a 6 de Abril de 1659, e de sua mulher Maria Moniz da Costa. (Orfãos de São Paulo, inventario maço 3.º letra M).

2 — 2. Antonio de Siqueira, casou na matriz de São Paulo a 25 de Novembro de 1630 com Maria Affonso, filha de Paschoal Dias e de sua mulher Filippa Rodrigues. Faleceu Antonio de Siqueira sem testamento em São Paulo a 20 de Fevereiro de 1649. E teve oito filhos.

(13) Residuos da Ouvid. de São Paulo, testamento de Joanna Corrêa.

(14) Orph. de São Paulo, invent. let. I, maço 1.º, n. 16. E Resid. da Ouv. de São Paulo, testamento de Antonia Corrêa, em 1720.

3 — 1. Anna Pires, casou com Salvador Francisco de Oliveira Lobo, natural e cidadão de São Paulo filho de Manoel Francisco Pinto, natural de Guimarães, e de sua mulher Juliana de Oliveira. Em título de Cunhas Gagos, cap. 3.º, com sua decendencia.

3 — 2. Maria de Siqueira.

3 — 3. João Pires Affonso.

3 — 4. Francisco.

3 — 5. Antonio de Siqueira Affonso, que faleceu solteiro em 11 de Junho de 1675, com testamento no cartorio de órfãos de São Paulo, maço 1.º, letra A.

3 — 6. Sebastião de Siqueira, falecido com testamento a 16 de Maio de 1669, e foi casado com d. Maria Ribeiro Antunes, filha do governador Estevão Ribeiro Bayão (irmão de Antonio Ribeiro Bayão), natural de São Paulo, e de sua mulher d. Maria Antunes. Em título de Bayão, cap. 5.º § 3.º, n. 3 — 2 a n. 4 — 2 (15); e teve filho unico:

4 — ". Estevão Ribeirão Bayão.

3 — 7. Filippa.

3 — 8. Salvador.

§ 3.º

2 — 3. Messia de Siqueira (filha de Anna de Medeiros do cap. 3.º), falecida em São Paulo, com testamento a 20 de Fevereiro de 1648, casada com Pedro Vidal, natural de São Paulo, onde faleceu com testamento a 30 de Dezembro de 1658 (16), filho de Alonso Peres Canhamares, natural de Castela, e de sua mulher Maria Affonso. Em título de Canhamares. E teve oito filhos, que são:

3 — 1. Maria Vidal, falecida em São Paulo com testamento a 28 de Setembro de 1687, casou duas vezes: primeira na matriz de São Paulo a 7 de Fevereiro de 1639, com Francisco Baldaya, filho de Miguel Sobrinho, e de sua mulher d. Maria da Veiga: (em título de Eannes, cap. 4.º, § 2.º n. 3 — 1) e segunda com Pedro Casado Villas Boas. Faleceu o dito Baldaya, natural de São Paulo, com testamento a 8 de Abril de 1648 (17). E teve do primeiro matrimonio quatro filhos; e do segundo teve cinco.

---

(15) Orph. de São Paulo, invent. let. S, maço 1.º, n. 12.

(16) Cart. de Orph. de São Paulo, invent. let. M, maço 1.º, n.... Let. P, maço 1.º, n. 4.

(17) Orph. de São Paulo, invent. let. M, maço 1.º, n. 8. Let. F. maço 1.º, n. 19.

1.º *matrimonio*

4 — 1. Salvador Baldaya, faleceu solteiro.
4 — 2. Margarida.
4 — 3. Francisco Baldaya.
4 — 4. Anna Maria de Siqueira, mulher de João de Siqueira.

2.º *matrimonio*

4 — 5. José Casado.
4 — 6. Antonio Casado Villas Boas.
4 — 7. Messia de Siqueira.
4 — 8. João Casado Villas Boas.
4 — 9. Catharina Casado Villas Boas.

3 — 2. Joanna de Siqueira, casou com Manoel Pedroso.

3 — 3. Maria de Siqueira, mulher de João de Lima do Prado. Em título de Prados, cap. 4.º, § 1.º, n. 3 — 2.

3 — 4. Anna Pires de Siqueira, mulher de Manoel de Lima do Prado. Em título de Prados, cap. 4.º, § 1.º, n. 3 — 4.

3 — 5. João Vidal.
3 — 6. Pedro Vidal.
3 — 7. Francisco de Siqueira.
3 — 8. Manoel de Siqueira.

§ 4.º

2 — 4. Maria de Siqueira (filha do cap. 3.º).

§ 5.º

2 — 5. Anna Maria de Siqueira, casou com João Raposo Bocarro. Em título de Raposos Bocarros, cap. 4.º: com sua decendencia.

CAPÍTULO IV

1 — 4. Isabel Fernandes (filha do capitão Salvador Pires e Messia Fernandes) foi casada com Henrique da Cunha Gago, de quem teve tres filhos. Em título de Cunhas Gagos, cap. 1.º e aí a sua decendencia.

CAPÍTULO V

1 — 5. Salvador Pires de Medeiros, foi capitão da gente de São Paulo pelos anos de 1620 como pessoa das principais da terra, que assim se declara na sua carta patente, registrada na Camara de São Paulo no livro de registro, título 1620, pág. 12. Foi grande paulista abundante em cabedais, estabelecido na serra, ou sitio do Ajuhá, onde teve uma fazenda de grandes culturas, e uma dilatada vinha, da qual todos os anos recolhia excelente vinho malvazia com muita abundância. Fundou a capela da gloriosa martir Santa Ignez (18), cuja devoção tomou por ter este nome sua mulher. Foi casada com d. Ignez Monteiro de Alvarenga, cognominada a Matrona. Em título de Alvarengas, cap. II. Esse capitão Salvador Pires com sua mulher fez doação a Bartholomeu Bueno das terras que o dito Pires herdara de seus pais por escritura de 1625 (19). E teve de seu matrimônio, naturais de São Paulo, nove filhos.

2 — 1. Alberto Pires .... § 1.º
2 — 2. Maria Fernandes Pires .... § 2.º
2 — 3. Antonio Pires de Medeiros .... § 4.º
2 — 4. Isabel Pires de Medeiros ...... § 4.º
2 — 5. D. Maria Pires de Medeiros ... § 5.º
2 — 6. Anna Pires de Medeiros ..... § 6.º
2 — 7. Bento Pires Ribeiro .... § 7.º
2 — 8. Maria Pires .... § 8.º
2 — 9. Salvador Pires de Medeiros.... § 9.º

§ 1.º

2 — 1. Alberto Pires, casou na matriz de São Paulo a 27 de Janeiro de 1682, com Leonor de Camargo, filha de Estevão Gomes Cabral, e de sua mulher Gabriela Ortiz de Camargo: em título de Camargos cap. 6.º. Deste matrimonio não teve fruto pela fatalidade que expomos. Foi Alberto Pires extremosamente amante de sua mulher. Em um dos dias de carnes tolendas, como chamam em Castela, e de entrudo no Brasil, quando Alberto Pires em brinquedos dos que o inveterado costume deste dias introduziu, sem desculpa na maior parte dos reinos da Europa, sucedeu receber Leonor de Camargo Cabral, do proprio marido uma limitada pancada na fonte da parte esquerda, e caiu no mesmo instante morta. Esta casualidade não teve testemunha de vista, que acreditassem a inocencia do sucesso, para ficar o marido livre da suspeita de homicida. Era Alberto Pires por natureza rustico (porque nele

(18) Cart. da Prov. da Faz. da Cap. de S. Paulo, L. n. 8 de sesmarias, tit. 1633, pág. 52. E Liv. n. 3, tit. 1618, pág. 23.
(19) Cart. de Notas de São Paulo, cad. maio de 1625, pág. 68.

não lavrou o buril da discrição de seus pais com a polícia em que criaram os filhos, civilizando-os com a doutrina das escolas dos pateos dos jesuitas do colegio de São Paulo, e com o repente da desgraça acontecida, destituido de prudencial discurso, se encheu de funestas imagens, mais filhas da ignorancia, que de temor, (se é que no mesmo interim se não deixou penetrar de diabolicas sugestões), e concebeu executar uma barbaridade por desmentir uma suspeita, sem o reportar de tão maligno intento o acordo de que na execução dele primeiro maculava a propria honra, do que libertava a sua inocencia. Para cumprir a funesta ideia que tinha concebido, fingiu um convite simulado. Mandou chamar Antonio Pedroso de Barros, seu cunhado (irmão de Fernão Paes de Barros, e Pedro Vaz de Barros, e outros da principal nobreza das familias de São Paulo) para que viessem entrudar; e, como é costume juntarem-se os parentes em uma casa, onde são banqueteados, se persuadiu que o convidado não faltava a esta rogativa, ainda quando não era distante o lugar de uma e outra casa. Fez Alberto Pires esperar o cunhado Antonio Pedroso em lugar oculto á entrada da fazenda, e emparelhando com o sitio da cilada, lhe fez tiro com um bacamarte, que o tinha preparado (com balas) para lhe não errar fogo, e conseguir efeito tão atroz insulto o matou. Conseguida esta barbara tirania, juntou a este cadaver o de sua mulher Leonor Cabral no mesmo sitio, onde executara o infame delito. Mandou logo chamar aos seus parentes a toda pressa e aceleração, e acudindo muitos, a estes publicou, que, em desagravo da sua honra, matara os adulteros que lhe ofendiam a pureza do tálamo sacramental cujos corpos estavam no mesmo lugar, onde tinham cometido a torpeza. Sem preceder o mais minimo acordo de reflexão se arrebataram os animos enfurecidos dos parentes do agressor Alberto Pires, que lhe aplaudiram a insolencia, como ação briosa, com que lava a mancha da sua deshonra no proprio sangue daqueles adulteros. Porém a Divina Providencia quiz que a inocencia não ficasse manchada, e se veiu a descobrir a realidade do acontecido sucesso de Leonor Cabral, brincando com seu marido, e a sugestão, que nele produzira tanto desacordo. Então os irmãos dos mortos em numeroso corpo de armas (cada partido solicitava o despique pela dôr que lhe ocupava) procuraram tambem lavar a ofensa da sua magoa no mesmo sangue do autor dela, tirando-se-lhe a vida a ferro frio. A matrona d. Ignez Monteiro (já neste tempo viuva), persuadida do seu grande respeito, se capacitou que segurava a vida de Alberto Pires, seu filho, recolhendo-o á sua casa e proteção, e com este conceito ficou a sua casa sendo sacrario, onde se julgava seguro, e bem oculto o insolente réu, a quem os magoados e ofendidos da familia de Camargos e da familia dos Pedrosos Barros protestavam beber-lhe o sangue ou pelos fios do ferro, ou pelas bocas das espingardas. Este vingativo e tumultuoso corpo, tendo certeza de que Alberto Pires se homisiava nas casas da fazenda de sua

mãi d. Ignez Monteiro, no silencio da noite encaminharam a sua diligencia para este sitio, e quebrando os foros do respeito desta matrona, lhe puzeram a casa em cerco; e a vozes pediam, que entregasse o filho, ou se lhe arrasava a casa a fogo e sangue; porém d. Inez Monteiro com briosa resolução, e catolico acordo, abriu as portas apresentando aos que as ocupavam uma sagrada imagem de Cristo crucificado, por cujas divinas chagas pedia a vozes, e com lagrimas, que não tirassem a vida a seu desgraçado filho Alberto Pires; que, pois a justiça tinha devassado das suas culpas, fosse esta quem governada pelas leis do principe soberano, lhe lavrasse a sentença para o castigo. Esta rogativa e eficaz suplica fez socegar os primeiros impulsos da paixão obstinada, e atento aquele tumulto a tão relevante ponderação suspenderam as armas, que tinham estado dispostas para serem disparadas em carga cerrada contra Alberto Pires.

Este foi preso e conduzido para São Paulo, onde dele tomou entrega a justiça; preparados os autos do processo, obteve sentença, que o fez conduzir ao porto de Santos para embarcar para a cidade do Rio de Janeiro, e de lá para a da Bahia, em cuja relação havia de o réu ser punido. D. Ignez Monteiro, logo que de São Paulo descera para a vila de Santos o desgraçado filho, se pôz em marcha por terra a demandar a vila de Paratí, e passar-se á cidade do Rio de Janeiro (onde por parte de seu pai tinha parentes da familia de Alvarengas de avultado merecimento), com firmes esperanças de libertar seu filho á custa de toda despesa de dinheiro. Com efeito a esta cidade chegou d. Ignez Monteiro de Alvarenga primeiro que o filho, porém a sumaca em que fora embarcado do porto de Santos, experimentando no mar contrarios ventos, teve arribadas, e por fim tomou o porto da Ilha Grande. Nela souberam os que iam tambem embarcados para maior segurança do réu, que sua mãi se achava na cidade, e esta certeza só bastou para os inimigos do infeliz preso Alberto Pires obrarem a barbara ação de que sahindo da Ilha Grande para o Rio de Janeiro, lhe puzeram ao pescoço uma grande pedra, e o lançaram vivo ao mar, em cujas aguas teve o seu sepulcro, e para logo fizeram com que a embarcação tomasse o rumo para a vila de Santos, o que executou o mestre da sumaca, ou porque o temor o venceu, ou o dinheiro o obrigou. Desta catastrofe se originou a destruição da grande casa de d. Ignez Monteiro, uma das maiores daquele tempo, da qual ainda hoje existem algumas cepas da sua grandiosa vinha, que ocupava um campo com quasi meia legua em quadro, que anualmente brotam, depois que nos meses de Agosto e Setembro costumam lançar fogo aos campos, para do verdor deles terem os gados vacuns e cavalares abundancia de pastos, verificando-se o antigo rifão que diz: campo que já foi vinha. Este sucesso, que temos narrado, só tem por documento a memoria dos velhos, comunicada de pais a filhos: é verdade que a prisão de Alberto Pires, sua funesta morte, ida de sua mãi á cidade do Rio de Janeiro, e rom-

pimento de armas para a sua prisão, não padece dúvida; e só não pode ser que a causa produtiva de tantos desconcertos fosse pela morte do cunhado Antonio Pedroso de Barros (seria outro o sujeito a quem tirou a vida Alberto Pires, quando viu morta sua mulher pela casualidade referida), porque este faleceu em 1651, e Alberto Pires seu cunhado casou em 1682. Parece-nos que a morte de Leonor Cabral de Camargo teve alguma circunstância na desconfiança de seus parentes, que preocupados da dor procuraram a vingança contra o cunhado Alberto Pires. Este não teve geração pela catastrofe referida.

§ 2.º

2 — 2. Maria Fernandes Pires, casou na matriz de São Paulo em 1644 com Gaspar Corrêa (irmão inteiro de Sebastião Fernandes Corrêa, 1.º provedor e proprietario contador da fazenda real da capitania de São Paulo), natural de Refoios de Ponte de Lima, filho de Gaspar Fernandes Corrêa e de sua mulher Maria Gonçalves. Faleceu Gaspar Corrêa em São Paulo a 9 de Outubro de 1686: sem geração (20).

§ 3.º

2 — 3. Antonio Pires de Medeiros, casou na matriz de São Paulo a 5 de Fevereiro de 1635, com Anna Luiza Grou, filha do capitão Simão Alves, e de sua mulher Maria Luiza Grou. (Em título de Jorges Velhos). E teve dois filhos:

3 — 1. Ignez Monteiro, primeira mulher de Francisco Paes da Silva, natural de São Sebastião, filho de.... (Em título de Lemes, cap. 5.º, n. 3 — 6 a n. 4 — 1, sem geração).

3 — 2. João Pires, faleceu solteiro.

§ 4.º

2 — 4. Isabel Pires de Medeiros, faleceu na vila da Parnaíba, onde foi moradora com seu marido Domingos Jorge Velho a 24 de Setembro de 1714. Em título de Jorges Velhos, cap. 1.º, § 2.º E a sua descendência em Velhos, cap. 5.º, § 5.º e seguintes.

§ 5.º

2 — 5. D. Maria Pires de Medeiros, casou na matriz de São Paulo a 3 de Outubro de 1639, com Antonio Pedroso de Barros,

(20) Cart. do 1.º tabelião de São Paulo, maço de inventário de Gaspar Corrêa com testamento.

filho de Pedro Vaz de Barros, capitão-mor da capitania de São Vicente e São Paulo, e de sua mulher d. Luzia Leme. Em título de Barros, cap. ... E em Lemes, cap. 5.º, § 6.º.

§ 6.º

2 — 6. Anna Pires, casou na matriz de São Paulo a 3 de Julho de 1629, com Antonio Bicudo de Mendonça, filho de Vicente Bicudo e de sua mulher Anna Luiz. Sem geração. Em título de Bicudos, n. 2, cap. 1.º.

§ 7.º

2 — 7. Bento Pires Ribeiro, cidadão de São Paulo, serviu todos os cargos da república, fez varias entradas ao sertão, feito capitão-mor da tropa; e não contente com o número grande que tinha já de indios reduzidos ao gremio da igreja, fez a última entrada no ano de 1669, e faleceu no sertão, estando casado com d. Sebastiana Leite, irmã inteira do governador Fernão Paes Leme. Em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, com sua decendencia (21).

§ 8.º

2 — 8. Maria Pires Fernandes, casou na matriz de São Paulo a 26 de Janeiro de 1667, com Francisco Dias Velho, natural e cidadão de São Paulo, filho de Francisco Dias e de sua mulher Custodia Gonçalves, dos quais temos já tratado retro no cap. 3.º, § 1.º, de Francisco Pires. Este Francisco Dias Velho foi fundador e capitão-mor povoador da ilha de Santa Catharina, onde fez relevantes serviços á real coroa, porque em aumento dela conquistou os indios bravos daquele sertão, e fundou a vila em dita ilha, que ao presente tempo é governada por um coronel governador com soldo de dois contos de réis pela entidade e natureza desta praça. Nesta ilha faleceu o dito capitão-mor povoador dentro da mesma igreja matriz, que á sua custa tinha feito construir de pedra e cal, e ornar com altar maior, e colaterais e imagens, quando os belgas, saltando naquela ilha para a roubarem, como fizeram, pondo fogo a tudo, se passaram para a igreja, para executarem o sacrílego atentado contra as sagradas imagens, que o dito capitão-mor com resolução católica e brioso animo quiz defender com a espada e broquel, até perder a vida dentro do mesmo sagrado templo, como mártir pela fé de Jesus-Cristo, em 1692 (22).

(21) Orf. de São Paulo, maço primeiro de inv. let. B., n. 2.

(22) Cart. de Orf. de São Paulo, maço 1.º let. F., n. 27. E sua mulher Maria Pires Fernandes faleceu em São Paulo muito depois do marido,

Seu pai Francisco Dias se fez opulento de arcos, cujos índios conquistou com armas no sertão, e gostando desta guerra tornou para a mesma conquista, e no sertão dos Patos e Rio de São Francisco para o Sul até o Rio-Grande de São Pedro: faleceu no ano de 1645. Sua mulher Custodia Gonçalves faleceu em São Paulo a 5 de Fevereiro de 1681 (23).

Este capitão-mor povoador Francisco Dias Velho, tendo acompanhado a seu pai nas entradas que fêz ao sertão dos gentios dos Patos, ficou-lhe herdando a disciplina e valor para conquistar gentios bravos do sertão da costa do Sul. No ano de 1673 mandou a este mesmo sertão a seu filho José Pires Monteiro, com cento e tantos homens de sua administração, com o intento de fazer povoação, onde melhor sitio descobrisse; e com efeito descobriu as excelentes terras da ilha de Santa Catharina o dito José Pires Monteiro, e logo nelas fez plantas.

Em 1675 foi em pessoa a esta sua povoação o capitão Francisco Dias Velho com novos gastos para se conseguir a dita povoação, onde esteve três anos, e voltou no de 1679, em que tudo o referido expôz no requerimento, que então fez na vila de Santos ao governador da capitanía, pedindo-lhe de sesmaria duas leguas de terra em quadra no distrito da ilha de Santa Catharina, onde já tinha igreja de Nossa Senhora do Desterro, correndo costa brava, e mais meia legua de terras de uma alagoa, onde já tinha fazenda e culturas; e mais duas leguas de terra defronte do estreito ou terra firme, onde tambem já tinha uma feitoria com uma legua de sertão, e outra de testada nas cabeceiras, onde chamam Cabeça de Bogio; e duas leguas em quadra começando do Rio Araçatyva. Tudo se lhe concedeu por sesmaria em atenção ao grande serviço que fazia a Sua Magestade com a nova povoação e fundação das terras de Santa Catharina. Esta representação e sesmaria se acha registrada no cartorio da provedoria da fazenda real de São Paulo, no livro de registros das sesmarias n. 13, título 1673, pagina 781.

Nesta ilha fez o capitão-mor povoador muitos serviços á real coroa, impedindo aos castelhanos não se estabelecerem nas terras da costa do Sul. Conquistou os indios que inficionavam o sertão. Dentro da mesma ilha em 1687 entrou um patacho inglez de arribada, cujo capitão era Thomas Frins, e pirata: o capitão-mór Francisco Dias foi a bordo, prendeu a este capitão e os mais inglezes, e baldeou para a terra por inventario todo o cabedal que lhe achou, e os remeteu presos á sua custa á vila de Santos, onde se achava então de correição o Dr. ouvidor geral da repartição do Sul Thomé de Almeida e Oliveira. Procedeu este ministro a áto de perguntas com o capitão inglez por interprete Lourenço Venesiano, com a presença do procurador da coroa Diogo Aires de Aguirra, a 26 de Fevereiro de 1688. Constou, pela confissão do

---

(23) Cart. de Orf. de São Paulo, let. C, n. 34 E maço 1.º let. F, n. 17.

dito capitão inglez, que da Inglaterra tinha sahido em uma frota de navios pequenos para Paraná do Porto Belo com 900 homens, e andaram feito piratas em terras da coroa de Castela, sendo seu general Samoloy, ao qual perdera de vista do porto de Calháo de Lima, e o não descobrira mais, nem a outros navios da sua conduta, por espaço de seis meses, que o procurara: que na barra da ponta em altura de 5 graos tivera encontro com castelhanos, que lhe mataram muitos homens, por cujo destroço os inglezes em vingança da rota lhes deram varios assaltos de pilhagem, até que em um assalto de um lugar de Porto Santo ficaram destruidos os inglezes em altura de 9 graos da costa do Sul, ficando só ele capitão com sete homens em o seu navio, e já falta de agua, para cujo remedio, e concerto de sua embarcação destroçada tinha tomado o porto de Santa Catharina, onde fora preso pelo capitão-mor Francisco Dias Velho, o qual lhe havia mandado inventariar toda a fazenda, que se achava em dito navio, que constava do mesmo inventario que havia remetido com ele capitão e seus companheiros.

Este grande cabedal ficou á R. F. devendo ao zelo do capitão-mor Francisco Dias Velho, cujo premio foi a morte que lhe deram os hereges quando em 1692 voltaram sobre a mesma ilha armados de força de gente, e lhe tiraram a vida dentro do proprio templo, como temos referido. Na mesma ilha de Santa Catharina com valor e animo rendeu um navio corsario, que tinha roubado, e saqueado a vila da Ilha Grande Angra dos Reis, de cujo assalto tinha recolhido grosso cabedal, assim dos moradores, como dos templos, tendo dantes feito estes piratas varias prezas em embarcações da costa com grande cabedal, o que tudo assim melhor consta no cartorio da provedoria da F. R. de São Paulo, no livro de registro n. 4, título 1686, pag. 10.

Teve do seu matrimonio doze filhos, dos quaes só existiam, no ano de 1692, sete, que foram os herdeiros da fazenda inventariada em São Paulo em dito ano de 1692, que foram:

3 — 1. Custodia Gonçalves, mulher do capitão Domingos Coelho Barradas, de cujo matrimonio foi filho o capitão Domingos Coelho Barradas, sogro do Quintana, e pai de Fr...

3 — 2. Anna Ribeiro (filha do § 8.º), mulher de Hieronimo Pinheiro Lobato: ela faleceu em São Paulo a 18 de Janeiro de 1727. (Residuo Ecclesiastico. A n. 24, maço 1.º, testamento de Anna Ribeiro). E teve quatro filhos:

4 — 1. Francisco Dias Velho, nobre cidadão de São Paulo, faleceu solteiro, deixando filhos mamelucos, havidos com Laura, mameluca alva.

4 — 2. Hieronimo Pinheiro Lobato, cidadão de São Paulo, faleceu estando casado com Francisca Xavier, filha de Antonio Lopes de Miranda e de sua mulher Marianna Rodrigues. Em título de Cunhas Gagos, cap. ... E deixou seis filhos nascidos em São Paulo:

5 — 1. João Pinheiro, morador no Pary, existe solteiro em 1770.

5 — 2. Joaquim Pinheiro, morador em Santana, idem.

5 — 3. Manoel Pinheiro, morador na freguezia de Jaguary, foi casado e existe viuvo. Sem geração.

5 — 4. Antonio Pinheiro, solteiro em 1770.

5 — 5. Rosa Maria, casou com Bento José de Figueiredo, filho do capitão Mathias da Costa de Figueiredo. Em título de Campos.

5 — 6. Manoela... casou com Ignacio Vaz, morador em Jaguary.

4 — 3. Maria de Jesus, casou com Antonio Gomes Villas Boas que faleceu em São Paulo em 1726 (24); natural de Mogy das Cruzes, filho de Thomé Moreira Velho e de Nataria Gomes. Em título de Godoys, cap. 2.º § 9.º. E teve tres filhas, Escolastica, Maria e Isabel casada com João Paes Xavier, irmão bastardo do padre Francisco Xavier de Garcia Forquim.

4 — 4. Anna Pinheiro, casou com Balthazar de Godoy Moreira, irmão direto de Antonio Gomes Villas Boas acima, que faleceu deixando seis filhos naturais de São Paulo.

5 — 1. Francisca de Godoy, está casada com João Mendes de Oliveira, irmão por parte de pai do M. R. P. M. Fr. Manoel Mendes de Oliveira.

5 — 2. Anna Maria Pires, foi raptada por Matheus Pinheiro Lobato, com quem casou, filho bastardo de Francisco Dias Velho, do n. supra 4 — 1, e por isso dispensados em segundo grao.

5 — 3. Marianna de Godoy, casada com Francisco Cardoso, natural de São Paulo, filho bastardo de Antonio Cardoso, havido em uma mameluca alva.

5 — 4. Thomé Dias da Silva, casou com... filha de Luiz Borges, do Bairro do O'.

5 — 5. Joaquim de Godoy, casado com Isabel de Zouros, filha de...

5 — 6. Salvador Pires, casado com uma mulata, chamada Isabel.

3 — 3. Ignez Monteiro (filha do § 8.º), mulher de João Freire Farto, filho de Romão Freire, e de sua mulher Luzia Bicudo. Ignez Monteiro faleceu em 1685. (Orphãos de São Paulo, maço 1.º, letro I n. 25). E teve dois filhos, Salvador e Antonio.

3 — 4. João Pires Monteiro, casou com Isabel Vaz, de cujo matrimonio foi filha Maria Pires, que casou com Paschoal Leite de Miranda, que faleceu em Taubaté a 28 de Novembro de 1740. Em título de Mirandas, cap. 11 § 10. Sem geração.

3 — 5. José Pires Monteiro, que povoou Santa Catharina com seu pai; casou com... filha de Francisco Luiz, natural de Aljubarrota. E teve:

---

(24) O autor pôz Antonio Moreira Villas Boas, riscou e depois pôz o mesmo, e ficou em duvida.

4 — 1. Salvador Pires Monteiro, faleceu no Pilar em 1753, cidadão de São Paulo, e foi casado com Anna Buena de Camargo, filha do mestre de campo Antonio de Camargo Ortiz e Albuquerque. Em título de Camargos, cap. § ... E teve cinco filhos, que são:

5 — 1. Victo Antonio.

5 — 2. José Pires Monteiro, soldado da recruta do Rio Pardo, e hoje soldado dragão do regimento do Rio Grande, onde existe.

5 — 3. Escholastica.

5 — 4. Josepha.

5 — 5. Gertrudes, casou em 1768 com Joaquim, filho de Antonio Corrêa Pires Barradas e de sua mulher Maria Buena. Em título de Buenos, cap...

4 — 2. José Pires Monteiro, casou com Josepha... são sogros do alfaiate torto Antonio da Costa, que dirá o mais.

4 — 3. Francisco Pires, existe em 1769, morador em sua fazenda em São Miguel, casado com Francisca...

4 — 4. Francisco... existe em 1769, solteiro, morador em São Miguel.

4 — 5. Isabel Pires, foi casada na Conceição com Estevão Forquim de Moraes, natural de São Paulo (irmão de d. Maria da Luz Forquim, filho do capitão Antonio da Luz Forquim. Em título de Forquins, cap. unico § 4.º.

3 — 6. Maria Pires (filha do § 8.º), casou com Pedro de Mattos, da familia dos Alvares Sousas; são pais de Maria Pires, que existe viuva de Antonio Jorge Pereira, que faleceu sem geração. (Residuo ecclesiastico, letra A, n. 82).

3 — 7. Bento Pires.

§ 9 e ultimo

2 — 9. Salvador Pires de Medeiros (filho ultimo do capitão Salvador Pires de Medeiros, do cap. 5.º), casou na matriz de São Paulo a 27 de Junho de 1638 com Dona Anna de Proença, filha de Francisco de Proença, e de sua mulher Dona Messia Bicudo. Em título de Proenças, cap. 1.º ou em título de Bicudos, n. 2.º cap. 5.º. E teve quatro filhos, que todos em tenros anos voaram para o céo.

CAPÍTULO 6.º

1 — 6. João Pires (filho de Salvador Pires do n. 2.º), foi nobre cidadão de São Paulo, e teve grande voto nas assembleas do governo político, como pessoa de muita autoridade, respeito e veneração. Foi abundante em cabedaes com estabelecimento de uma grandiosa fazenda de terras de cultura em uma legua de tes-

tada até o rio Macoroby, que lhe foi concedida de sesmaria em 1610 com o seu sertão para a serra de Juquery (25). Teve grande cópia de gados vacuns, cavalares, e de ovelhas; de sorte que, dotando a nove filhas, como veremos abaixo, cada uma levou duzentas cabeças de gado vacum, ovelhas e cavalgaduras. Tinha extraordinaria colheita de trigo todos os anos, e igualmente dos mais mantimentos e legumes. Com o seu grande respeito e forças sustentou, e teve de encontro o partido tambem grande da nobre familia de Camargos, quando em 1652 para 53 se puzeram em rompimento de armas estas duas opostas familias, Pires e Camargos; e João Pires por si só teve maior sequito com os mais do seu apelido, e de muitos neutrais, que o auxiliaram com poder de gente armada, como foi Garcia Rodrigues Velho, Fernão Dias Paes, e outros potentados em arcos, que dominavam. Estes belicosos movimentos, ou tumultuosos partos da ira e da paixão (por vezes chegaram a rompimento de batalha) temos narrado com pureza da verdade e fio chronologico em título de Camargos, cap. 2.º de José Ortiz de Camargo, onde se pode ler a causa e os efeitos destas antigas sedições civis entre Pires e Camargos.

Este João Pires, unico com seu amigo Fernão Dias Paes, pode vencer a odiosa lembrança com que os moradores de São Paulo repugnavam a instituição dos padres jesuitas, que tinham sido lançados do seu colegio para fora da capitania de São Vicente em 13 de Junho do ano de 1640, e obtendo eles da paternal clemencia do Sr. rei Dom João IV ordem para serem restituidos em 1647, ainda assim se não deram por seguros, e durou a sua expulsão até o ano de 1653, em que o respeito, amor e veneração de João Pires (declarado protetor dos jesuitas) mereceu aos moradores de São Paulo que recebessem aos padres com afabilidade, lavrando-se termo de transação e amigavel composição entre todos; assim se conseguiu em 14 de Maio de 1653. Esta transação, expulsão dos padres, requerimentos que houveram e foram apresentados ao Sr. rei Dom João IV por uma e outra parte, com tudo quanto deu causa para os paulistas expulsarem aos jesuitas do colegio de São Paulo e vila de Santos, temos historiado em título de Moraes, cap. 3.º pag. 35, onde se pode ler, visto que, havendo aqui ser lançada aquela narração, o não fazemos porque isto é apontamento que se ha de pôr em limpo.

Casou João Pires com Messia Rodrigues, da nobre familia de Garcias Velhos (teve origem em São Paulo de Garcia Rodrigues e Isabel Velho, que da cidade do Porto vieram casados, para a vila de São Vicente, muito no principio da sua fundação em 1534, de onde se passaram para a vila de Santo André da Borda do Campo, cujos moradores se transmigraram para o campo de Piratininga, de São Paulo pelos anos de 1560, por ordem do governador geral Mem de Sá, quando a primeira ves veiu a São Vicente neste

(25) Cart. da Prov. da Faz. Real de São Paulo, liv. de sesmarias n. 3, tit. 1618, pág. 214.

ano). Ela foi filha de Garcia Rodrigues, e de sua mulher Catharina Dias, natural de São Vicente, filha de Domingos Dias, natural de São Miguel da Lourinhã em Vimieiro e, de Antonia de Chaves, nobres povoadores da vila de São Vicente em 1531.

Em São Paulo faleceu Jão Pires em 8 de Julho de 1657, e foi sepultado na capela-mor da igreja do colegio dos jesuitas, cujo honroso jazigo lhe tinha concedido, para si e sua familia por linha reta, o reverendissimo padre geral Hieronimo Richet, em agradecimento de ter sido protetor dos padres para serem restituidos a São Paulo e no mesmo jazigo se sepultou sua mulher Messia Rodrigues, que faleceu a 18 de Outubro de 1618 (26). E teve do seu matrimonio doze filhos nascidos em São Paulo:

2 — 1. Maria Pires .... § 1.º
2 — 2. Messia Pires .... § 2.º
2 — 3. Anna Pires .... § 3.º
2 — 4. D. Catharina Rodrigues .... § 4.º
2 — 5. D. Margarida Rodrigues .... § 5.º
2 — 6. Messia Rodrigues .... § 6.º
2 — 7. Thomazia Rodrigues .... § 7.º
2 — 8. Maria Pires .... § 8.º
2 — 9. Maria Rodrigues .... § 9.º
2 — 10. João Pires Rodrigues .... § 10.º
2 — 11. Antonio Pires .... § 11.º
2 — 12. Hieronimo Pires .... § 12.º

§ 1.º

2 — 1. Maria Pires batizou-se a 9 de maio de 1641, e foi casada com Francisco Nunes de Siqueira, natural e nobre cidadão de São Paulo, que acabou com o cognome de Redentor da Patria. Deu-se aos estudos de gramática latina, e aproveitando-se desta lingua inclinou-se á lição dos livros forenses e ordenações do reino, em que teve bom aplauso entre os doutos do seu tempo, o que lhe serviu para saber governar a republica, e administrar a justiça nas vezes que teve o pesado emprego de juiz ordinario. Nas civis guerras entre Pires e Camargos, sendo remetidas as devassas de tantas mortes e insultos, que havia tirado o Dr. ouvidor geral da repartição do sul, no ano de 1653, Jão Velho de Azevedo, para a relação da Baía, foi eleito Francisco Nunes de Siqueira para passar a esta cidade com a comissão de agente e procurador bastante da familia dos Pires, e de tal sorte soube manejar a sua dependencia, que ao seu grande zelo, atividade e diligência se deve o alvará que concedeu o conde de Atouguia, D. Hieronimo de Atayde, governador geral do Estado, em 24 de outubro de 1655

(26) Orfãos de São Paulo, maço 1.º de inventário, letra I, n. 29, maço 2.º, letra M, n. 32.

a favor das duas opostas familias de Pires e Camargos; e estes receberam maior beneficio pelo perdão geral em nome da magestade ás culpas que lhes resultavam das ditas devassas, pelas quaes estavam compreendidos em pena capital; o que tudo se vê do contexto do mesmo alvará, que o temos copiado em *títulos de Camargos no capítulo 2.º*. Por este merecimento lhe tributou a patria quando se recolheu a ella (vindo da Bahia, no dia 25 de dezembro do mesmo ano de 1655), uma obsequiosa lembrança, fazendo-o retratar com verdadeira efigie, do mesmo modo com que fez a sua pública entrada, que foi a cavalo vestido de armas brancas, em Sela Hieronima, com lança ao hombro, bigodes á Fernandina, porque, saindo da Bahia por caminho de serra e sertão, chegou em breve tempo á patria, como se vê da data do alvará em 24 de novembro, na Bahia; e a sua entrada em São Paulo foi a 25 de dezembro, vencendo em 30 dias uma jornada, que só podia fazer em dous ou tres meses. A este retrato de Francisco Nunes de Siqueira se via a epigrafe, que dizia Redentor da Patria. Nós ainda vimos esta cópia, que se conserva em casa dos filhos do alferes Sebastião do Prado neste ano de 1769, tendo sido conservada na casa da Camara, onde foi posta e se conservou dentro da mesma casa até o ano, em que, sendo juiz ordinario o capitão Fernão Lopes de Camargo, este por advertencia do Dr. corregedor da comarca, o desembargador Manoel Godinho Manso, tirou da casa da Camara o dito retrato, de cujo poder passou para o alferes Sebastião do Prado Cortez.

Foi Francisco Nunes de Siqueira da antiga familia dos seus apelidos, tio direito de Maria de Siqueira, que foi mãi do reverendo, o Licenciado Matheus Nunes de Siqueira, clerigo, que tanto soube honrar a patria, e não menos seus irmãos, Francisco Jorge e Jacintho Nunes, ambos tambem clerigos de São Pedro; e tambem irmão de Antonio Nunes, que casou com Maria Maciel, de cujo matrimonio decendeu o honrado velho João Gonçalves da Costa, que acabou conego da Santa Sé, cathedral da sua patria, com mais de noventa anos de idade. Foram estes irmãos filhos de Manoel de Siqueira e de sua mulher Messia Nunes. Em título de *Nunes Siqueiras*, cap. 1.º. Em São Paulo faleceu Francisco Nunes de Siqueira, Redentor da Patria, com testamento a 8 de setembro de 1681. (Cartorio de orfãos de São Paulo, maço 2.º de inventarios, letra F, n. 36.) E teve tres filhos:

3 — 1. Simão Nunes de Siqueira, casou com D. Juliana de Oliveira. *Em título de Laras* cap. 6.º,§ 1.º.

3 — 2. Maria Nunes de Siqueira mulher de Paulo da Costa Pimentel, o qual faleceu em São Paulo e teve seis filhos, *Sebastião, João, Maria Miguel, Francisca e Jose.* (Orf. de São Paulo, maço 1.º de inv. letra P, n. 29).

3 — 3. Anna Maria de Siqueira, mulher de Luiz da Costa Rodrigues (irmão de Braz da Costa), natural de São Paulo, onde faleceu em 3 de maio de 1714, e teve dous filhos: *Gaspar,* que

faleceu solteiro, e *Francisco Nunes de Siqueira,* que neste ano de 1714 era morador em São João do Atibaia (27).

§ 2.º

2 — 2. Messia Pires Rodrigues faleceu em São Paulo com testamento a 26 de fevereiro de 1678 (28). E foi casada duas vezes: primeira, em 19 de agosto de 1641, com Antonio das Neves natural de Itanhaen, e nobre cidadão de São Paulo, irmão inteiro de Gaspar Gonçalves Ordonho, marido de Anna Moreira, de quem tratámos *em título de Godoy,* cap. 3.º, e sua decendencia; filho de Diogo Gonçalves, e de sua mulher Anna Lopes: segunda vez, casou com Diogo Fragoso Souto-maior, de quem não teve filhos: faleceu Antonio das Neves em São Paulo, a 20 de outubro de 1658 (29). E teve oito filhos do primeiro matrimonio.

3 — 1. João das Neves, casou com...

3 — 2. Manoel das Neves Pires, casou com Anna Gil de Camargo, filha de Manoel das Neves Gil, e de sua mulher, Maria de Camargo. Sem geração. *Em título de Camargos,* cap. 1.º, § 10.

3 — 3. José das Neves, casou com *Marianna Gil de Camargo,* filha de Manoel das Neves Gil, supra, em título *de Camargos,* cap. 1.º, § 1.º. E foram pais de Josepha das Neves mulher de Marcelino Lopes de Camargo. Em titulo de *Camargos, cap.* 4.º, § 8.º.

3 — 4. Diogo das Neves Pires, faleceu a 24 de maio de 1728, em São João de Atibaya (Resid. Eccles. testamentos, Letra D.); casou com D. Anna da Silva Leite de Miranda. Em *titulo de Mirandas, cap.* 4.º, § 6.º. E teve dous filhos: Anna... porque o filho Diogo das Neves Pires faleceu solteiro.

3 — 5. Antonio das Neves, nasceu em 1646.

3 — 6. João Pires das Neves, foi nobre cidadão de São Paulo, muito abastado, e com grande tratamento. A sua fazenda era um como arraial pelas casas que tinha com numerosa escravatura, pretos e mulatos, e estes oficiais de artes fabris e mecanicas, os quais trajavam calçados. Casou na vila de Santos, com D. Maria Barbara do Souto-maior, de qualificada nobreza, por ser filha de Antonio Barbosa Souto-maior, natural de Lisboa (irmão de Francisco, cavaleiro da ordem de Cristo, que veiu a Santos), e de sua mulher D. Catharina de Mendonça, natural da vila de Santos. Faleceu João Pires das Neves, sem geração, a 14 de maio de 1720 (Cart. de orf. de São Paulo, maço 4, de inv. letra I, n. 23), e sua mulher Maria Barbosa, já quinquagenaria, casou com o sargento-mor Manoel Cardoso da Silva Bueno.

---

(27) Cart. 1.º de Notas de São Paulo, maço antigo de invent. o de Luiz da Costa Rodrigues.
(28) Cart. de Orfãos, maço 3.º de invent., letra M. n. 11.
(29) Idem, letra A, n. 29.

3 — 7. Maria das Neves, casou com José de Camargo Ortiz, nobre cidadão de São Paulo (filho de Fernando de Camargo, e de sua mulher Marianna do Prado. Em titulo *de Camargos cap.* 1.º, § 3.º. Ele faleceu a 22 de junho de 1713: ela com testamento a 2 de julho de 1694 (30). E teve oito filhos:

4 — 1. Fernando de Camargo Pires casou com Isabel Borges da Silva, filha de Sebastião Borges da Silva, que faleceu em 1719, e de sua mulher Maria da Silva, filha de Gonçalo Lopes e Catharina da Silva: *em título de Lopes,* cap. 4.º.

4 — 2. Antonio de Camargo Pires.

4 — 3. José de Camargo Neves, casou com Marianna Bueno, filha de Bartholomeu Preto Moreira: *em título de Buenos,* cap. 1.º, § 8.º n. 3 — 4.

4 — 4. Anna Maria de Camargo, mulher de Fernando de Godoy Moreira.

4 — 5. Isabel de Camargo, faleceu a 16 de agosto de 1726, casada com Pedro da Silva Borges, natural de São Paulo, filho de Sebastião Borges da Silva, e de sua mulher Maria da Silva, supra n. 4 — 1. E teve dous filhos:

5 — 1. Ignacio Borges da Silva.

5 — 2. Sebastião Borges da Silva, que faceleu solteiro, ambos de São João do Atibaya e cidadão de São Paulo e Ignacio Borges, casou com Maria Vaz da Silveira, filha de Miguel Gonçalves Morgado, e de Maria Vaz da Silveira, sua mulher. E teve cinco filhos naturais da Conceição, que foram:

6 — 1. José Ortiz da Silva.

6 — 2. Joaquim Borges da Silva.

6 — 3. Ignacio Borges da Silva.

6 — 4. Anna Maria de Camargo, casada com Manoel Rodrigues de Godoy, natural de Mogi, filho do sargento-mór Domingos Rodrigues Freire. Em título de Godoys.

6 — 5. Rosa Maria, solteira, em 1769.

4 — 6. Messia, foi beata carmelita.

4 — 7. Marianna, idem.

4 — 8. Anna Maria de Camargo, faleceu solteira.

3 — 8. Maria das Neves, casou com José Domingos.

§ 3.º

2 — 3. Anna Pires, foi casada com João Gago da Cunha. *Em título de Prados,* cap. 5.º, § 7.º.

---

(30) Cart. 1.º de Notas de São Paulo, maço de invent., o de Maria das Neves.

§ 4.º

2 — 4. D. Catharina Rodrigues (filha de João Pires, do cap. 6.º). Casou com Manoel Dias da Silva, o Bixira de alcunha, natural da vila de Aveiro e nobre cidadão de São Paulo, onde serviu todos os cargos da República. Faleceu em São Paulo, a 6 de março de 1677 (31), e foi sepultado na igreja dos padres jesuitas, no jazigo concedido a seu sogro João Pires, como já referimos no cap. 6.º. Ordena no seu testamento que se continuem com as missas que annualmente costumava mandar dizer à Nossa Senhora do Socorro, da cidade de Santa Fé. Foi irmão inteiro de Pedro da Silva Castro, conego doutoral da Sé de Leiria, e de D. Sebastiana, mulher de... que foram pais de Roque Pereira de Macedo, fidalgo da casa de Sua Magestade professo da ordem de Christo, senhor da casa e morgado de Verride, caudelmor da comarca de Coimbra casado com D. Berarda, que são os pais de D. Francisca Joaquina de Horta Forjaz, primeira mulher de Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa de Sua Magestade, alcaide-mor da cidade da Baía comendador das comendas de Santa Maria de Alverca e de São Fernando de Ayperera, ambas da ordem de Christo guarda-mor geral, proprietario das minas de ouro e mestre de campo dos auxiliares de um terço do Rio de Janeiro. Este, Manoel Dias da Silva, o Bixira, com seus irmãos, foi filho de Antonio André Pardamo e de sua mulher D. Isabel João de Castro, de tanta nobreza, como constou no tribunal da mesa da conciencia de Lisbôa nas provanças de seu neto, o mestre de campo Manoel Dias da Silva para tomar o habito da ordem de Christo. Penetrou a provincia de Paraguai até a cidade de Santa Fé, e se recolheu rico e abundante de prata. Teve em São Paulo grossa fazenda de culturas com excessivas colheitas de trigo e grande criação de ovelhas e gados vacuns. E teve oito filhos:

3 — 1. Antonio da Silva de Medeiros.
3 — 2. Alexandre Corrêa da Silva.
3 — 3. Domingos Dias da Silva.
3 — 4. João Dias da Silva.
3 — 5. Manoel Dias da Silva.
3 — 6. D. Messia da Silva e Castro.
3 — 7. Sebastiana da Silva.
3 — 8. D. Isabel da Silva.

3 — 1. Antonio da Silva de Medeiros, foi para Coimbra junto com seu irmão Alexandre Corrêa da Silva, e tendo tomado o capelo, não seguiu as cadeiras daquela universidade, porque estando ordenado de clerigo, foi chamado para a cadeira doutoral da Sé de Leiria, que ocupava seu tio direito, o Rev. Dr. Pedro da Silva e Castro, que neste sobrinho fez renuncia, estando já muito

(31) Orf. de São Paulo, maço 4.º de invent., letra M. n. 10.

avançando em anos. Nesta cadeira acabou a vida o conego doutoral Antonio da Silva de Medeiros.

3 — 2. Alexandre Corrêa da Silva tomou em Coimbra o capelo e foi lente muitos anos. Naquela república de letras não esquecerá o nome deste seu benemerito filho, porque ditando uma postila á lei Galas, até agora é aplaudida sem alteração, e é citado muitas vezes o preceptor Corrêa (* Isto foi antes da reforma, porque depois dela já não ha nem se citam semelhantes postilas). Das cadeiras passou para os tribunais de Lisboa; e no da casa de suplicação o achamos no ano de 1709, corregedor do civel da corte. Foi conselheiro do ultramar, e falecendo em 14 de novembro de 1726 o conde de São Vicente, presidente deste tribunal, lhe substituiu o conselheiro Alexandre Corrêa da Silva até o seu falecimento. As suas grandes letras e virtudes (foi de vida exemplar) o fizeram digno da real estimação do fidelissimo rei o sr. Dom João V, como abaixo veremos. Foi dotado de uma grande esfera e claridade de engenho, o que adornava com ações de um animo cheio de socego e tranquilidade. Tendo feito grandes serviços, nunca jámais pediu mercê para si ou para outrem (condição de que se adornam os paulistas, que só fazem gloria de consumir as fazendas e as vidas no serviço do seu rei e natural senhor, sendo eles totalmente os que conquistaram os bravos gentios do sertão da Bahia em 1672 até 1674, como fica historiado em título de Camargos, cap. 8.º: os do sertão do Rio de São Francisco até o Ceará, como mostrámos em título de Prados, cap. 6.º, § 3.º,: os que penetram o sertão desde São Paulo, até o Maranhão, como declarámos em título de Lemes, cap. 5.º, § ... tratando de Sebastião Paes de Barros, os que acudiram por muitas vezes a socorrer a praça de Santos, a do Rio de Janeiro e a de Pernambuco, como se mostra em título de Rendons: os que fizeram descobrimentos de minas de ouro e ferro em São Paulo em 1597; e os mais descobrimentos de minas tambem de ouro em Parnaguá e Coritiba em a ribeira de Iguape, chamadas minas de Cananéa, em Parnampanema e Apiaí, em Minas-Gerais de Cataguazes e Sabarábuçú em 1695 até 1700, as do Cuiabá em 1719 até 1720, as de Mato-Grosso em 1736, as de Goiázes com o dilatado tempo de tres anos e tres meses, desde 1722 até 1725. E finalmente as minas das esmeraldas em 1681; e por causa d'este descobrimento se conheceram os diamantes do Serro do Frio, que primeiro os descobriu o mesmo descobridor das esmeraldas Fernão Dias Paes.

Chegou a ser tão isento, que nem ainda para seus irmãos, moradores de São Paulo, ocupou jámais a lembrança, sendo eles dignos de ser premiados por seus grandes serviços, como foram os que fez o capitão-mor e brigadeiro Domingos Dias da Silva e João Dias da Silva. Foi cordialmente devoto do inefavel misterio da Conceição da Senhora, em cuja reverencia ouvia missa todos os dias com silenciosa religião e devoção catolica, todo o tempo que durava este inocente sacrificio. Nunca concebeu paixão, ou

menor alteração entre o confuso tropel de pretendentes que o procuravam, de tal sorte, que quando saía da casa para a do conselho lhe faziam parar a carruagem, pegando-lhe nos cordões, porque a sua sege nunca passou desta categoria, e lhe introduziam memoriais, que recebia com afabilidade e compaixão; e por isso, quando aparecia dentro do tribunal, ia carregado de papeis, que os acomodava dentro da pobre beca (nunca ela passou de um crepe vulgar), e dela os ia sacando para os examinar em utilidade dos pretendentes. Dos rendimentos, que recebia anualmente, tinha feito aplicação em obras pias, que executava o paroco da freguezia dos Anjos, seu vizinho, e por amigo confessor e diretor, e só reservava, com limitação, o que bastava para sua sustentação, e de um criado, e uma ama velha, que era a cozinheira: rezava de joelhos todos os dias das duas horas da tarde para diante o oficio divino, com tanta devoção que, estando neste santo exercicio, cerrada a porta do seu quarto interior, não dava assenso ao maior tropel de carruagens, que chegavam á porta da rua. Foi caso muito divulgado na Corte de Lisboa, que, chegando o Conde de São Vicente, de quem já fizemos menção, á sua casa, e subindo as escadas dela para falar ao conselheiro Alexandre Corrêa da Silva, lhe disse o criado que seu amo tinha cerrada a porta do seu quarto interior, porque estava rezando o ofício divino, e enquanto durava a sua devoção não falava a pessoa alguma. Foi este cavalheiro tão benigno, que se dignou esperar que o conselheiro acabasse o seu devoto exercicio, e quando ele, tendo concluido este religioso costume, foi a buscar ao Conde, foi já pedindo-lhe perdão de não acudir prontamente, e lhe disse estas palavras com muita humildade e reverencia: "Exm. senhor, quem está falando com o Creador não se deve abstraír para falar com a creatura." E o benigno Conde, acreditando-se tambem bom catolico, lhe não estranhou a demora, antes louvando-lhe tão piedoso emprego contou muitas vezes este lance a outros cavalheiros, aplaudindo a exemplar vida e virtudes do mesmo Alexandre Corrêa da Silva.

Em todo o tempo deste o em que vestiu a toga, que foram muitos anos, pois acabou de avançada edade, tendo nascido em São Paulo no de 1658 (Cartorio de orfãos, maço 8.º de inventarios, letra M. n. 10), nunca jamais vestiu seda, sendo a sua maior gala o crepe, e sendo tão pobre esta droga, ainda assim mesmo trazia a beca tão velha, que se lhe divisavam os fios do pano, e algumas pessoas de muita autoridade, bastando por todas o Exm. marquez de Alorna, d. Pedro de Almeida, que, sendo conde de Assumar, governou a capitania de São Paulo até o ano de 1721, nos comunicaram na corte de Lisboa, nos anos de 1755 e 1757, que a beca do conselheiro Alexandre Corrêa da Silva sempre andava remendada; e para desculpar-se (contra os reparos dos que lhe podiam acusar de menos asseiado, e decencia de um ministro tão caraterisado) costumava dizer, que queria menos adornado o corpo pelos vestidos, do que a sua alma pelas esmolas. Em um

dia do mês que ignoramos, do ano de 1728, contando de edade 70 mais ou menos, recolhendo-se do consêlho ultramarino, logo que chegou a casa, mandou chamar a seu paroco, amigo, confessor e diretor da freguezia dos Anjos, que, vindo prontamente, disse que era chegado já o tempo de ir dar conta no tribunal divino, pois que ao do ultramar não voltaria mais no serviço do rei da terra; que para os bens da sua alma conservava certa porção de dinheiro, que logo lhe entregou, pedindo-lhe que no dia seguinte se dissessem as missas da freguezia por sua tenção com um oficio de defuntos de tres noturnos, e cantochão, o que se repetiria tambem do mesmo modo no segundo e terceiro dia, o qual havia de ser o de sua morte. Instou-lhe o Rev. paroco persuadindo-o, que da perfeita saúde com que se achava sem novidade alguma, que lhe ocupasse o socego e tranquilidade de espirito, que gozava, se não devia esperar o fim da vida em tão breve termo como o de três dias: porém ele, constante no vaticinio, e como predizendo a sua morte, lhe rogou com eficacia, que se cumprisse o que lhe pedia, pois tinha já chegado o fim de seus dias; deitou-se na cama e dispondo-se como bom catolico confessou-se e recebeu o sagrado viatico (prostrado já dās forças no decurso de 24 horas), e no terceiro dia o sacramento da Extrema-Unção, com muita ternura, e atos de amor de Deus, aparelhando-se para aparecer no supremo tribunal, tendo feito o seu testamento. Acabou a vida no terceiro dia com grandes demonstrações de verdadeiro arrependimento. O Sr. Dom João V, que na tarde do mesmo dia, em que foi chamado o parocho da freguezia dos Anjos, teve noticia do que havia disposto por sua alma o desembargador Alexandre Corrêa, e cheio de paternal clemencia, mandou que os medicos da sua real camara lhe fossem assistir, e se lhe provesse de todo o necessario para restaurar-se-lhe a vida á custa de todo o dispendio; porém os medicos reconheceram pela debilidade do pulso que com efeito a doença era mortal. Disto mesmo se deu conta, a sua Magestade, e depois tambem se lhe deu conta da sua morte, e suma pobreza em que acabara, como constava já pela abertura do testamento que tinha feito, no qual pedia pelo amor de Deus ao provedor da santa casa da Misericordia que lhe mandasse enterrar o cadaver, pois nada possuia, porque as casas eram alheias, em que vivia por aluguel, e sem moveis de valor, a sege velha, e sem prestimo para uso dela. Então a real grandeza daquele principe fazendo vir á sua presença este testamento quiz dar a conhecer á sua corte, e reino o como sabia honrar a um ministro tão adornado de letras, e virtudes, que havia consumido os anos em seu atual serviço e nos de el-rei seu pai. Por determinação régia foi o cadaver depositado na Igreja paroquial dos Anjos, de donde foi conduzido para o jazigo, que lhe destinou a eleição do mesmo monarca, que foi o em que descançavam as cinzas daquele benemerito ministro o Guerreiros, passando o corpo por entre duas alas de tochas, que estavam formadas da porta da igreja dos Anjos até as do templo

onde se lhe deu sepultura, acreditando-se nesta extraordinaria despesa o paternal amor de sua magestade.

Por ordem do rev. paroco dos Anjos, seu antigo confessor e diretor, foi o cadaver coberto de flores, ornada a cabeça com capela das mesmas flores, levando nas mãos uma palma como insignia da pureza, que soube conservar aquele corpo nos muitos anos que teve de vida, e o não deixou manchar do comum estrago da natureza pelo ardor e estímulos da carne.

Declarou no seu testamento que era natural da cidade de São Paulo, sem herdeiro algum ascendente, ou descendente. Deixou os seus serviços todos a seu primo co-irmão Roque Pereira de Macedo, morgado de Verride, em remuneração dos beneficios e amor que lhe era devedor em todo o tempo que residiu em Coimbra. Como seu pai Manoel Dias da Silva quando faleceu ainda tinha grandes cabedais, porque só em gados vacuns se inventariam 240 cabeças, muitos cavalares e ovelhas, das Indias de Hespanha, quando pela província do Paraguai penetrou o sertão trouxe muita nota quando se recolheu a São Paulo e passou ao reino, levando consigo os filhos, mais para seguirem os estudos debaixo da doutrina do rev. conego doutoral Pedro da Silva Castro, de sorte que, quando faleceu, como fica referido, em 1677, já os filhos estavam em Coimbra, o então contava de edade o Alexandre 19 anos, e Antonio 24, como se vê do corpo do testamento e inventario do dito Manoel Dias da Silva supracitado.

3 — 3. Domingos Dias da Silva, (filho de Manoel Dias da Silva do § 4.º), casou a 12 de Fevereiro de 1684 na matriz de São Paulo com d. Leonor de Siqueira. Em titulo de Taques Pompeos, cap. 3.º, § 1.º, n. 3 — 5, onde tratamos dos honrosos empregos que teve o brigadeiro Domingos Dias da Silva e descendencia que teve.

3 — 4. João Dias da Silva foi nobre cidadão de São Paulo, em cuja república teve grande parte, e voto respeitoso nas materias do governo civil, ou do real serviço: tratando-se por assembléa. Foi juiz de orfãos por provisão de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, pela qual tomou posse em 16 de Julho de 1711, e estando servindo teve provisão régia para servir até haver proprietario, e nela se faz menção de ser o dito João Dias o que mandou fazer cofre de três chaves para segurança dos orfãos; ser das primeiras familias de São Paulo; haver sido provedor dos reais quintos e procurador da coroa; e que entrando o francês no Rio de Janeiro em 1711, estando sendo juiz de orfãos, assim mesmo acudiu em pessoa de socorro a Santos com gente armada á sua custa (32). Nestes cargos e ocupações soube sempre acreditar aquele honroso conceito, estimação e aplauso que desfrutou dos governadores e capitãis generais e ouvidores de São Paulo, desde o tempo de Arthur de Sá e Menêses em 1698 até Rodrigo

(32) Cart. da Cam. de São Paulo, liv. de registros, tit. 1708, pág. 239. E Livro de Vereanças, tit. 1701, pág. 165.

Cesar de Menêses, em tempo de quem faleceu o provedor dos reais quintos João Dias da Silva em 9 de Abril de 1736 (33).

Foi casado duas vezes: primeira com d. Isabel da Silva, filha de João Leite de Miranda, que faleceu a 21 de Janeiro de 1715 (34), e de sua mulher Ana da Silva. Em titulo de Mirandas, cap. 4.º, § 1.º. Neta por parte materna do capitão-mor Francisco da Fonseca Falcão, cavaleiro da ordem de Cristo (que faleceu na vila de Santos tendo sido capitão-mor governador da capitania de São Vicente e alcaide-mor dela pelos anos de 1644; em titulo de Proenças Abrêos), e de sua mulher d. Maria da Silva, natural de São Paulo. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 4.º, n. 3 — 4. Falecendo d. Isabel da Silva em 9 de Novembro de 1710 (35). Casou segunda vez João Dias da Silva com d. Marianna Bueno de Oliveira, sem geração: em titulo de Buenos, cap. 1.º, § 8.º, n. 3 — 11.

E teve do primeiro matrimonio cinco filhos naturais de São Paulo.

4 — 1. José da Silva.
4 — 2. Antonio da Silva.
4 — 3. Angelo da Silva Corrêa.
4 — 4. d. Maria da Silva.
4 — 5. d. Isabel da Silva.

4 — 1. José da Silva casou com d. Maria de Siqueira Paes, irmã direita de d. Antonia Paes, mulher de Clemente Carlos, e foi de morada para as Gerais, Rio das Mortes, deixando em São Paulo sua filha unica Maria de Siqueira Paes em casa de sua avó materna, que depois em idade de 20 anos mais ou menos se passou para a companhia de seus pais moradores em São João d'El-Rei, onde a casaram com Manoel Martins Gomes, por alcunha o Barra, natural de Portelo, termo de Barcelos, freguezia de São Verissimo.

Faleceu em São João d'El-Rei a 18 de Agosto de 1769, e teve nascidos naquela vila:

6 — 1. Manoel Felix de Siqueira Martins, demente.
6 — 2. Antonio Manoel de Siqueira Martins.
6 — 3. José Manoel de Siqueira Martins, tenente de cavalaria auxiliar.
6 — 4. Angelo Martins de Siqueira, alferes de cavalaria de Tamanduá.
6 — 5. Francisco Xavier de Siqueira Martins.
6 — 6. Maria Antonia Felisberta Dias, casada com o alferes Januario Pereira Dias.
6 — 7. Antonia Maria, solteira.
6 — 8. Joaquim Antonio de Siqueira Martins.

---

(33) Cart. de Orf. maço 3.º de invent, letra I, n. 46.
(34) Orf. de Parnaiba, invent. letra I, n. 475.
(35) Orf. de São Paulo, maço 4.º, letra I, n. 17.

A dita d. Maria Pais de Siqueira estando viuva de José da Silva casou segunda vez com José Ferreira Barreto, de quem teve naturais de São João d'El-Rei dois filhos; Josepha Ferreira Barreto, casada com Pascoal Alves, de quem é filho entre outros o padre Antonio Alves Ferreira, clerigo de São Paulo; eu o conheci em Coimbra, onde tomou o grau de licenciado na faculdade de teologia pelos anos de 1782, e se recolheu para a patria, São João d'El-Rei (*).

4 — 2. Antonio da Silva (filho de João Dias da Silva), o Papudo, senhor que foi da quinta que neste ano de 1769 a possue o juiz ordinario Ignacio de Barros Rego, e tendo ocupado os honrosos cargos de cidadão de São Paulo, passou para a Vila Bôa de Goiazes, onde foi o 1.º juiz ordinario depois de aclamada a vila, pelas honradas informações que dele tiveram o general d. Luiz Mascarenhas e o desembargador superintendente geral Agostinho Pacheco Telles. Casou com d. Anna Pires, filha de Manoel Corrêa Penteado, nobre cidadão de São Paulo e Parnaiba, e de sua mulher d. Beatriz de Barros. Em título de Lemes, cap. 5.º, §... e em Penteados, cap. 4.º. E teve tres filhos em São Paulo:

5 — 1. João da Silva.
5 — 2. Ignacio Dias.
5 — 3. Alexandre Dias da Silva.

4 — 3. Angelo da Silva Corrêa, que, abandonando o progresso das letras, se passou para minas do Cuiabá, onde faleceu pobre de cabedais.

4 — 4. D. Maria da Silva, mulher do capitão Pedro Fernandes de Avellar, nobre cidadão de São Paulo, que era viuvo, e faleceu em Papuã. Em título de Lemes, cap. 1.º, §... E teve:

5 — 1. Pedro...
5 — 2. José da Silva, soldado dragão em Goiaz...
5 — 3. Gertrudes...
5 — 4. D...
5 — 5. D...
5 — 6. D..., mulher de Antonio Jorge Chassin...

4 — 5. D. Isabel da Silva faleceu em 1765, tendo sido casada com Antonio Rodrigues de Zouros, natural de São Paulo, filho de Fabião Rodrigues. E deixou quatro filhos:

5 — 1. Isabel da Silva.
5 — 2. João Rodrigues Leite.
5 — 3. Maria da Silva, faleceu solteira.
5 — 4. Escolastica Pires da Silva Leite, está casada com Luiz Manoel do Rego, natural da Vila Nova da Cerveira, filho de

(*) Nota de Diogo Ordonhes.

Antonio da Silva e de Maria do Rego, da dita vila, freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

3 — 5. Manoel Dias da Silva (filho de Manoel Dias da Silva, do § 4.º, retro), nasceu em 1655, e quando faleceu seu pai em 1677, ainda existia solteiro; entendemos que neste estado faleceu.

3 — 6. D. Messia da Silva e Castro, faleceu a 21 de Janeiro de 1720, tendo nacido em 1654, e foi casada com Estevão da Cunha de Abreu, natural e nobre cidadão de São Paulo, que nasceu em 6 de Novembro de 1641 e faleceu a 8 de Março de 1726 (36). Foi filho de Antonio da Cunha e Abreu, natural da freguezia de Tolãis, termo da vila de Bastos, arcebispado de Braga, e de sua mulher Isabel da Silva, natural de São Paulo, em cuja matriz casaram a 7 de Julho de 1633, e ela faleceu a 11 de Setembro de 1664 (37). Em título de Forquins, cap. 2.º, do segundo matrimonio de Claudio Forquim Francez, ou em de Lemes, cap. 2.º, § 3.º, p. 72-2-3.

Este Antonio da Cunha e Abreu assentou praça de soldado de fortuna em 1625, que em Portugal se preparou uma armada para vir restaurar a cidade da Bahia, que se achava ocupada pelos holandeses, que a invadiram a 9 de Maio de 1624, como temos historiado em título de Rendons. Por ocasião deste real serviço veiu em praça de soldado distinto da companhia do capitão-mor d. Francisco de Moura, na dita armada. Restaurada a Bahia, não se quiz conservar ocioso, porque no fim do ano de 1639 embarcou na armada com o conde da Torre de Pernambuco, quando para ela saíu de São Paulo o socorro dos capitães de infantaria de peças espanholas, com soldo de quarenta escudos por mês, por ordem do mesmo conde da Torre expedida a Salvador Corrêa de Sá e Benavides, que ficou esta recruta de paulistas do zelo e atividade do capitão d. Francisco Rendon de Quebedo, como já historiamos em dito título de Rendons, n. 2.º. Neste socorro foi Antonio da Cunha de Abreu (estava casado, como temos referido, em 7 de Julho de 1633), e na Bahia embarcou com o conde da Torre para Pernambuco; e voltando para a Bahia, pelo sertão dentro desde o porto de Touro, com todos os paulistas que logo na Bahia foram agregados ao mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, tornou para Pernambuco com d. Antonio Oquendo, e se achou o dito Abreu em todos os assaltos, assim em terra, como no mar, servindo sempre a Sua Magestade á sua custa. Todo o referido se vê no cartorio da provedoria da fazenda real de São Paulo, no livro de registo n. 10, título 1.643, pag. 85, quando o mesmo Abreu fez em São Paulo relação dos seus muitos serviços e se achava em terras para cultura, e se lhe concedeu em 1644 meia legua de

(36) Cart. de Orf. de São Paulo, maço 3.º de invent., let. M, n. 12, nos autos de sua mulher d. Messia da Silva.

(37) Idem, maço 2.º, letra I, n. 29.

terras de sesmaria, em terra de indios, começando da roça de Claudio Forquim, rio de Itaquera abaixo.

Foi Antonio da Cunha e Abreu cidadão de São Paulo, que ocupou os cargos honrosos da república como pessoa que teve grande aceitação e veneração por sua nobreza e ações. Foi irmão inteiro de Belchior da Cunha, que tambem veiu na armada a Bahia, e casou em São Paulo, a 8 de Outubro de 1636, com Suzanna de Góes, filha de Domingos de Góes. Em título de Góes Mendonças, cap. 1.º, § 2.º, n. 3 — 7. Em Portugal ficou o irmão mais velho Francisco Teixeira da Cunha, o qual em 1622, em Aquitan de Marcelos, perante o juiz ordinario e o tabelião Sebastião Navarro, provou por títulos, que ele e seus irmãos Belchior e Antonio da Cunha de Abreu, eram legitimos decendentes dos verdadeiros Cunhas, Coutinhos, Abreus e Carvalhos; e que seus avós e bis-avós foram parentes de Pedro da Cunha Coutinho, senhor da vila de Bastos e de outros conselhos, e que sempre se trataram todos nobremente com criados, cavalos, e armas. O instrumento trouxe Antonio da Cunha de Abreu, justificado por India e Mina, e bem autenticado no Brasil, e se acha em um dos cartorios dos tabeliães de São Paulo, em autos de justificação de seu neto, o sargento-mór Claudio Forquim de Abreu, da qual foi escrivão o tabelião José de Barros. 1749.

Do matrimonio de d. Messia da Silva e Castro e Estevão da Cunha e Abreu, nasceram em São Paulo sete filhos:

4 — 1. Pedro Dias da Silva.
4 — 2. Claudio Forquim de Abreu.
4 — 3. Antonio da Cunha de Abreu.
4 — 4. D. Catharina da Silva.
4 — 5. Estevão da Cunha de Abreu.
4 — 6. Manoel Dias de Abreu.
4 — 7. Francisco da Cunha.

4 — 1. Pedro Dias da Silva, foi nobre cidadão de São Paulo, que ocupou todos os cargos da república.

4 — 2. Claudio Forquim de Abreu, nobre cidadão de São Paulo, que ocupou todos os cargos da república, e foi sargento-mor dos auxiliares casou com d. Leonor de Siqueira e Albuquerque que ainda existe em 1769. Em título de Camargos, cap. 1.º, § 6.º, n. 5 — 6, com geração.

4 — 3. Antonio da Cunha de Abreu, nobre cidadão de São Paulo, com grande voto nas assembléias do governo politico pelo seu respeito, veneração e inteireza de verdade, por sua acreditada e aplaudida honra ocupou todos os cargos da república repetidas vezes; e os da milícia até o posto de coronel do regimento das ordenanças de São Paulo, em que acabou na freguezia de São João do Atibaia, onde tinha sido casado com d. Maria Franco de Oliveira, de quem e seus nobres ascendentes tratamos em título de Camargos, cap. 4.º, § 1.º, n. 3 — 5. E teve seis filhos:

5 — 1. João da Cunha Franco, nobre cidadão de São Paulo, que tem servido os cargos da república, e no ano em que foi juiz ordinario tomou ao ardor do seu zelo e nobreza de animo a execução das reais festas, celebradas em tres tardes na praça de São Gonçalo Garcia, com touros, escaramuças, etc., com carros triunfais, em que vinham diversas dansas, nas figuras dos fingidos Deuses da cega gentilidade, rematando-se estas festas com tres noites de comedias para o público, tudo com pompa, grandeza, alvoroço, e liberalidade, em aplauso dos reais desposorios do serenissimo infante o sr. d. Pedro, com a serenissima senhora princeza do Brasil, herdeira do reino. Ao mesmo João da Cunha Franco se deveu segunda vez os mesmos reais aplausos, pelo feliz nascimento do serenissimo principe da Beira, o sr. d. José, participada á camara de São Paulo no ano de 1762. Está casado com d. Antonia Raposo Tavares, filha de Domingos Rodrigues da Fonseca, coronel das ordenanças, e governador interino que foi da capitania de São Paulo, por ausência do governador e capitão general dela, Rodrigo Cesar de Menezes, saíndo de São Paulo para as minas do Cuiabá, a embarcar no porto de Araritaguaba, a 26 de Julho de 1726. Em título de Lemes, cap. 5.º ou em título de Raposos Tavares, cap. 2.º.

5 — 2. D. Messia da Silva casou duas vezes: primeira, com Pantaleão Pedroso da Silva, capitão-mor da vila da Parnaiba, e natural dela, da nobilissima familia de Buenos Anhangueras e Moraes Antas, em título de Lemes, cap. 2.º, § 6.º, na descendencia do n. 3 — 3. Deixou geração de dois filhos, Antonio e d. Gertrudes. Casou segunda vez em 1769, com Salvador Jorge Velho, capitão da vila de Itu, e natural dela, em título de Lemes, cap. 5.º, §..., na descendencia de Paschoal Leite Paes.

5 — 3. D. Maria Franco da Cunha foi casada com João de Godoy dos Reis, natural de São Paulo, filho de Aleixo Garcez da Cunha. Em título de Godoys, cap. 4.º, § 1.º, n. 3 — 7 ao n. 4 — 3. E teve tres filhos: José, Anna, Maria de Godoy, que na freguezia de Juquiri, em 1761, casou com Antonio da Silva Ortiz, filho de José da Silva Ortiz e de sua primeira mulher Messia de Aguirre, filha do capitão Marcelino de Aguirre. Em título de Camargos, cap. 4.º, § 7.º e n. 3 — 1.

5 — 4. José da Cunha Franco casou na freguezia da Piedade com d. Rosa Maria Violante de Vasconcellos, filha de Manoel de Siqueira Cardoso, e de sua mulher d. Marianna de Vasconcellos, bisneta por parte paterna de Manoel Cardoso de Almeida, terceiro padroeiro da capela da Luz (irmão direito de Feliciano Cardoso que foi capitão de infantaria na guerra e conquista dos barbaros do sertão da Bahia, a que foram os paulistas em 1671, com o seu governador Estevão Ribeiro Bayão Parente), e de sua mulher Catharina Rodrigues. Em título de Carvoeiros, cap. 1.º, § 5.º. E pela parte materna neta de Agostinho Machado Fagundes de Oliveira (irmão direito do rev. José Machado de Oliveira professo da ordem de Cristo, clerigo de São Pedro, que acabou regiliso carmelita no

convento de São Paulo), e de sua mulher d. Maria de Vasconcellos, legítima neta (por sua mãi d. Marianna de Vasconcellos, natural de Santos) de Antonio de Aguiar Barriga, natural de Cascais, donde veiu feito capitão-mor governador, alcaide-mor, ouvidor da capitania de São Vicente, de cujos empregos tomou posse na camara desta vila capital, a 24 de Outubro de 1637 (38), e de sua mulher d. Maria de Vasconcellos, natural de Santos: em título de Machados Fagundes, cap. 4.º. E melhor em título de Aguirres, n.º 1.º, cap. 4.º, § 3.º, n. 3 — 2 a n. 4 — 2 e seguinte.

5 — 5. Pedro da Cunha Franco, casou na freguezia da Piedade, com d. Rita Margarida Angelica, filha de Manoel de Siqueira Cardoso, do número retro 5 — 4.

5 — 6. D. Maria Gertrudes da Cunha Franco casou na freguezia de Juquiri, com seu parente José Pires de Arruda; com dispensação, filho do capitão José Pires de Almeida; em título de Taques Pompêos, cap. 3.º e neste título, cap. 6.º, § 1.º, infra.

4 — 4. D. Catharina da Silva (filha de d. Messia da Silva e Castro do n. 3 — 6 retro) foi casada com José de Lemos de Moraes. Em título de Camargos, cap. 2.º, § 4.º, n. 3 — 1. Deixou geração.

4 — 5. Estevão da Cunha de Abreu, cidadão de São Paulo, que faleceu nas minas do Pilar, sitio da Papuã e tambem ali mesmo sua mulher Maria Cardoso, filha de Estevão Ortiz de Camargo, nobre cidadão de São Paulo, e de sua mulher Maria Cardoso. Em título de Camargos, cap. 8.º, § 2.º n. 3 — 2. E teve oito filhos naturais de São Paulo:

5 — 1. O padre Ignacio da Cunha, clerigo do hábito de São Pedro, morador em Goiazes em 1769.

5 — 2. José Xavier Cardoso e Cunha, cidadão de São Paulo, que serviu todos os cargos da república: foi dextrissimo na arte da cavalaria e gentil, garbo e figura em todos os exercicios desta arte. A vileza de um mameluco lhe tirou a vida com pontaria certa de arma de fogo, fazendo-lhe cilada no logar por onde havia de passar naquela infeliz hora. Foi a sua morte geralmente sentida, assim dos moradores da freguezia de Juquirí, onde morava, como os da cidade de São Paulo, que conservavam frescas as memorias do seu bom nome, dado a conhecer no anno que tinha sido juiz ordinario. Estava casado com Maria Ortiz de Camargo, filha de José da Silva Ortiz. Em título de Camargos, cap. 4.º, § 5.º, n. 3 — 1 a n. 4 — 2.

5 — 3. Messia da Silva, está casada com Manoel Cavalheiro Leite, natural e cidadão de São Paulo, onde tem servido todos os cargos da república, e atualmente é capitão de ordenanças do bairro do Tieté e Santa Ana, por patente de d. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, governador e capitão-general da capitania de São Paulo e filho de Antonio Pedroso Leite, natural e cidadão

(38) Arch. da Cam. de São Paulo, L. de registro, tit. 1636.

de São Paulo, e de sua mulher Maria Paes Domingues, e por ele neto de Antonio Pedroso Leite (que faleceu nas Minas Gerais em 1719 (39) e de sua mulher Maria de Oliveira, ambos de São Paulo (irmão do coronel Antonio de Oliveira Leitão, que faleceu degolado em alto cadafalso, por sua nobreza, na praça da Bahia, por sentença daquela relação, como temos historiado em título de Alvarengas, cap. 5.º, § 1.º, n. 3 — 17 e seguintes até n. 4 — 9), por quem é bisneto de Domingos de Oliveira Leitão, natural da vila de Santos (legítimo neto de Antonio de Oliveira Leitão, que no ano de 1538 veiu provido em capitão-mor governador e alcaide-mor da capitania de São Vicente (40), trazendo sua mulher d. Genebra Leitão de Vasconcellos, ambos de Lisboa), e de sua mulher Anna da Cunha, natural de São Paulo, irmã inteira do padre Domingos da Cunha, clerigo do hábito de São Pedro, e por ele terneto de Manoel da Cunha, natural da ilha de São Miguel, que faleceu em São Paulo em Abril de 1674, e de sua mulher Catharina Pinto (41). Pela parte materna neto de Manoel Fernandes Cavalheiro, que faleceu em São Paulo a 18 de Novembro de 1699 (42), e de sua mulher Maria Paes Domingues, bisneto de José Cavalheiro, natural do reino de Castela, e de sua mulher Isabel Fernandes, natural da freguezia de Santo Amaro: e este é o tronco da familia do apelido de Cavalheiros. Por sua avó dita Maria Paes Domingues é bisneto de Martim Garcia Lumbria, natural de São Paulo, que foi capitão-mor governador da capitania da Conceição de Itanhaen pelos anos de 1693 (43), e de sua mulher Maria Domingues das Candeias. Este paulista, o capitão-mor governador Martim Garcia Lumbria, soube acreditar-se com ações de honrado vassalo, pelo que mereceu que o sr. rei d. Pedro II lhe mandasse escrever uma carta, firmada do seu real punho, de agradecimento, datada em 20 de Outubro de 1698, que se acha registada com outras mais para diversos paulistas na secretaria do conselho ultramarino, no livro de registos das cartas do Rio de Janeiro, título 1.673, que acaba em 1.700 á pag. 2 e seguintes, com o mesmo teor das cartas que temos copiado em título de Taques Pompêos, em título de Camargos, e em título de Godoys, etc.

Do matrimonio do capitão Manoel Cavalheiro Leite nasceram filhos. Em título de Prados, cap. 1.º, § 8.º, n. 3 — 2 e seguintes.

5 — 4. Gertrudes da Cunha, casou em 1753 na freguezia do arraial do Pilar, sitio da Papuã, com Anastacio Vieira, que tem sido naquelas minas juiz ordinario, e é mineiro de fábrica grande de escravatura, natural de Portugal.

---

(39) Cartorio de notas de São Paulo, inventario de Antonio Pedroso Leite.

(40) Cart. da prov. da faz, real de São Paulo, liv. de reg. de sesm., n. 1, tit. 1.562, pág. 80.

(41) Orf. de São Paulo, maço 3.º dos inv., letr. M, n. 28.

(42) Idem, maço 6.º, letr. M., n. 15.

(43) Cam. de São Paulo, liv. de reg., capa de olandilha. tit. 1.721, pág. 221.

5 — 5.
5 — 6.
5 — 7.
5 — 8.

4 — 6. Manoel Dias de Abreu (filho de d. Messia da Silva e Castro, do n. 3 — 6 retro), ainda existe em 1769, cidadão de São Paulo, que ocupou todos os honrosos cargos da república, casado com Isabel Bueno. Em título de Buenos, cap. 2.º, § 2.º, n. 3 — 3 a n. 4 — 3. E teve seis filhos:

5 — 1. Firmiano Dias Xavier, mestre em artes, clerigo do hábito de São Pedro, e bem instruido na lição dos livros franceses, e excelente estudante em filosofia e teologia moral, etc. Foi vigario da vara, em 1769, da vila de Guaratinguetá; foi vigario da igreja da mesma, e de outras mais igrejas, visitador geral de todo o bispado de São Paulo, em 1773 (e neste ano de 1784 consta-me que ainda existe cura da Sé de São Paulo. As suas virtudes e talentos fazem que a sua reputação seja grande no conceito dos grandes e pequenos. Nota de Ordonhes).

5 — 2. Manoel Dias de Abreu, cidadão que foi juiz ordinario por eleição de pelouro no ano de 1768, casado com..., filha de Antonio Corrêa Pires Barradas e de sua mulher Maria Bueno. Em título de Buenos, cap. 1.º, § 2.º, n. 3 — 1. Em sua descendencia.

5 — 3. Ignacio Dias da Silva, cidadão que foi juiz ordinario em 1764, casado com Messia de Camargo, filha de José da Costa de Camargo. Em título de Camargos, cap. 1.º, § 11, n. 3 — 6. Deixou geração.

5 — 4. Felix Nabor, clerigo do hábito de São Pedro.
5 — 5. Estevão Dias da Silva.
5 — 6. Antonio Bueno, faleceu solteiro.

4 — 7. Francisco da Cunha, clerigo de São Pedro, e falecido nas minas do Pilar da Papuã.

3 — 7. Sebastiana da Silva.

3 — 8. D. Isabel da Silva. Vive, se é certo que casou primeira vez com Bernardino Pinto Moreira, e segunda com o capitão José de Camargo Ortiz.

§ 5.º

2 — 5. D. Margarida Rodrigues (filha de João Pires, e Messia Rodrigues, do cap. 6.º, retro), foi casada com o capitão Antonio do Canto de Mesquita, natural de Vila Real, de nobreza qualificada. Tinha servido a el-rei na capitania do Espirito Santo, e teve mercê de hábito de Cristo, com 40$ de terça efetiva; e passando a São Paulo casou com d. Margarida Rodrigues, e ficou estabelecido na terra. Serviu os honrosos cargos da república, em cujo politico governo teve muita aceitação o seu voto como de

pessoa de tanta veneração, autoridade e respeito. E teve do seu matrimonio duas filhas, que são as que descobrimos por documentos.

3 — 1. D. Anna do Canto de Mesquita.

3 — 2. D. Maria.

3 — 1. D. Anna do Canto de Mesquita, casou com João de Toledo Castelhanos. Em título de Toledos, cap. 1.º; estando viuvo de sua primeira mulher d. Maria de Lara, irmã direita do capitão-mor, governador e alcaide-mor Pedro Taques de Almeida. E teve seis filhos nascidos em São Paulo:

4 — 1. O padre mestre Francisco de Toledo, jesuita, que, tendo acabado de reitor do colegio da vila de Santos, passou para comissario do reverendissimo padre geral a crear a provincia do Estado do Grão Pará e Maranhão, e ficou servindo de provincial dela até 1758, em que foi chamado por ordem régia á corte de Lisboa.

4 — 2. Bento de Toledo Castelhanos, foi tenente de general, tendo casado em 22 de Agosto de 1719, com d. Potencia Leite de Barros. Faleceu sem geração, em Minas do Rio das Mortes (1.º cartorio de notas de São Paulo, inventarios, letra B).

4 — 3. D. Escolastica de Toledo Canto, que ficando herdeira dos serviços de seu avô, o capitão Antonio do Canto de Mesquita, e da mercê que teve do hábito de Cristo com 40$ de tença, nunca jámais quis admitir um dos muitos casamentos que lhe propuzeram, tendo sido pedida de pessoa de sua igualha, assim em vida de seus pais, como depois da morte deles, tendo-se resignado nos preceitos de seu irmão, o padre-mestre Francisco de Toledo, nos muitos anos que residiu no colegio de São Paulo, até que no ano de 1752, estando seu irmão no Estado do Pará, faleceu solteira, repartindo o seu cabedal em obras pias, o que deixou para executar seu testamenteiro, o coronel Francisco do Rego, como pessoa e parente de tanta autoridade, honra e zelo.

4 — 4. D. Joanna do Canto Castelhanos, casou com seu primo, o sargento-mór João Barbosa Lara. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 1.º e seguintes. Deixou geração.

4 — 5. D. Anna do Canto de Toledo, foi casada com Salvador Pires de Almeida. Em título de Taques, cap. 3.º, § 9.º, n. 3 — 6. Sem geração.

4 — 6. Pedro Nolasco de Toledo Canto, faleceu solteiro.

3 — 2. D. Maria... (filha do § 5.º), foi batizada a 24 de Maio de 1655, na matriz de São Paulo.

§ 6.º

2 — 6. Messia Rodrigues (filha de João Pires e Messia Rodrigues, do cap. 6.º), casou com João de Camargo, nobre cidadão

de São Paulo. Em título de Camargos, cap. 1.º, § 4.º e cinco filhos:

3 — 1. Fernando Pires de Camargo.

3 — 2. João de Camargo.

3 — 3. José Pires de Camargo.

3 — 4. Anna Maria de Camargo Pires faleceu em Juquirí, a 22 de Novembro de 1732.

3 — 5. Joanna Pires de Camargo, casou em São Paulo a 19 de Agosto de 1697, com Salvador de Miranda do Prado, filho de Antonio de Miranda, e de sua mulher Catharina Dias, irmã de Antonio Garcia; neto de Salvador de Miranda, e de sua mulher Antonia Ribeiro. Em título de Prados, cap. 7.º, § 7.º, a acendencia deste Salvador de Miranda.

§ 7.º

2 — 7. Thomazia Rodrigues (filha de João Pires, do cap. 6.º), foi casada com o capitão Francisco de Godoy Moreira. Em título de Godoys, cap. 1.º, § 2.º. Em São Paulo serviu todos os cargos da república: foi morador no Atibaia, e capitão de Nazareth; passou-se para Taubaté, e ali faleceu com testamento e 91 anos de idade, a 20 de Junho de 1728 (*Orfãos de Taubaté*, inventarios, F. n. 20). E teve quatro filhos, naturais de São Paulo:

3 — 1. Antonio de Godoy Pires, cidadão de São Paulo, capitão dos auxiliares do bairro de Caçapava em Taubaté, casado com Francisca Vieira de Almeida. Em título de Cunhas Gagos, cap. 1.º, § 1.º, n. 3 — 6 e seguintes.

3 — 2. João Pires de Godoy, foi morador de Atibaia, casado em Nazareth, com Margarida Pereira, filha de Antonio Pereira de Avellar, de cujo matrimonio nasceram:

4 — 1. Maria Pires de Godoy, moradora de Taubaté, onde casou em 1713 com Antonio Jorge de Siqueira, filho do capitão Antonio Jorge Paes, e Florencia de Siqueira.

4 — 2. José de Godoy. Falleceu em Ayuruoca.

4 — 3. Antonio de Godoy. Faleceu solteiro em Taubaté.

4 — 4. Messia Rodrigues, mulher de João Dias do Prado, natural de Taubaté, filho de Domingos do Prado Gil.

4 — 5. Catharina de Godoy, mulher de José Dias, filho de Domingos Affonso.

4 — 6. Francisca... mulher de João de Toledo, filho de João Vaz Cardoso. Em Toledos, cap. 3.º: sem geração.

3 — 3. Francisco de Godoy Moreira, casou com Estacia da Veiga, filha de Francisco Corrêa da Veiga, e de Martha de Miranda. E teve filho, unico, natural de Taubaté:

4 — 1. Francisco Pires Ferreira, existe em 1771, em Taubaté, casado com..., filha de Placido dos Santos Vianna, e de sua mulher..., que foi filha de Gaspar Martins. Deixou geração.

3 — 4. Pedro de Godoy, casou em Taubaté com Maria Pedroso, filha de Sebastião Fernandes Corrêa (irmã do capitão-mor d. Simão de Toledo). Em Toledos, cap. 3.º, § 4.º.

§ 8.º

2 — 8. Maria Pires Rodrigues (filha de João Pires, do cap. 6.º), casou com Miguel de Camargo Ortiz, nobre cidadão de São Paulo e de grande respeito, e serviu muitas vezes os cargos da república. Em título de Camargos, cap. 2.º, § 3.º, com sete filhos que teve.

2 — 9. Maria Rodrigues, faleceu a 6 de Junho de 1723 e foi casada com Diogo Barbosa Rego, cidadão de São Paulo, tendo falecido a 30 de Setembro de 1724, filho de João Moniz Bonilha, e de sua mulher Adriana Barreto. E teve sete filhos naturais de São Paulo:

3 — 1. Diogo Barbosa Rego, casou em São Paulo a 6 de Outubro de 1699 com Maria da Rocha Pimentel, filha de Antonio Fernandes Camacho, e de Maria Ribeiro.

3 — 2. João Barbosa Pires, casou com Dona Theresa de Araujo. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 1.º n. 3 — 9. Com geração.

3 — 3. Francisco Barbosa Pires, morador junto a Santa Anna, foi casado com Hieronima de Arzão, sem geração. Em título de Arzão, cap. 1.º, § 2.º n. 3 — 5.

3 — 4. Estevão Barbosa, faleceu com testamento em 1718 (46), foi casado com Dona Antonia de Medeiros. E teve filho unico:

4. — Estevão Barbosa Rego, casou com Joanna Soares, na freguezia da Conceição, filha do capitão Gaspar Soares, e de sua mulher Barbara Ribeiro.

3 — 5. Branca Raposo, foi casada com Estevão Forquim de Camargo. Em título de Camargos, cap. 4.º, § 8.º n. 3 — 1.

3 — 6. Isabel Barbosa, foi casada com João de Siqueira Preto, sem geração: ela faleceu em 1715.

3 — 7. José Barbosa Rego, casou com Isabel Ribeiro da Cunha, filha de Marianna de Camargo e de Paschoal Delgado. Em Camargos, cap. 2.º, § 4.º. Deixou cinco filhos.

§ 10

2 — 10. João Pires Rodrigues casou com d. Branca de Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 9.º. Com sua descendencia.

§§ 11 e 12.

2 — 11. Antonio Pires, casou com Cecilia Ribeiro, filha de Assenso de Quadros e Anna Pereira. Em título de Quadros, cap. 1.º. Sem geração.

2 — 12. Hieronimo Pires (filho ultimo de João Pires e Messia Rodrigues do cap. 6.º), faleceu solteiro e só deixou 4 filhos mamelucos, que não herdaram por ser seu pai homem nobre, e foi a mãi de Hieronimo Pires quem herdou: o que tudo consta do inventario que se fez por sua morte, que foi a 5 de Outubro de 1664, com testamento...

CAPíTULO 7.º

1 — 7. Custodia Fernandes (filha de Salvador Pires e Messia Fernandes), casou na matriz de São Paulo a 10 de Maio de 1643 com Domingos Gonçalves, filho de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Christina Luiz, que faleceu em 1612, e ele em 14 de Abril de 1665. Deste matrimonio não descobrimos geração.

CAPíTULO 8.º E ÚLTIMO

1 — 8. Antonio Pires. Faleceu solteiro.

Vem do N. 2.º

Salvador Pires do n. 2.º, cuja descendencia do 2.º matrimonio com Messia Fernandes temos tratado até aqui, casou a primeira vês com N... de Brito, de quem teve tres filhos, que em 1592 deram quitação a sua madrasta dita Messia Fernandes da legitima que lhe deixára seu pai, como se vê da mesma quitação junta ao testamento e autos de inventario de Messia Fernandes, que se acha no cartorio do 1.º tabelião de São Paulo, no maço dos inventarios antigos, letra M. Foram estes tres filhos:

Diogo Pires .... Cap. 1.º
Amador Pires .... Cap. 1.º
Domingos Pires .... Cap. 3.º

1 — Diogo Pires, casou com Isabel de Brito, que faleceu com testamento a 2 de Maio de 1650. Tiveram roça em Juquiry.

E teve sete filhos, que pelo dito inventario á margem citado consta com quem casaram, e foram:

§ 1.º Francisco Pires de Brito, casado com Maria Furtado.

§ 2.º Salvador Pires. Faleceu solteiro.

§ 3.º Manoel Pires de Brito, casado com Catharina Dias. E teve duas filhas, Maria de Brito e Filippa de Brito.

§ 4.º Maria de Brito, casada com Antonio Bicudo. Em título de Bicudos, n. 1.º cap. 1.º.

§ 5.º Margarida de Brito, casada com Luiz Machado Sande. Sem geração.

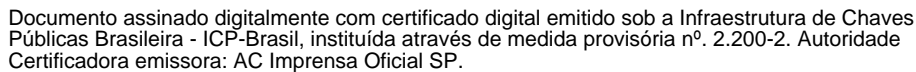
§ 6.º Beatriz Pires, casada com Custodio Nunes Pinto.

§ 7.º Maria de Brito, casada com Manoel de Araujo de Azevedo.

CAPíTULO 2.º

2 — Amador Pires, faleceu solteiro e ficou por seu herdeiro seu irmão Diogo Pires, como consta no inventario de sua madrasta Messia Fernandes acima indicado.

CAPíTULO 3.º

3 — Domingos Pires, faleceu sem geração, tendo sido casado com uma filha de Beatriz Camacho, a qual herdara de sua filha dita mulher de Domingos Pires umas terras que ela mesmo Camacho com seu marido Francisco Farel em 8 de Fevereiro de 1595 vendeu por escritura a Antonio Rodrigues, como tudo se vê na nota, caderno título 1594 pag. 21 do 1.º cartorio do tabelião de São Paulo.

AFFONSOS GAYAS

A nobre familia dos Affonsos Gayas propagou na vila de Santos, primeira da antiga capitania de S. Vicente, em quatro irmãos, que do porto de Gaya, junto á cidade do Porto (que hoje se chama Miragaya, e é parte da mesma cidade), vieram para o Brasil no principio da povoação e fundação da vila de Santos, atrahidos e convidados, como outros muitos, pelo donatario da mesma capitania, o fidalgo Martim Affonso de Sousa, o qual quando veiu em 1531 fundar a vila de São Vicente (foi a primeira povoação que houve em todo o Brasil), trouxe á sua custa muitos navios, com gente de guerra para a conquista dos barbaros gentios, habitadores do sertão de toda a costa da sua capitania, com muita nobreza de qualidade reconhecida e estimada para povoadores. Foi esta advertencia muito recomendada pelo Sr. rei Dom João III, de suspirada memoria, que constituiu ao dito Martim Affonso de Sousa governador de toda a costa do Brasil por patente datada na vila do Crato a 20 de Novembro de 1530, com ampla jurisdição para conceder de sesmaria as terras aos povoadores que trazia para isso, e aos mais que depois viessem vindo para o mesmo efeito. Por isso com Martim Affonso de Sousa vieram muitos sujeitos com o foro de fidalgos da casa real, outros com o de cavaleiro fidalgo, e outros finalmente com o de moço da camara; muitas familias da provincia do Minho, e das outras provincias vieram vindo pelos anos subsequentes ao de 1533, depois de recolhido ao reino no de 1534 Martim Affonso de Sousa, a quem o mesmo Sr. Dom João III concedeu 100 leguas de costa para capitania da vila de São Vicente com seu foral, de juro e herdade para sempre, por carta passada em Evora a 20 de Outubro de 1534. E principiam as 100 leguas a 13 leguas ao norte de Cabo-frio, e correndo a costa com distancia de 55 leguas acabam no ria Curupacé, (agora se diz Juquiryquerê), que fica quasi defronte da ilha dos Porcos, que é até onde chega o termo da vila de Ubatuba; e deste rio Curupacê 10 leguas até o rio de São Vicente braço do norte (que é o mesmo que a barra da Bertioga, que é da doação de Pedro Lopes de Sousa para fundar a sua capitanía de Santo Amaro da ilha de Guaibê, que não chegou a povoar-se), continuam do dito rio de São Vicente 45 léguas, que se terminam a 12 leguas ao sul da ilha de Cananéa, que é o que hoje se conhece por Parnaguá. Por esta forma se completam as ditas 100 leguas da capitanía de São Vicente concedidas a Martim Affonso de Sousa em atenção aos relevantes serviços, que tinha feito na India como soldado aventureiro; e as suas

proezas foram igualmente aplaudidas pelos dois famosos historiadores Barros e Faria: e tornando á India no fim do ano de 1534, em que sahiu de Lisboa capitão-mor da armada, veiu merecer aquele superior governo, no qual sucedeu a Dom Estevão da Gama no ano de 1542.

Para fundar a vila de São Vicente trouxe entre outros sujeitos abalisados a Luiz de Goes, casado com Dona Catharina, e ao genro Domingos Leitão, que tinha o foro de cavaleiro fidalgo, casado com Dona Cecilia de Góes, e era irmão de Hieronimo Leitão, tambem casado (que depois ficou sendo capitão-mor governador da capitania de São Vicente no tempo do segundo donatario dela, Pedro Lopes de Sousa, e de seu filho Lopo de Sousa, que foi neto do primeiro donatario Martim Affonso de Sousa) e seu irmão Balthasar Leitão, que todos tinham o foro de cavaleiro fidalgo: e com Luiz de Góes vieram os dois irmãos Pedro de Góes, que foi capitão-mor da armada, e faleceu em São Paulo, e Gabriel de Góes, todos com o foro de fidalgos da casa real, Ruy Pinto, cavaleiro professo da ordem de Christo, com sua mulher Dona Anna Pires Missel, que faleceu em São Vicente; Antonio Pinto e Francisco Pinto, todos com o fôro de fidalgos da casa real. Nicoláo de Azevedo, tambem fidalgo da casa real, e cunhado dos ditos Pintos por ser casado com Dona Isabel Pinto, e eram filhos do fidalgo Francisco Pinto, que ainda no ano de 1550 existia em Lisbôa, quando nesta corte por escritura celebrada na nota de tabelião confirmou a venda das terras que sua nora Dona Anna Pires Missel havia feito em São Vicente, pertencentes ao engenho do assucar São Jorge (foi o primeiro engenho em todo o Brasil), ereto em São Vicente logo que fundou esta vila o dito donatario Martim Affonso, aos alemães Erasmo Schecer e João Visnat, por cuja razão tomou o dito engenho o nome de São Jorge dos Erasmos. Vieram mais em 1531 Jorge Ferreira, cavaleiro fidalgo casado com Joanna Ramalho, filha de João Ramalho, que tinha o foro de cavaleiro, e foi depois o fundador da vila de Santo André da Borda do Campo, de cuja povoação (antes da aclamada em vila no dia 8 de Abril de 1553) foi guarda-mor e alcaide-mor do Campo dito Ramalho. Emfim vieram outros muitos deste mesmo carater, como Jorge Corrêa, moço da camara; e desta qualidade de nobreza vieram depois vindo para São Vicente outros muitos, para onde tambem com o mesmo Martim Affonso de Sousa tinha vindo Braz Cubas, cidadão, do Porto, e cavaleiro fidalgo, com seu filho bastardo, que foi legitimado por alvará régio (Vide que nisto tenho alguma dúvida até aparecer documento); Pedro Cubas, moço da câmara, Antonio Rodrigues de Almeida, cavaleiro fidalgo, natural de Monte-Mor o Novo, que, recolhendo-se ao reino, voltou em 1556 com sua mulher Dona Maria Castanho, com duas filhas, trazendo de propriedade os oficios de chanceler, escrivão da ouvidoria e das datas, por mercê do donatario Martim Affonso; veiu Antonio de Oliveira em 1538, cavaleiro fidalgo, e trouxe sua mulher, D.

Genebra Leitão, que era irmã de Domingos Leitão, de Hieronimo e Balthasar Leitão, e foi capitão-mor governador da dita capitania de São Vicente, de que tomou posse no ano de 1538; Simão Borges Cerqueira, natural de Mesamfrio, moço da camara; Antonio Rodrigues de Alvarenga, natural de Lamego, cavaleiro fidalgo, e todos os mais, dos quais fazemos maior individuação na noticia chronologica da fundação da capitanía de São Vicente e de todas as vilas fundadas dentro da dita capitania, e os descobrimentos de minas de ouro, prata, ferro e aço, desde 1598 até as últimas minas dos Goyazes em 1725, o que serve como aparato ao título *Nobiliarchia Paulistana Historica e Genealogica*, que compreende as familias nobres da capitanía de São Vicente, que hoje se diz São Paulo, depois que passou a ser a capital desde o ano de 1681, por mercê do donatario o marquez de Cascaes.

Fundada a vila de S. Vicente pelos anos de 1531 até 1533, e ficando nela os nobres povoadores, que deixou o seu fundador Martim Affonso de Sousa, dentro da mesma ilha de São Vicente, em distancia de duas leguas por caminho de terra, fundou Braz Cubas, cavaleiro fidalgo, a vila de Santos á custa da sua fazenda, e dela foi o 1.º alcaide-mor e depois provedor da fazenda real, e capitão-mor governador, e ouvidor da capitanía de São Vicente, pelos anos de 1554, e seguintes. Nela se estabeleceram os tres irmãos Luiz, Pedro e Gabriel de Góes, sendo Luiz de Góes e sua mulher D. Catharina os fundadores do segundo engenho de assucar com vocação Madre de Deus, no sitio a que no presente tempo se chama Nossa Senhora das Neves. Este engenho passou ao genro dos fundadores, Domingos Leitão, marido de D. Cecilia de Góes, filha dos mesmos, que ficando viuva se recolheu a Lisboa em 1580, de onde mandou procuração bastante por si, e seu filho João Gomes Leitão, a seu cunhado o ex-capitão-mor governador Hieronimo Leitão em 1538, para a venda do dito engenho, que teve efeito, vendendo-se ao Adelantado, cujo nome se não declara na escritura da venda celebrada em Santos na nota do tabelião Athanasio da Motta, e a Diogo Rodrigues, com todas as terras, e aguas pertencentes ao dito engenho Madre de Deus. Este engenho passou aos filhos do dito Diogo Rodrigues, que era casado com uma sobrinha do vendedor Hieronimo Leitão, em Santos, e foram eles:

1.º O capitão Antonio Amaro Leitão, casado com D. Isabel da Fonseca Pinto (que segunda ves casou com Diogo Ayres de Aguirre, ouvidor, que foi muitas veses da capitanía de São Vicente, juiz ordinario e de orfãos, etc.), filha de Domingos da Fonseca Pinto, cidadão da Bahia e provedor da fazenda real da capitanía de São Vicente em 1539. 2.º Custodio Leitão, que casou com Anna de Aguiar, de cujo matrimonio houve filhos, entre os quais foi Ambrosia de Aguiar, que faleceu em Santos solteira em 1705, deixando no seu testamento, que se acha no residuo da ouvidoria de São Paulo, o quinhão das terras, que tinha, a Nossa Senhora das Neves. 3.º Agostinho Leitão, que existia em Santos em 1642.

Houve mais no termo da vila de Santos o engenho de São João, do qual foi fundador José Adorno, natural de Genova; e o de Nossa Senhora da Apresentação, de que foi fundador Manoel de Oliveira Gago, que deixou nobre geração dos seus apelidos em Santos. Estes engenhos eram moentes e correntes ainda em 1577, como se vê dos direitos que pagavam á fazenda real, e consta do livro do dito ano na provedoria e cartorio da fazenda.

Estando por este modo em grande auge de aumentos e utilidades a vila de Santos, com o comércio frequentado em navios, que vinham a seu porto, e navegação para Portugal, sendo o principal navio dos alemães os Erasmos e Vinats, vieram, como acima referimos, quatro irmãos estabelecer-se nesta vila, e foram os que aqui representamos com os números seguintes:

N.º 1.º N... Affonso Gaya.
N.º 2.º Manoel Affonso Gaya.
N.º 3.º Domingos Affonso Gaya.
N.º 4.º Paschial Affonso.

N.º 1.º

N... Affonso Gaya, passou de Santos para a vila de Vitoria, capitania do Espirito-Santo, onde se estabeleceu e deixou familia de sua nobre geração. Dele procedeu o M. R. P. Fr. Manoel Gaya, carmelita da Provincia do Rio de Janeiro, da qual foi secretario e ocupou o lugar de prior e visitador.

N.º 2.º

De Manoel Affonso Gaya

Manoel Affonso Gaya deixou em Santos honrosas memorias dos seus grandes merecimentos, porque soube conciliar um geral aplauso, respeito e veneração de todos os moradores do seu tempo. Foi da governança da terra, tendo repetidas vezes as redeas do governo da república; porque para oficiais da camara só eram admitidos os homens da maior honra, zelo e desinteresse, cujo venturoso tempo não se logra agora nas assembléas de todas as vilas e cidade capital de São Paulo, lamentando-se esta infeliz decadencia em todo o Estado do Brasil, onde já se não escolhem os sujeitos da primeira graduação para ornarem o corpo do senado, á imitação dos seculos de 1500 até 1700. Foi Manoel Affonso Gaya juiz ordinario em 1630, tendo por companheiro a Gonçalo Pires Pancas como consta do tombo do convento do Carmo de Santos, folhas 33 e 34; e foi capitão da gente da vila de Santos, como pessoa de nobreza e disciplina militar, que a exercitou em

serviço do rei nos atuais encontros a que obrigavam os barbaros indios, não só os da costa do Sul, mas tambem os *Tamoyos* do Rio de Janeiro, que armados em guerra com multidão de canoas vinham hostilizar os moradores de São Vicente e Santos, principalmente aos que se haviam estabelecido além do rio de São Vicente, braço do norte, Bertioga. (Arquivo da camara da vila de Santos, livro 1.° de registros, págs. 82v.) Foi a costa de Santos, e São Vicente inficcionadas de piratas corsarios, para cuja defesa atualmente acudiam aos rebates, de sorte que, acabadas as guerras, depois de conquistados os indios *Carijós* e *Guaianazes* os mais formidaveis da costa do sul, (e rendidos tambem os *Tamoios* do Rio de Janeiro depois da segunda e última rota, que experimentaram os socorros de São Vicente, Santos, e São Paulo, auxiliando em canoas de guerra, de cuja armada foi general Eliodoro Ebano Pereira, ao governador geral Mem de Sá, em 18 e 20 de Janeiro do ano 1567, em que fundou aquela cidade com o nome de São Sebastião, que foi o protetor e tutelar desta dificultosa empresa contra as forças de Nicoláu de Villegaignon, natural de França e cavaleiro do Hospital, que se havia fortificado naquela enseada e nela construido regular fortaleza que foi arrasada pelos europeus com o dito Mem de Sá, ficando-lhe para memória do triunfo só o nome do sitio, que a corrupção portuguesa ficou chamando Vergalhão) não tiveram os moradores da capitania de São Vicente as armas ociosas.

No ano de 1599 ocuparam a ilha de São Sebastião tres naus de holandeses inimigos, contra os quais mandou D. Francisco de Sousa por sua provisão datada em São Paulo a 7 de Junho do mesmo ano sair de São Paulo um socorro de gente, que se incorporou em Santos ao capitão de infantaria Diogo Lopes de Castro, com os moradores das vilas de Santos e São Vicente, para irem atacar ao inimigo holandês. No ano de 1601, os mesmos holandeses ocuparam os mares da ilha de São Sebastião com uma grande urca, chamada o *Mundo Dourado*. Esta talvez seria a mesma assim chamada, que em 1599 veiu ao porto de Santos, e só dos direitos que passou á fazenda real se carregou em receita ao almoxarife João de Abreu 6.129$678 réis. (Prov. da fazenda real, livro 1.° de registro de 1597, pág. 76); e navegando um religioso benedictino com várias pessoas em um barco, e outras em uma canoa, paro o Rio de Janeiro, foram todos cativados pelos ditos inimigos. Acudiram os moradores de Santos e São Vicente por ordem de D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado, que neste ano se achava em São Paulo, que mandou ao capitão-mor da capitania Gaspar Barreto que saisse com o corpo de mil homens e indios frecheiros em armada de canoas contra o pirata, para cujo efeito mandou o dito governador geral assistir com polvora e bala, e mantimentos necessarios, e ficaram vitoriosas as nossas armas. Rendida a urca com todos os holandeses, cujo capitão era Lourenço Brear, artilharia, e mais munições de guerra

e presas, que tudo se conduziu para o porto de Santos, onde por espaço de 50 dias foi guardada a urca pelos moradores, findo-se esta importante conduta da atividade e zelo de Manoel Pereira Lobo, moço da camara d'el-rei, de Manoel Fernandes Cavaco. Isto consta melhor no cartorio da fazenda real da provedoria, livro de registro, tit. 1.597, págs. 37, 97v., 103 e 127v. Finalmente, desde o ano de 1641 até o de 1655, infestaram os holandeses a costa do sul e portos de Santos e São Vicente, e no decurso destes 14 anos, ocupando a costa, e aparecendo sobre a barra de Santos um navio, saiu o capitão Manoel Affonsto Gaya contra o inimigo sem mais embarcação que uma canôa armada em guerra, e nesta facção o acompanhou seu genro Antonio Barbosa Sotto Maior, o qual em 1642 foi provido em capitão da gente de Santos, que de antes ocupara seu sogro Manoel Affonso Gaya. (Cart. da Proved. da Fazenda, livro de registro, tit. 1.616, pág. 41).

Foi casado na vila de Santos com Maria Nunes de Siqueira, que faleceu em dita vila a 30 de Outubro de 1667. (Obitos, folhas 13), filha de Pedro Nunes de Siqueira, da nobre familia dos Siqueiras Mendonças, uma das mais antigas da capitania de São Vicente. Neta pela parte paterna de Antonio de Siqueira, morador de São Vicente, e de sua mulher Messia Nunes, filha de Francisco Pinto (irmão de Ruy Pinto e Antonio Pinto), que eram cavaleiros fidalgos da casa real (como já dissemos atraz). Os descendentes deste Antonio de Siqueira, que ainda era vivo em 1581, trazem o antigo e nobre apelido de Mendonças, e ignoramos se lhes provem do dito Antonio de Siqueira, se de sua mulher, filha do dito Francisco Pinto. No título do autor estão umas notas, que fez o ex-provincial frei Gaspar da Madre de Deus, em que refuta serem os do apelido Siqueira Mendonça descendentes deste Antonio de Siqueira, que era proprietario dos oficios de escrivão da camara, órfãos e tabelião da vila de Santos, e ainda que o autor provou com segundas notas, riscou as linhas, que diziam ter ido de Portugal com os tais oficios, e por consequencia ficou indeciso. E só sabemos que do matrimonio de Antonio de Siqueira nasceram na vila de Santos (Vai na mesma dúvida):

1.º Lourenço de Siqueira de Mendonça, que se passou para São Paulo, onde ficou sendo o progenitor de seu apelido, e faleceu com testamento a 4 de Junho de 1633 (Orfão de São Paulo, n. 42).

2.º Beatriz de Siqueira de Mendonça, mulher de Antonio Gonçalves da Vide, que foi provido em capitão do forte do Pinhão da Vera-Cruz com 60$000 de soldo por ano, por provisão do governador geral D. Francisco de Sousa, datada em Santos a 28 de Julho de 1601, que até então tinha ocupado o dito posto Francisco Nunes Cubas (Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registro, tit. 1.597, pág. 104 até pág. 105). O dito capitão Antonio Gonçalves da Vide fez doação das terras que tinha até o rio de Santo Amaro (que lhe dera em casamento seu sogro Antonio de Siqueira,

com sua filha Beatriz de Siqueira), por escritura na nota do tabelião da vila de Santos em 3 de Janeiro de 1633.

3.º Luiza de Siqueira e Mendonça, mulher de Alonso Pelaes, que foram sogros do afamado Luiz Dias Leme, natural de São Vicente, e tio direito do governador Fernam Dias Paes. E tambem dos mesmos é quarto neto por parte materna o *muito reverendo padre-mestre o Dr. Frei Gaspar da Madre de Deus,* monge beneditino, que acabando o lugar de D. Abade do Rio de Janeiro, subiu a reverendissimo D. Abade provincial, cujo trienio acabou em Janeiro de 1769, recebendo ao mesmo tempo a patente de D. Abade do mosteiro da Bahia, cujo lugar renunciou atendendo ao estado de suas forças para descançar com tranquilidade de espirito no retiro de uma cela no mosteiro de Providência da vila de Santos, feito subdito quem desprezava ser prelado.

4.º Manoel de Siqueira, que casou em São Paulo com Messia Bicudo, e faleceu com testamento em 1614, declarando a sua naturalidade a vila de Santos. Em título de Bicudos, n. 2, cap. 8.º.

5.º Luzia de Siqueira de Mendonça, que, casando com Manoel Corrêa de Lemos, natural da capitania de Espirito-Santo, foi morador em São Paulo, onde seu marido faleceu em 1693. (Orfãos de São Paulo, maço 4.º, letra M., n. 40).

6.º Antonio de Siqueira, que propagou na vila de São Vicente e na de Santos. E outros mais irmãos filhos do progenitor Antonio de Siqueira, etc.

Do matrimonio, pois, do capitão Manoel Affonso Gaya de n.º 2.º houve filhos nascidos na vila de Santos; e os de que descobrimos documentos, que nos informam desta verdadeira notícia, foram quatro, que são os seguintes:

CAPÍTULO 1.º

1 — 1. O padre Pedro Nunes de Siqueira, presbitero secular, coadjutor na matriz de Santos em 1654, como consta dos autos de *genere* do padre Antonio Barbosa de Mendonça, do qual fazemos menção no cap. 2.º, § 1.º.

CAPÍTULO 2.º

1 — 2. Catharina de Mendonça, casou com Antonio Barbosa Sotto-Maior, natural de Lisboa, que faleceu em Santos em 1683 (Obitos, folhas 53), irmão de Francisco Barbosa, cavaleiro da or-

dem de São Bento de Aviz, que veiu a Santos, e eram filhos de Estevão Barbosa Sotto-Maior, e de sua mulher D. Maria de Paiva, naturais da corte de Lisboa, como tudo assim consta dos autos de *genere* do padre Antonio Barbosa de Mendonça, no § 1.º, infra. Este Antonio Barbosa de Sotto-Maior havia militado em Pernambuco e Rio de Janeiro antes de vir casar a Santos, onde pela autoridade e respeito de sua nobre pessoa foi eleito para capitão da ordenança (que diferentes tempos daquele seculo para o presente na eleição de semelhantes postos!) da vila de Santos, de que teve patente em 16 de Setembro de 1642 pelo general do sul Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e no contexto dela se nota ibi. "E ao bem, que ha servido no dito cargo quando o holandês por duas vezes veiu com armada de Pernambuco para esta costa, tomando a seu cargo a fortificação da dita vila de Santos, sendo o primeiro que carregava faxina para dar exemplos aos mais, ocupando sempre o posto da vanguarda com a sua companhia, sustentando à sua custa quarenta indios; e se ofereceu depois para levantar outra com dispendio seu para ir socorrer a cidade do Rio de Janeiro, que se presumia estar cercada, tendo já no presidio dela servido de soldado da companhia de D. Antonio Ortiz de Mendonça tres anos; e haver saido do porto de Santos em companhia do capitão Manoel Affonso com uma canoa de guerra a reconhecer um navio, que investiram, imaginando-se que era de inimigo, dando em tudo honradas mostras do zelo com que serve a Sua Magestade, o que tambem fez em outras ocasiões de guerra viva, como foi no quartel de Pernambuco, quando o inimigo o sitiou em Agosto de 1633 com dois mil homens, e no encontro que com ele se teve em dito mês no rio Capivaribe, em que se lhe ganharam seis peças de artilharia de bronze, quatro roqueiras, algumas bandeiras, muitas munições e bastimento, com morte e prisão da maior parte da sua gente, obrigando-os a que levantassem o sítio que tinham posto; outrossim, achando-se na conquista do Porto de Calvo, levando-o o general Mathias de Albuquerque, que ganhou aquela praça; e na defesa de Syrinhaên a tempo que o inimgo a vinha investir com setecentos homens, e quantidade dos indios *Pitaguaris*, de que ficaram muitos mortos na campanha, procedendo em todas as ocasiões valorosamente, etc."

Do matrimonio do capitão Antonio Barbosa Sotto-Maior houve filhos naturais de Santos, e dos que descobrimos certeza total foram os que vão nos dois paragrafos seguintes. E' lamentavel a falta que ha de documentos, que sirvam de fio verdadeiro para a genealogia do nobiliario que pretendemos dar à luz; e até as notícias dos velhos não descobrimos; porque dependendo de exame, com zelo da verdade, o trabalho de procurar semelhantes memorias, não temos achado um só sujeito que nos queira ajudar nesta empresa, que toda se dirige ao fim do bem público e utilidade dos descendentes, que todos vivem amortecidos na ignorancia dos seus nobres progenitores, e das suas honrosas virtudes e ações, para lhes imitarem com crédito do mesmo sangue, que lhes adorna as veias.

Antes o sequito dos imprudentes, que já têm degenerado do mesmo esplendor dos seus antigos ascendentes, emprega todo o tempo na murmuração do nosso infatigavel trabalho, que até se tem acompalhado de despesa propria em muitos documentos, que temos feito extrair de varios cartorios das vilas e cidade capital de São Paulo; porém, esta mesma calunia sofreram sempre aqueles que se aplicaram a estudos genealogicos; talvez porque sujeitos, aos quais a lima do tempo consumiu em algum dos seus ascendentes qualquer fato de mecanismo, se persuadem que nós faremos renascer pela imprensa aquele silêncio, que lhes apadrinha o antigo defeito.

2 — 1. O padre Antonio Barbosa de Mendonça, § 1.º.
2 — 2. D. Maria Barbosa Sotto-Maior, § 2.º.

§ 1.º

2 — 1. O padre Antonio Barbosa de Mendonça, se habilitou de *puritate sanguinis* pela camara episcopal do Rio de Janeiro em 1672, em autos que existem na camara episcopal de S. Paulo. Foi vigario da igreja muitos anos da vila de Iguape, e faleceu em Santos.

§ 2.º

2 — 2. D. Maria Barbosa Sotto-Maior, casou três vezes: primeira com Manoel de Oliveira, sem geração; segunda, com João Pires das Neves, nobre cidadão de S. Paulo, sem geração; terceira, com Manoel Carvalho da Silva, sargento-mor do terço dos auxiliares de seu pai, o mestre de campo Domingos da Silva Bueno; e, como já era quinquagenaria, antes de casar lhe fez doação do seu grande cabedal, e o perfilhou. Faleceu sem geração em S. Paulo, com testamento a 24 de Abril de 1724 (Residuos da ouvidoria de S. Paulo, testamento de D. Maria Barbosa Sotto-Maior).

D. Maria Barbosa, no dito testamento com que faleceu, fala assim: "Francisco Barbosa, meu sobrinho". Este foi filho natural do padre Antonio Barbosa de Mendonça, e casou com Francisca Pires de Camargo, dos quais foram filhos Francisco Barbosa Sotto-Maior, solteiro e morador em Santos; João de Camargo, casado, e soldado da infantaria; José de Camargo, soldado, solteiro; F..., casada com o alferes de infantaria Anacleto de Pontes, filho legítimo de Sebastião Nunes, e de sua mulher F...

CAPÍTULO 3.º

1 — 3. Salvador Nunes de Siqueira (filho do capitão Manoel Affonso, e Maria Nunes de Siqueira do n. 2.º), foi nobre cidadão da republica de Santos, sua patria. Teve estabelecimento,

e com abundancia na sua fazenda de Guaratuvatá, com terras de cultura até o rio dos Patos, como consta do testamento com que faleceu em Santos a 9 de Dezembro de 1708, e nele declarou ser natural desta vila e filho dos pais acima. (Residuos da ouvidoria de São Paulo, testamento de Salvador Nunes de Siqueira). Foi casado com Catharina da Costa, natural de São Vicente ou da Conceição de Itanhaen; legítima neta de Dionisio da Costa que foi capitão-mor, governador e ouvidor da capitania de Itanhaen, por provisão datada em Lisboa a 20 de Novembro de 1648, e tomou posse na camara de Itanhaen a 3 de Abril de 1649 (Provedoria da fazenda, livro de registro n. 5.º, título 1645, pag. 67 verso), e de sua mulher Isabel da Motta, irmã inteira de Vasco da Motta. Em título de Godoys, cap. 4.º. E teve quatro filhos, que seguem:

2 — 1. Pedro Nunes de Siqueira ..... § 1.º.
2 — 2. Dionisio da Costa .... § 2.º.
2 — 3. João Collaço de Siqueira ..... § 3.º.
2 — 4. Isabel da Motta .... § 4.º.

§ 1.º (4)

2 — 1. Pedro Nunes de Siqueira casou em Santos com Catharina de Oliveira, e teve tres filhos.

3 — 1. Francisco de Salles, que foi em praça de soldado para o Rio Grande da Colonia, a quem o conde de Bobadella estimava muito, sendo um dos que naquela terra fazia a primeira figura e talvez lá casou.

3 — 2. Margarida de Oliveira, casada com Antonio Baptista, que vivia de advogar.

3 — 3. Maria Nunes, que foi solteira de morada para São Paulo, e casou com Francisco Xavier da Guerra, filho de Francisco Rodrigues Guerra.

§ 2.º.

2 — 2. Dionisio da Costa casou com Maria Vilela de Menezes, natural da vila de Iguape, e que faleceu na de Santos, com 110 anos de idade. Foi capitão e juiz. Foi pessoa de muito respeito e eternizou o seu nome, porque no principio que se descobriram as Minas Gerais teve uma lavra mineral tão grandiosa, que dela se tirava um arratel de ouro em cada bateada, e deu-se esta lavra por descoberta, ficando aquele lugar conservando o nome de Dionisio da Costa. Foi tão liberal e de ânimo tão generoso, que em uma festa das onze mil virgens em que seu filho Pedro, que

(4) Estes paragrafos estão escritos pela letra de Fr. Antonio da Penha França, a quem pediu notícia o autor.

depois foi carmelita, foi capitão na vila de Santos, gastou uma arroba de ouro na dita festa. Faleceu em Santos e jaz sepultado na ordem terceira do Carmo, e teve cinco filhos:

3 — 1. Fr. Pedro, religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro, onde faleceu de bexigas, estando para ir cantar a sua primeira missa na sua patria, vila de Santos.

3 — 2. Dionisio da Costa faleceu solteiro em Santos.

3 — 3. Francisca Villela, que casou com Francisco Rodrigues, natural de Lisboa. Sem geração.

3 — 4. Brizida Collaça de Menezes casou duas vezes: primeira com Gabriel Alves, filho de Eusebio Alves Gaya, sendo dispensados para o matrimonio por serem parentes; segunda vez casou com Antonio Henrique, natural de Portugal, sem geração.

3 — 5. Maria Villela de Menezes existe solteira.

§ 3.º.

2 — 3. João Collaço de Siqueira faleceu solteiro.

2 — 4. Isabel de Motta casou com o capitão Manoel Ribeiro, de cujo matrimonio teve quatro filhos:

3 — 1. Maria Ribeiro foi casada com Pedro da Silva Ferreira, e faleceu em Santos com testamento.

3 — 2. Francisco Ribeiro passou-se para os Currais da Bahia, solteiro.

3 — 3 e 3 — 4. Um faleceu no Rio de Janeiro, outro em Santos de menor idade, e ignoramos os nomes.

CAPITULO 4.º

1 — 4. Manoel Affonso Gaya (filho do capitão Manoel Affonso Gaya do n. 2), foi de grande respeito e veneração assim dos moradores da vila de Santos, sua patria, como dos paulistas da primeira graduação. Teve o primeiro voto nas assembleas do corpo do senado como pessoa tão autorizada no governo da republica. Foi capitão de infantaria da ordenança dos moradores da vila de Santos (*), onde viveu muito abastado. Foi senhor de engenho para a fábrica dos assucares na sua opulenta fazenda do Piraiqueguassú. Em serviço da real coroa fez varias entradas ao sertão do Parnaguá, onde se dizia haver prata, cujo descobrimento havia recomendado o Sr. rei d. Pedro II, estando principe regente, e para cujo efeito mandou depois à custa da real fazenda a d. Rodrigo de Castel-Branco (cavaleiro castelhano a quem mesmo senhor tomou por fidalgo de sua casa), pelos anos de 1673, acompanhado do capitão de infantaria reformado Jorge Soares de Macedo, primeiro governador da praça de Santos de

(*) Cam. da vida de Santos, L. 1.º de Reg., fl. 82 v.

1700, que, dilatando-se em exames no sertão de Tabaiana, chegaram a São Paulo em 1678, que se trata em título de Arzoens, cap. 5.º; e vide Campos, cap. 5.º, § 2.º, n. 3 — 9.

No ano de 1640, em que os jesuitas do colégio de São Paulo foram lançados pelos paulistas, no dia 13 de Julho deste ano (vede este sucesso historico em título de Pires, cap. 6.º), se declarou protetor dos ditos padres jesuitas o capitão Gaya, não só pelo grande respeito que tinha entre os moradores de Santos, mas pela igual veneração que desfrutava dos da primeira nobresa de São Paulo, e por isso concorrendo sempre com todas as forças para restituição dos mesmos padres, contra os quais tinham concebido intranhavel odio a maior parte dos homens das vilas de toda a capitania de São Paulo Vicente e São Paulo, obteve um padrão de agradecido reconhecimento dos padres do colegio de Santos, que por escrito lhe concederam honrosa sepultura para ele e sua descendencia, na igreja do colegio daquela vila, com os sufragios praticados com os RR., quando falecem.

Foi casado o capitão Manoel Affonso Gaya com Maria Gonçalves Figueira, natural da vila de Itanhaen, filha de Antonio Gonçalves Figueira e de Ignez Lamim, moradores da dita vila, os quais foram sogros de Sebastião Velho de Lima, a qual Ignez Lamim faleceu em Santos, estando viuva em 10 de Maio de 1668 (Obitos de Santos, folhas 20). Neta por parte paterna de Antonio Gonçalves e de sua mulher Luciana, ou Antonia Tinoco, filha de Francisco Rodrigues Tinoco, morador em São Vicente em 1554, irmão de Gonçalo Rodrigues Tinoco, para onde vieram êstes dois irmãos no princípio para povoadores da vila de São Vicente (Cartorio da provedoria da fazenda real, livro 1.º de registro de sesmarias, título 1554 pag. 106 verso e 108 verso). E de onde consta que Pedro de Figueiredo, moço da camara de el rei d. João III fôra genro dos ditos Antonio Gonçalves e Luciana ou Antonia Tinoco, o qual nome Luciana, se lhe dá no livro 2.º, título 1.602 até 1.617, pag. 6 de sesmarias, de cujos lugares também consta o mais (5).

Do matrimonio do capitão Manoel Affonso Gaya nasceram:

2 — 1. Antonio Gonçalves Figueira .... § 1.º
2 — 2. Manoel Affonso Gaya .... § 2.º
2 — 3. Pedro Nunes de Siqueira .... § 3.º
2 — 4. Miguel Gonçalves de Siqueira .... § 4.º
2 — 5. João Gonçalves Figueira .... § 5.º
2 — 6. D. Catharina de Siqueira e Mendonça § 6.º
2 — 7. Maria das Neves .... § 7.º
2 — 8. D. Ignez .... § 8.º
2 — 9. N... Cega a natividade, faleceu solteira § 9.º
2 — 10. Francisca .... § 10

(5) Esta ascendencia causou trabalho e indecisão do autor por achar documentos que se contradiziam; e eu segui o que parecia mais acertado, segundo o permitia a confusão das emendas e notas.

2 — 5. Antonio Gonçalves Figueira nasceu na vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaen. Suas ações, no real serviço à sua custa, em todo o tempo da campanha e guerra contra os barbaros indios do sertão do Rio Grande do Norte em praça de soldado, e alferes do terço dos paulistas, de que foi mestre de campo e governador Mathias Cardoso de Almeida, seu cunhado, desde 1689; na campanha do Ceará, debaixo do comando do capitão-mor governador João Amaro Maciel Parente: seu casamento em São Paulo, filhos que teve o capitão Antonio Gonçalves Figueira, e faleceu na vila de Santos. Vide em título de Lemes, Cap. 5.º e seguintes. Dele foi principal filho herdeiro o sargento-mór Manoel Angelo Figueira de Aguiar.

§ 2.º

2 — 2. Manoel Affonso Gaya, natural da vila de Santos, casou na vila de Cachoeira do bispado da Bahia com N... Foi capitão-mór da mesma vila, onde viveu alguns anos, e depois se recolheu com toda a sua familia ao sertão do Rio Verde de São Francisco, onde possuiu grandes fazendas de gados, e teve grande respeito e ali faleceu de mais de 80 anos (6).

....

3 — 1. José Gonçalves Figueira.
3 — 2. D. Catharina Perpetua.
3 — 3. D. Maria.
3 — 4. Manoel Affonso Gaya.
3 — 5. D. Luiza.
3 — 6. D. Isabel Maria.
3 — 7. João Peres Ribeiro.

3 — 1. José Gonçalves de Siqueira é capitão-mor da Ribeira do Rio Verde: foi casado com d. Anna de Campos Monteiro, irmã de d. Isabel Pires Monteiro. Em título de Campos, cap. 5.º § 2.º, n. 3—8, estando viuva de Ignacio de Oliveira, seu primeiro marido. E teve dois filhos:
4 — 1. José.
4 — 2. D. N.

3 — 2. D. Catharina Perpetua da Fonseca casou com o capitão de cavalos, natural da Bahia, Belchior dos Reis e Melo, e teve dois filhos, que vivem no Serro do Frio.

---

(6) Todos os paragrafos seguintes desta irmandade estão escritos por letra do sargento-mor Manoel Angelo Figueira de Aguiar muito sucintamente, a quem consultou o autor, por ser êle filho do § 1.º e ter andado com os tios pelo sertão da Baía; eu acrescento o que sei por outros títulos.

3 — 3. D. Maria.... casou com o sargento-mor Antonio Alves Ferreira, natural de Bastos, e vivem na sua fazenda do Brejo das Almas, sertão da Bahia e tem:

4 — 1. D. Thereza... casou com José de Abreu Bacellar.
4 — 2. D. Escholastica casou com...
4 — 3. D. Antonia.
4 — 4. D. Clara.
4 — 5. Miguel.
4 — 6. D. Cordula.

3 — 4. Manoel Affonso Gaya casou na vila da Cachoeira com Maria do Carmo, sua prima co-irmã: é bor latino, sabe música de baixo excelentemente, e existe na dita vila. Deixou geração.

3 — 5. D. Luiza, filha do capitão-mór Manoel Affonso Gaya; casou com o tenente de cavalos Carlos José Pereira, sobrinho do capitão Belchior dos Reis, do n. 3 — 2 retro. Tem a sua casa nas Minas Novas do Fanado e tem dois filhos, varão e femea.

3 — 6. D. Isabel Maria de Jesus casou com o alferes José dos Santos Pereira, natural de São Paulo. Em títulos de Pachecos Jorges, cap...., o qual faleceu em 1771. Existem bastantes filhos no Serro do Frio.

3 — 7. João Peres Ribeiro casou com D. Escholastica de Araujo Paes, filha de João Martins da Fonseca. Em título de Arrudas, n. 1.º, § 6.º, n. 3 — 2.

§ 3.º

2 — Pedro Nunes de Siqueira, capitão da ordenança no Rio São Francisco, em cujo sertão foi casado, e tem numerosa sucessão.

§ 4.º

2 — 4. Miguel Gonçalves de Siqueira (filho do capitão Manoel Affonso Gaya, cap. 4.º pag. 84), nasceu e batizou-se a 14 de Maio de 1672 na vila de Santos. Teve patente de capitão-mor do sertão e ribeira do Rio Verde, da qual nunca quiz usar, e foi intendente comissario de todo o sertão do distrito do Serro Frio, emquanto durou a ultima capitação, e fazia as cobranças dela á sua custa com tanto zelo e desinteresse, que, sem ele pedir, o Exm. conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada, e o desembargador intendente dos diamantes lhe mandaram atestações muito honrosas. Estando em Minas-Gerais na sua opulenta lavra de minerar, no ouro bueno, no tempo do levante quiz antes deixá-las, e perder tudo quanto nela tinha, do que declarar-se parcial de algum dos dois bandos; e se recolheu para o sertão a fazer companhia a seus pais e irmãos, onde foi abundante de bens, pois possuiu seis fazendas numerosas de gados vacuns e cavalares (bastava uma para

um bom patrimonio) e muita escravatura. Foi tão esmoler, e tão favorecedor da pobreza, que sua casa sempre foi frequentada de pobres, os quais saiam dela bem remediados; porém com tanta recomendação a estes, e com tanto silencio seu, que nunca se soube a quantia de dinheiro com que os beneficiava, tanta era a sua modestia e virtude! No tempo em que a extração dos diamantes era livre a cada um, que os quizesse procurar, deu ele a Fr. Hieronimo, missionario barbadinho, para a fundação do recolhimento das Macaúbas em Minas-Gerais (segundo afirmaram-me), 20 oitavas de diamantes, de cuja grandeza admirado, o dito barbadinho perguntára ao dr. e rev. Manoel de Amorim que homem era aquele, que dava uma tão grande esmola! E daqui resultou que o dito Amorim empenhou ao dito missionario, para que fizesse com que o dito Miguel Gonçalves de Siqueira casasse com sua sobrinha D. Leonor de Amorim Pereira, filha do coronel Christovão Pereira de Abreu, com quem com effeito casou, e tiveram filhos. O dito Miguel Gonçalves, carregado de anos e virtudes, faleceu em 1751 na sua fazenda do Resfriado, com sinais de predestinado, e as suas cinzas descansam na capela do Inhaí. E tiveram quatro filhos.

3 — 1. D. Antonia... casou com Antonio Thomaz Corrêa, primo do desembargador Brandão. Deixou geração.

3 — 2. Bento.

3 — 3. D. Clara de Amorim Siqueira de Abreu Bezerra casou com João de Sá Fonseca, homem nobre. Deixou geração.

3 — 4. João.

§ 5.º

2 — 5. João Gonçalves Figueira, batizado na vila de Santos a 16 de Maio de 1675, e casou em São Paulo com Maria de Lara. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 1.º, n. 3 — 11. Com sua descendencia.

§ 6.º

2 — 6. D. Catharina de Siqueira e Mendonça.

3 — 1. Luiz de Cerqueira Brandão, natural de Santo Antonio da Manga dos Currais da Bahia.

3 — 2. Jacob de Araujo.

3 — 3. Theodoro, foi jesuita no colegio da Bahia.

3 — 4. N... faleceu no seminario de Belém.

3 — 5. D...

3 — 1. Luiz de Cerqueira Brandão, cavaleiro professo da ordem de Cristo e capitão-mór da vila de Pitangui, onde casou a 24 de Fevereiro de 1724 com D. Isabel Pires Monteiro, de cujo matrimonio nasceu filha unica a exma. sra. D. Caetana Maria Brandão, mulher de Alexandre de Sousa e Menezes, o que temos escrito em título dos Campos, cap. 5.º, § 2.º, n. 3 — 6 a n. 4.

3 — 2. Jacob de Araujo, foi coronel no Rio de São Francisco do sertão da Bahia e nessa cidade casou com...

4 — 1. A.

§ 7.º

2 — 7. D. Maria das Neves, casou tres vezes, da segunda casou com o coronel João Peixoto Viegas, natural de Vianna, e dos principais daquela vila, terceira vez com Antonio Pompêo.

§ 8.º

2 — 8. D. Ignez... casou com o Mestre de Campos Mathias Cardoso de Almeida, aquele grande herói de quem tratámos em título de Prados, cap. 6.º, § 3.º, n. 1 — 9, e em Campos, cap. 5.º, § 2.º, n. 3 — 9. De cujo matrimonio nasceu filho unico:

3 — 1. Januario Cardoso de Almeida, que foi mestre de campo no Rio de São Francisco, senhor do arraial e igreja chamada de Januario Cardoso; e a construção da dita igreja é de admiravel arquitetura, adornada com ricos paramentos, etc., etc., e em dito título de Campos, cap. 5.º, § 2.º, n. 3 — 9; casou com D... sua prima co-irmã, filha do mestre de campo Athanasio de Cerqueira Brandão do § 6.º. E teve:

4 — 1. Caetano Cardoso de Almeida, coronel do Rio de São Francisco, casou com D. Ignez de Campos Monteiro. Em título de Campos, cap. 5.º, § 2.º, n. 3 — 9. Com sua descendencia de 4 filhos, que são:

5 — 1. Caetano Cardoso de Almeida.

5 — 2. Francisco Cardoso de Almeida.

5 — 3. D. Maria Sancha de Campos.

5 — 4. José Thomaz.

§ 9.º

2 — 9. N... céga a nativitate e faleceu solteira.

§ 10.º

2 — 10. Francisco... batizou-se em Santos em 1676.

N. 3.º

DE DOMINGOS AFFONSO GAYA

Domingos Affonso Gaya, (7), estabeleceu-se na vila de Santos, onde casou com Barbara Pires Pancas (irmã do reverendo, padre

(7) Foi senhor do sitio do Ribeiro na enseada na praia de São Lourenço e de outras muitas terras. Serviu os cargos honrosos da república; muito rico etc.

Antonio dos Santos Pancas, carmelita, que foi prior do convento do Carmo da vila de Santos), filho de Gonçalo Pires Pancas, e de sua mulher Maria Gonçalves, os quais são ascendentes de Alexandre de Gusmão, fidalgo da casa real (são conhecidos nas cortes principais da Europa em serviços do senhor rei d. João V, quando o mandou a Roma feito seu agente, como saudosamente lembrado na de Lisboa, e apetecido sempre de seus irmãos e mais parentes, moradores da vila de Santos sua patria), e de seus irmãos o padre Ignacio Rodrigues, jesuita; o reverendo padre mestre dr. João Alves de Gusmão; e do afamado padre dr. Bartholomeu Laurenço, por alcunha o voador, e de outros, que todos foram filhos de d. Maria Alves, que era irmã inteira dos padres jesuitas Paschoal Gomes, Sebastião Alves e Claudio Gomes, os quais todos eram filhos de Antonio Alves, e de sua mulher Maria Gomes, natural de Santos, filha de João Gomes Villa-Boas, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Jacome, que era filha ou neta do dito Gonçalo Pires Pancas (8). Foi este o progenitor da nobre familia do seu apelido Pancas na vila de Santos, onde foi juiz ordinario em 1630. Foi muito abastado em cabedais, e possuia muitas terras nos contornos da vila de Santos. Ele e sua mulher Maria Gonçalves (que faleceu em 1678 em Santos) deram partes das ditas terras aos religiosos capuxinhos para nelas fazerem o seu convento, que existe, e depois em 3 de Abril de 1652, querendo os religiosos com seu sindico mais terras para alargarem o convento, fizeram ajuste por escritura, que se acha no livro do tombo do dito convento folhas 6 verso e que foi lavrada a 9 do dito mês e ano, com os herdeiros de Gonçalo Pires Pancas, aos quais deram em permutação outras terras, que eram menos em espaço. Pelas muitas esmolas que fez o dito Gonçalo Pires Pancas ao convento do Carmo, alcançou na sua igreja jazigo para si, e seus descendentes, onde jaz, e fica junto ao arco da capela-mor, e se diz na mesma igreja uma missa cada mês por sua tenção, e dos seus herdeiros, para o que deixou no seu testamento umas casas de sobrado. Sua mulher dita Maria Gonçalves, foi filha de Alvaro Fernandes, e Izabel Gonçalves, os quais foram senhores de toda a terra desde a ponte e rio, que vai de São Francisco até além do Valongo, no rio chamado Macharico, que coube em dote a duas filhas e dois filhos. Do matrimonio de Domingos Affonso Gaya com Barbara Pancas procederam:

Manoel Affonso Gaya .... cap. 1.º
Angelo da Gaya .... cap. 2.º
Maria Gonçalves .... cap. 3.º
Isabel Pires .... cap. 4.º

---

(8) Falta no original.

CAPÍTULO 1.º

1 — 1. Manoel Affonso Gaya, natural da vila de Santos, onde faleceu em 1702 (Obitos, folhas 89), ocupou os cargos honrosos da república, onde foi juiz ordinario em 1646, e outras mais vezes. Foi abastado de bens tanto moveis como de raiz. Foi senhor do sitio chamado Ribeiro na praia de São Lourenço, que herdou de seus pais, além de muitos chãos e casas proprias na vila de Santos. Casou com Maria Pinto da Rocha, natural da mesma vila, filha de Jorge Toscano Fragoso, natural da capitania do Espirito-Santo; e de sua mulher Isabel Adorno de Sampaio, irmã inteira de frei Antonio da Luz, religioso franciscano, natural de Santos. Neta por parte paterna de Jorge Toscano Fragoso, e de Maria Barbosa (irmã de Domingos Barbosa, capitão que foi na dita capitania do Espirito-Santo), os quais Fragoso eram naquela capitania pessoas nobres. E pela parte paterna neta de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio, natural de Penagoya do termo da cidade de Lamego, que faleceu em Santos com testamento a 19 de Agosto de 1680, e de sua mulher Anna Maria Justiniana Adorno, natural de Santos, como se vê do dito testamento de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio, o qual trouxe instrumento de nobilitate processado em Lamego a 10 de Julho de 1629, cujo original conserva em seu poder seu terneto o revd. fr. Antonio França, carmelita, morador na vila de Santos no seu convento, a quem temos ponderado que por utilidade de sua familia faça registrar o dito instrumento na camara da vila de Santos (*). Diz uma nota á margem, da letra do dito religioso, que está registrado lo liv. 6.º de reg fl. 118 e seguintes da camara de Santos. Pelo dito Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio é sua filha Isabel Adorno de Sampaio, neta de Francisco Pinto e bisneta de Gonçalo Ribeiro, morador da vila de São Martinho de Macros, onde foi daquela governança tratado com armas e criados á lei da sua nobreza, e terneta de Diogo Pires da Misericordia, e terneta de Gastão Pinto, homem fidalgo descendito instrumento. O dito avô Francisco Pinto foi casado com Paula Pinto de Sampaio, irmã de fr. Luiz Pinto, professo da ordem de Cristo, e por ela foi Isabel Adorno de Sampaio bisneta de Ruy de Sampaio Pinto, homem fidalgo, morador que foi na vila de Mesamfrio, e ali vereador, juiz ordinario e provedor da Santa Casa da Misericordia, e terneta de Gastão Pinto, homem fidalgo decendente dos Pintos de Bayam; tudo assim consta do instrumento referido, dado e passado a Gonçalo Vaz Pinto de S. Paio, que casou em Santos com Anna Maria Justina, a qual foi filha legitima de Francisco Nunes Cubas, e de sua mulher Isabel Justiniana Adorno, natural de Santos, a qual foi filha de Manoel Fernandes (9)

---

(9) * Deu trabalho grande ao autor para refutar em parte o que escreveu o rev. fr. Antonio da Penha de França, cansa em ver o que seguiu o autor, que ás vezes parece que se contradiz ou fica indeciso.

e Maria Adorno, e esta filha de Raphael Adorno, irmão de José Adorno, nobres genoveses, e dos primeiros povoadores na vila de Santos, o qual José Adorno foi senhor do engenho de assucar com vocação São João, que em 1567 tinha por seus lavradores partidistas a Antão Nunes, Jacome Lopes, Francisco Annes, e Christovão Diniz (Prov. da faz. real, liv. 1.º de reg. tit. 1.567, pag. e pag.), e tambem foi o que fundou na vila de Santos a capela de Nossa Senhora da Graça, que por escritura fez dela doação aos reverendos carmelitas da dita vila, com as terras e escravos do patrimonio da dita capela. O padre Vasconcellos na *Chronica da Companhia do Brasil* diz que foram quatro os irmãos Adornos, José, Raphael, Francisco e Paulo Dias, todos com apelido de Adornos, e na pag. 41, n. 41 diz que Paulo Dias Adorno, fidalgo genovês, casára na Bahia com uma filha de Diogo Alves, e Catharina Alves, em tempo que Martim Affonso de Sousa ia para a India, a arribára á Bahia, e que o dito Adorno fora da vila de São Vicente para aquela cidade por causa de um homicidio. Nele teve principio a casa da Torre da Bahia, de onde hoje ha grande fidalguia, etc. E de José Adorno o livro *Vida do padre José de Anchieta*, com o carater de cavaleiro de Genova, talvez porque naquela república têm sido os desta familia de Adorno os que subiram ao superior governo; assim como os da familia de Fragosos e Orias, como mostram as historias daquela república.

Do matrimonio de Manoel Affonso Gaya e Maria Pinto da Rocha nasceram em Santos oito filhos:

2 — 1. Isabel Adorno .... § 1.º
2 — 2. Domingos Affonso Gaya .... § 2.º
2 — 3. Martha Pinto Rocha .... § 3.º
2 — 4. Antonio Affonso Gaya .... § 4.º
2 — 5. O capitão Gonçalo Pinto Vaz .... § 5.º
2 — 6. Anna Pinto da Rocha .... § 6.º
2 — 7. Archangela Pinto da Rocha .... § 7.º
2 — 8. Francisco Pinto da Rocha .... § 8.º

§ 1.º

2 — 1. Isabel Adorno, casou duas vezes, primeira com Manoel Jorge Ribeiro, natural de Parnagoá (filho do capitão Manoel Ribeiro), que foi abastado de bens com terras, e sítio na ilha de Santo Amaro de mar a mar, que lhe deixou no seu testamento Isabel Adorno de São Paio, por casar com sua neta Isabel Adorno, e dêste matrimonio procedeu 3 — 4: o reverendo padre frei Lopo Ribeiro da Conceição, religioso carmelita. Segunda vez casou com Manoel Games Vianna.

§ 2.º

2 — 2. Domingos Affonso Gaya, natural da vila de Santos, que faleceu em 1770, a 11 de Abril, com 93 anos e testamento. Foi abastado de bens e escravatura. Foi juiz ordinario muitas vezes na vila de São Sebastião, e casou com Veronica Pires Bitancur, natural da dita vila, descendente da nobre familia dos Bitancures das Ilhas. E teve:

3 — 1. Manoel Affonso Gaya, natural da vila de São Sebastião, que casou com Liberata Paes do Amaral, filha de Antonio de Amaral, e de Maria de Escolcia.

3 — 2. Domingos Affonso Gaya. Foi juiz ordinario da vila de São Sebastião e faleceu solteiro.

3 — 3. Antonio Pinto Gaya, casou com Maria Ribeiro, filha de Antonio Ribeiro de Escovar, e de... E teve uma filha, que existe solteira em São Sebastião, Margarida Pinto de Gaya.

3 — 4. Archangela da Motta, faleceu solteira.

3 — 5. José da Rocha, faleceu solteiro, sendo soldado.

3 — 6. Francisco Xavier da Motta, casado com Maria Pedroso, filha de Jordão Homem Pedroso, e de Anna Pedroso, todos naturais de São Sebastião.

§ 3.º

2 — 3. Martha Pinto da Rocha, casou com José de Sousa e Siqueira, natural do Rio de Janeiro, e tiveram tres filhos: primeiro o reverendo padre frei Ignacio de Santa Thereza, religioso carmelita, que ainda existe, segundo Antonio Pinto de Sousa, que faleceu solteiro, terceiro Leonor de Sousa e Siqueira, que existe solteira.

§ 4.º

2 — 4. Antonio Affonso Gaya, que casou com Clara Pinto da Rocha, e tiveram:

3 — 1. Maria Pinto.

3 — 2. Isabel Pinto, casou com Manoel da Costa Meira, natural de Portugal, senhor da fazenda do Camapoan, no caminho de Cuiabá.

3 — 3. Brisida Pinto, casou com Diogo Peixoto, natural de Portugal e socio do dito Meira na mesma fazenda de Camapoan.

3 — 4. Valerio Pinto, solteiro, que tambem foi povoar as minas de Cuiabá.

§ 5.º

2 — 5. O capitão Gonçalo Vaz Pinto, faleceu solteiro. Foi senhor do sítio chamado Ribeiro, na Praia de São Lourenço, e de muitas extensas terras (na mesma praia), cujos fundos até a serra

excedem de duas leguas, além de outras que tinha na vila de Santos, onde faleceu com testamento em 1769, e jaz na mesma sepultura hereditaria de seu bisavô Gonçalo Pires Pancas. Foi capitão de infantaria dos moradores da Bertioga até a sua morte.

§ 6.º

2 — 6. Archangela Pinto da Rocha, natural da vila de Santos, que casou com Miguel Gonçalves Martins, natural de São Sebastião, filho legítimo de Diogo Gonçalves, natural da vila de Santos, e de Violante Barbosa, natural da Bahia, a qual era prima co-irmã do vigario colado de São Sebastião, José da Silva de Moraes. E o dito Miguel Gonçalves Martins foi juiz ordinario muitas vezes, e nobre republicano, bem afazendado na sua fazenda de Panamehuma, com muita escravatura. E teve:

3 — 1. Miguel Gonçalves Martins, natural da vila de São Sebastião, de cuja república serviu os honrosos cargos, foi bem afazendado, e casou com Josepha Nunes de Freitas, filha do capitão José Nunes da Fonseca e de Rosa Pires da Motta, naturais de São Sebastião. E tiveram cinco filhos, os quais são menores, José Marcelino da Fonseca, Archangelo Pires da Motta, Anna Pires da Motta, Maria Nunes de Freitas e Rosa Pires da Motta.

3 — 2. Maria Pinto, casada com o alferes de auxiliares Bento Luiz Pereira, filho legítimo do capitão Luiz Nunes de Freitas, e de Maria Gomes, que foi e é dos da governança, tendo servido muitas vezes de juiz, vereador e procurador do conselho. Neto por parte paterna do capitão Miguel Gonçalves da Fonseca, e de Maria Nunes de Freitas; e por parte materna neto do sargento-mor Antonio Gomes Pereira e de Maria de Abreu; o qual Antonio Gomes Pereira, foi irmão inteiro dos revs. Diogo Luiz Pereira, primeiro vigario colado que houve na vila de Taubaté, e Manoel Gomes Marzagam, tambem o primeiro vigario colado que houve na vila de São Sebastião, o qual fundou uma capela de Nossa Senhora de Ajuda da parte da Ilha, que ainda existe com grande culto divino, e lhe fez avultado patrimonio de tresentas braças de terras, escravaturas, ornamentos, imagens, etc. Do matrimonio, pois, de Maria Pinto com o Alferes Bento Luiz Pereira nasceram cinco filhos naturais de São Sebastião: Antonio Luiz Pereira de São Paio, Miguel Pinto de São Paio, Anna Maria Justiniana Adorno, Manoel Pinto da Fonseca e Maria Eufrasia Pereira, todos menores em 1770.

§ 7.º

2 — 7. Anna Pinto da Rocha, foi casada com Gregorio Furtado de Siqueira, e já é falecido.

§ 8.º

2 — 8. Francisca Pinto da Rocha, faleceu em 29 de Maio de 1753, com 53 anos de idade, e jaz na capela-mor da igreja do Carmo da vila de Santos. Casou com René Le Roux, natural do reino de França, bispado de Angé, como consta das inquirições de *genere*, que existem na camara de São Paulo na lingua latina, que se tiraram naquele bispado por parte dos filhos do dito René Le Roux, cirurgião aprovado, que se tratou bem na vila de Santos, e onde possuiu casas e fazendas, que são tres, e mais terras, etc.. O filho que escreveu n. 3 — 1 se estende mais. E teve, nascidos na vila de Santos, 13 filhos:

3 — 1. O padre frei Antonio da Penha de França, religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro, nasceu a 4 de Setembro de 1719. Faleceu na vila de Itú, em fins de 1792, estando presidente daquele convento .

3 — 2. Margarida Pinto do Nascimento, solteira.

3 — 3. Maria Theresa de Jesus França, casou com Simão de Siqueira Gayno, natural da vila de Santos, filho de Claudio Gayno, francês de nação, e de sua mulher Isabel de Siqueira, irmã inteira do rev. fr. Luiz Vareiro, religioso carmelita, que foi prior na capitania do Espirito Santo, naturais de Santos, e filhos de Manoel Dias Vareiro (irmão das tres que foram de casa mudada para a capitania do Espirito Santos, Isabel de Siqueira, solteira, Leonor de Siqueira, solteira, e Catharina de Siqueira, que casou com Manoel da Silva de Vasconcellos, escrivão proprietario de tabelião do público judicial e notas de Santos, por mercê do donatario marquês de Cascaes), e de sua mulher Maria de Oliveira, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira, irmã inteira do muito rev. fr. Angelo..., religioso carmelita, que foi prior muitas vezes, e faleceu no convento de Mogi das Cruzes com 100 anos de idade.

Foi irmão de Siqueira Gayno, nobre republicano da vila de Santos, onde serviu de vereador mais velho muitas vezes, fazendo as vezes dos juizes de fora, todas as vezes que faltavam estes, e tratou-se sempre á lei da nobreza. E teve do seu matrimonio oito filhos: José Xavier Pinto de Siqueira, Francisco Pinto Adorno e França, Anna Maria Pinto de Siqueira, Antonio Cubas Adorno de Siqueira, Francisca Pinto de Siqueira, Maria Gertrudes Pinto, Joaquim Gayno de São Paio — Thomaz Pinto de São Paio Gayno, todos naturais de Santos.

3 — 4. O padre fr. José Rodrigues do Rosario França, religioso carmelita.

3 — 5. Manoel Rodrigues Adorno França, existe solteiro: tem ocupado os cargos honrosos da república, etc.

3 — 6. Francisca Maria Pinto de França, solteira.

3 — 7. O padre Francisco Xaxier Pinto Adorno França, presbitero secular, foi coadjutor no arraial de Nossa Senhora do Pilar, nas minas de Goiazes (esteve em Lisboa em 1781), batizado a 12 de Fevereiro de 1730.

3 — 8. O padre João Rodrigues França, presbitero secular, que foi o primeiro capelão ou vigario do colegio dos jesuitas, depois da expulsão geral deles da vila de Santos, com 120$ de congrua anual, e é hoje coadjutor da matriz da dita vila, sua patria.

3 — 9. Anna Maria Justiniana Adorno e França, solteira.

3 — 10. Luiza Leonor Pinto de São Paio, solteira.

3 — 11. Thomaz José Pinto Adorno França, que existe solteiro, e foi o primeiro provedor comissario do registo das minas do Desemboque, e sempre se tratou á lei da nobreza, tendo antes exercitado os pateos classicos.

3 — 12. Gertrudes do Sacramento França, faleceu na vila de São João d'El-Rei, e jaz na capela dos terceiros do Carmo, de onde era ela terceira. Casou com João Francisco Ravim, do reino de França, e tiveram tres filhos: Ignacio Alexandre Pinto de São Paio, natural de Santos, Francisca Emilia Pinto Ravim, natural de São Paulo, João Francisco Pinto Ribeiro, natural de São João d'El-Rei.

3 — 13. Catharina Justiniano Adorno e França, solteira, batizada a 14 de Maio de 1741.

CAPÍTULO 2.º

1 — 2. Angela da Gaya (filha de Domingos Affonso Gaya, do n. 3.º), natural da vila de Santos, casou com Manoel da Motta (dos Mottas de São Vicente, gente muito nobre e distinta, e dizem que forada), que estabeleceu-se em São Sebastião, e nesta vila foi dos primeiros em tudo, com respeito, cabedais, fazenda, postos, e cargos da república. E teve seis filhos:

2 — 1. Barbara Moreira .... § 1.º
2 — 2. Sebastião da Motta .... § 2.º
2 — 3. João da Motta .... § 3.º
2 — 4. Antonio da Motta .... § 4.º
2 — 5. Maria Moreira .... § 5.º
2 — 6. Veronica da Gaya Moreira.... § 6.º

§ 1.º

2 — 1. Barbara Moreira, casou com o sargento-mor Manoel Gomes Marzagão, o qual foi o homem de maior respeito daquela terra, e o que a governava, muito rico, com fazendas, escravaturas, etc. E teve cinco filhos:

3 — 1. Thomé Gomes Marzagão, solteiro. Foi juiz ordinario muitas vezes; faleceu em Goiazes.

3 — 2. O capitão Duarte Gomes Marzagão, faleceu solteiro em São Sebastião.

3 — 3. Maria Gomes Moreira, casada com o coronel Manoel Alves de Moraes, natural de São Paulo.

3 — 4. Rosa Gomes Moreira, casada com Pedro Dias Raposo, natural de São Sebastião.

3 — 5. O capitão Domingos Gomes Marzagão, casou duas vezes, primeira com Francisca Leite, filha de Diogo de Escobar Ortiz, e de Catharina Nunes de Freitas; e segunda com F..., filha de João de Oliveira Basto.

§§ 2.º e 3.º

2 — 2. Sebastião da Motta. Foi de muito respeito e do governo da república, casou com Isabel Corrêa, sem geração.

2 — 3. João da Motta, casou com Maria Corrêa, e foi do govêrno da república. E teve:

3 — 1. Diogo Corrêa. Foi juiz ordinario tres vezes: bem afazendado, e casou com Ignez de Andrade, sobrinha direita do mestre de campo João Ayres de Aguirre, natural do Rio de Janeiro, que por sua morte deixou á dita sobrinha parte dos seus cabedais; e tambem era ela da familia do capitão Martinho de Oliveira Leitão.

3 — 2. Anna de Gaya, casada com João da Silva Torres, natural de São Sebastião, que foi juiz ordinario, etc.

3 — 3. Veronica da Gaya, casada com Estanisláo Rodrigues, natural do Rio de Janeiro.

3 — 4. O alferes João Corrêa, casado com Maria Manoel, filha de Amaro Alves da Cruz, e de Maria Nunes Moreira.

3 — 5. Maria Corrêa, casada com Lucas Dias Sobral, natural da vila de Itanhaen.

3 — 6.º Sebastião da Motta, solteiro.

§ 4.º

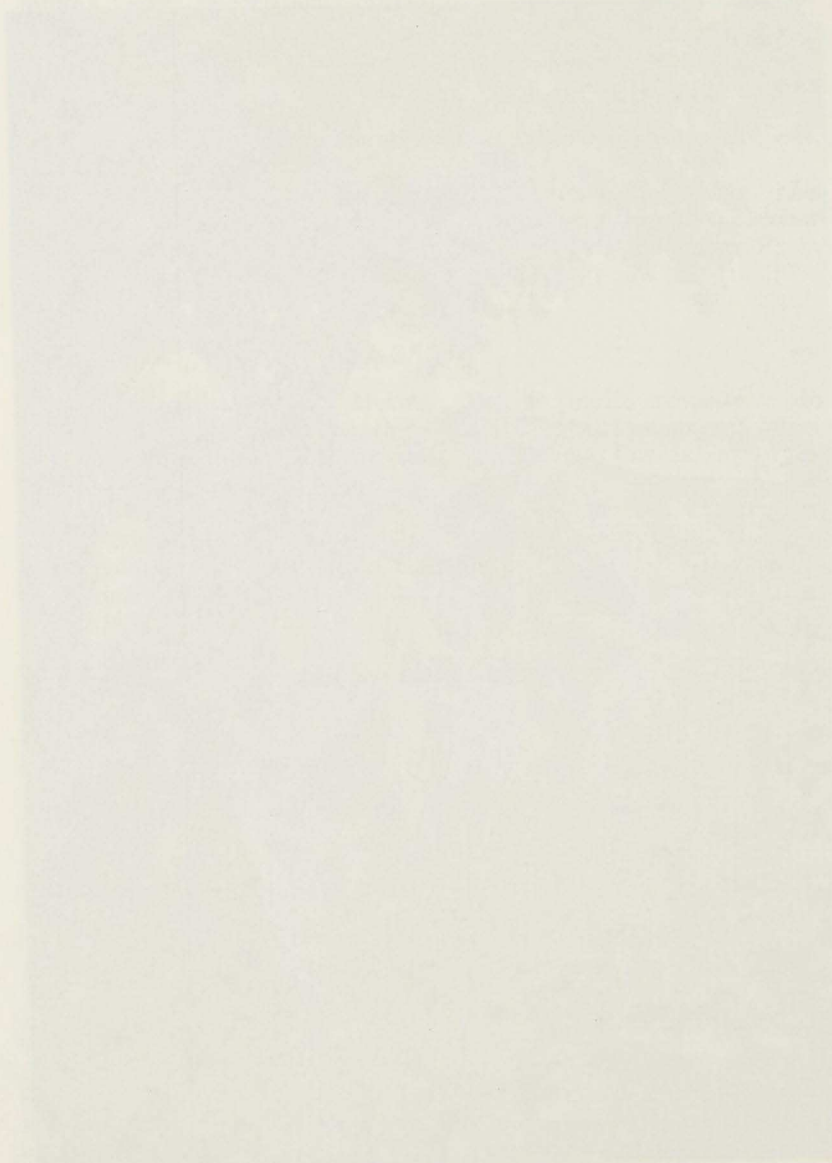
2— 4. Antonio da Motta, casou com Anna de Sousa, natural de Santos. Tiveram os filhos seguintes:

3 — 1. D. Joanna da Motta, casou com o capitão de infantaria paga Fernando Leite Guimarães, bem afazendado, com engenho de assucar, que êste ano de 1770 fez 17 caixas dele, com muita escravatura na ilha de Santo Amaro de Guaibé, no seu sitio chamado Munduba, etc.

3 — 2. Francisco da Motta, faleceu solteiro.

3 — 3. Manoel da Motta.

3 — 4. Bento da Motta.

Ciclo dos criadores de gado, por Baptista da Costa — *(Cortesia do Museu do Ipiranga).*

3 — 5. Ursula da Motta foi casada com Sebastião Dias, natural de São Vicente.

3 — 6. Helena da Motta, faleceu solteira.

3 — 7. Maria da Motta, casada com Manoel Filippe, natural de Portugal.

§ 5.º

2 — 5. Maria Moreira, casou com Bernardo de Goes, natural de Portugal, que foi juiz ordinario naquela vila de São Sebastião 17 vezes. E teve sete filhos:

3 — 1. Manoel de Goes, faleceu solteiro.

3 — 2. Sebastião de Goes, casado com Maria Corrêa, filha do capitão Luiz Nunes de Freitas, natural de São Sebastião, e de sua mulher Maria Gomes. E teve cinco filhos: Luiz Nunes, casado, Manoel Nunes, casado, Maria Eufrazia Moreira, solteira, Rosa Maria de Aguirre, casada e Carlos Nunes, casado em Ubatuba.

3 — 3. Simão Ayres de Aguirre, casado com Maria de Abreu Pedroso.

3 — 4. Theresa de Goes, que faleceu com testamento, em Novembro de 1770, e foi casada com o sargento-mor Manoel João Martins.

3 — 5. João de Goes, casado com Theresa de tal.

3 — 6. Bernardo de Goes, casado com Ana Coelho da Luz, natural da Conceição de Itanhaen.

3 — 7. Barholomêo de Goes, casado com Brisida Ribeiro, natural de São Sebastião.

2 — 6. Veronica da Gaya, casada com Antonio de Faria Sodré, natural de São Sebastião. E teve:

3 — 1. João de Faria Sodré, casado duas vezes, primeira com Catharina Mendes das Neves e segunda com Ana Moreira.

3 — 2. Maria da Gaya, faleceu solteira.

3 — 3. Angela da Gaya Moreira, casada com Antonio Corrêa Marzagão.

3 — 4. Miguel de Faria, casado com Catharina de tal.

3 — 5. Catharina da Gaya, faleceu de menor idade.

3 — 6. Leonardo de Faria Sodré, casado com Maria Josépha da Conceição, filha de Antonio Homem Coutinho e de Domingas de Freitas Ramos.

3 — 7. Ignez de Oliveira Ortiz, faleceu e foi casada com o alferes Manoel Dias Cardoso.

3 — 8. Barbara Moreira, e 3 — 9, Manoel, de idade de um mês, faleceram.

São tantos os descendentes de Angela da Gaya, e Manoel da Motta, na vila de São Sebastião, que seria enfadonho e dificil por todos os seus bisnetos, e ternetos, já na dita vila não se casa alguem sem dispensa, porque todos estão aparentados com Gayas e Mottas.

CAPÍTULO 3.º

1 — 3. Maria Gonçalves (filha de Domingos Affonso Gaya do n. 3.º), natural da vila de Santos. Casou com Antonio de S. Paio, natural de Portugal, o qual logrou grande estimação e respeito; ocupou os cargos da república, e foi abundante de cabedais, e senhor do sítio da Enseada, na praia da Bertioga. Deixou um morrete (* Não sei o que é) no canto da dita enseada para a parte da praia de São Lourenço, para patrimonio de uma capela, que se havia de fazer a Nossa Senhora da Conceição. E teve:

2 — 1. João Thomé Adorno de S. Paio § 1.º
2 — 2. Miguel de S. Paio .... § 2.º
2 — 3. Domingas de S. Paio .... § 3.º
2 — 4. Diogo Adorno .... § 4.º
2 — 5. Anna de S. Paio .... § 5.º

§ 1.º

2 — 1. João Thomé Adorno de S. Paio, natural de Santos, casou duas vezes: primeira com Maria da Silva, e da segunda vez com Theresa de Oliveira, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira. Foi homem nobre dos do governo da república, senhor de muita escravatura, terras, casas de sobrado, e do sítio das Canavieiras, na praia da Bertioga. E teve do primeiro matrimonio:

3 — 1. Diogo Adorno de S. Paulo, casou na vila de Mogi, com geração.

3 — 2. Helena da Silva, faleceu sem descendencia.

3 — 3. Frei Sebastião dos Anjos, faleceu religioso de Nossa Senhora do Carmo.

3 — 4. Joanna da Silva, casada com João Rosario, natural de São Sebastião.

E do segundo matrimonio teve tres filhos:

3 — 5. Gregorio Adorno de S. Paio, natural de Santos, faleceu solteiro.

3 — 6. Catharina Ribeiro de Sene, casada com Thomaz Rosado, natural de São Sebastião.

3 — 7. Eufrazia de Oliveira, faleceu solteira.

§ 2.º

2 — 2. Miguel de S. Paio, casou duas vezes: primeira na vila de Mogí, com Maria Pedroso, filha de Antonio Pedroso de Alvarenga, e de Maria do Rosario; segunda vez casou com Isabel

Ribeiro, natural de Santos, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira, sem geração. E teve do primeiro matrimonio filha unica, que existe. Foi dito Domingos Miguel de S. Paio abastado de bens, escravos, terras, casas e senhor de sítio da Enseada, praia da Bertioga, que herdou dos seus pais. Foi do governo da república, e logrou grande respeito. Faleceu com testamento e jaz na capela dos terceiros do Carmo. A filha é:

3 — Anna Pedroso de Alvarenga, que casou com João Martins, filho de Portugal e senhor do sítio da Enseada, que herdaram do dito Miguel de S. Paio. E tiveram varios filhos, que são: José Martins, faleceu. Miguel de S. Paio, João Ribeiro, Antonio Pedroso.

§ 3.º

2 — 3. Domingas de Sampaio, casou com Manoel Gonçalves Leça, e não sei (* Diz Fr. Antonio da Penha de França) se este Leça foi natural de Portugal, ou da Conceição de Itanhaen, já filho de outro F.... Leça: sim sei, que foi de muita estimação, bem afazendado e de respeito, etc. E teve tres filhos:

3 — 1. Rosa Maria, casada com o alferes de infantaria Manoel Gonçalves Sardinha, filho de Portugal, e entre muitos filhos teve um, que foi o padre Fr. Thomaz Gonçalves, religioso carmelita: e outra filha mais, que casou com Damião da Costa, de quem é filho o padre Fr. João Marianno, religoso carmelita.

3 — 2. Francisca de S. Paio, casou com Manoel Alves Pedroso.

3 — 3. Angelo Gonçalves Leça, casou com Lourença da Silva, natural de S. Vicente, filha de Alexandre da Silva, sem geração.

§ 4.º

2 — 4. Diogo Adorno, estabeleceu-se na vila de Mogí das Cruzes, e não se sabe se deixou descendencia, só sim que em 1705 José Adorno e João Bapista Adorno fizeram preparação para se trasladarem as sesmarias, e titulos de terras concedidas a Raphael Adorno, genovês nobre, etc., e como este Diogo Adorno, com os seus irmãos dos paragrafos supra e infra, são descendentes do dito Raphael Adorno, de quem se trata no cap. 1.º dêste n. 3.º, provavelmente serão José Adorno, e João Baptista Adorno, decendentes e herdeiros do dito José Adorno, porque aqueles eram de Mogí, etc.

§ 5.º

2 — 5. Anna de S. Paio, faleceu solteira.

CAPÍTULO 4.º

1 — 4. Isabel Pires, natural de Santos (filha do n. 3.º), casou com João Alves, natural de Portugal, o qual teve muita estimação, bens, e foi do governo da república, com casas em Santos e fazenda na praia de Bertioga. E teve:

2 — 1. Eusebio Alves Gaya, natural da vila de Santos, casou com Francisca de Aguiar, filha de Custodio Leitão e de sua mulher Anna de Aguiar. E tiveram unico filho:

3 — 1. Gabriel Alves Gaya, que casou com Brizida Colasso de Menezes, filha de Dionisio da Costa, e de sua mulher Maria Vilella de Menezes, sem geração, e todos faleceram.

2 — 2. João Alves, estabeleceu-se em Paranaguá, onde casou.

2 — 3. Domingos Alves, natural de Santos, faleceu solteiro.

N. 4.º

De Paschoal Affonso

Paschoal Affonso fez estabelecimento na vila de Santos, onde teve sempre as redeas do governo civil da república como pessoa de muita autoridade, veneração e respeito. Pelos anos de 1656 em 2 de Outubro tomou posse, e fez juramento de preito e homenagem de sargento-mor da capitania de São Vicente nas mãos do capitão-mor governador da dita capitania Manoel de Quebedo e Vasconcellos; e foi provido neste posto por ausencia do sargento-mor proprietario, Francisco Garcez Barreto, para o Rio de Janeiro, que era sogro deste Paschoal Affonso. (Cart. da Prov. da Faz. R. liv. de Reg., capa de Olandilha, tit. 1.637, pag. 113), e casando com d. Maria Garcez Barreto, levou em dote o ofício de propriedade de provedor da real casa da fundição dos quintos de ouro da mesma capitania, e casando sua filha d. Helena Garcez com Manoel Rodrigues de Oliveira, ficou este sendo provedor da real fundição por carta de propriedade datada em Lisboa a 23 de Fevereiro de 1673 (Arquivo da cam. de São Paulo, liv. de Reg., tit. 1.675, pag. 17). O lugar de provedor com 400 cruzados por ano de ordenado ocupou o dito Paschoal Affonso mais de 20 anos até falecer em Santos, em 1672 (Obitos, fl. 30), e lhe sucedeu no mesmo ofício de propriedade seu genro Manoel Rodrigues de Oliveira, em 1673, como fica referido. Foi d. Maria Garcez Barreto, mulher do provedor Paschoal Affonso, filha de Francisco Garcez Barreto, a quem o sr. rei Dom João IV fez mercê de propriedade do posto de sargento-mor da capitania de São Vicente, com 80$ de soldo por ano: e nesta carta patente diz o mesmo senhor o seguinte: "Tendo consideração aos serviços a que Francisco Garcez Barreto, natural da vila de Almeida (filho de Manoel Garcez Barreto), tem feito nas guerras do Brasil por espaço de 13 anos,

desde o de 1630, até o de 1643 em praça de soldado, capitão e sargento-mor, e com sua pessoa, e escravos se achar nas baterias, que o inimigo deu por vezes na ilha de Itamaracá, despendendo muito da sua fazenda na defensão daquela praça, largando tudo o mais, que no distrito dela possuia, quando se retirou com sua mulher e quatro filhas donzelas para o arraial de Pernambuco; e nas brigas, que depois houve na Paraíba, Porto Calvo, sítio da cidade do Salvador de Todos os Santos da Bahia, posto pelo conde de Nassau em 1638, proceder como bom soldado, e na mesma forma haver-se ultimamente na disposição das cousas da milicia, e fortificações da companhia de São Vicente, servindo de sargento-mor dela provido pelo marquês de Montalvão em o dito posto; hei por bem de lhe fazer mercê de propriedade do cargo de sargento-mor da mesma capitania de São Vicente, etc. E tomou posse na camara capital desta vila, em 13 de Dezembro de 1644, pelo capitão-mor governador e alcaide-mor da dita capitania, Francisco da Fonseca Falcão (Cart. da Prov. da Faz., liv. de Reg., tit. 1.637, pag. 40. Arquivo da camara da cidade de São Paulo, liv. de Rev., n. 2.º, tit. 1.642, pag. 44).

Quando o conde de Castelo Novo, o marquês de Montalvão, d. Jorge Mascarenhas proveu ao dito Garcez em sargento-mor da capitania de São Vicente por patente datada da Bahia, a 22 de Novembro de 1640, e pela qual tomou posse no 1.º de Fevereiro de 1641, lhe relata os serviços feitos em Pernambuco, em Itamaracá e em Paraíba, que vêm a ser os mesmos já referidos acima (10). Estando servindo de sargento-mor, veiu a Santos Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e confirmando-o no mesmo posto que ocupava pela patente do marquês de Montalvão lhe relata os serviços com maior individuação, *ibi.* "Na capitania de Itamaracá, quando o inimigo holandez a intentou tomar com armada de 14 naus e 23 lanchas, em Abril de 1631, onde procedeu muito honradamente por espaço de um mês, que durou o cerco, metendo socorros e mantimentos nela para remedio da infantaria: e quando o inimigo entrou pela barra do Catuhama com dois patachos e sete lanchas, trabalhou e assistiu em uma plataforma, que fez para jogar a artilheria, que obrigou ao inimigo a retirar-se com muito dano: assistiu e pelejou na bateria real, feita ao forte, que o holandês tinha na entrada da barra. Achou-se outra vez na dita capitanía quando a ela veiu o inimigo com 10 naus e 14 lanchas, em 3 de Fevereiro de 1632, onde se houve com conhecido valor. Este mostrou tambem no grande assalto, que de noite deu o inimigo, terceira vez contra aquela praça, lançando em terra 2.500 homens de guerra, não havendo na praça mais de 60 pessoas, entre as quais foi o dito sargento-mor, que então retirou sua casa com quatro filhas donzelas para a Paraíba, onde se achava, quando a ela foi o inimigo a render essa cidade com 4.000 homens, em 4 de

---

(10) Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registro, tit. 1.641, pág. 26 v.

Dezembro de 1634, servindo o cargo de ajudante, em que procedeu com muito valor; e então lhe matou o inimigo na fortaleza a seu sobrinho Antonio Telles Barreto. Achou-se tambem no Porto Calvo; depois se achou na cidade da Bahia do Salvador, quando o conde de Nassáu a sitiou, e então ocupou o posto de capitão de infantaria do 3.º de Portugal, em que se portou com valor; e perdeu o inimigo nesses assaltos acima de 2.000 homens. Achou-se segunda vez na mesma cidade quando a ela voltou o inimigo com grossa armada, etc. — Dada no porto da vila de Santos, a 16 de Setembro de 1642.

Da Bahia veiu o sargento-mor Francisco Garcez Barreto para a vila de Santos (no estado de viuvo), com quatro filhas donzelas, nos fins do mês de Janeiro de 1641, e tomou posse do emprego de sargento-mor da capitania de São Vicente, em que vinha provido pelo dito marquês de Montalvão: fez o seu estabelecimento na vila de Santos. O sr. rei Dom João IV lhe fez mercê do lugar de provedor da casa da fundição dos reais quintos do ouro da capitanía de São Paulo, com alvará de poder com este ofício dotar a uma de suas quatro filhas, no ano de 1645 (Arch. da Camara de São Paulo, liv. de Reg., n. 2.º, tit. 1.642, pags. 58 e 60); e neste mesmo ano, em 2 de Abril se estabeleceu em São Paulo a real casa de fundição pelos administradores gerais das minas da capitanía de São Vicente e São Paulo, Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e seu tio Duarte Corrêa Vasques Annes, aos quais creou administradores gerais das Minas o sr. rei Dom João IV, com instrução que lhes deu para observarem nesta administração, datada em Lisboa, a 7 de Junho de 1644. (Arch. da Cam. de São Paulo, L. de Reg. n. 2.º, tit. 1.642, pag. 50 v.). Em 1650 foi o sargento-mor Francisco Garcez Barreto provido em provedor dos defuntos e ausentes, capelas e resíduos da capitania de São Vicente, de que tomou posse a 15 de Agosto do mesmo ano. (Arch. da Cam. de São Paulo, L. de Reg., n. 3.º, tit. 1.648, pag. 24 v.). Era morador da cidade do Porto Francisco Garcez Barreto, e cidadão daquela camara e casado na dita cidade, com dona Martha da Fonseca, com a qual, e quatro filhos, se passou para a capitanía de Itamaracá, em Pernambuco, e sua mulher faleceu na Bahia. Entre as suas quatro filhas que, donzelas, chegaram a Santos, foi d. Maria Garcez Barreto, que casou com Paschoal Affonso, que levou em dote o ofício de provedor da real casa da fundição dos quintos de São Paulo como fica referido.

Do matrimonio do provedor Paschoal Affonso nasceram dois filhos:

D. Helena Garcez .... cap. 1.º
D. Clara Garcez .... cap. 2.º

CAPÍTULO 1.º

1 — 1. D. Helena Garcez, faleceu em Santos, a 20 de Dezembro de 1702, com testamento, declarando nele ser natural da vila de Santos, filha de Paschoal Affonso, provedor da casa de fundição, e de sua mulher d. Maria Garcez, que fora casada primeira vez com o capitão Bartolomêo Rodrigues de Aguiar e segunda vez com Manoel Rodrigues de Oliveira, provedor da casa da fundição dos reais quintos, de quem tivera dois filhos, que ambos faleceram solteiros (um foi Paulo Rodrigues de Oliveira, que faleceu em 1700) ; e que do seu primeiro matrimonio tivera filha unica d. Sebastiana Rodrigues de Aguiar, mulher do capitão Antonio da Rocha do Canto (Cartorio da ouvidoria de São Paulo, maço dos residuos, testamento de d. Helena Garcez, letra E).

Paragrafo unico

2 — D. Sebastiana Rodrigues de Aguiar casou em Santos, com o capitão Antonio da Rocha do Canto (irmão de Hieronimo da Rocha do Canto, que faleceu solteiro, em Santos, a 3 de Dezembro de 1696), como se vê do seu testamento no residuo da ouvidoria de São Paulo, letra I, natural da freguezia de São Bartholomêo de São Gans, conselho de Monte Longo da comarca de Guimarães, arcebispado de Braga, filho de João Lopes de Oliveira, e de sua mulher Maria da Rocha do Canto. E teve nascidos e batizados em Santos tres filhos:

3 — 1. Frei João da Rocha, que existe ainda em 1769, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, e dela tem sido definidor, e ocupado os lugares de prior e visitador, e está aposentado no convento de Santos, sua patria, com 77 anos de idade.

3 — 2. Frei Miguel da Rocha, carmelita, que, estando morando no convento da vila de Santos, nele faleceu a 26 de Julho de 1761. Era definidor atual da sua provincia do Rio de Janeiro, padre presentado, e tinha ocupado o lugar de prior nos conventos da ilha Grande e da vila de Santos, e foi visitador comissario do provincial, etc.

3 — 3. José da Rocha, faleceu solteiro em Santos.

CAPÍTULO 2.º

1 — 2. D. Clara Garcez, faleceu em Santos, em 1667, estando casada com José Nunes Figueira, e consta do assento do livro dos obitos da matriz de Santos, á fl. 23, que dita Clara Garcez fora filha do provedor Paschoal Affonso.

CHASSINS

Foi progenitor desta nobre familia, na capitania de São Paulo, Gonçalo Simões Chassim, natural da vila, hoje cidade do Portimão, no reino do Algarve, e batizado na matriz da mesma. Foi filho legitimo de Rodrigo Simões e de sua mulher Joana Jorge Chassim, moradores que foram em casas proprias na rua da Carianna. Consta o referido no testamento com que faleceu em São Paulo, o dito Gonçalo Simões Chassim a 25 de Maio de 1720 (1). A nobreza deste Gonçalo Simões Chassim consta melhor dos autos de justificação de *puritate et nobitate probanda,* processados em Portimão a requerimento de Rodrigo Bicudo Chassim, seu filho, estando morador em São Paulo, onde recebeu por instrumento extraido do processo original uma via autêntica.

Estabeleceu-se em São Paulo, e depois na vila de Parnaiba, com grande fazenda de cultura, e da república desta vila teve repetidas vezes as redeas do governo. Foi fundador da capela de Nossa Senhora de Nazareth, construida na mesma fazenda junto ao rio Tiete. Para a festa anual da Senhora a 8 de Setembro, deixou 200$000 para de seus reditos sairem as despesas dela. Este legado consta do dito testamento, que foi feito de mão comum com sua mulher D. Maria Leme de Brito em que tambem determinaram fossem sepultados na capela da ordem terceira de São Francisco da cidade de São Paulo, onde eram professos. Nessa cidade casou-se com a dita D. Maria Leme de Brito, natural dela, e onde faleceu a 24 de Março de 1688. Foi filha de Antonio Bicudo de Brito, natural e nobre cidadão de São Paulo, e de sua mulher dona Maria Leme de Alvarenga, com quem casou em São Paulo, a 19 de Abril de 1635. Ele faleceu em Itu, em 1662, e ela em Parnaiba, com testamento, a 14 de Janeiro de 1654 (2). Neta pela parte paterna de Antonio Bicudo, natural e nobre cidadão de São Paulo, e de sua mulher D. Maria de Brito, que foi filha de Diogo Pires, e de sua mulher Isabel de Brito, que faleceu com testamento a 2 de Maio de 1650 (3). Este Diogo Pires foi filho de Salvador Pires, e de sua primeira mulher F... Em título de Pires, da capitania de São Paulo n. 2. Antonio Bicudo, marido de Maria de Brito, faleceu em São Paulo, com testamento, a 4 de Dezembro de 1650, declarando nela a sua naturalidade, e o nome

---

(1) Cart. 1.º de not. de São Paulo, maço 2.º dos inv. o de Gonçalo Simões Chassim com testamento.

(2) Cart. de Órfãos da Parnaiba, nos inv. ns. 118 e 171.

(3) Cart. 2.º de notas de São Paulo, maço de inv. antigos o de Izabel de Brito com testamento.

de seus pais, sua mulher e filhos (4). Este Antonio Bicudo fez o seu estabelecimento na mesma fazenda que fora de seus pais, no sítio de Carapicuiba, fez várias entradas ao sertão, e conquistando muitos indios gentios de diversas nações, depois de instruidos nos sagrados dogmas, se fizeram católicos, e deles desfrutava o serviço na cultura das terras e da extração do ouro da serra de Jaraguá e Ribeira de Santa Fé, com o carater de administrador. Foi filho de Antonio Bicudo Carneiro, natural da ilha de São Miguel, de onde passou a estabelecer-se em São Paulo com seu irmão Vicente Bicudo.

Estes foram os primeiros povoadores de São Paulo onde fizeram muitos serviços a Deus e ao rei, porque sempre com suas pessoas e armas ajudaram a defender a terra nas repetidas guerras que contra os portugueses moviam os barbaros gentios do sertão, que tambem com assaltos repentinos infestavam a terra. Isto consta de um requerimento, que estes irmãos fizeram aos oficiais da camara de São Paulo, em 9 de Outubro de 1610, relatando nele que havia muitos anos tinham vindo para São Paulo, que eram casados e tinham filhos, e por conclusão da súplica pediram por carta de data 300 braças de terra, partindo pelo rio Carapicuiba (5).

Antonio Bicudo Carneiro, como pessoa de qualificada nobreza pela familia dos seus apelidos na ilha de São Miguel, sua patria, como nos ensinam os nobiliarios das familias nobres e ilustres das ilhas dos Açores, foi muito respeitado em São Paulo, de cuja república serviu os honrosos cargos dela. Pelos anos de 1585 era ouvidor da comarca da capitania de São Vicente e São Paulo, e em Janeiro dêste mesmo ano mandou levantar pelourinho na vila de São Paulo (6). Foi casado com D. Isabel Rodrigues, de quem teve dois filhos varões e quatro femeas, como ele declarou em uma súplica, que em 1598 fez aos camaristas de São Paulo para efeito de fazer casas de morada com quintal (7). Este casamento tambem se prova do testamento já citado de seu filho Antonio Bicudo, que nele declarou que era filho de Antonio Bicudo Carneiro, natural da ilha de São Miguel, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues, natural da vila de São Paulo. Em título de Bicudos Carneiros.

Neta pela parte materna dita D. Maria Leme de Brito, mulher de Gonçalo Simões Chassim, de Frederico de Alvarenga, natural e nobre cidadão de São Paulo, de donde se passou de casa mudada para Parnaiba, onde foi capitão dos seus moradores para reger e governar, e de sua mulher D. Luzia Leme, natural da vila de São Vicente, com quem casou na matriz de São Paulo, a qual foi filha de Aleixo Leme (irmão inteiro de D. Lucrecia Leme,

(4) Cart. de Órfãos de Parnaíba, inv. n. 96, de Antonio Bicudo com testamento.

(5) Arquivo da camara de São Paulo, no caderno do Reg., titulo maio de 1607, págs. 44 e 44 v.

(6) Arquivo supra, no caderno, título 1.585, fls. 31 e seguinte.

(7) Arquivo supra, caderno, titulo 1.598, pág. 16.

mulher de seu tio direito Fernando Dias Paes, que são os ascendentes rectos do governador Dias Paes, que foi avô paterno de Pedro Dias Paes Leme, Fidalgo da casa real, etc., do Rio de Janeiro), e de sua mulher Ignez Dias, natural da vila de São Vicente, filha de... em título de Lemes, livro 3.º, cap. 1.º. Este capitão Francisco de Alvarenga faleceu com testamento a 10 de Agosto de 1675; e sua mulher D. Luzia Leme faleceu com testamento a 16 de Outubro de 1653 (8). Bisneta de Antonio Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, cavaleiro fidalgo da casa d'El-Rei D. João III (filho de Balthazar de Alvarenga, e de sua mulher D. Messia Monteiro, fidalgos de conhecida nobreza, e de cota de armas, como abaixo melhor mostraremos na cópia do brasão de armas, que tiraram os seus descendentes em 23 de Junho de 1688).

Este Antonio Rodrigues de Alvarenga passou em serviço do Rei a ser um dos primeiros povoadores da vila de São Vicente, que em 1531 fundou o donatario e senhor dela Martim Affonso de Sousa por concessão d'El-Rei D. João III, etc. Esta foi a primeira povoação que houve em todo o Brasil, e tambem nesta vila o primeiro engenho de assucar, com vocação São Jorge, que fundou o mesmo donatario pelos anos de 1531 até 34, em que este fidalgo se embarcou de São Vicente para Portugal, deixando nobremente povoada a sua capital vila de São Vicente, para a qual atraiu, e levou consigo muitos sujeitos de conhecida nobreza, que se fez acreditada pelos alvarás dos seus filhamentos de moços da camara, moços fidalgos, etc.

Nesta vila de São Vicente casou Antonio Rodrigues de Alvarenga com D. Anna Ribeiro, natural da cidade do Porto, de donde passou com duas irmãs e varios irmãos, na companhia de seus pais, Estevão Ribeiro Bayão Parente, natural da cidade de Beja, o qual era parente em grau propinquo de Estevão Liz, morgado bem conhecido em Vila Real, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, natural da cidade do Porto. De São Vicente passou para São Paulo Antonio Rodrigues de Alvarenga com sua mulher, e como pessoa tão distinta soube conseguir respeito e veneração, e foi senhor proprietario por mercê do donatario do ofício de tabelião do judicial e notas de São Paulo, onde faleceu com testamento a 14 de Setembro de 1614 (9). E D. Anna Ribeiro faleceu em São Paulo com testamento a 23 de Outubro de 1647, e foi sepultada na capela-mor da igreja dos religiosos carmelitas em jazigo proprio (10), no qual já descansavam as cinzas de seu filho Antonio Pedroso de Alvarenga, sargento-maior da comarca de São Paulo com 80$ de soldo.

---

(8) Cart. de Orfãos da Parnaiba, inv. n. 250 e n. 83.

(9) Cart. de Orfãos de São Paulo, maço 2.º de invent, letra A, o de Antonio Rodrigues de Alvarenga.

(10) Cart. 1.º, de not, de São Paulo, maço unico de inv. antigos, o de D. Anna Ribeiro.

Brasão de armas dos Alvarengas

D. Pedro por graça de Deus principe de Portugal, etc. Faço saber aos que esta minha carta de brasão de armas virem que o capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, e seus irmãos Antonio Pedroso de Alvarenga, o padre-mestre Fr. Luiz dos Anjos, e o padre-mestre Fr. João da Luz, carmelitas calçados, naturais da vila de São Paulo, filhos legitimos de Diogo Martins da Costa, e de sua mulher Isabel Ribeiro, netos por parte paterna de Belchior Martins da Costa, e de sua mulher Ignez Martins, naturais da cidade de Evora, e pela materna de Estevão Ribeiro de Alvarenga, e de sua mulher Maria Missel, naturais da vila de São Paulo, o qual Estevão Ribeiro de Alavarenga é filho de Antonio Rodrigues Alvarenga, natural da cidade de Lamego, filho de Balthazar de Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro, e o dito Antonio Rodrigues de Alvarenga teve outro irmão chamado Manoel Monteiro, filho do mesmo pai e mãi, o qual foi familiar do santo ofício, os quais filhos de Diogo Martins da Costa me fizeram uma petição, na qual me pediam que por viverem na vila de São Paulo nunca puderam tirar seu brasão de armas por lhes competir, e que queriam fazer certo e notorio em juizo contencioso, e mostrar por testemunhas fidedignas como eram os mesmos descendentes do dito Antonio Rodrigues de Alvarenga, o qual era fidalgo de geração, e eles sucessores eram herdeiros, e lhes competiam as armas e nobreza dos seus antepassados, pais, e avós dos sobreditos; que outrossim queriam justificar como descendiam da muito ilustre familia dos Alvarengas, tão conhecida neste reino; e assim queriam renovar esta memória e honra, para lograrem eles suplicantes e seus descendentes, e se conservar em suas casas para não consumir o tempo, e para que possam lograr daquelas liberdades e fóros concedidos a tais familias, e gerações pelos senhores dêste reino, meus antecessores. E sendo esta petição apresentada ao meu corregedor do civel da corte desta minha muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, nela pôz que justificassem o que relatavam perante ele, e fizessem certo o que diziam; e sendo apresentada sete testemunhas de todo o crédito, fóra de suspeita e de toda a exceção maiores, e as mais delas cavaleiros do hábito de Cristo, naturais da cidade de Lamego, que depuzeram de fato proprio; sendo-lhe os autos conclusos, nela proferiu a sentença seguinte: "Sentença. — Vistos estes autos dos justificantes a fl. 2, o capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, e seus irmãos Antonio Pedroso de Alvarenga, e os padres-mestres Fr. João da Luz e Fr. Luiz dos Anjos, carmelitas calçados; ditos das testemunhas a fl. 7 que eu inquiri, e certidões que se juntaram de fl. 18 em diante, se mostra serem os justificantes filhos legitimos de Diogo Martins da Costa, e de sua mulher Isabel Ribeiro, netos pela parte masculina de Belchior Martins da Costa, e de sua mulher Ignez Mar-

tins, naturais que foram da cidade de Evora, e pela parte feminina de Estevão Ribeiro de Alvarenga, e de sua mulher Maria Missel, naturais da vila de São Paulo; mostra-se outrossim ser o dito Estevão Ribeiro de Alvarenga filho de Antonio Rodrigues de Alvarenga, que foi natural da cidade de Lamego, filho de Balthazar de Alvarenga e de Messia Monteiro, sua mulher; e o dito Antonio Rodrigues de Alvarenga teve outro irmão chamado Manoel Monteiro de Alvarenga, o qual foi familiar da Santa Inqusição: e como se mostra igualmente serem os justificantes descendentes da ilustre familia dos Alvarengas, tão conhecida e esclarecida neste reino, o que tudo visto com o mais dos autos, julgo aos sobreditos justificantes por filhos legitimos do dito Diogo Martins da Costa, e por descendentes da muito ilustre geração e familia dos Alvarengas e Costas, os julgo tambem por cristãos velhos sem raça de mouro ou judeu, nem de outra alguma infecta nação, e poderão tirar as suas sentenças de processo, e paguem as custas dos autos. Lisboa, 2 de Junho de 1681. — *João Xancecem*". E sendo a dita sentença assignada e publicada pelo dito meu corregedor, da minha corte e casa da suplicação, tirada do processo, e passada pela minha chancelaria, a qual sendo apresentada a meu rei de armas Portugal, porque a minha tenção é honrar aos meus vassalos, ainda aqueles que mais remotos vivem, para que se não extingam as nobrezas e fidalguias, que seus avós adquiriram e alcançaram. Hei por bem, e me praz de lhes conceder todas as honras, liberdades e isenções que as tais familias de Alvarengas têm, e logram neste meu reino, e senhorios de Portugal, e poderão trazer as ditas armas que lhes competem, que são as dos Alvarengas, que, visto no livro de armaria, lhes são dadas e conservadas as armas seguintes: um escudo direito com suas orlas e folhagem com um elmo em cima, e sobre o dito elmo um leão rampante com uma espada dourada na mão direita, e na outra mão esquerda uma estrela de prata, e o dito escudo orlado com filetes dourados, e terá no meio cinco estrelas prateadas em campo azul, e as pontas das folhagens serão tambem douradas. Com estas armas, que são as que se vem, poderão usar delas como suas por lhes competir; e com elas poderão entrar em festas, carros, justas e torneios, levando-as em seus escudos e rodelas e pondo-as nas portas de suas casas e quintas, e mais partes que lhes bem parecer, e quizerem; e gozarão de toda a nobreza e fidalguia, que têm os fidalgos no juizo da correição do cível da minha corte, por cujo efeito lhes mandei passar esta carta de brasão de armas e geração, para que constem as que lhes pertencem, e são as mesmas, que estão no dito livro da armaria, que está em mão e poder do meu rei de armas de Portugal, por lhes competir por assim passar por fé o escrivão do seu cargo, que esta subscreveu, a qual vai assinada pelo meu rei de armas Portugal. O principe nosso senhor o mandou por Manoel Soares, seu rei de armas Portugal e arautos e passavantes a 22 de Julho do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Cristo de 1681. E eu

Francisco de Moraes Coutinho, escrivão das gerações, o subscrevi. — Rei das armas Portugal. Cumpra-se, e registre-se em camara. São Paulo, 17 de Abril de 1683 anos. — Jorge Moreira, Miguel de Camargo, Manoel de Lima do Prado, Antonio Garcia Carrasco, Thomé Mendes Raposo. E eu Jeronymo Pedroso de Oliveira o trasladei bem e fielmente, sem cousa que dúvida faça, reportando-me ao original em palavras mais ou menos, e o tornei a seu dono aos 29 dias do mês de Abril de 1683 anos. Eu Jeronymo Pedroso de Oliveira, escrivão da camara o corri e concertei com o proprio Jeronymo Pedroso de Oliveira.

Do matrimonio de Gonçalo Simões Chassim (tronco) com d. Maria Leme de Brito, nasceram, em Parnaíba, nove filhos:

Antonio Pedroso .... Cap. 1.º faleceu solteiro, batizado a 28 de Setembro de 1664.

D. Joanna Leme de Brito .... Cap. 2.º
João Bicudo Chassim .... Cap. 3.º
Manoel Monteiro Chassim .... Cap. 4.º
D. Maria Simões .... Cap. 5.º
Rodrigo Bicudo Chassim .... Cap. 6.º
José Simões .... Cap. 7.º
Francisco Bicudo Chassim .... Cap. 8.º
D. Anna Leme de Brito .... Cap. 9.º

CAPÍTULO 2.º

1 — 2. D. Joanna Leme de Brito, foi batizada a 26 de Junho de 1667, e casada em São Paulo com Francisco de Siqueira e Mendonça, natural e nobre cidadão de São Paulo, filho de Antonio de Siqueira de Mendonça, que faleceu com testamento a 11 de Dezembro de 1686, e de sua mulher d. Anna Vidal, natural de São Paulo, onde casou a 30 de Janeiro de 1634. Neto pela parte paterna de Lourenço de Siqueira e Mendonça, natural da vila de Santos, da distinta familia de seus apelidos, e nobre cidadão de São Paulo, onde faleceu. Em título de Siqueiras Mendonças, cap. E neto pela parte materna de Alonso Peres Canhamares, nobre castelhano da provincia da cidade da Assumpção do Rio Paraguay, vindo para São Paulo com outras muitas familias de sangue ilustre; e de sua mulher Maria Affonso, filha de Gaspar Affonso e de sua mulher Magdalena Affonso, como consta do testamento com que ela faleceu em São Paulo, a 18 de Março de 1662, e já era falecido seu marido Alonso Peres, no 1.º de Outubro de 1628, com testamento, no qual declarou que tinha jazigo proprio na igreja dos religiosos carmelitas, no qual mandou sepultar o seu cadaver; ordenando tambem que por sua alma, entre outros su-

fragios, se lhe fizessem dois oficios de defuntos de nove lições, com missa cantada (11). Faleceu d. Anna Vidal com testamento a 12 de Outubro de 1680, e seu marido Antonio de Siqueira faleceu com testamento a 11 de Dezembro de 1686 (12).

E teve, nascidos em S. Paulo:

2 — 1. D. Catharina Bicudo ..... § 1.º
2 — 2. D. Anna Vidal de Siqueira § 2.º
2 — 3. D. Maria Leme de Brito .. § 3.º
2 — 4. Antonio Jorge Chassim ... § 4.º
2 — 5. D. Isabel Bicudo .... § 5.º faleceu solteira
2 — 6. D. Luzia Leme de Siqueira § 6.º faleceu solteira
2 — 7. Gonçalo Simões Chassim .. § 7.º faleceu solteiro.
2 — 8. Francisco de Siqueira .... § 8.º faleceu solteiro.

§ 1.º

2 — 1. D. Catharina Bicudo, foi casada com Antonio Alexandre de Siqueira Bitancourt, que faleceu em Cuiabá, natural da Vitória de Santa-Cruz da Ilha Graciosa, pessoa de reconhecida nobreza pelos costados dos seus quatro avós, como vimos em um instrumento de *nobilitate probanda* processado na Graciosa em Agosto de 1731, a favor do justificante dito Antonio Alexandre de Siqueira, tempo em que se achava já em São Paulo. Este instrumento veiu autenticado pela certidão de India e Mina, e se conserva no poder dos seus herdeiros, aos quais aconselhamos no ano de 1766 que o fizessem registrar nos livros da comarca de São Paulo. Por ele sabemos que foi filho legitimo de Theodosio de Bitancourt (irmão do padre Antonio Alexandre de Bitancourt), e de sua mulher d. Maria da Silveira. Neto pela parte materna de Mathias de Miranda de Bitancourt, nobre cidadão da Graciosa, e de sua mulher Maria Furtado de Mendonça. Por seu avô bisneto de Manoel Gonçalves Maduro, nobre cidadão da Graciosa (filho de Gaspar Gonçalves Maduro, e de sua mulher Ignez de Avila de Bitancourt). Por sua avó paterna bisneto de Pedro Furtado de Mendonça, nobre cidadão da Graciosa, onde sempre teve o tratamento de armas, cavalos e criados, e de sua mulher Catharina Alvares. E pela parte materna neto de Simão da Cunha Frazão, nobre cidadão da Graciosa (irmão do padre Antonio Frazão, beneficiado, e do padre pregador fr. Pedro da Vitória, franciscano), e de sua mulher d. Maria de Mendonça. Bisneto de Pedro da Cunha de Avila, nobre cidadão da Graciosa, capitão da ordenança dela com tratamento de armas, cavalos e criados (filho de

(11) Cartorio de Órfãos de São Paulo, maço de inventarios, letra M, o de Maria Affonso, idem o da letra A, o de Alonso Peres, e cartorio 1.º de notas de São Paulo, no caderno, titulo, maço de 1628, pág. 50, o testamento de Alonso Peres Cashamares.

(12) Cartorio de Órfãos de São Paulo, maço de inventarios, letra A, o de Antonio de Siqueira, e nos mesmos por apenso o de Anna Vidal.

Melchior Gonçalves de Avila, capitão da ordenança da Graciosa, e de sua mulher d. Catharina da Veiga Espinola Doria, que foi filha de Manoel Pires de Figueiredo, capitão-mor da Graciosa, e de sua mulher D. Anna Espinola da Veiga Doria), de sua mulher Brigida de Bobadilha Frazão, que foi filha de Francisco de Bobadilho Frazão, cidadão da Graciosa, e de sua mulher Anna Lopes Lobão. Por sua avó d. Maria de Mendonça, bisneto de João Espinola Netto, cidadão e capitão da ordenança da Graciosa, e de sua mulher Catharina de Alvarenga Lobão, que foi filha de Sebastião Luiz Lobão e de sua mulher Maria Garcia de Mendonça.

E teve:

3 — 1. Antonio Alexandre de Siqueira.
3 — 2. O padre Francisco Bicudo de Siqueira.
3 — 3. O padre Theodosio Alexandre de Bitancourt.
3 — 4. D. Anna Maria Leme.
3 — 5. D. Francisca Leme de Siqueira.

3 — 1. Antonio Alexandre de Siqueira, casou com Maria Bueno, filha do capitão Antonio Corrêa Pires Barradas, e de sua mulher d. Maria Bueno da Veiga. Em título de Buenos, cap... E teve filhos.

3 — 2. O padre Francisco Bicudo de Siqueira, presbitero de São Pedro, sujeito de um admiravel genio e docilidade, muito liberal, e digno das ocupações parochiaes, de que tem sido encarregado em varias igrejas do bispado de São Paulo.

3 — 3. O padre Theodosio Alexandre de Bitancourt, presbitero de São Pedro.

3 — 4. D. Anna Maria Leme, solteira.

3 — 5. D. Francisca Leme de Siqueira, solteira.

§ 2.º

2 — 2. D. Anna Vidal de Siqueira, existe em 1773, em São Paulo, na sua fazenda e sítio da Emboaçava; e foi casada com Francisco Alexandre da Cunha, que nasceu na vila de Santos, indo seus pais de morada para a ilha de São Sebastião, onde se criou, e foi filho de Sebastião Alexandre de Figueiredo, e de sua mulher Catharina de Unhate de Medeiros, ambos naturais de São Paulo, e ela foi da nobre familia e parente muito propinquo de Manoel Lopes de Medeiros, sargento-mor da comarca de São Paulo, por patente régia com 80$ de soldo, e de seu irmão, o padre Antonio Lopes de Medeiros, presbitero de São Pedro; o dito Sebastião Alvares de Figueiredo em título de Cunhas Gagos. E teve, nascidos em São Paulo, dous filhos.

3 — 1. Valentim Alexandre.

3 — 2. Lourenço Leme de Siqueira, existe na sua fazenda de engenho de distilar aguardente de cana, junto ao rio Tietê, onde lhe chamam a Ponte; está casado com d. Maria do Amaral Gurgel, filha de Antonio Gonçalves do Prado, cidadão de São Paulo, e de sua mulher d. Isidora do Amaral Gurgel, que foi filha do sargento-mór Bento do Amaral da Silva, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher d. Escolastica de Godoy. Em título de Taques Pompêos, cap. 2.º. E tem, em 1773, cinco filhos.

§ 3.º

2 — 3. D. Maria Leme de Brito, casou em São Paulo com Antonio Guedes Pinto, e foi de morada para a vila de Jundiaí. E teve:

3 — 1. Nicoláo Guedes Pinto.
3 — 2. Antonio Guedes Pinto.
3 — 3. Francisco Guedes Pinto.
3 — 4. Lourenço Guedes Pinto.
3 — 5. D. Maria Ribeiro Pinto.

§ § 4º, 5º, 6º, 7º e 8º

2 — 4. Antonio Jorge Chassim, faleceu em São João de Atibaia, e foi casado com uma filha do capitão Pedro Fernandes de Avelar. Sem geração. Os dos paragrafos supra faleceram solteiros.

CAPÍTULO III

1 — 3. João Bicudo Chassim (filho de Gonçalo Simões Chassim e de d. Maria Leme de Brito), baptizado em Parnaíba a 29 de Setembro de 1672, passou a estabelecer-se na vila de Itu, onde casou a 4 de Setembro de 1649, com Isabel Cubas, natural da mesma vila, e filha de Hieronimo Gonçalves Meira, e de sua mulher Francisca Cubas; esta natural de São Paulo; aquele da vila de São Vicente. Neta pela parte paterna de Pedro Gonçalves Meira, da vila Franca de Vianna, e de sua mulher Maria Vieira, natural de São Vicente, e pela materna neta de Gaspar João Barreto, da vila de Freixo de Espada á Cinta, e de sua mulher Francisca Cubas, de São Paulo. Tudo se prova assim nos autos de *genere* do padre Joaquim Gonçalves Meira, processados em 1648, que existem na camara episcopal de São Paulo, no maço 1º da letra I. Por sua avó d. Francisca, Cubas. Em título de Annes Sobrinhos. E teve, em Itu, dois filhos:

2 — 1. Gonçalo Cubas Chassim . § 1º
2 — 2. Francisca Cubas . . . . § 2º, casou em Parnahyba com João Pinto Guedes.

2 — 1. Gonçalo Cubas Chassim, casou na vila de Jundiahy com...

CAPÍTULO IV

1 — 2. Manoel Monteiro Chassim, casou em São Paulo com Catharina de Godoy Moreira, irmã inteira dos carmelitas fr. Gaspar e fr. Jorge, e de d. Anna Moreira, mulher do capitão-mor Pedro de Moraes Raposo. Em título de Godoys. Passou para Minas Gerais, onde teve o seu estabelecimento e faleceu na capela de Santo Antonio do Porto-Real, freguezia de São Miguel, termo da vila de Caeté. (Em título de Godoys, cap. 3º, § 1º, n. 3—8). E teve:

2 — 1. Gonçalo Monteiro Chassim § 1º, faleceu solteiro em São Miguel.
2 — 2. Maria Leme de Brito . . § 2º
2 — 3. Antonio Bicudo . . . § 3º
2 — 4. Custodia Moreira . . . § 4º
2 — 5. Ignez Monteiro de Godoy § 5º
2 — 6. Joaquim de Godoy Moreira § 6º
2 — 7. João Bicudo de Brito Leme § 7º
2 — 8. Manoel Monteiro Chassim § 8º

§ 2.º

2 — 2. Maria Leme de Brito, natural de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama. Casou em Minas Gerais, na freguezia de São João do Morro Grande, termo de Caeté, comarca de Sabará, com Romão de Oliveira Gago, natural da vila de Paraty do bispado do Rio de Janeiro, filho legítimo de Domingos de Paiva Ledo, natural da vila de Guaratinguetá, e de sua mulher Isabel Nogueira de Freitas, natural da Ilha Grande. Teve o seu estabelecimento no seu engenho da Cachoeira do Rio de São Francisco, da freguezia de Catas Altas do Mato Dentro, onde faleceu com testamento e onde teve nove filhos:

3 — 1. Manoel de Oliveira Leme.
3 — 2. João de Oliveira Leme.
3 — 3. Thomé Monteiro de Oliveira.
3 — 4. Maria Leme de Brito.
3 — 5. Theodora Leme de Oliveira.

3 — 6. O padre Agostinho Monteiro de Oliveira.
3 — 7. José de Godoy Moreira.
3 — 8. O padre Joaquim de Oliveira Gago.
3 — 9. Anna Maria de Oliveira.

3 — 1. Manoel de Oliveira Leme, natural de Catas Altas do Matto Dentro, onde faleceu solteiro.

3 — 2. Joaquim de Oliveira Leme, natural da freguezia do Surgidouro, faleceu solteiro em Catas Altas, com testamento.

3 — 3. Thomé Monteiro de Oliveira, natural de Catas Altas; aprendeu gramática no seminário de Belém e filosofia no colegio do Rio de Janeiro, e recolhendo-se a Minas, depois da morte de seus pais, administrou os bens do casal, criou, educou e ensinou gramatica a seus irmãos, que fez ordenar, Agostinho Monteiro e Joaquim de Oliveira; deu estado ás suas tres irmãs, e se conserva hoje estabelecido na mesma fazenda que foi de seus pais; e casou em 1763, em Catas Altas, com d. Anna Joaquina Valentina, natural da freguezia de Santo Antonio da Casa Branca, irmã inteira do vigario de Catas Altas, Manoel Moreira, filha legítima do capitão Luiz de Figueiredo Leitão, natural do reino do Algave, e de sua mulher d. Antonia Maria Caetana, irmã do padre Inacio de Souza, natural desta cidade de Lisboa. E teve:

4 — 1. Thomé.
4 — 2. Paulo.
4 — 3. José.

3 — 4. Maria Leme de Brito, casou com Bartholomeu Godinho da Costa, natural da ilha de Santa Maria, estabelecido no logar de Antonio Dias, abaixo da freguezia de São Miguel. E teve no dito logar, exceto a primeira filha:

4 — 1. Genoveva Vieira de Oliveira, natural da freguezia de São José da Barra Longa.
4 — 2. Romão de Oliveira Gago.
4 — 3. Anna Theodora.
4 — 4. José Vieira Godinho.
4 — 5. Ignacio de Oliveira, faleceu de 10 anos.
4 — 6. João de Oliveira Leme.

3 — 5. Theodora Leme de Oliveira, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara, com o capitão Luiz Fernandes de Oliveira, natural de Guimarães, que, na sua fazenda de Itajurú, da mesma freguezia, fundou e paramentou a capela de São José e Santa Anna, tendo-lhe feito patrimonio na propria fazenda, e que muitas vezes, á sua custa, por serviço d'el-rei e utilidade pública, concertou a estrada do Serro do Frio, fazendo de novo e concertando pontes, ainda nas testadas alheias, em

distância de oito leguas, que vão do Arraial de Santa Barbara ao Tanque; homem muito honrado, e amigo da paz, qualidade que o costumou fazer louvado na maior parte das duvidas do seu tempo, em cuja composição nunca ficava sem efeito a sua atividade: faleceu ela na mesma freguezia, assim como seu esposo, ao qual não sobreviveu mais de 16 dias, com testamento a 19 de Fevereiro de 1764. E teve, naturais de Santo Antonio do Ribeirão, seis filhos:

4 — 1. Luiz Fernandes de Oliveira.
4 — 2. Maria de Godoy Moreira.
4 — 3. Manoel Fernandes de Oliveira.
4 — 4. José d'Oliveira Gago.
4 — 5. Anna.
4 — 6. Joaquina.

3 — 6. O padre Agostinho Monteiro de Oliveira, ordenou-se em São Paulo, com reverendas do bispado de Mariana em 1763, foi dois anos capelão na capela de Santo Antonio do Porto Real, filial da freguezia de São Miguel, e dois anos coadjutor na freguezia de São João do Morro Grande. Em 5 de Dezembro de 1770 fez, em Mariana, oposição ás igrejas de Antonio Dias, da Vila Rica, da vila de Caeté, e de Santo Antonio do Rio das Velhas, acompanhou a Lisboa a consulta das mesmas igrejas, ás quais fez segunda oposição na mesa da consciencia; e, finalmente, opôz-se ás igrejas de Nossa Senhora de Nazareth do Inficionado e de São José da Barra Longa, que todas ainda pendem até Maio de 1775. Este padre e seu irmão foram em 76 para o Brasil sem as igrejas que esperavam e só com recomendações do bispo que ia para lá, e que depois desistiu, que foi antes de Macáu.

3 — 7. José de Godoy Moreira, faleceu em Paracatu, de idade de 13 anos.

3 — 8. O padre Joaquim de Oliveira Gago, ordenou-se de presbitero em Mariana, em 1762. Veiu a 9 de Março de 1771 com seu irmão, o padre Agostinho Monteiro de Oliveira, e correu a mesma fortuna que este, e ainda ficou em Lisboa depois da ida do irmão, esperando pelas consultas.

3 — 9. Anna Maria de Oliveira, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara, com o alferes João Martins Couto, natural da mesma freguezia, filho legítimo de Nuno Moniz Couto, natural de Portugal, e de sua mulher Luzia Rodrigues, natural da vila de Itu, estabelecido no Itajurú da mesma freguezia com lavra, em que é socio dos orfãos do defunto capitão Luiz Fernandes de Oliveira, a quem em sua vida comprara a terça parte da lavra que possue com seu irmão Manoel Martins Couto, por haver comprado outra terça parte. E teve, naturais da dita freguezia:

4 — 1. Maria Martins.
4 — 2. João Martins Couto.

§ § 3º e 4º

2 — 3. Antonio Bicudo, casou em Taubaté com..., e passando para Minas faleceu em Embatiú; foi natural de Araçariguama.

2 — 4. Custodia Moreira, faleceu solteira em São Paulo, natural de Araçariguama.

§ 5.º

2 — 5. Ignez Monteiro de Godoy, natural de Araçariguama, casou em Minas Gerais com João Lucas da Silva, natural de Portugal, e teve estabelecimento na freguesia de São José da Barra Longa. E teve quatro filhos, naturais da mesma freguezia.

3 — 1. Maria de Godoy Moreira, casou na dita freguezia com Manoel Antunes da Silva, natural de Portugal, que faleceu na mesma freguezia, onde alguns anos antes de sua morte teve estabelecimento em uma fazenda de roça e lavras, que havia comprado, depois entregou a seu tio, o tenente Silvestre da Silva. E teve:

4 — 1. Joaquim.
4 — 2.
4 — 3.

3 — 2. Manoel Monteiro de Godoy, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara com Agueda Maria, natural da mesma freguezia, filha de Domingos da Costa Lage, e de sua mulher Luzia Rodrigues, natural de Itu, viuva que ficou de Nuno Martins Couto. E teve:

4 — 1.
4 — 2.

§ 6.º

2 — 6. Joaquim de Godoy Moreira, faleceu solteiro na freguezia de São Miguel, termo da vila de Caeté, no seu engenho da Cachoeira Comprida, em companhia de seus irmãos e sócios João Bicudo de Brito e Manoel Monteiro Chassim.

§ 7.º

2 — 7. João Bicudo de Brito, natural do Sumidouro (filho de Manoel Monteiro Chassim, do cap. 4.º,) casou na capela

de Santo Antonio do Porto Real, da freguesia de São Miguel, com Catharina Josepha, natural da mesma freguezia, filha de Manoel Teixeira, natural de Portugal, e de sua mulher.

E teve, na dita freguezia:

3 — 1. Catharina de Godoy Moreira.
3 — 2. João Bicudo de Brito.

§ 8.º

2 — 8. Manoel Monteiro Chassim (filho último do cap. 4º), casou na freguezia de São Caetano com d. Maria Thomazia, natural de Mariana, filha de João Vieira Aranha, natural de São Romão de Paredes, sargento-mor de milicias em Mariana, e de sua mulher d. Caetana Josepha da Trindade, filha do capitão João Antonio Rodrigues, espanhol, e de d. Maria Moreira Candida, e irmã direita do padre Manoel Caetano, vigario colado da Campanha do Rio Verde, do capitão João Rodrigues Moreira, do carmelita fr. Matheus (que faleceu em Lisboa em 1780, mudado o hábito carmelita no de São Pedro), do desembargador do Porto, Gaspar Gonçalves dos Reis (que existe na vila de Ega, estrada do Porto, aposentado), natural da cidade de Mariana; ele natural do Sumidouro. E teve, naturais da freguezia de São Miguel:

3 — 1. Gaspar de Godoy Moreira.
3 — 2. Manoel Monteiro Chassim.
3 — 3. João Vieira de Godoy Alvarenga.
3 — 4. Joaquim Simplicio de Godoy Alvarenga.
3 — 5. Maria Crescencia de Alvarenga.
3 — 6. Caetana Ernestina de Alvarenga.
3 — 7. Anna Luiza de Alvarenga.
3 — 8. Antonia Balbina de Godoy.
3 — 9. José Wenceslão Monteiro.
3 —10. Francisco Procopio da Silva Monteiro.
3 —11. D. Catharina de Godoy Moreira.

CAPÍTULO V

1 — 5. D. Maria Simões (filha de Gonçalo Simões Chassim), natural de Parnaíba, casou com Pedro Gonçalves de Meira, natural de São Paulo, filho de Jeronymo Gonçalves de Meira, da vila de São Vicente, e de sua mulher Francisca Cubas, natural de São Paulo, dos quais já tratamos no cap. 3º. Esta foi filha de outra Francisca Cubas (mulher de João Gaspar Barreto), a qual foi filha de Gaspar Cubas, natural da vila de Santos e nobre cidadão de São Paulo, onde faleceu com testamento em 6 de Agosto de

1648, e de sua mulher Isabel Sobrinha, natural de São Paulo, onde faleceu com testamento a 22 de Julho de 1619 (13). E' este Gaspar Cubas filho de Diogo Gonçalves Ferreira, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Francisca Cubas, a quem fez doação em dote de casamento por escritura de 15 de Abril de 1571 seu tio Antonio Cubas (este era irmão direito de Gonçalo Nunes Cubas, mulher de Diogo Gonçalves Ferreira), que toda a fazenda, que na cidade do Porto pertencia a ele doador, Antonio Cubas, por seus pais João Pires Cubas e Isabel Nunes, e tambem por seu avô Nuno Rodrigues, cidadãos e naturais do Porto, compreendendo nesta doação bens moveis, de raiz, casais, arrendamentos, alugueres e foros, como tudo se vê melhor da dita escritura, que se acha no primeiro cartorio de notas de São Paulo, no caderno título 1.571, pag. 3. Este Antonio Cubas, seus irmãos Gonçalo Nunes Cubas e Braz Cubas vieram todos ao Brasil, com o donatario de São Vicente, que foi fundada em 1531. O Braz Cubas foi cavaleiro fidalgo, e o fundador e povoador da vila de Santos, da qual foi sempre alcaide-mor e provedor da fazenda real. A dita Isabel Sobrinha, mulher de Gaspar Cubas, filho e filha de Joanne Annes Sobrinho, e de sua segunda mulher Isabel Duarte. Este Joanne Annes foi pessoa de conhecida nobreza, e um dos primeiros povoadores de São Vicente, vindo de Portugal para ela com sua primeira mulher Maria Gonçalves, com tres filhas e um filho. De São Vicente passou para São Paulo, onde em 1572 faleceu dita Maria Gonçalves, e seu marido faleceu com testamento a 17 de Setembro de 1580 (14).

E teve, nacidos em São Paulo:

2 — 1. Antonio Simões Chassim . . § 1º
2 — 2. Francisco Bicudo . . . . . § 2º
2 — 3. D. Maria Leme de Assumpção § 3º
2 — 4. Guilherme Bicudo . . . . . § 4º
2 — 5. D. Maria Pedrosa . . . . . § 5º
2 — 6. Francisca Cubas . . . . . § 6º
2 — 7. Hieronimo Gonçalves Meira . § 7º
2 — 8. Manoel Bicudo . . . . . . § 8º
2 — 9. Pedro Gonçalves Meira . . § 9º
2 — 10. Gonçalo Simões de Meira . . § 10º

2 — 1. O padre Antonio Simões Chassim, habilitado de *genere* em 1720, foi para o Cuiabá, onde faleceu.

———————

(13) Cartorio de Órfãos de São Paulo, maço 2.º de inventarios letra I, o de Isabel Sobrinha.

E nos mesmos autos, por apenso, o de seu marido Gaspar Cubas.

(14) 1.º cartorio de notas de São Paulo, titulo, abril de 1580, pág. 23, o testamento de Joanna Annes, no caderno.

§ § 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º e 10º

2 — 2. Francisco Bicudo, casou na vila de Itu a 27 de Maio de 1724, com d. Angela de Siqueira, filha do capitão Maximiano de Góes e Siqueira, e de sua mulher d. Maria de Arruda. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º. Com sua descendencia.

2 — 3. D. Maria da Assumpção, casou em Itú a 10 de Maio de 1704, com Gabriel Gonçalves Pena, natural da Ribeira de Penna, arcebispado de Braga, filho de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Domingas Francisca. E teve filho unico Francisco.

2 — 4. Guilherme Bicudo, casou em Itu duas vezes, a primeira a 28 de Maio de 1708, com Maria Nunes, filha de Manoel da Costa, e de sua mulher Faustina Aranha, sem geração; segunda vez, casou a 6 de Julho de 1718, com Maria de Chaves, filha de Pedro de Chaves, e de sua mulher d. Lucrecia Leme, sem geração.

2 — 5. D. Maria Pedroso, casou em Itu a 4 de Fevereiro de 1706, com Hieronimo da Veiga Monteiro, filho de Antonio Bicudo, e de sua mulher Appolonia da Veiga. Em título de Bicudos Castanhos, cap.

2 — 6. D. Francisca Cubas, casou em Itu a 16 de Junho de 1716, com Ignacio Alves de Lima, natural da vila da Ilha de São Sebastião, filho de José Alves, e de sua mulher Anna Maria: deixou geração em Itu.

2 — 7. Hieronimo Gonçalves de Meira, casou em Itu, com Leonor de... e com ela foi de morada para o Cuiabá, onde faleceu, sem geração.

2 — 8. Manoel Bicudo, no estado de solteiro o mataram nas Minas Gerais.

2 — 9. Pedro Gonçalves de Meira, passou para Itu, onde existe e casou com...

2 — 10. Gonçalo Simões de Meira, casou com filha ou irmã do capitão-mor D. Simão de Toledo Piza; ambos faleceram de veneno na vila de Itu, sem geração.

CAPÍTULO VI

1 — 6. Rodrigo Bicudo Chassim (filho de Gonçalo Simões Chassim e de D. Maria Leme de Brito), foi batizado na vila de Parnaíba a 27 de Julho de 1676, com o nome de Gonçalo, que no sagrado chrisma mudou, tomando o de Rodrigo; casou na matriz de São Paulo a 26 de Janeiro de 1698 com D. Maria Pires de Barros, filha do capitão Pedro Vaz de Barros e de sua mulher D. Maria Leite de Mesquita, ambos naturais de São Paulo. Em título de Mesquitas, ou em título de Pedrosos Barros, cap... §... Foi Rodrigo Bicudo nobre cidadão da Parnaíba, onde sempre teve as redeas do governo daquela república; e onde faleceu com testamento a

30 de Março de 1742 (15). Estabeleceu-se na freguezia de Nossa Senhora da Penha de França, no bairro de Araçariguama, com uma nobre e opulenta fazenda, da qual percebia avultados rendimentos com numerosa escravatura. Estando nas Minas-Gerais, invadiu a praça do Rio de Janeiro o inimigo francês no ano de 1711, no qual tempo era Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador e capitão-general da capitania de São Paulo, e se achava residindo em Minas-Gerais; e com a notícia daquela invasão dispôz-se a ir socorrer a cidade do Rio de Janeiro, com os paulistas mais potentados daquelas Minas, entre os quais se fez distincto neste particular serviço o capitão Rodrigo Bicudo Chassim, que abalou com 200 homens de armas á sua custa, no que gastou grosso cabedal. Tambem se achou nas minas do Cuiabá nos primeiros anos do seu descobrimento; e dela se recolheu para Araçariguama bastantemente opulento e viveu sempre abastado com grande copa de prata, e ricos moveis de casa. Sua mulher D. Maria Pires de Barros faleceu em Parnaíba, com testamento, a 26 de Maio de 1751 (16). Veja-se a nota.

E teve sete filhos:

2 — 1. D. Maria Leite do Rosario . . . . § 1º
2 — 2. D. Anna Pires de Barros . . . . § 2º
2 — 3. Bento da Gama de Alvarenga Chassim . § 3º
2 — 4. D. Escolastica Leite . . . . . . § 4º
2 — 5. Bernardo Bicudo Chassim . . . . . § 5º
2 — 6. D. Maria Pires de Barros . . . . . § 6º
2 — 7. Ignacio Xavier Bicudo de Barros . . . § 7º

NOTA — O capitão Rodrigo Bicudo, achando-se nas minas do Cuyabá quando para elas passou o general Rodrigo Cesar de Menezes, foi terceiro juiz ordinario mais velho da creação da vila, que foi erigida no 1.º de Janeiro de 1721, e foi seu companheiro o tenente-coronel João de Queiroz Mascarenhas Sarmento, como consta de um termo tirado dos livros da secretaria do govêrno, e registrado no livro 1.º dos registros a folhas 21 verso, e 1.º das vereanças a folhas 2 do archivo da camara de Cuaybá. E do mesmo livro de registro consta a folhas 28 e 28 verso servir o mesmo capitão Chassim de ouvidor geral por carta do dito general de 8 de Abril de 1729, muito honrosa, em lugar do desembargador Antonio Alves Lanhas Peixoto, que se escusou por carta do mesmo dia por motivos de molestia. E o mesmo ouvidor Chassim se ausentou para São Paulo encarregado de varias ordens do general, como consta da que se acha a folhas 24 verso datada a 2 de Junho de 1727; e em seu lugar foi eleito de barrete o mestre de campo Antão Leme da Silva a 18 de Junho do mesmo ano, como consta do livro 1.º

(15) Este testamento acha-se no cartorio de órfãos de Parnaíba, maço de inventarios, letra B, n. 641, como tem o autor nos seus apontamentos.

(16) Acha-se este testamento no juizo ordinario de Parnaíba, e nele se declaram os nomes de seu marido e dos filhos e genros, com os seus cargos, etc.., que está escrito nos apontamentos do autor, caderno letra M. de Parnaíba.

E tambem se acha no cartorio eclesiastico de São Paulo com as mesmas circunstâncias.

das vereanças a folhas 18 e 18 verso. Foi depois capitão-mor, e fundou a igreja de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama, que paramentou, e dotou com bastante dinheiro posto a juros, que até o presente é o patrimonio da dita igreja, que serve de matriz daquela freguezia.

§ 1.º

2 — 1. D. Maria Leite do Rosario, casou em Araçariguama com o capitão Fernão Bicudo de Andrade, por procuração por este se achar ausente em Minas Gerais; natural ou morador da Ilha Grande de Angra dos Reis, filho de Melchior de Andrade de Araujo, e de sua mulher Maria Bicudo de Brito; esta faleceu no Rio das Mortes em 1711, e aquele faleceu na vila de Angra dos Reis, com testamento, a 3 de abril de 1700 (Cartorio de orfãos de Parnaíba, inventário de Maria Bicudo de Brito n. 523). E em título de Bicudos Carneiros, cap... Este capitão Fernão Bicudo de Andrade passou de São Paulo com sua mulher para as minas de Goyazes, estando estabelecido com lavras minerais de grande rendimento no arraial da Meia-Ponte, ali faleceu e sua mulher. E teve naturais de Araçariguama, que foram com seus pais para Goyazes, quatro filhos:

3 — 1. D. Maria Joanna.
3 — 2. D. Gertrudes de Andrade.
3 — 3. Rodrigo Bicudo de Andrade.
3 — 4. Athanasio Leite de Andrade.

3 — 1. D. Maria Joanna, casou em Vila Boa de Goiazes em 1749 com Antonio Luiz Lisboa, fiscal da real capitação desde o ano do seu estabelecimento naquelas minas; e depois foi intendente da casa da fundição do arraial de São Felix, Chapada, e outros, que foi creada em 1753 por D. Marcos de Noronha, governador e capitão-general da capitania de Goiaz, a quem mandou el-rei D. José que, vista a representação daqueles povos, e necessidade que havia daquela casa de fundição, passasse ele governador erigi-la no arraial de São Felix, creando todos os oficiais dela, e até intendente, que queria que fosse homem letrado, visto dever ter os mesmos emolumentos, jurisdição, privilegios e mais prerogativas, que são concedidas aos mais intendentes pela lei de 3 de Dezembro de 1750, e visto deverem julgar, sentenciar, etc. Porém o general dando conta a Sua Magestade que não havia sargento graduado capaz, e que tinha achado todas as boas qualidades em Antonio Luiz Lisboa, foi Sua Magestade servido aprovar a dita nomeação; e ficou este existindo não só no título do conde dos Arcos, e depois no título do conde de São Miguel D. Alvaro José Xavier Botelho, mas no título do sucessor deste, em que faleceu dito Antonio Luiz, que foi em 1765. Depois dele sucedeu-lhe no lugar de intendente Manoel Gomes de... lavrador que ali existiu mais de 20 anos, e que foi preterido na creação da dita casa de fundição.

E teve:

3 — 2. D. Gertrudes de Andrade, casou em Meia Ponte com André Corrêa de Toledo, natural e cidadão de Taubaté, filho do capitão João Vaz Cardoso. Em título de Toledos.

3 — 3. Rodrigo Bicudo de Andrade, casou na Meia-Ponte, com filha de Francisco de Siqueira Gil, natural e cidadão de Taubaté, e de sua mulher D. Anna Ribeiro Leite, a qual foi filha de Gaspar Corrêa Leite. Em título de Mirandas. E Francisco de Siqueira Gil, em título de Teveriçás, cap...

3 —4. Athanasio Leite de Andrade, casou na Meia-Ponte com D....., filha de Salvador Jorge Luiz. Em título de Buenos de Ribeira, cap... §... e de sua mulher D....., filha de Antonio Ferraz de Araujo, natural de Parnaíba, em título de Ferrazes Araujo, cap... §...

§ 2.º

2 — 2. D. Anna Pires de Barros Leite, natural da freguezia de Araçariguama, em cuja matriz casou com Francisco Nabo Freire, sargento-mor dos auxiliares da vila de Guaratinguetá, onde teve o seu estabelecimento, e faleceu com testamento a 8 de Janeiro de 1765, natural da cidade de Lagos no Algarve, filho de João Neto Delgado Arouche, e de D. Maria Freire, nascido em Lagos a 20 de Julho de 1642, e casou na mesma cidade a 26 de Janeiro de 1660. Neto pela parte paterna de Domingos Netto, natural da vila de Setubal, capitão e governador da antiga fortaleza do Azevial na barra de Lagos, onde foi morto com sua mulher em uma invasão, que fizeram os mouros em um domingo, estando todos á missa e descuidados (filho de João Alves e Joanna Netto), e de sua mulher Francisca Amado, filha de João Netto Delgado, e de sua mulher Maria Rodrigues, naturais ambos de Lagos. Neto pela parte materna de Balthazar Nabo (filho de Gaspar Nabo, e de Maria Freire, naturais de Lagos), e de sua mulher Anna Dias, filha de João Dias Ribeiro, e Leonor Dias, todos naturais de Lagos. Isto consta do instrumento que se processou na cidade de Lagos por parte de Agostinho Delgado e Arouche, em que depuzeram as pessoas mais distintas da dita cidade; e se acha nos autos *de genere* de seus filhos na camara episcopal de São Paulo L. F.

E teve dois filhos:

3 — 1. Agostinho Delgado e Arouche, natural da freguezia de Araçariguama, nobre cidadão de São Paulo, casou a 23 de Janeiro de 1746 na igreja de Nossa Senhora do Carmo da mesma cidade com D...

3 — 2. D. Maria Freire (filha do sargento-mor Francisco Nabo Freire), casou com José Soares, natural da vila de Sorocaba, filho do capitão Domingos Soares Paes, de Curitiba, e de sua mulher Maria Leite da Silva, de Sorocaba.

§ 3.º

2 — 3. Bento da Gama de Alvarenga Chassim, natural de Araçariguama, nobre cidadão de São Paulo, em cujo termo fez o seu estabelecimento com excelente fazenda de cultura, e moenda de espremer a cana, e estilar aguas-ardentes. Passando á provincia do Rio-Grande de São Pedro do Sul, e achando-se na campanha do Rio Pardo em posto de capitão de soldados milicianos, levado do ardor natural que herdou dos nobres ascendentes, que no serviço do rei foram sempre soldados aventureiros sem soldo, nem interesse de premios, não duvidou acompanhar para uma fiação de credito, mais temeraria que valorosa, aos capitães João de Siqueira Barbosa e Miguel Pedroso Leite, ambos naturais de São Paulo, que com o limitado corpo de 200 paulistas, todos bisonhos, sem menor disciplina militar, atacaram em 1762 uma fortaleza, que por todos os lados tinha artilharia de grosso calibre, e por governador dela a D. Antonio Catane, havendo dentro do presidio varios oficiais de patente com soldados de tropas regulares, além de um corpo de 2.000 indios, destros em atirar flechas e no fogo dos arbuzes. E foi Bento da Gama um dos soldados que venceu a muralha da dita fortaleza, tendo por companheiro desta grande ação a um mesmo tempo os dois capitães paulistas acima, e o tenente de infantaria Cypriano Cardoso de Barros Leme, natural tambem de São Paulo, e foi tal a confusão dos do presidio, que o primeiro que fugiu foi o governador D. Antonio Catane, em camisa, para não ser conhecido pela farda, ficando prisioneiros um mestre de campo, o sargento-mor, tres tenentes e dois artilheiros, que ambos eram jesuitas, que, tendo por fardas as roupetas, se fizeram bem conhecidos. Ficaram senhores da artilharia grossa e miuda, grande numero de espingardas, catanas, dardos, etc., grande numero de barris de polvora, e tudo que estava dentro da fortaleza, e se deu este despojo aos 200 soldados paulistas, de que pouco se aproveitaram, porque toda a ambição de interesse se apoderou dos soldados dragões. Desenfestada a campanha, recolheram-se os nossos para a praça do Rio Pardo com 21.000 vacas, e 16.000 cavalos; e devendo este despojo ser repartido pelos 200 paulistas, não praticou assim, porém sempre tiveram a honra do real serviço nesta grande ação. — Bento da Gama recolheu-se a salvamento á sua casa, onde existe. Está casado com D. Escholastica de Camargo, natural de São Paulo, filha de José de Camargo e Siqueira, o qual faleceu com testamento a 19 de Setembro de 1716, e de sua mulher Domingas Franca de Brito, natural de São Paulo, onde faleceu com testamento a 26 de Junho de 1734, e foi filha de Manoel Franco, e de sua mulher Maria da Rocha Canto (17).

E teve:

---

(17) Cartorio de Orfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra D, n. 46, o de Domingas Francisca de Brito, Camara episcopal de São Paulo autos *de genere* de Antonio Pedroso de Barros.

3 — 1. O padre Antonio Pedroso de Barros, tem sido vigario de algumas igrejas do bispado de São Paulo.
3 — 2. Rodrigo Bicudo Chassim.
3 — 3. Francisco Pedroso de Barros Leite.
3 — 4. Felisberto Antonio.
3 — 5. Manoel Francisco.
3 — 6. D. Antonia Pires de Barros, casou na Sé de São Paulo com Valentim Corrêa Leme, natural da vila de Pindamonhangaba, filha de Matheus Corrêa Leme, e de sua mulher Monica Leite.
3 — 7. D. Maria Pires de Barros, casou na Sé com Manoel Soares do Valle, natural de Curitiba, e filho de João Soares do Valle, natural de Portugal.
3 — 8. D. Anna Maria de Camargo.

§ 4.º

2 — 4. D. Escholastica Leite (filha do capitão Rodrigo Bicudo Chassim). Casou em Araçariguama com Francisco da Rocha Lima, da cidade do Porto, e cidadão de São Paulo, filho do capitão-mór Francisco da Rocha Lima, e de sua mulhe.
Passaram de casa mudada para a vila Bôa de Goiazes.
3 — 1. D. Eufrasia Leite.
3 — 2. D. Joanna.
3 — 3. D. Maria.
3 — 4. D. Rosa.

§ 5.º

2 — 5. Bernardo Bicudo Chassim (filho do capitão Rodrigo Bicudo Chassim), é capitão da infantaria auxiliar da freguezia de Araçariguama. É homem magnanimo, de grandes forças, e muito veloz na carreira, o que muito admira, por ser muito gordo, ainda que grosso por igual. Está bem estabelecido na mesma freguezia. Casou com D. Veronica Dias Paes Leite, de Sorocaba, filha do capitão Domingos Soares Paes, e de sua mulher Maria Leite da Silva, de quem falamos neste cap. § 2º, n. 3—2. E tem:

3 — 1. Rodrigo Pedroso Leite.
3 — 2. Domingos.
3 — 3. José.
3 — 4. Ignacio.
3 — 5. Hieronimo.
3 — 6. Salvador.
3 — 7. D. Gertrudes Bicudo. Casou em Araçariguama com José de Siqueira de Camargo, capitão das ordenanças da freguezia de Juquirí, natural de São Paulo, filha de João de Elrios Furtado

e de sua mulher Maria do Nascimento de Camargo. Em título de Camargos, cap... §... D. Gertrudes Bicudo faleceu em Araçariguama no primeiro parto.

3 — 8. D. Anna.

§ 6.º

2 — 6. D. Maria Pires de Barros. Casou em Araçariguama com Sebastião Soares de Camargo, natural e cidadão de Parnaíba, filho de Francisco Bueno de Camargo. Em título de Camargos, cap... §... E tem:

3 — 1. Ignacio Xavier Bueno.
3 — 2. D. Maria.
3 — 3. D...
3 — 4. D...

§ 7.º e último

2 — 7. Ignacio Xavier Bicudo de Barros, casou em Sorocaba com D. Maria Paes de Araujo, filha do capitão Domingos Soares Paes, do § 5.º retro. E teve:

3 — 1. Miguel.

3 — 2. D. Maria... casou em Araçariguama com Bento Medela, filho do capitão Francisco Soares Medela, natural e nobre cidadão de São Paulo, e de sua mulher D. Escholastica Leite. Neto pela parte paterna do sargento-mor Roque Soares Medella, natural da vila do Conde, na provincia do Minho, que foi leigo jesuita no colegio de São Paulo (filho de Luiz Soares de Anvers, e de Benta de Medella da dita vila do Conde) e de sua mulher, Anna de Barros natural da freguezia de Acotia. E pela parte materna neto do coronel Pedro Vaz de Campos, e de sua mulher D. Escholastica Leite de Oliveira. Em título de Campos. cap... §... ou de Lemes, liv. 4.

CAPÍTULO VII

1 — 7. José Simões, batizado em Parnaíba a 27 de Março de 1678. Faleceu solteiro de um lobinho que do hombro lhe descia até os peitos, fazendo horrorosa figura.

CAPÍTULO VIII

1 — 8. Francisco Bicudo Chassim (filho do tronco), nobre cidadão de São Paulo, onde casou (e faleceu), com D. Maria Bueno de Oliveira, irmã inteira de Braz de Moura Camello, de reconhecida nobreza, e cunhado do capitão-mor governador Manoel Bueno da Fonseca. Em título de Buenos, cap. 1.º § 7.º. E teve só duas filhas naturais de São Paulo:

2 — 1. D. Maria Leme de Oliveira ... § 1.º
2 — 2. D. Anna Bueno de Oliveira ... § 2.º

2 — 1. D. Maria Leme de Oliveira, casou com Francisco Xavier Garcia, natural e nobre cidadão de São Paulo, filho de Garcia Rodrigues Betim, e de Joanna Corrêa de Siqueira, que faleceu em São Paulo, e aquele Betim nas Minas-Gerais. Neto pela parte paterna de João Paes Rodrigues, natural e nobre cidadão de São Paulo (filho de João Paes, o Velho, um dos nobres povoadores de São Paulo e maior que foi na sua fazenda do sitio de Santo Amaro, onde depois de muito anos se erigiu a igreja desta capela em sua freguezia, e de sua mulher Suzana Rodrigues, natural de São Paulo), e de sua mulher Anna Maria Rodrigues Garcia, natural de São Paulo, e por ela bisneto de Garcia Rodrigues Velho, nobre cidadão de S. Paulo, potentado em arcos, e abundante em cabedais; protetor da nobre familia dos Pires contra a dos Camargos nas guerras civis, que reinavam entre estas duas oppostas familias; e foi este paulista muito recomendavel com igual respeito e veneração. Faleceu a 13 de Abril de 1671, e de sua mulher Maria Betim, que faleceu em São Paulo na idade de 115 anos (*sic*). Terneto de Garcia Rodrigues Velho natural da vila de São Vicente (filho de Garcia Rodrigues e de Isabel Velho, ambos da cidade do Porto, e primeiros e nobres povoadores de São Vicente, para onde foram com filhas e filhos, e entre os quais foram dois clerigos de São Pedro, o padre Gabriel Garcia e o padre Jorge Rodrigues, que acabou vigario colado da matriz da vila de Santos, e vigario geral da capitania de São Vicente, que ainda florecia em 1591) *e de sua mulher Catharina Dias*, natural de São Vicente, que passou para São Paulo, onde florecia pelos anos de 1629, *filha de Domingos Dias*, natural da freguezia de São Miguel da Lourinhã, termo de Vimieiro, e de sua mulher Antonia de Chaves, que foi para São Vicente com seu irmão Manoel de Chaves, um dos primeiros e nobres povoadores de São Vicente, o qual estando potentado e tendo feito muitos serviços a Deus, ao rei ao donatario daquela capitania, tomou a roupeta de jesuita em 1549 das mãos do padre superior Leonardo Nunes, como se lê todo o referido na *Chronica do Brasil*, liv. 1.º, fl. 62, — *Por Maria Betim* — Terneto de Giraldo Betim, da cidade de Drusburch, do ducado de Geldres, *e Custodia* Dias, filha de Manoel Fernandes Ramos da vila e praça de Moura, e de sua mulher *Suzana Dias*, que era prima direita do padre Lourenço Dias, vigario colado da matriz de São Paulo, e foram os fundadores padroeiros da capela de Sant' Ana de Parnaíba, a qual ficou sendo matriz depois de erigida em vila de Parnaíba, e na capela-mor dela foram sepultados os ditos fundadores. Esta Suzana Dias foi irmã do capitão-mor Belchior Carneiro, que penetrou o sertão da Parnaíba em 1608 a descobrimento de minas de ouro, ou de prata que ficaram sem effeito por falecer no mesmo ano a 29 de Setembro, como consta no cartorio de orfãos de São Paulo, m. 1º de inventarios da letra B. Sua

irmã dita Suzana Dias faleceu em Parnaíba com testamento a 2 de Setembro de 1634, que se acha no cartorio de orfãos de Parnaíba letra S. n. 8. Foi *filha de Lopo Dias* e de sua primeira mulher Beatriz Dias, a qual foi filha do *rei de Piratininga Teveriçá, o qual depois da sagrada fonte se chamou Martim Affonso Teveriçá, cujas morais virtudes, seu ardente zelo, e amor da religião romana se conhece melhor da expressão que faz desse memoravel rei o padre Vasconcelos na "Chronica da companhia do Brasil"*. E teve:

3 —1 . D. Gertrudes... Casou em São Paulo com Vicente Luiz, natural da mesma cidade, em cujos pateos tinha estudado gramatica latina; filho de Antonio da Silva Brito natural de ...... e cidadão de São Paulo, de cuja companhia de ordenanças foi capitão, e de sua mulher Maria de Lima, natural da vila de Santos, irmã inteira de frei Francisco, religioso capucho da provincia do Rio de Janeiro, chamado por antonomasia o Pachequinho, varão de espirito verdadeiramente humilde, vida exemplar e penitente, e de conhecida virtude, e filho do capitão Manoel Pacheco Lima, natural da vila de Ponte de Lima (filho de Domingos Esteves, e de Joana Pacheco de Amorim), nobre republicano da villa de Santos, onde serviu de procurador a corroa e fazenda, familiar do Santo Offico.

3 — 2. D. Maria Caetana.
3 — 3. D. Anna Maria.
3 — 4. D. Anna Catharina.
3 — 5. D. Ursula.
3 — 6. D. Escholastica.
3 — 7. D. Thereza. Faleceu de bexigas.

§ 1.º

2 — 2. D. Ana Bueno de Oliveira foi casada com José Cesar Moreira, filho de Francisco Cesar Moreira, e de Isabel Maciel, natural de Santo Amaro. Neto por parte paterna de Diogo Gonçalves Moreira, e de Catharina de Miranda. Em *titulo de Moreiras cap.* 8º, § 1º, n. 1. E pela materna neto de João Maciel e de Clara Domingues do Passo, ambos de São Paulo e moradores que foram de Santo Amaro. E teve dois filhos:

3 — 1. Francisca.
3 — 2. Francisco de Paula.

CAPÍTULO IX

1 — 9. D. Anna Leme de Brito, foi casada com José Martins Cesar, natural de São Paulo, morador que foi de Araçariguama, onde teve uma opulenta fazenda. Foi sargento-mor das tropas milicianas da vila de Parnaíba, de cuja republica teve

repetidas vezes as redeas do governo. Faleceu com testamento a 13 de Novembro de 1757 (18). Filho de Francisco Cesar de Miranda e de sua mulher Ana Peres Leme, ambos naturaes de S. Paulo. Neto de Francisco de Miranda Tavares, proprietario do oficio de escrivão de órfãos de São Paulo e de sua mulher Anna Peres Leme (19). Neto de Francisco de Miranda Tavares, natural da cidade de Beija, que faleceu em São Paulo com testamento a 7 de Junho de 1642, e escrivão proprietario de orfãos de São Paulo por mercê de D. Alvaro Pires de Castro e Souza, marquez de Cascaes, e capitão donatario da capitania de São Vicente e São Paulo e de sua mulher D. Isabel Paes, com quem casou em São Paulo a 8 de Janeiro de 1631, filha de Simão Borges Cerqueira, natural de Mezamfrio, moço da camara d'El-rei D. Henrique, e de sua mulher D. Leonor Leme. *Em titulo de Lemes*, ou de Cerqueiras, cap...

E teve oito filhos naturaes da freguezia de Nossa Senhora da Penha de França de Araçariguama:

2 — 1. João Martins Pedrosa, § 1º. Casou com viuva.
2 — 2. José Martins Leme, § 2º. Faleceu solteiro.
2 — 3. Antonio Pedroso, § 3º. Casou em Itu e foi para Cuiabá.
2 — 4. Lourenço Leme Cesar, § 4º. Casou em Itu e foi para Cuiabá.
2 — 5. Bento Leme .... § 5º. Casou em Itu, com filha de José Mendes, sargento-mor em Meia Ponte, onde o mataram seus escravos: e foi para o Cuyabá.
2 — 6. D. Maria Leme de Brito ...... § 6º
2 — 7. D. Joanna Leme de Brito ..... § 7º
2 — 8. D. Gertrudes Pedroso Leme ... § 8º

§ 5.º

2 — 5. Bento Leme, casou em Araçariguama, ou na vila de Itú, com D. Isabel de Mello, natural da dita vila, filha de João de Mello do Rego, capitão-mor da mesma, e provedor dos reaes quintos no registro de Piracicaba, natural de Ilha de São Miguel da vila da Ribeira-Grande, de distinta e qualificada nobreza, e de sua mulher D. Bernarda de Arruda. *Em titulo de Arrudas*, titulo 2º, cap 10, § 6º.

§ 6.º

2 — 6. D. Maria Leme de Brito casou com o sargento-mor Antonio de Moraes e Siqueira, natural de Jundiahy, filho de Manoel

(18) Cart. de notas de Parnaíba, invent. do sargento-mor José Martins Cesar.

(19) Vide que parece-me está errado isto.

Rodrigues de Moraes, e de Francisca de Siqueira, *Em titulo de Moraes, cap.* 2º, § 8º. E teve nascidos em Jundahy sete filhos:

3 — 1. Ignacio, faleceu menino em Parnaíba.

3 — 2. Antonio de Moraes Pedroso, nobre cidadão de Jundiaí, sua patria, onde vive abundante e com cabedal de dinheiro amoedado; foi sargento-mor das ordenanças da mesma vila por patente del-rei o Sr. D. José I, e no mês de Julho de 1772 tomou posse na Camara da dita vila, de capitão-mor dela; ali casou com D. Leonor Leme da Costa, filha de José Dias Ferreira, natural da freguesia de Matozinhos, que foi capitão-mor de Jundiahy, e de sua mulher Dona Maria Leme do Prado, natural de Jundiahy, a qual foi filha do capitão-mor desta vila Antonio da Costa Reis, natural de Lisboa, freguesia de Santa Justa, e de sua mulher, D. Paschoa Leme do Prado, natural de Jundiaí, filha de Lucas Fernandes de Mattos, natural de Vianna do Minho, e de sua mulher D... Leme do Prado, que foi filha de Pedro Leme do Prado, e de sua mulher Maria Gonçalves Preto. *Em titulo de Lemes,* cap... E teve filho unico herdeiro de sua casa:

4 — 1. José de Moraes Leme, existe solteiro.

3 — 3. D. Escholastica de Moraes Leme casou em Jundiaí com João Gomes dos Santos. Sem geração.

3 — 4. D. Maria de Moraes Leme, casou a primeira vez com Francisco Leme de Mattos, natural de Jundiaí filho do capitão-mor dela, Antonio da Costa Reis. Tem geração. Casou segunda vez dita Maria de Moraes com Manoel Leitão Villas Boas. Sem geração.

3 — 5. D. Gertrudes de Moraes Leme Pedroso, casou com José de Siqueira Pinto, natural de Taubaté, filho de Thomé Nunes Paes, e de sua mulher Violante Cardoso, que foi irmã de D. Maria de Siqueira Cardoso, mulher do brigadeiro Alexandre Barreto de Lima, filhos de Domingos Vaz de Siqueira, e de sua mulher Maria de Gusmão. O dito Domingos Vaz de Siqueira foi filho de Gaspar Vaz da Cunha, o *Jaguareté* de alcunha (filho de Christovão da Cunha de Onhate, em titulo de Cunhas Gagos, e de sua mulher Mecia Cardoso. *Em titulo de Vaz Guedes,* e de sua mulher Victoria de Siqueira, da nobre familia dos Siqueiras Mendonças, da vila de Santos. *Em título de Siqueiras Mendonças,* cap... § ... A dita Maria de Gusmão foi filha de Luiz de Gusmão, natural de S. Sebastião, que casou em São Paulo a 30 de julho de 1643 filho de Agostinho de Gusmão, natural da vila de São Vicente, e de Suzana Peres, natural de Santos), e de sua mulher Violante Cardoso, que foi filha de Balthazar Lopes Fragoso, natural de Lisboa, da freguesia dos Martyres, e faleceu em São Paulo, com testamento a 2 de junho de 1636, e de sua mulher Marianna Cardoso, filha de Pedro Madeira, e de sua primeira mulher Violante Cardoso, ambos naturais de São Paulo. E tem geração.

§ 7.º

2 — 7. D. Joanna Leme de Brito, casou com Estevão Forquim Pedroso, natural da Parnaíba, filho de Claudio Forquim da Luz, e de sua mulher Isabel Pedroso, ambos naturais de São Paulo. Neto, pela parte paterna, de Estevão Forquim e de sua mulher Maria da Luz. *Em título de Forquins* e pela materna, de Francisco Pedroso Xavier e de sua mulher Maria Cardoso. *Em título de Moraes,* cap. 3.º, § 1.º. Estevão Forquim Pedroso é irmão do capitão Estanisláo Forquim, pai do padre Antonio Antunes de Campos. E teve:

3 — 1. José Forquim.
3 — 2. Anna Forquim.

§ 8.º

2 — 8. D. Gertrudes Pedroso Leme (filha de D. Anna Leme de Brito e do sargento-mor José Martins Cesar), casou com Antonio de Mello do Rego (filho do capitão-mor João de Mello do Rego). *Em título de Arrudas,* título 2.º, cap. 10, § 3.º.

CAMPOS

A familia de Campos, da capitania de São Paulo, teve origem em Filippe de Campos, natural da corte de Lisboa, da freguezia do Loreto (filho de Francisco de Wanderburg, natural de Anvers, do Estado de Flandres, e de sua mulher Antonia de Campos, natural de Lisboa, como consta dos autos *de genere* de Filippe de Campos, que foi clerigo, processados em 1671 (Camara episcopal de São Paulo, autos, letra F., n. 1º, do maço 1º). Este Filippe de Campos era pessoa de nobreza e tendo acabado os estudos de gramatica no colegio de São Antão, o mandaram seus pais para a universidade de Coimbra: tinha feito algumas matriculas, quando por acidentes do tempo e extravagancias de estudantes fez uma morte, cujo sucesso o fez sair de Coimbra; e porque ainda na corte, e casa de seus pais não podia viver seguro, gozando a liberdade de passeiar público; tomou a resolução de se passar ao Brasil a meter tempo em meio. Veiu para a cidade da Baía onde então o provincial jesuita era sujeito de seu conhecimento, e com o mesmo passou a São Paulo atraído já de amizade, que tinha conciliado com religioso natural de São Paulo, o padre Vicente Rodrigues, que o recomendava aos parentes, e muito mais a seus pais, para que o casassem com sua irmã Margarida Bicudo, por ser pessoa de conhecida nobreza e homem estudante e de boa capacidade.

Com efeito, chegou a São Paulo Filippe de Campos, onde foi tratado com agasalho urbano dos paulistas da primeira nobreza, e entre eles o capitão Manoel Pires, para quem vinha recomendação da cidade da Bahia do filho o padre Vicente Rodrigues. Agradou-se tanto o capitão Manoel Pires, do dito Filippe de Campos, que veiu a tomá-lo por genro. Casou na matriz de São Paulo, a 9 de agosto de 1643, com Margarida Bicudo, filha do capitão Manoel Pires, e de sua mulher Maria Bicudo, ambos naturais de São Paulo. *Em titulo de Bicudos*, cap. 1º, § 3º. Foi Filippe de Campos, cidadão de São Paulo, em cuja república serviu repetidas vezes os cargos honrosos dela, e muito mais sendo adornado de muita civilidade, cortez politica, e boa instrução, com lição da história, por cujas prendas se fazia estimado e aplaudido geralmente. Faleceu com testamento a 18 de dezembro de 1681. (Cart. da vila de Parnaíba, Inventarios da letra F, n. 307, o de Filippe de Campos). E Margarida Bicudo faleceu em Itu a 24 de fevereiro de 1709. (Cartorio de residuos da ouvidoria de São Paulo, testamentos, letra M,

o de Margarida Bicudo). E teve doze filhos naturais de São Paulo uns, e outros de Itu.

Filippe de Campos .... Cap. 1º
Estanisláo de Campos .... Cap. 2º
Manoel de Campos .... Cap. 3º
Francisco de Campos .... Cap. 4º
José de Campos Bicudo .... Cap. 5º
Bernardo de Campos Bicudo .... Cap. 6º
Nuno de Campos Bicudo .... Cap. 7º
Anna de Campos .... Cap. 8º
Maria de Campos Bicudo .... Cap. 9º
D. Antonio de Campos .... Cap. 10º
Isabel de Campos .... Cap. 11º
Margarida Bicudo .... Cap. 12º

CAPíTULO I

1 — 1. Filippe de Campos, seguiu os estudos de gramatica latina, filosofia e teologia moral: saiu bom estudante, e ordenou-se de presbitero em 1671. Foi o primeiro vigario colocado pela mesa da Conciencia e Ordens que teve a igreja matriz da vila de Itu, por mercê do Sr. rei D. Pedro II, de 20 de fevereiro de 1694. (Cartorio da Provedoria da Fazenda Real. liv. de registros n. 5º, 1693 até 1701, pag. 14).

CAPíTULO II

1 — 2. Estanisláo de Campos, tomou a roupeta da companhia no noviciado do colegio da Baía. Seguiu os estudos com tanto aproveitamento que foi um dos maiores barretes que teve a provincia do Brasil: foi lente de artes, e depois de teologia no colegio da Baía, onde professou o 4º voto. Foi reitor deste colegio e provincial do Brasil duas vezes: a segunda foi no trienio de 1713. Teve tão grande aceitação, que o seu nome era o mais conhecido em Roma, dos seus Revms. padres geraes, principalmente do padre proposito geral Miguel Angelo Tamborino de tal sorte, que quando do Brasil ião remetidas as pautas dos colegios com os nomeados para ocuparem as reitorias, infalivelmente havia de ir por conta particular do padre Estanisláo de Campos; e por esta se governava o Revmo. geral para remeter as letras aos religiosos que vinham nomeados para reitores, e para provincial do trienio. Teve um respeito e veneração tão grande, não só dentro dos claustros da sua provincia, como das pessoas particulares da primeira nobreza das cidades da Baía, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, que outro algum religioso não chegou a merecer tanto. Já em avançados anos de idade decrepita se aposentou no colegio de

São Paulo, sua patria, para com tranquilidade do espirito se entregar todo á oração com Deus e das suas virtudes havia uma grande opinião. Governando a capitania de São Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes em 1722, em que tomou posse, não resolvia negocio algum, por mais arduo que fosse, sem consultar a Estanisláo de Campos, cujos assertos venerava como de oraculo: teve muito particular amizade com este; e quando passou por ordem régia para as minas de Cuiabá, deixando em seu lugar governando a capitania ao coronel Domingos Rodrigues da Fonseca, ficou este advertido a consultar sempre toda e qualquer materia pertencente ao mesmo governo, ao Revmo. Estanisláo de Campos, a quem sempre escrevia do Cuiabá nas monções das canoas de cada ano. Tinha tão presente os tratados de filosofia paripatetica, que estando em idade de mais de 80 anos, quando leu o Curso de Artes, o Revmo. padre mestre Nicoláo Tavares, no trienio 1730, que os estudantes filhos de pessoas principais da cidade o procuravam para lhes explicar a postila, ele se não negava a este trabalho em todos os dias da classe naquela meia hora que corria das 10 e meia, em que saíam os estudantes do pateo até ás 11 em que tocavam o silêncio; e era tal a clareza e os exemplos com que se explicava, que o mais insuficiente dos que concorriam á sua doutrina, saía desta lição com perfeito conhecimento da questão, em que padecia a falta de percepção. Tinha por costume inalteravel, porque tinha saúde, celebrar o santo sacrificio da missa ao romper do dia, na hora das cinco, e depois de tomada no seu cubiculo uma pequena refeição que ordinariamente era uma chicara de chocolate, assentava-se no confissionario, até que não houvesse mais penitentes que se quizessem confessar; e as tardes passava, depois de quatro horas em oração, em uma tribuna da capela-mór, em que sempre estava o Santissimo Sacramento no Sacrario. Para tão singular vida ainda foram os anos que durou, muito poucos, chegando á idade de 90. Nesta epoca faleceu mais debilitado das forças pelas austeridade da vida, que enfraquecido da mesma enfermidade. Conheceu a hora da sua morte, e depois de haver recebido o sagrado Viatico com o sacramento da Extrema-unção, com semblante alegre e sereno, cheio sempre de toda a humildade que praticou em todo o tempo, ainda quando prelado agradeceu a assistencia religiosa, que lhe tinham feito, e estavam fazendo: pediu com sua brandura que se recolhessem a descansar, e o deixassem só na companhia do seu santo Crucifixo, que tinha nas mãos, e á cabeceira uma lamina de preciosa pintura que lhe tinha mandado de Roma o seu reverendissimo geral de Nossa Senhora da Encarnação; porém que dando o relogio do mesmo colegio as 5 horas da manhã, viessem prontamente, porque esta era a hora última da sua vida. Com saudosa repugnancia obedeceram os religiosos, e, como tinham em muita opinião a santidade do reverendo Estanisláo de Campos, se persuadiram que naquella noite não acabava a vida, visto que ele segurava que a final hora

era a das 5 da manhã. Antes deste tempo, sempre o amor ditava nos reverendos alguma inquietação, e costumavam vir até a porta do cubiculo, e aplicando os ouvidos achavam um tal socego, que se persuadiram que estava repousando e assim passaram a noite toda, até que dando o relogio as 5 horas acudiram todos; e abrindo-se-lhe a porta do cubiculo acharam o servo de Deus de joelhos em cima da cama, com as mãos postas sobre o peito, e nelas o santo Crucifixo, e os olhos abertos, mas já defunto, porque naquelles poucos minutos tinha expirado e entregue a sua ditosa alma ao Creador. O', que pasmo! E saudosa alegria de lagrimas dos reverendissimos, que para logo passaram aquele venerando cadaver a um esquife forrado de um pano de veludo preto; e revestido com os paramentos sacerdotaes, foi depositado na sachristia, como costume praticado em todos os colegios. Já os sinos tinham feito o primeiro sinal quando os oficiais do Senado da Camara e o Dr. ouvidor geral, e o corpo politico de toda a nobreza e plebe tinha concorrido a beijar-lhe a mão, e o acharam com o semblante alegre, e o corpo todo flexivel conservando a cor natural. Ornaram e cobriram aquele venerando cadaver com flores, sendo tão grande o concurso, que para se não estragar a decencia veiu para logo uma guarda de soldados dos que estavam á porta do general, que era o conde de Sarzedas, D. Antonio Luiz de Tavora, que tambem era particular amigo do reverendissimo Estanisláo de Campos. Todos lhe assistiram ao ofício de corpo presente até se lhe dar sepultura dentro da capela-mor. Nós lhe assistimos tambem como amante discipulo dos seus santos conselhos, e doutrina de mestre espiritual no Sacramento da Penitencia; e tambem da sua lição sôbre a postila do padre mestre Nicoláo Tavares, de quem temos referido este trabalho, que com suavidade nos praticou sempre o Revm. padre-mestre Estanisláo de Campos, cujo nome e amorosa saudade vive sempre, e viverá nos corações de todos os que tiveram a ventura de o conhecer e tratar.

CAPÍTULO III

1 — 3. Manoel de Campos Bicudo, cidadão de São Paulo, de cuja república teve sempre o primeiro voto, foi pessoa de muita estimação e respeito. Possuiu grandes cabedais com numerosa escravatura, e muitos indios de sua reducção e administração, casou duas vezes: primeira com D. Luzia Leme de Barros, filha de Antonio Pedroso de Barros e de Maria Pires Monteiro. Em titulo de Pedrosos Barros, cap. 2º, § 4º; segunda vez casou com D. Antonia Paes de Oliveira, sem geração, e ela passou a segundas nupcias com o grande cabedal que lhe ficou de meiação, com Clemente Carlos de Azevedo Cotrim. Faleceu Manoel de Campos Bicudo em São Paulo, a 16 de maio de 1722, e se mandou enterrar na capela dos terceiros de São Francisco, em cuja ordem tinha sido

irmão ministro. Nós o conhecemos, e nos não acordamos de outrem que com ele competisse na corpulencia. Este paulista foi intrepido contra os barbaros gentios dos sertões do Rio Grande, e Rio Paraguay, que os penetrou vinte e quatro vezes, a saber: tres como soldado e vinte uma como capitão-mór da tropa, para as partes da provincia de Paraguay, das Indias de Hespanha, na America Meridional. Fez a última entrada em 1653 (*Duvido desta data) pêlo sertão da Vacaria, levando na companhia do seu troço ao sobrinho Gabriel Antunes de Campos, do cap. 8º, § 1º. Avizinhouse á redução dos indios do Rio de Paraguay acima dos padres jesuitas, e denominada... conforme ao Dr. D. Francisco Xarque de Andela, liv... cap... E para socegar os animos dos padres jesuitas, declarados inimigos dos paulistas pelos sucessos antecedentes com as tropas do capitão-mór Manoel Preto e Frederico de Mello, com os padres superiores Simão Mazetta, Antonio Rodrigues e José Cataldino, mandou o capitão-mór Manoel de Campos Bicudo por carta, segurar ao superior daquela redução, que ele vinha de paz, e só pretendia penetrar os sertões a conquistar a barbara nação do gentio... Porém teve por resposta de tão cortez como civil aviso, ao terceiro dia um pé de exército formado de mais de dois mil indios guerreiros com armas de fogo, de arco e flecha, fundas e outros instrumentos belicos ao seu uso. Marchava diante de todo este corpo como seu mestre de campo, general, o padre superior da dita redução (é lástima não sabermos o nome), montado em um famoso cavalo; chegando ao nosso campo adiantou os passos o capitão-mor Manoel de Campos Bicudo para ter-lhe mão no estribo. A este obsequioso cortejo correspondeu o padre superior com o furor de lhe dar com a estribeira nos narizes, que para logo lançaram sangue, o injuriado Campos sem mais acordo que a resolução que lhe ministrou a ofensa, fez pé atrás e tomando a sua arma de fogo fez tiro ao tal mestre de campo, jesuita, que ainda estava montado; e quando o corpo caiu do cavalo em terra, já a alma o tinha deixado. Ao eco deste tiro se poz o campo todo em descargas e se travou uma quasi batalha; porém os indios não sustentaram o ardor das nossas repetições, porque, desanimados da cabeça, que lhes infundia o valor, se puzeram em retirada; e os nossos o fizeram a melhorar de sitio, procurando o receptaculo de uma mata espessa vizinha. Neste lance ainda ficaram prisioneiros nove paulistas, sendo por todos os de maior apreço, Gabriel Antunes de Campos, sobrinho do dito capitão-mor Manoel de Campos Bicudo. Este como já dissemos, faleceu em São Paulo, a 16 de maio de 1722 (Cart. 1º de notas de São Paulo, maço de inventario let. M, o de Manoel de Campos Bicudo). E teve do seu primeiro matrimonio sete filhos.

2 — 1. Antonio Pires de Campos ...... § 1º
2 — 2. Filippe de Campos Bicudo ...... § 2º
2 — 3. Pedro Vaz de Campos .... § 3º
2 — 4. Estanisláo de Campos .... § 4º

§ 1.º

2 — 1. Antonio Pires de Campos, casou com D. Sebastiana Leite da Silva, filha de Salvador Jorge Velho, e de D. Margarida da Silva. *Em titulo de Lemes,* cap. 5º, § 5º. n. 3 — 2. Em sua descendencia n. 4 — 7. E teve quatro filhos:

3 — 1. Manoel de Campos Bicudo.
3 — 2. Antonio Pires de Campos.
3 — 3. Salvador Jorge Pires.
3 — 4. D. Luiza Leme.

3 — 1. Manoel de Campos Bicudo, faleceu solteiro na aldeia do Rio das Pedras da conquista de seu irmão, o coronel Antonio Pires de Campos, que segue. Por resolução do conselho ultramarino de 22 de maio de 1753 mandava El-rei D. José ao conde dos Arcos, o governador e capitão-general da capitania de Goyazes, que, visto ter falecido o coronel Antonio Pires de Campos, sem herdeiros, e ser seu irmão Manoel de Campos Bicudo seu unico herdeiro, e querer continuar nos mesmos serviços a que se oferecera seu irmão, se ajustasse com ele debaixo das mesmas condições e mercês prometidas ao dito coronel Antonio Pires de Campos, que já tinha desinfectado os caminhos, etc. Porém ficaram sem se verificarem estas mercês por falecer antes disso e sem herdeiros o dito Manoel de Campos Bicudo.

3 — 2. Antonio Pires de Campos foi na praça Adonis, e no sertão Marte. Foi açoute do barbaro gentio *Cayapó,* que infestava a estrada toda das minas de Goyazes em comprimento de mais de 200 leguas desde o rio Uruçanga, até Vila Boa. Impedida por estes barbaros a dita estrada com total ruina do comercio e dos direitos reais, depois de terem conseguido em repetidos assaltos muitas mortes com horror da humanidade, mandou D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general da capitania de São Paulo (achando-se em Vila Boa, para onde tinha passado a crear vila o arraial de Santa Ana) ao Dr. Agostinho Pacheco Telles, superintendente geral das mesmas minas, que procedesse á devassa dos repetidos insultos e mortes que havia executado a potencia do barbaro gentio *Cayapó,* e obrando-se assim, deu conta com este horroroso processo a El-rei D. João V, cujo real animo com paternal amor dos seus vassalos ordenou que se ajustasse com Antonio Pires de Campos (já se achava em posto de coronel da conquista contra a mesma nação belicosa dos *Cayapós*), desinfestar a estrada fazendo guerra viva aos inimigos, que por natural fereza saíam armados de mão comum a matar aos vassalos portu-

guêses (sem que estes tivessem ido a acometê-los em suas aldêias, ou reinos em vez alguma) com a mercê do habito de Christo, com terça efetiva de 50$, e o oficio de escrivão da superintendencia geral de minas de Vila Boa, de propriedade para si e seus decendentes. Chegada esta real determinação celebrou-se o ajuste destas mercês com o coronel Antonio Pires de Campos, pelo general D. Luiz Mascarenhas, residente ainda em Villa-Boa de Goyazes. Para cumprir com a obrigação do contrato fez assento o coronel Pires no Rio das Pedras do caminho de Goyazes, além do Rio das Velhas, onde aldeou-se o gentio domestico da nação *Bororós*, extraído dos sertões de Cuyabá em redução de amigavel paz. (Já hoje está todo este gentio no gremio da igreja, e dos seus filhos e netos se vê a aldea adornada de muito luxo de bizarrias no sexo feminino). Fez varias entradas contra o inimigo *Cayapó*, destruindo aldeas inteiras, com o que poz a estrada desinfestada por alguns anos. Como porém esta nação tem muitos reinos e copiosas aldeas em circunferencia de mais de 800 leguas, não passaram muitos anos que não repetissem os seus primeiros insultos, mortes e acometimentos até chegarem ao Rocio de Vila Boa de Goyazes, onde em 1755 mataram a muitas pessoas, o que deu ocasião ao general D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, para fazer chamar ao coronel Antonio Pires de Campos, que no mesmo ponto, em que lhe chegou o aviso ao seu estabelecimento do Rio das Pedras pôz em marcha, e chegando a Vila Boa seguiu o trilho da retirada do inimigo, e a poucos dias o teve de encontro com grande mortandade; mas saiu-lhe caro o triunfo por ser nesta ocasião acometido de um atrevido indio (na ocasião do maior aperto em que se viu metido entre os barbaros), que lhe introduziu uma flecha pelo peito direito, abaixo do hombro, e não bastou esta infelicidade para que assim mesmo atravessado da flexa lhe não tirasse a vida com o alfange. Recolheu-se desta facção com muitos aplausos do general D. Marcos de Noronha, e para convalecer da ferida da flexa tomou o regresso para o seu estabelecimento e aldea do Rio das Pedras, esperando ali o tempo para formar corpo de armas e penetrar o sertão, e destruir quantas aldeas descobrisse do barbaro inimigo. Porém outro foi o destino; porque, estando pronto a escolta dos soldados dragões para a conduta das arrobas de ouro do real quinto até Vila Rica, foi avisado o conde que só devia temer um corpo de conspiração traidora, que se occultava para roubar os quintos desta conduta, para cuja segurança devia reforçar o corpo de guarda, pelo que temeroso o conde resolveu mandar convidar para esta facção ao coronel Antonio Pires de Campos, que puxando por um troço da sua maior estimação dos seus soldados *Bororós*, excelentes arcabuzeiros, se viu incorporar com a conduta dos quintos encarregada ao cabo dos dragões. Com felicidade chegaram ao arraial de Paracatú; mas, como o coronel não estava de todo ainda são da ferida quando pôz em execução esta jornada, aumentando-se-lhe a febre diariamente, veiu a caír

enfermo de todo nestas minas de Paracatú, onde assistido de todos os medicamentos, nada aproveitou a suspender-lhe o golpe da morte, que o alcançou nos arraiaes, onde depois de se confortar com os sacramentos, tendo sempre á cabeceira o medico espiritual, deu a alma a Deus; e o seu cadaver foi dado á terra com todas as honras militares, que as soube executar o amor e boa sociedade do capitão de dragões Antonio Pereira de Sá, tão perfeito capitão como distinto pela nobreza do seu sangue. Foi sentida geralmente de todos a morte deste varão na idade a mais vigorosa, em que se achava. Acabou solteiro, ficando herdeiro de seus grandes serviços e mercês régias seu irmão mais velho Manoel de Campos Bicudo, que veiu a acabar tambem solteiro, como fica referido, sem que no curso de tantos anos se verificasse a menor mercê das prometidas ao coronel Antonio Pires de Campos.

3 — 3. Salvador Jorge Pires, faleceu solteiro.

3 — 4. D. Luiza Leme (filha última de Antonio Pires de Campos, do § 1º retro), foi casada com Gaspar Leite Cesar de Azevedo, natural da praça de Santos, sem geração. *Em titulo de Buenos*, cap. 1º, § 5º n. 3 — 6 a n. 4 — 1, em sua decendencia.

§ 2.º

2 — 2. Filippe de Campos Bicudo, batizado na Parnaíba a 4 de abril de 1673 (filho do capítulo 3º), casou com D. Margarida da Silva, filha de Salvador Jorge Velho, e de D. Margarida da Silva. *Em titulo de Lemes*, cap. 5º, § 5º n. 3 — 2 a n. 4 — 1, em sua decendencia. (*O autor escreveu neste número que este Filippe de Campos fora o coronel do regimento que se formou na vila de Itu por ordem régia cometida ao conde de Sarzedas, que em pessoa fez expedir uma armada de canoas de guerra contra o gentio *Payaguás*, cujo sucesso referimos no cap. 5º, § 3º, como pertencente a outro Filippe de Campos Bicudo, do dito § ..., no que temos alguma dúvida.)

E teve tres filhos:

3 — 1. Francisco Xavier de Campos, faleceu solteiro.

3 — 2. Ignacio Jorge de Campos, faleceu solteiro.

3 — 3. Maria de Campos, casou com Francisco Xavier Paes, filho de João Gago Paes, cidadão de São Paulo, e de sua mulher D. Ana de Proença. *Em titulo de Taques Pompêos*, cap. 3º, § 9º, n. 3 — 7.

E teve filho único:

4 — 1. João Gago Paes de Campos, que existe solteiro. Faleceu solteiro.

§ 3.º

2 — 3. Pedro Vaz de Campos, batizado na Parnaíba a 5 de novembro de 1674, foi tenente-coronel de Filippe de Campos

Bicudo, do cap. 5º, § 3º, seu primo co-irmão, por ser potentado em cabedais e armas, com que podia servir de muito na guerra do gentio *Payaguá,* como se refere no dito § 3º. Foi casado com D. Escholastica de Oliveira Paes, filha de Francisco Paes de Oliveira, e de sua mulher Dona Marianna Paes, filha do governador Fernão Dias Paes Leme. Em titulo de Lemes, cap. 5º, § 5º, n. 3 — 1, em sua decendencia.

E teve oito filhos:

3 — 1. Francisco Xavier de Campos, casou duas vezes; primeira em Itu, com filha de Josepha Leite, irmã do padre Paulo de Anhaya, e segunda vez casou em Cuyabá com... filha de José de Oliveira Pedroso, e de sua mulher *Josepha Leite.* Neta por parte paterna do sargento-mor Antonio de Oliveira Pedroso e de D. Maria de Almeida. Em titulo de *Cerqueiras,* cap. 5º, § 6º, n. 3 — 2, e melhor em titulo de *Almeida Castanhos,* cap...

3 — 2. Manoel de Campos Bicudo, casou com D. Maria Felix de Toledo, filha do capitão-mor D. João de Toledo Piza e Castelhanos. *Em titulo de Taques Pompêos,* cap. 3º, § 10, n. 3 — 1, em sua decendencia.

3 — 3. Estanisláo de Campos Paes, casou com D. Luiza do Rego, filha do capitão-mor João de Mello do Rego, e de D. Bernarda de Arruda. *Em titulo de Botelhos Arrudas,* cap. 2º, § 1º.

3 — 4. Maximiano de Oliveira Paes, casou no Cuyabá com... filha de José de Oliveira Pedroso, e de sua mulher Josepha Leite, irmã do padre Paulo de Anhaya Leite, os mesmos do número retro 3 — 1.

3 — 5. Pedro Vaz de Campos, casou com Ursula Bueno da Camara, filha de José do Prado da Camara, e de Rosa Bueno de Camargo. *Em titulo de Camargos.*

3 — 6. José Paes de Campos, casou em Itú com Anna do Amaral, filha de José do Amaral Gurgel, e de D. Escholastica de Arruda. *Em titulo de Botelhos Arrudas,* cap. 1º, § 10.

3 — 7. Bernardo José de Campos, casou com Isabel Bueno, filha de Simão Corrêa Moraes, e de sua mulher Anna Pinto, sem geração.

3 — 8. D. Luiza Leme de Barros, casou com Francisco Soares Medella, cidadão de São Paulo, filho de Roque Soares de Medella, sargento-mor das ordenanças, cidadão de São Paulo, onde serviu muitas vezes os honrosos cargos da república, e de juiz ordinario, e faleceu a 29 de janeiro de 1742, e de sua mulher Anna de Barros, que faleceu em São Paulo a 7 de Setembro de 1746. O sargento-mor Roque Soares foi natural da vila do Conde, filho de Luiz Soares Anvers, e de sua mulher Benta de Medella. Anna de Barros foi filha de...

§ 4.º

2 — 4. Estanisláo de Campos Bicudo, batizado na Parnaíba a 10 de junho de 1677. Faleceu solteiro.

§ 5.º

2 — 5. Manoel de Campos, foi clerigo do habito de São Pedro.

§ 6.º

2 — 6. D. Margarida de Campos, casou com o sargento-mor de batalha Domingos Jorge da Silva. *Em título de Lemes*, cap. 5º, § 5º, n. 3 — 2, com sete filhos que aqui se repetem:

3 — 1. Salvador Jorge Velho, capitão-mor da vila de Itú, vitalicio por patente régia, e existe casado com D. Genebra Maria Machado e Vasconcellos, filha de Manoel Machado de Oliveira Fagundes, e de sua mulher Anna das Neves Gil. Em titulo de Machados Fagundes, cap... §... E tem sete filhos que são:

4 — 1. Domingos Jorge Velho, capitão de infantaria auxiliar da vila de Itú.

4 — 2. Manoel Jorge Velho Machado.

4 — 3. D. Margarida Maria de Campos, que foi casada com Francisco de Campos Pires, filho de Mathias de Campos, e de Margarida da Silva de Moraes, e deixou dois filhos, *Salvador* e *Margarida*.

4 — 4. D. Anna Gertrudes Maria das Neves.

4 — 5. D. Escholastica Francisca Xavier de Campos, está casada com Gonçalo de Arruda Leite, capitão de infantaria auxiliar de Itu, por promoção de D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão em 1765, filho de Miguel de Arruda Botelho, e de Maria de Almeida Penteado. *Em titulo de Arrudas.*

4 — 6. D. Maria Luzia Leme de Barros.

4 — 7. D. Maria Paula de Campos.

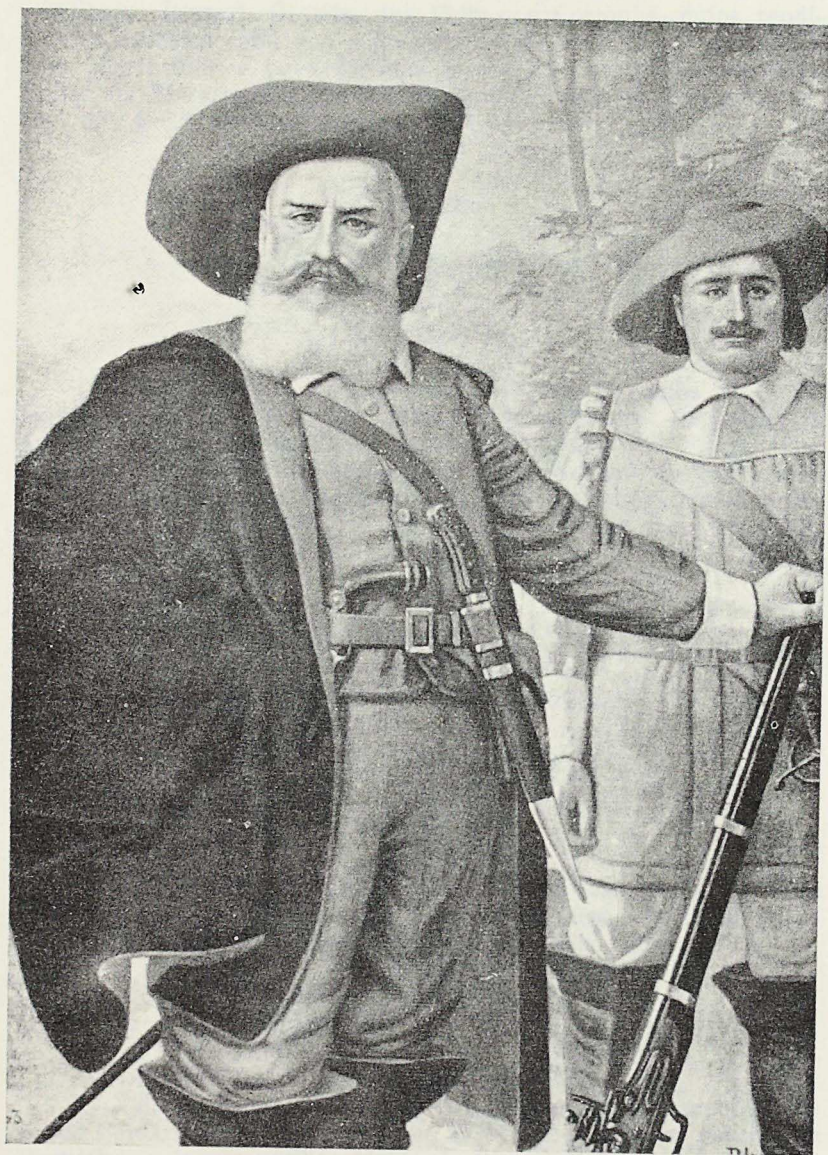
3 — 2. José de Campos casou com d. Maria do Rego, filha de Pedro de Mello e Souza. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 2º, § 10. Sem geração.

3 — 3. Domingos Jorge da Silva. Faleceu solteiro.

3 — 4. Paschoal Leite Paes. Faleceu solteiro.

3 — 5. Manoel de Campos Bicudo. Faleceu solteiro.

3 — 6. Francisco Xavier de Campos. Faleceu solteiro.

3 — 7. D. Maria Thereza Isabel Paes, foi contratada para casar com o capitão-mor Fernando Dias Paes, filho primeiro do capitão-mor e guarda-mor geral das minas do ouro Garcia Rodrigues Paes. Em titulo de Lemes, cap. 5.º, § 5.º; e não teve efeito a consumação do matrimonio, porque mandando a sua procuração contraente, por ela foi recebido, e vindo em marcha para São Paulo faleceu antes de ver sua esposa. Esta casou muitos anos depois com Bartholomeu Bueno da Silva, natural da vila de Parnaíba, coronel de cavalaria auxiliar de minas de villa Boa de Goiazes por patente régia, e senhor donatario em tres vidas su-

Domingos Jorge Velho e seu loco-tenente — Quadro de Benedito Calixto —
(Cortesia do Museu do Ipiranga).

jeitas á lei mental, dos direitos dos rios do caminho de Goiazes, o Atibaia, Jaguarí, Grande, das Velhas, e Corumbá, cujos rendimentos excedem cada ano a dois contos de réis; filho do capitão-mor descobridor e povoador das minas de Goiazes Bartholomeu Bueno da Silva, por alcunha Anhanguéra. Em titulo de Lemes, cap. 2.º, § 6.º, n. 3 — 3 e seg. n. 4 — 1.

§ 7.º último

2 — 7. Maria Pires Monteiro, faleceu solteira.

CAPíTULO IV

1 — 4. Francisco de Campos, casou na Parnaíba a 14 de Novembro de 1677 com Marianna Cardoso, natural da freguezia de Nazareth, termo da cidade de São Paulo, filho de Manoel Cardoso de Almeida e Catharina Rodrigues, natural de São Paulo (Camara episcopal de São Paulo, *generes* de Filippe de Campos, let. F. n. 10, ano de 1710). Em titulo de Prados, cap. 6.º, § 3.º, 3 — 4. E teve seis filhos:

2 — 1. Mathias de Campos .... § 1.º
2 — 2. Filippe de Campos .... § 2.º
2 — 3. Francisco de Campos .... § 3.º
2 — 4. Estanisláo Cardoso de Campos .... § 4.º
2 — 5. Anna de Campos .... § 5.º
2 — 6. Appolonia de Campos .... § 6.º

§ 1.º

2 — 1. Mathias de Campos casou com Margarida da Silva e Moraes, filha de Balthazar de Lemos e Moraes, e de Isabel Pires de Medeiros, em titulo de Moraes. E teve seis filhos:

4 — 1. Salvador.
4 — 2. D. Margarida.

3 — 2. Mathias de Campos faleceu solteiro.
3 — 3. Marianna Cardoso de Campos casou com Amador Bueno de Camargo, filho de Francisco Bueno de Camargo, natural de Parnaíba, e de sua mulher Maria da Silva. Em titulo de Camargos, cap. 7.º, § 2.º, n. 3 — 2. E teve dois filhos:

4 — 1. Francisco.
4 — 2. Bartholomeu.

3 — 4. Maria Bueno de Campos, casou com João Leite de Almeida, filho de Paschoal Leite Penteado, e de Maria de Almeida. Em titulo de Penteados, cap.... §...

E teve filho unico:

4 — ". José Joaquim Leite.

3 — 5. Margarida da Silva Campos, solteira.

3 — 6. Rita de Campos Bicudo, solteira.

§ 2.º

2 — . O padre Filippe de Campos, ordenou-se de presbitero de São Pedro, em 1710, e ocupou o peso de pastor de algumas igrejas e faleceu na vila de Itú.

§ 3.º

2 — 3. O padre Francisco de Campos, ordenou-se de presbitero de São Pedro em 1716, em que obteve sentença *de genere*, cujos autos existem na camara episcopal de São Paulo, let. F. n. 14: foi morador da vila de Itu.

§ 4.º

2 — 4. Estanisláo Cardoso de Campos: foi jesuita professor do 4.º voto; tendo ocupado alguns reitorados se passou para Roma.

§ 5.º

2 — 5. Ana de Campos (*).

§ 6.º

2 — 6. Appolonia de Campos (filha ultima de Francisco de Campos, do cap. 4.º, pag. 198), casou duas vezes: primeira com Domingos Machado Lima, (irmão de Sebastião Machado de Lima) tenente-coronel, natural de Nazareth, e morador em Itu, onde faleceu com testamento a 22 de Agosto de 1726 (Residuos da ouvidoria de São Paulo, testamentos, let. D, o de Domingos Machado Lima): filho de Sebastião Machado de Lima, e de sua mulher Catharina Ribeiro que faleceu em São Paulo em 1665, (Orfãos de São Paulo, inventarios, le. C, maço 1.º o de Catharina Ribeiro). Casou segunda vez em Itu a 10 de Setembro de 1727, com Diogo de Castilho, e de sua mulher Agostinha Rodrigues. E teve do primeiro matrimonio filho único:

(*) Falta no manuscrito. (*Nota da redação*).

3 — ". Sebastião Machado de Lima, capitão de infantaria da freguezia de Araritaguaba da ordenança da vila de Itu: está casado com Rita Pinto do Rego, filha de João do Prado da Camara e de Paula Pinto do Rego.

1 — 7. Catharina de Campos.

CAPÍTULO V

1 — 5. José de Campos Bicudo, nasceu na Parnaíba a 26 de Junho de 1657, e faleceu em Itu a 13 de Junho de 1731, testando 12:186$209. Casou duas vezes: primeira, com D. Ignez Monteiro (filha de Bento Pires Ribeiro, e Dona Sebastiana Leite da Silva, irmão do governador Fernão Dias Paes). Em titulo de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 9; segunda vez casou com d. Maria de Almeida a 5 de Abril de 1704, que era viuva do sargento-mor Antonio d'Oliveira Pedroso (Em titulo de Arrudas, cap. 2.º), e filha de Lourenço Corrêa Ribeiro, e de sua mulher d. Maria Pereira. Em titulo de Almeida Castanhos, n. 6 — 1.

Do primeiro matrimonio com d. Ignez Monteiro, teve nove filhos e cresceram só dois:

2 — 1. José de Campos Monteiro ...... § 1.º
2 — 2. Margarida de Campos .... § 2.º

Do segundo matrimonio, com d. Maria de Almeida, teve filho unico:

Filippe de Campos Bicudo .... § 3.º

§ 1.º

2 — 1. José de Campos Monteiro, casou na vila de Itu a 20 de Abril de 1726, com Archangela Paes de Campos, natural da mesma vila, filha de João Paes Rodrigues e de Margarida Bicudo. Neta paterna de João Paes Rodrigues, e de Ana Maria Garcia. Em titulo de Betim, cap.... §... e bisneta de João Paes Rodrigues, e Suzana Rodrigues. E pela materna neta de Ana de Campos, do cap. 8.º, no § 4.º. José de Campos Monteiro foi morador em Itú, onde faleceu em 1766, e republicano que muitas vezes serviu os honrosos cargos da republica. Em 1733 por patente passada a 10 de Agosto do dito ano o creou o conde de Sarzedas, capitão de infantaria do regimento de Filippe de Campos Bicudo, seu irmão, para a guerra que se ia fazer ao gentio *Payaguary*, para o que foi José de Campos Monteiro com uma canoa armada em guerra com armas e gente á sua custa (* Isto melhor consta da dita patente,

e uma certidão do sargento-mor Antonio de Moraes Navarro, que foi com este posto á dita guerra, passada a favor do capitão José de Campos Monteiro os quais papeis se acham avulsos no testamento que fez o autor). E teve seis filhos:

3 — 1. Estanisláo de Campos Monteiro, casou com Maria Martins, filha de Antonio Martins de Freitas, e de Maria de Lima Cardoso. Faleceu no Cuiabá sem geração.

3 — 2. Antonio de Campos Monteiro, foi casado com Maria Leite, filha de Antonno Bicudo de Barros, e de d. Josepha de Arruda. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 1.º, n. 3 — 8. Faleceu em Itu e ahi teve duas filhas:

4 — 1. Ignacia Maria de Campos.
4 — 2. Ana de Campos.

3 — 3. Ignez Monteiro de Campos, foi casada com Francisco Xavier do Rego Cabral, filho de Manoel do Rego Cabral. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1.º, § 5.º. (* Este Francisco Xavier do Rego Cabral estando juiz ordinario da vila de Itu, em 1771, fez duas petições ao vigario da vara, para o paroco e o coadjutor da dita vila passarem certidão, a respeito dos filhos e netos do capitão José de Campos Monteiro que existiam, e da sua pobreza; os quais juraram que existiam um unico filho Ignacio de Campos, e alguns netos em grande pobreza, assim tambem uns tres netos de Filippe de Campos Bicudo. Estas certidões se acham avulsas no titulo do autor).

3 — 4. Ignacio de Campos Pires, faleceu na povação de Guaitemí.

3 — 5. José de Campos, faleceu solteiro.

3 — 6. Ignacio de Campos Monteiro, existe solteiro em Itu.

§ 2.º

2 — 2. D. Margarida de Campos, casou em Itu a 26 de Novembro de 1705, com Antonio Rodrigues Velho, natural de Coritiba, filho de Garcia Rodrigues Velho, natural de São Paulo e morador de Parnaguá, e de Isabel Bicudo, natural de Itu. Neto por parte paterna de Garcia Rodrigues Velho (irmão inteiro de d. Maria Garcia, mulher do governador Fernão Dias Paes. Em titulo de Betim, cap. 2.º Foi Antonio Rodrigues Velho capitão-mór da vila e minas de Pitangui onde fez estabelecimento, e foi morador, com fabrica grande de minerais, e ali faleceu em 1766. E teve nove filhos naturais de Pitangui:

3 — 1. Garcia Rodrigues Velho.
3 — 2. José de Campos Monteiro.
3 — 3. Antonio Rodrigues Velho.

3 — 4. D. Gertrudes de Campos.
3 — 5. Gonçalo Rodrigues Velho.
3 — 6. D. Isabel Pires Monteiro.
3 — 7. D. Josepha de Campos Monteiro.
3 — 8. D. Ana de Campos.
3 — 9. Ignez de Campos Monteiro.

3 — 1. Garcia Rodrigues Velho, foi mandado por seus pais para a cidade de São Paulo, com outro irmão José de Campos a estudar gramatica latina. Estudaram filosofia no curso do reverendo padre mestre Nicoláo Tavares, jesuita, e tomaram o gráo de mestre em artes, e se recolheram para a patria. O dito Garcia Rodrigues, estando habilitado com sentença *de genere*, e patrimonio para o estado clerical, faleceu antes de conseguir este feliz destino.

3 — 2. José de Campos Monteiro, depois de seguir os estudos em São Paulo, como fica referido, casou no sertão e bispado da Baia.

3 — 3. Antonio Rodrigues Velho, faleceu solteiro.

3 — 4. D. Gertrudes de Campos, casou na vila de Pitangui, com João Velloso de Carvalho, capitão-mor da mesma vila por patente régia natural de Vila Nova de Famelicão, filho de Thomé Velyoso de Carvalho e de Maria Veloso Rebello. E teve, naturais de Pintangui, dez filhos. (* Casou segunda vez, já em anos avançados, com João Pedro de Carvalho, capitão-mór atual de Pitangui, por patente régia).

4 — 1. Manoel Velloso de Carvalho.
4 — 2. Fr. José de Santa Maria Velloso.
4 — 3. D. Paschoa Velloso Rebello.
4 — 4. Gertrudes de Campos.
4 — 5. D. Maria Thereza Joaquina.
4 — 6. D. Antonia Velho de Campos.
4 — 7. D. Quiteria de Campos.
4 — 8. D. Izabel Pires de Campos.
4 — 9. D. Rosa Maria de Campos.

4 — 1. Manoel Velloso de Carvalho, foi sargento-mor da ordenança de Pitangui, onde casou com D. Anna Maria de Barros, natural da cidade da Bahia, que estava viuva do primeiro marido João da Rocha Gandavo, filha do capitão-mor Francisco de Barros, e de D. Antonia de... pessoa muito distinta.

4 — 2. Frei José de Santa Maria Velloso, tomou o habito de carmelita calçado no convento da cidade de Evora. Nós o tratamos em 1756, em que nos achamos na corte de Lisboa, hospedado do liberal e magnanimo coração daquele grande vassalo, e assas conhecido e aplaudido o seu nome não só no Brasil, mas todo o reino de Portugal, o sargento-mor João Fernandes de Oliveira, con-

tratador dos diamantes do Serro do Frio ha muitos anos, e de sua mulher d. Isabel Monteiro, a quem a inata caridade, a excelencia do animo, com o concurso das linhas do sangue em 4.º grao, foi um brioso estimulo para a grandeza com que fomos tratados todo o tempo que tivemos a honra da sua casa depois do dia do formidavel terremoto do 1.º de Novembro de 1755 no qual ficaram reduzidas a cinzas as casas da nossa habitação ao pé do cemiterio de São Francisco da cidade, com todos os moveis e dinheiro com que nos achavamos para seguir requerimentos pedindo o premio a relevantes serviços, até o dia 12 de Março de 1757, em que saiu a frota de que foi comandante para o Rio de Janeiro o capitão de mar e guerra Mendonça, e nela viemos embarcados. Esta expressão sirva de um pequeno reconhecimento da nossa gratidão aqueles nobres animos do sargento-mor João Fernandes de Oliveira e de sua consorte a sra. d. Isabel Pires Monteiro, cujas felicidades aumente o ceo para amparo daqueles que recebem o beneficio da sua hospitalidade. Faleceu no convento de Evora.

4 —3. D. Paschoa Velloso Rebello, casou na matriz de Pitangui, e foi para São Feliz de Carlos Marinho, minas da capitania de Goiazes, com o sargento-mor Lopo Bernardo Rebello, que nas ditas minas tem sempre as redeas do governo da republica com o carater de juiz ordinario, como pessoa tão distinta e abundante de cabedais, com fazenda de minas de ouro, em que ocupa grande número de escravos, e na mesma fundou uma excelente capela que tem bem ornada com perfeitas imagens, e paramentos ricos; filho de Francisco Rebello de Bouro, que foi alferes de infantaria em Pernambuco, e de sua mulher Maria Vieira de Bouro, senhora da casa da Possa em Vila Pouca de Lanhoso. Neto de Francisco Rebello de Bouro, capitão da ordenança no conselho de Vieira, freguezia de São Paio de Siravedra, e senhora da casa de Ameã, e de sua mulher Catharina Vieira Martins. Bisneto de Francisco Martins Ribeiro, senhor que foi da mesma casa de Ameã, e pessoa de muito respeito.

E teve tres filhos:

5 — 1. João Bernardo Vieira Rebello.
5 — 2. D. Maria Thereza Vieira.
5 — 3. D. Anna Raymundo de Campos.

4 — 4. D. Gertrudes de Campos, casou em Pitangui duas vezes: primeira com Pedro Fialho do Rego; segunda com Antonio Dias Teixeira das Neves, capitão-mor da mesma vila por patente de Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-general, que acabou conde de Bobadella, no Rio de Janeiro, com geral saudade de todo o Brasil.

Do primeiro matrimonio teve dois filhos.

5 — 1. João Fialho do Rego.
5 — 2. Antonia.

Do segundo matrimonio teve quatro:

5 — 3. D. Maria Magdalena da Cruz.
5 — 4. Antonio Dias.
5 — 5. José.
5 — 6. Luiz.

4 — 5. D. Maria Thereza Joaquina (filha de d. Gertrudes de Campos, e do capitão-mor João Velloso de Carvalho do n. 3 — 4), casou com João Cordeiro, sargento-mor da vila de Pitangui, natural da vila de Cintra do patriarcado de Lisboa. Faleceu em Pitangui; foi filho de Manoel Cordeiro, natural de Lisboa, que foi capitão de infantaria auxiliar, e ocupou o posto de capitão do seu terço em Cintra, e seguiu a guerra no Alemtejo e na Praça de Cascais; e de d. Maria Antunes Michaela, natural de Lisboa, de donde se passaram para Cintra, e foram senhores da quinta da Sanfanha no termo da mesma vila.

E teve oito filhos naturais de Pitangui:

5 — 1. D. Rita Maria de São José, casou em Pitangui com José Fernandes Valladares.

5 — 2. João Cordeiro de.... existe em 1784 na sua quinta de Sanfanha em companhia de uma tia, irmã de seu pai, por cuja morte fica ele senhor de tudo.

5 — 3. Pedro Nolasco Cordeiro de Campos.
5 — 4. D. Maria, faleceu de tenros anos.
5 — 5. Antonio Cordeiro de Campos.
5 — 6. Sebastião José Cordeiro de Campos.
5 — 7. José Joaquim Cordeiro.
5 — 8. Manoel Cordeiro de Campos.

4 — 6. D. Antonia Velho de Campos, casou com Antonio Velho Cabral, natural da ilha de São Jorge (irmão de José Velho Cabral, presbitero secular, capelão da capela de Santo Amaro do Brumado, da freguezia de Santo Antonio, de Santa Barbara, em Minas Gerais, em 1760), e procede da de São Miguel, ou Santa Maria, da nobre familia dos Velhos Cabraes, que ali tiveram seu princípio no seu famoso descobridor Frei Gonçale Velho Cabral, comendador do capelo de Almural e senhor das vilas das Pias, Becelgas e Cardiga, etc., o que tudo temos mostrado em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, no brasão de armas ali copiado. E teve tres filhos:

5 — 1. Vicente de Campos Velho.
5 — 2. D. Anna de Campos.
5 — 3. Antonio Velho Cabral.

4 — 7. D. Quiteria de Campos, faleceu religiosa professa no mosteiro de São Bento da cidade de Evora, pelo rigor da sua penitente vida, e por isso com boa opinião de santidade.

4 — 8. D. Isabel Pires de Campos, faleceu religiosa no mesmo mosteiro.

4 — 9. D. Rosa Maria de Campos (filha última de D. Gertrudes de Campos, do n. 3 — 4), existe em 1784, tambem religiosa professa no mesmo mosteiro de São Bento de Evora). Este venturoso estado conseguiram estas tres irmãs e seu irmão Frei José o de religioso carmelita na mesma cidade, e uma prima co-irmã, D. Margarida de Campos do n. 3 — 3 adeante, tambem o de religiosa do mesmo mosteiro, por terem vindo de sua patria na companhia de sua tia D. Isabel Pires Monteiro, que com seu marido, o sargento-mor João Fernandes de Oliveira, desembarcou na cidade de Lisboa no dia 24 de Agosto de 1751.

3 — 5. Gonçalo Pires de Campos, faleceu solteiro.

3 — 6. D. Isabel Pires Monteiro teve a sorte de ficar com os mesmos apelidos de sua terceira avó a matrona D. Ignez Monteiro, porque lhe herdou em tudo a grandeza do animo, ardor da caridade, liberalidade e afabilidade. Em título de Alvarengas, cap. 2.º. Existe moradora na corte de Lisboa, onde fez construir depois do ano de 1757 uma nobre e famosa quinta, com magnifico palacio no sítio de Buenos Aires, na qual tem excelente pomar até de frutas do Brasil. O seu nome é bem conhecido não só naquela côrte, mas em todo o reino, principalmente na provincia do Minho, por onde transitou quando a sua cordeal devoção, sem atender ao excesso da despesa, passou no ano de 1756 a visitar o corpo do apostolo Santiago a Compostela, dispendendo nesta romagem copiosa soma de moedas em esmolas a tanta pobreza que encontrou, acompanhada sempre do magnanimo e liberal beneplacito de seu marido, o sargento-mor João Fernandes de Oliveira. Nós perdemos o gosto de lhe fazermos companhia nesta jornada, porque havia já seis meses que curtiamos a grande enfermidade de um defluxo hepatico, e nos achavamos na convalescença desta molestia quando no mês de Junho teve efeito a dita jornada. Expressarmos o zelo, o amor e a grandeza com que fomos tratados no decurso de toda a enfermidade não acha o nosso reconhecimento palavras pelo temor de não ficarmos diminutos a tanta obrigação. (* O autor se alarga em narrar os periodos da sua enfermidade, medicos que lhe assistiram, e o tratamento que teve, e finalmente o agasalho que achou naquela casa desde o 1.º de Novembro de 1755 até 12 de Março de 1757, em que embarcou para o Brasil, no mesmo tempo em que tambem embarcou Alexandre Luiz de Souza e Menezes, que ia governar a praça de Santos). Casou D. Isabel Pires Monteiro duas vezes, primeira com Luiz de Cerqueira Brandão, cavaleiro professo da ordem de Cristo, capitão-mor da vila de Pitangui, pessoa de muito grande respeito, senhor da Carunhanha, e de outras grandes e rendosas fazendas estendidas pelos rios Paraná e São Francisco, cujos rendimentos passavam de vinte mil cruzados, *deductis expensis*, e facilmente chegaria ao dobro, se a morte não tirasse desta vida na flor dos seus

anos ao capitão-mor Luiz de Cerqueira Brandão, que foi no dia... de... de... Foi filho daquele grande cavaleiro e mestre de campo Athanasio de Cerqueira Brandão, natural de Ponte de Lima, capitão-mor da vila de Pitangui, e senhor da casa da Carunhanha, e de sua mulher D. Catharina de Siqueira e Mendonça, irmã direita do capitão-mor Manoel Affonso Gaya (Vide em título de Gayas, n. 1.º, cap. 4.º, § 6.º), Miguel Gonçalves Figueira, João Gonçalves Figueira e Antonio Gonçalves Figueira, que foram senhores da maior parte das grossas fazendas de gados vacuns e cavalares do sertão do Rio Verde de São Francisco, Currais da Baía. Casou segunda vez com o sargento-mor João Fernandes de Oliveira. Sem geração. (* Gomes Freire de Andrade, que protegia a João Fernandes, foi empenhado neste casamento danoso a D. Caetana Maria Brandão, unica herdeira da casa de seus pais).

* D. Isabel Pires Monteiro existe neste ano de 1784 em Lisboa em casas alugadas, labutando com renhidas demandas com os herdeiros de seu enteado o desembargador João Fernandes de Oliveira, depois de meter-se de posse dos bens que ficaram no casal por morte de seu marido João Fernandes de Oliveira, dos quais tinha sido desapossada pela sentença dada contra ela e contra todo o direito a... de Dezembro de 1772, e foi restituida pela sentença de revista dada por nove ministros, a 26 de Junho de 1781, e tomou a posse a... de Setembro de 1783, retardada primeiro com embargos, sobre os quais se deu a sobre sentença a 22 de Fevereiro de 1783, e depois pela razão de trabalhar-se em por fora de ser juiz das causas e negocios da casa o desembargador dos agravos José 'Fernandes Nunes, em cujo lugar finalmente foi nomeado pela rainha o desembargador Constantino Antonio Alves do Valle, tambem da suplicação, e até hoje se vê perseguida D. Isabel Pires por aquele dito ministro, que teima em não querer despejar umas magnificas casas, pertencentes ao casal, onde assiste ha muitos anos por preço muito comodo, e para onde quer ir habitar dita D. Isabel Pires, que tem ido muitas vezes á presença da rainha, a qual significando-lhe estar o seu real animo disposto a favorecê-la não tem mandado proceder contra aquele ministro, por ter êste colorado as suas injustiças com dizer se lhe dever muitos contos de mil réis, o que deseja ele que se ponha em provas para a dilação, que deseja.

Tantos trabalhos, que tem padecido D. Isabel Pires Monteiro desde o falecimento de seu marido João Fernandes de Oliveira (que acabou os seus dias no de 7 de Setembro de 1770) provieram da ambição e do dolo com que este quiz prejudicar aos herdeiros dela, posto que o peso da conciencia fez emendar depois o erro. O caso foi que João Fernandes de Oliveira, passado um ano do seu casamento, fez lavrar uma escritura sem sua mulher ser sabedora, e em cujo nome assinou um clerigo, por ela não saber ler nem escrever. Era uma escritura dotal, pela qual declarava dona Isabel Pires que entrava para o casal com o preço das fazendas

de gados, que segundo a sua avaliação, que era de trinta e quatro contos, ficava ele João Fernandes, a quem traspassava o dominio delas, obrigado a dar o dito preço aos herdeiros dela no caso de falecimento sem prole, ou morrendo ele primeiro sairia ela com aquela quantia, ficando o mais para os herdeiros dele dito João Fernandes, etc. Esta escritura era nula por direito por ser feita depois de contraido o matrimonio, e tambem pela lesão enorme, quasi da metade, que havia na tal fantastica venda. Estando, porem, João Fernandes de Oliveira para dar contas a Deus, e sendo dirigido nos casos de conciencia por um sujeito tão sabio, qual é Frei José do Menino Deus, hoje bispo de Vizeu, que teve a consolação de ver os efeitos da sua diligência e de presenciar todos os sinais de um verdadeiro arrependimento, mandou vir tabelião e fez uma revocação e declaração de que aquela escritura dotal fôra sem consentimento de sua mulher, etc.

Passado pouco tempo da morte de João Fernandes de Oliveira, veiu do Brasil seu filho o desembargador João Fernandes de Oliveira, que tinha estado administrando o contrato dos diamantes, como socio de seu pai, e em cujo tempo teve o contrato um muito grande lucro. O imenso cabedal que se supunha possuir o desembargador e o saber ele distribuir com mão larga, fez com que conseguisse tudo que quiz contra sua madrasta. Esta recebeu do marquês de Pombal incriveis honras: mandou descrever os bens do casal por um escriturario, que se disse chegavam a perto de dois milhões (pois João Fernandes era tido pelo vassalo mais rico de Portugal; mandou por um decreto assistir-lhe com trezentos mil réis por mês emquanto não se justavam, ou faziam as partilhas, o que se faria quando chegasse seu enteado, etc. Porém não só o marquês, mas muito principalmente José de Seabra, amigo de cama e mesa do desembargador, protegeram muito a este, que pediu ministros á sua satisfação, os quais deram uma iniqua sentença, fazendo válida a primeira escritura dotal, e dando de nenhum vigor a anulação, ou declaração posterior, porquanto, segundo uma atestação do marquês de Pombal, ele já estava como pateta por causa da sua molestia quando fez aquela declaração, não obstante atestarem tres medicos e um cirurgião o contrário, e os padres assistentes, e todos os que o viram naqueles ultimos dias; e querendo vir com embargos á sentença não foi admitida; e foi tal a sua consternação que, procurando por toda Lisboa letrado para a sua defesa, que respondesse no limitado tempo que se lhe concedeu, não achava nenhum, porque todos respeitavam a alta proteção da parte contrária, até que houve um, o qual, movido mais de piedade, do que de interesse, fez a defesa que se pretendia.

Desempossada de tudo, e sem esperanças de remédio, porque a julgaram por paga daquela porção com que entrou para o casal, pelos dotes que tinha feito a seus netos, e pelos profusos gastos que tinha feito durante o matrimonio, saiu unicamente com algum fato do seu uso para a casa do seu neto Luiz de Sousa e passados

alguns meses, estando ela na quinta da Sapataria do mesmo neto, em Setembro de 1773, foi conduzida por um ministro por ordem régia, até a recolher no convento de Via-longa... leguas distante de Lisboa, a cuja abadessa foi muito recomendado o não deixar-se falar com pessoas de fora a D. Isabel Pires, a quem se mandava assistir com uma pequena mesada, que em pouco tempo se suspendeu.

Ali sofreu miserias, porque os seus a não podiam socorrer francamente, até a morte de el-rei D. José, que foi a 24 de Fevereiro de 1777, em cujo tempo saiu do convento. Recorreu á rainha, que, admirada de tão grande injustiça, mandou o desembargo do paço conceder a revista de nove ministros, cuja ultima sentença foi a... de Fevereiro de 1783. O desembargador João Fernandes já tinha falecido a 21 de Dezembro de 1779; mas este com os seus procuradores puseram todas as coisas tanto a seu geito, como quem preveniam o que havia de acontecer para o futuro, que, pensando D. Isabel que ia tomar posse de tudo que se descreveu no inventário, ou descrição dos bens, achou-se com menos da quarta parte dos bens, e esses com bem embaraços, para o que concorreu muito o desembargador José Fernandes Nunes, que tem uma grande ascendencia sobre o espirito do filho bastardo e herdeiro do desembargador João Fernandes de Oliveira. E até que se conclua o inventário, se provem que aqueles bens de que o herdeiro está de posse (que rendem muitos mil cruzados) são do casal, e finalmente se façam partilhas, e se ajustem as contas dos rendimentos, e das dividas, que eles cobraram, que foram muitas, passaram muitos anos. E se não se entregar essa grande soma, que se acha no erario na arca do contrato, talvez não cheguem os bens de João Fernandes, que existem, pela muita dissipação que tem havido, e isto principalmente se o cura da Lapa e os mais interessados conseguirem a confirmação do codicilo que fez o desembargador João Fernandes, pelos grandes legados de dinheiros que nele faz. * D. Isabel Pires faleceu de apoplexia a 12 de Novembro de 1788.

Do matrimonio de D. Isabel Pires Monteiro com o capitão-mór Luiz de Cerqueira Brandão nasceu filha unica:

4 — D. Caetana Maria Brandão, batizou-se na capela de Nossa Senhora da Penha da vila de Pitangui, a 13 de Janeiro de 1726. Livro de batismo, fl. 44 v. Esta senhora como unica herdeira da casa de seus pais, foi pretendida de muitos, que a pediam para esposa porém entre tantos teve lugar na eleição de seu pai Alexandre Luiz de Sousa e Menezes, em quem além das qualidades do sangue e do esprito, e figura insinuante, concorriam as circunstancias de ser pessoa por quem tanto se interessava Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e Minas, o qual de proposito tinha passado a Pitanguy a ajustar aquele casamento, apelidando ao pretendente seu parente, e manifestando ser primo direito de Alexandre Metello de Souza Menezes, cujo nome se fez tão recomendavel no imperio da China pela embaixada que o levou a ela, e na côrte de Lisbôa, onde existia con-

selheiro ultramarino até o ano de 1766, em que faleceu, e de quem era o mesmo Gomes Freire particular amigo; e se celebrou o casamento na vila de Pitanguy, a 4 de Fevereiro de 1742. E' Alexandre Luiz de Sousa e Menezes natural de Marialva, na provincia da Beira, filho de Luiz de Sousa e Menezes, que foi capitão-mór da dita vila de Marialva, e de sua mulher D....

Passou Alexandre Luiz ao Brasil, na frota de 1740, em praça de tenente de dragões das Minas Gerais da companhia do capitão Domingos da Luz, que falecendo, ficou o tenente provido na mesma companhia; e com este posto passou ao reino de casa mudada, por acompanhar a sua sogra D. Isabel Pires, a cujo marido, o sargento-mor João Fernandes d'Oliveira, vendeu fiado todas as belissimas fazendas de gados, que lhe tinham cabido pela legítima de sua mulher, depois da morte de seu sogro; e tem mostrado a experiencia o erro que houve naquela venda, por muitas razões, e pela lesão quasi enorme que nela houve, pois foi pelo preço de... valendo ao menos mais um terço. Em Lisboa obteve patente de coronel sem corpo e passou na frota de 1757 para governador da praça de Santos, com todo o governo militar das comarcas de São Paulo e Parnaguá, por patente do Sr. rei D. José I de 9 de Janeiro de 1757, e na camara da vila de Santos tomou posse na tarde do dia 29 de Junho do mesmo ano de 57. (El-rei D. João V, pela resolução de 1748 extinguiu de São Paulo o carater de capitão-general, quando creou os novos governadores da capitania do Mato Grosso, e dos Goiazes, sujeitando a antiga capitania de São Paulo ao Rio de Janeiro).

Para logo visitou o coronel governador Alexandre Luiz de Sousa e Menezes as fortalezas, e fez nelas prover o necessario de que as achou faltas; e na da Barra Grande, chamada de Santo Amaro, achou que não podia a sua artilharia impedir desembarque a qualquer inimigo por uma eminencia levantada da praia chamada do Goés, que lhe servia de padrasto; e para evitar este futuro contingente fez levantar, e construir na dita eminencia um reducto triangular capaz de cavalgar algumas peças de artilharia. Foi continuando o seu governo com boa aceitação, e bom agasalho dos soldados e oficiais daquele presidio, até que por ordem do capitão-general do Rio de Janeiro, o Exmo. conde de Bobadella, passou a São Paulo a formar quatro companhias de 50 soldados paulistas cada uma, para a guarnição do Rio Pardo na comarca do Rio Grande de São Pedro do Sul; e sem opressão dos moradores conseguiu esta recruta, que a fez embarcar no porto de Santos a demandar o de Santa Catharina. Foram capitães das companhias: Simão de Toledo e Almeida, da primeira e mais qualificada nobreza de São Paulo; João de Siqueira Barbosa, tambem de conhecida nobreza; Miguel Pedroso Leite e André Pereira da Silva, que já era capitão da ordenança da freguezia de Santo Amaro. Segunda vez voltou a São Paulo, saindo de Santos com acelerada resolução, e no mesmo ponto em que lhe chegaram as ordens para com a necessaria cautela, vigilancia e segredo, vir por em cerco aos padres

jesuitas deste colegio, para cujo fim entrou na hora das 10 da noite, sem transpirar a sua vinda; e quando os padres sentiram os ecos dos soldados pagos e da ordenança, já estava formado o cordão que cingia toda a cerca do dito colegio, e nesta noite, como nas seguintes, sempre em pessoa rondava o mesmo governador todos os postos. Era a estação da maior força das águas, que tinham posto a estrada de Santos impraticavel; de sorte que, anoitecendo antes que chegasse, porque a conduta dos padres era grande, ao porto do Cubatão, o coronel governador tomou este caminho a pé com o detrimento que qualquer deve considerar, descendo uma serra, que do cume até ás fraldas tem uma legua de declive, toda de pedraria aspera, com lodos a que vulgarmente chamam caldeirões. Terceira vez subiu a São Paulo por ordem do conde da Cunha, vice-rei do estado, com residencia no Rio de Janeiro, a formar quatro companhias de paulistas para o presidio do Rio Pardo; e suposto que os animos não estavam muito dispostos pelo conhecimento do primeiro engano que se praticou em materias de soldo com os soldados e oficiais da primeira recruta, venceu o coronel governador estes temores, segurando a certeza infalivel do soldo que haviam de perceber. Ao tempo de se achar pronto este corpo para embarcar, chegou em fins de Julho de 1765 D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, para governador e capitão-general da antiga capitania de São Paulo. Estava ainda nesta cidade o coronel governador, onde esperando as ordens, recebeu a que Sua Magestade lhe mandou por carta firmada do seu real punho, de 17 de Janeiro de 1765, em que o havia por desobrigação da homenagem que nas suas reais mãos fizera pelo governo da praça de Santos, tanto que D. Luiz tomasse posse do seu governo, a quem era servido Sua Magestade que ele désse todas as noticias que lhe fossem necessarias. Logo baixou para a vila de Santos a avistar-se com o novo governador o qual, ou porque tivesse com efeito precisão de existir mais tempo naquela vila, ou porque achasse que valeria a posse tomada na camara daquela vila, suposto que Sua Magestade mandava que a tomasse na capital, que era a de São Paulo, entrou logo a exercitar o seu governo na vila de Santos, a 5 de Setembro de 1765, e para perceber os seus soldos mandou dar baixa nos do coronel governador, que todavia não se quiz dar por desobrigado da homenagem, até se não verificar a posse na camara de São Paulo, que foi a 7 de Abril de 1766, a que se deu nome de ratificação. E daqui se suscitou a dúvida se se deviam os soldos ao dito coronel ou não, o qual instruido com documentos a respeito da injustiça, que supunha se lhe tinha feito, embarcou para o Rio de Janeiro em fins do ano de 1766, e dali para a Bahia, donde passou a Lisboa com aquela grande despesa que o havia de obrigar uma viagem por escalas. (* Alexandre Luiz não cuidou no requerimento de seus soldos quando chegou; e se cuida neles neste ano de 1784, em que é dificil o mandar-se pagar pela razão de não

se dever no erario ao morgado de Matheus, como naquele tempo, em que se lhe havia de abater o que injustamente levou). Em todo o tempo do seu governo, que passou de oito anos, não teve mais lucro, que o limitado soldo de tres mil cruzados, taxados aos governadores da praça de Santos, e com os mesmos, sem a menor ajuda de custo, fez sempre as passagens para São Paulo, e residencia nesta cidade por tres vezes, dilatando-se em cada uma delas muitos meses; e sempre praticou dar mesa ao capitão de infantaria e oficiais que o acompanhavam. Observou a limpeza de mãos em tal grau, que esta virtude não ocultara a paixão mais alucinada. Foi muito afavel com os subditos por inata bondade, e tratava a todo o corpo do presidio com amor de pai, sem jamais alterar-se para romper com palavras menos prudentes; virtudes estas que o fizeram muito amado, e o farão ainda hoje apetecido. (* O coronel Alexandre Luiz...

3 — 7. D. Josepha de Campos (filha do capitão-mor Antonio Rodrigues Velho, do § 2.º), casou com Antonio Ferreira da Silva, por cujo falecimento casou com...

E teve do primeiro matrimonio tres filhos:

4 — 1. O Dr. Manoel Ferreira da Silva.

4 — 2. O padre Antonio Ferreira da Silva, presbitero secular.

4 — 3. João de Campos, que faleceu no noviciado do convento de ......

3 — 8. D. Ana de Campos Monteiro (filha do § 2.º retro), casou duas vezes: primeira com Ignacio de Oliveira, natural da cidade da Bahia (de uma candura, e genio excelente); segunda com José Gonçalves de Siqueira, filho do capitão-mor Manoel Affonso Gaya (irmão de Miguel Gonçalves de Siqueira, Antonio Gonçalves, D. Catharina de Mendonça, mulher do mestre de Campo Athanasio de Cerqueira Brandão, etc.). E deste segundo matrimonio houveram dois filhos cujos nomes vão em titulo de Gayas, n. 2.º, cap. 4.º, § 2.º, n. 3 — 1.

Os filhos do primeiro matrimonio foram tres:

4 — 1. Antonio de Oliveira Campos.

4 — 2. Ignacio de Oliveira Campos.

4 — 3. D. Margarida de Campos. Freira no mosteiro de São Bento, de Evora.

3 — 9. D. Ignez de Campos Monteiro (filha última do capitão-mór Antonio Rodrigues Velho), casou com Caetano Cardoso de Almeida, coronel do sertão do Rio de São Francisco, filho do mestre de campo Januario Cardoso de Almeida e de sua mulher D.... sua prima co-irmã (irmã do capitão-mor Luiz Cerqueira Brandão), o qual Januario Cardoso era senhor do arraial e igreja chamada de Januario Cardoso no Rio de São Francisco, para cuja sustentação tem a dita igreja seguro e rendoso patrimonio em várias

fazendas de gados, que são da administração do filho primogenito da descendencia do fundador, e primeiro padroeiro dito mestre de campo. Em titulo de Gayas, n. 9, cap. 4.º, § 8.º, n. 3 — 1. A construção desta obra é de excelente architectura, formadas as paredes de tijolo e cal, com altura proporcionada ao corpo da igreja e sua capela-mór: é toda circulada de nobres tribunas, com altares colaterais, adornadas de ricos paramentos, e banquetas com castiçais de prata feitos á moderna, e da mesma forma as lampadas. Esta obra serve de admiração aos viandantes, que seguem aquela estrada com o comércio, que gira atualmente de numerosos comboios de escravos e fazendas suas (vem tudo da cidade da Bahia não só para a capitania de Minas Gerais, mas tambem para a dos Goiazes), e a causa do reparo consiste pela distância em que se acha estabelecido este arraial, que sem um grosso dispendio se não podia conseguir semelhante obra. E' tão grande o arraial de Januario Cardoso, que bem merecia o carater de vila, porque o interesse do negócio faz conservar nele muitas casas de lojas de fazendas secas e outras de viveres, além de muitos oficiais de artes fabris, o que tudo forma maior aumento para a vista e para a comunicação. Foi o mestre de campo Januario Cardoso, verdadeiro imitador do espirito, ardor e zelo do seu defunto pai, o governador e conquistador dos barbaros indios, habitadores que foram daquele vasto sertão, Mathias Cardoso de Almeida, natural de São Paulo, em titulo de Prados, cap. 6.º, § 3.º, que ensaiando-se dos anos da juventude para o serviço do rei e da patria, soube conseguir um nome, que o deixou estabelecido para a posteridade.

Estando muito recomendado pelo principe regente o Sr. D. Pedro II, o descobrimento das esmeraldas, tão apetecidas, como jámais descobertas (1), e em cujo sertão havia falecido Marcos de Azeredo, deixando um roteiro da jornada que seguira, figura da serra, e altura dos graus deste sítio no inculto sertão e reino dos barbaros gentios *Mappaxós,* entrou na pretensão desta dificultosa empresa (por se não achar já pessoa alguma das que tinham acompanhado ao dito Marcos de Azeredo, que no mesmo sertão perdeu a vida com todos os do seu troço, e alguns que escapando se recolheram á vila da Vitória da capitania do Espirito Santo, de onde tinha saido o dito Azeredo, eram tambem falecidos) Afonso Furtado de Castro do Rio e Mendonça, governador geral do Estado do Brasil, pelos anos de 1671, em que chegou á Bahia, convidar a São Paulo ao afamado Fernão Dias Paes, que ambicioso do real serviço se não escusou da conquista, como temos escrito em titulo de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 1. Mandou-lhe patente de governador da dita conquista, e da gente que levasse e a ele se unisse no mesmo sertão, datada na Bahia, a 30 de Outubro de 1672. Era neste trienio capitão-mor governador da capitania de São Vicente e São Paulo Agostinho de Figueiredo, a quem o governador geral havia dado comissão com todos os seus poderes para fazer provi-

(1) Vide esta relação em titulo de Prados, cap. 6.º § ...

denciar tudo quanto para esta desejada expedição entendesse necessario para evitar maiores demoras, suposta a grande distância que ha da Bahia a São Paulo, por mar, e com a contingencia de ventos contrarios.

Reconhecendo o governador Fernão Dias Paes os grandes merecimentos de Mathias Cardoso de Almeida, que já neste tempo tinha dado acreditadas mostras de valor e disciplina militar contra os barbaros gentios do sertão do Rio de São Francisco, o convidou para seu capitão-mor, e seu futuro sucessor no pretendido descobrimento e conquista; assim representou o mesmo governador a Agostinho de Figueiredo, que mandou para logo passar patente de capitão-mor ao capitão Mathias Cardoso de Almeida, em 13 de Março de 1673 (Archivo da camara de São Paulo, livro de registro, n. 4.º, titulo 1.664, pág. 99). Nela se vê o contexto seguinte: "levar por seu adjunto ao capitão Mathias Cardoso de Almeida por ter grande experiencia daquele sertão, e gentios dele, onde havia feito jornadas de importancia, nas quais procedera com muito valor e boa disposição na conquista do gentio que tinha domado, ficando com ele poderoso para ter de encontro a outro qualquer que queira impedir a dita jornada, etc." O efeito deste descobrimento fica referido em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 1: tratando-se do governador Fernão Dias Paes, que, recolhendo-se para a patria tão avançado em anos como cheio de contentamento de haver conseguido o destino a que fora enviado, faleceu no mesmo sertão pelos anos de 1681, quando já Cardoso se achava em São Paulo, em 1679.

Pouco descanso teve este, porque chegando a São Paulo D. Rodrigo de Castel-Blanco, em 1680, feito administrador geral das minas por patente do principe regente o Sr. Dom Pedro II (com a mercê do ofício de provedor e administrador geral das ditas minas de propriedade com 40$, por mês, desde o dia que saisse da Bahia para São Paulo, além do soldo de 600$ por ano e um padrão de 700$, de juro herdade), datada em Lisboa, a 29 de Novembro de 1677; foi preciso ao dito Castel-Blanco, para pôr em efeito a jornada do sertão do Sabarabuçú (hoje Sabará) valer-se de Mathias Cardoso de Almeida; e porque o tenente-general Jorge Soares de Macedo, que do reino vinha acompanhando a Castel-Blanco, por ordem régia, neste mesmo tempo tinha passado com um socorro de gente de guerra de São Paulo para a Ilha de Santa Catharina a incorporar-se com o governador D. Manoel Lobo, que se achava construindo a fortaleza da povoação da nova Colonia do Sacramento, do que viera já da Corte encarregado em 1678, e se achava na Colonia em 1680, para onde tinha embarcado em Dezembro de 1679, elegeu Castel-Blanco a Mathias Cardoso de Almeida, a quem passou patente de tenente-general, datada em São Paulo, a 28 de Janeiro de 1681. E desta patente consta que dito Cardoso só tomara para si a honra do real serviço, indo com este posto para a jornada do sertão de Sabarabuçú, sem soldo algum,

e á sua custa levando para ela sessenta negros seus para o trabalho. No arraial de São Pedro, e matos de Paraupéba, se achou o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, com D. Rodrigo de Castel-Blanco, já em 26 de Junho de 1681, quando Garcia Rodrigues Paes deu ao manifesto as pedras de esmeraldas, que o defunto seu pai o governador Fernão Dias Paes havia descoberto e extraido da serra delas no reino dos *Mappaxós*, no mesmo sítio, por onde andara Marcos de Azeredo, requerendo ao dito governador e administrador geral Castel-Blanco, que as ditas pedras, que pesavam 128 oitavas, fossem remetidas a Sua Alteza. De tudo se lavrou termo, em que assinou Garcia Rodrigues Paes, com o governador e administrador, e o tenente-coronel Mathias Cardoso de Almeida, e do mesmo arraial de São Pedro escreveu D. Rodrigo de Castel-Blanco aos oficiais da camara de São Paulo pelo ajudante das ordens João da Cunha, com data de 18 de Julho do mesmo ano de 1681 (2), remetendo em um saquinho de chamalote as esmeraldas para serem enviadas á cidade do Rio de Janeiro ao sindicante João da Rocha Pitta, ausente ao governador da mesma cidade o mestre de campo Pedro Gomes.

Porém, como D. Rodrigo de Castel-Blanco era um castelhano pataratao, que tinha passado a Portugal procurando o real serviço desta monarquia, inculcando-se um grande prático no conhecimento dos metais, e pedrarias finas, e mereceu os despachos de que temos feito menção; saindo já do reino para a Bahia a descobrimento de minas no sertão de Tabaiana, onde chegou em 1678, com as mercês de foro de fidalgo, e habitos das tres ordens militares para poder em nome de S. Alteza conferir aos paulistas e mais pessoas, que nos tais descobrimentos o acompanhassem, por alvará datado em Lisboa a 29 de Novembro do ano de 1677, e resolução de 12 de Maio em consulta do conselho ultramarino de 3 do dito mês do dito ano de 77, e nada conseguiu no sertão da Bahia, sucedeu-lhe o mesmo no sertão de Sabarabuçú (estava esta glória destinada, sem a menor despesa da real fazenda para os paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu de Siqueira, que em 1695, apresentaram as primeiras amostras de ouro ao governador Sebastião de Castro e Caldas, que se achava com o governo do Rio de Janeiro, por morte de Antonio Paes de Sande, em o dito ano, como temos referido este descobrimento em título de Toledos, cap. 2.º, § 1.º, tratando de Carlos Pedroso da Silveira), porque recolhido atualmente ao seu quartel (bem lhe podemos chamar quartel da saude), dele jámais fez a menor saída a penetrar o sertão com o grande corpo de gente da sua conduta, querendo por este modo aproveitar-se do soldo que percebia cada ano de 600$000.

Reconhecendo o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida a inutilidade de D. Rodrigo, e a importantissima despesa que tinha

(2) Arquivo da Camara de São Paulo, livro de registro, tit. 1675, pág. 71 v. e pág. 139.

feito o real erario, não só com soldos vencidos, ajudas de custo, mantimentos na Baía, transportes, armas, polvora e bala, mantimentos em São Paulo, condução de cem indios a salario certo por mês, tudo á custa da fazenda real, e com um mineiro, de quem se acompanhava, chamado João Alves Coutinho, que vencia por mês 20$ desde que saira da Bahia, deu conta a Sua Alteza, que informado de toda a verdade, mandou logo recolher ao reino ao dito D. Rodrigo de Castel-Blanco, por ordem datada em 23 de Dezembro de 1682, como melhor temos referido em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 1.

Grande, sem dúvida, foi o ardor e zelo que teve do real serviço Mathias Cardoso de Almeida; por isso, vendo em São Paulo, que já D. Rodrigo vacilava sobre a entrada para o sertão de Sabarabuçû, tomando por escusa achar-se sem mineiro, pois João Alves Coutinho, a quem Sua Alteza tinha mandado dar para esta jornada, dizia que se achava cheio de achaques, velho e sem dentes para entrar para um sertão inculto sem sustento para seus anos, e a estas frivolas escusas acudiu Mathias Cardoso de Almeida, dizendo: Que ele acompanhava ao governador administrador geral D. Rodrigo, com sua pessoa, negros de seu serviço e homens brancos á sua custa, só por fazer serviço a Sua Alteza, como já tinha feito na jornada do governador Fernão Dias Paes, sem em nenhuma destas diligências fazer dispendio algum a Sua Alteza, assim de espingardas, polvora, chumbo, como do mais que se leva para semelhantes diligências; e para que de uma vez se acabasse com o desengano destas minas, requeria e representava a eles oficiais da camara, que em todos os casos fosse o mineiro João Alves Coutinho, e que lhe assistiria com todo o necessario sustento para sua pessoa; e que havia redes, e indios para o carregarem ás costas por todo o sertão, etc.; que tudo se vê assim no livro das vereanças da camara de São Paulo, título 1.675, pag. 127.

Enquanto ao reino foi a conta, que se deu a Sua Alteza, e o dito senhor fez expedir a ordem de 23 de Dezembro de 1682, que temos referido, o paulista Manoel de Borba Gatto, tomando-se de razões com D. Rodrigo, a quem acusava o engano, que fizera á Sua Alteza, mais zeloso do serviço do principe, do que catolico, o matou em Novembro do mesmo ano de 1682, no sítio do Sumidouro.

Depois desta grande jornada, recolhido Mathias Cardoso de Almeida, para São Paulo, sua patria, foram tão grandes as hostilidades do bravo gentio do sertão do Rio Grande, distrito de Pernambuco, que El-rei D. Pedro mandou levantar um terço de paulistas, sendo dele mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida; assim se executou, e se formou o dito terço em São Paulo, no ano de 1689, com o qual marchou a castigar o inimigo, penetrando com suas armas todo o sertão e campanha do dito Rio Grande, onde conquistou o barbaro poder á força de repetidos encontros, passou o dito mestre de campo o rio Jaguaribа, onde o gentio era

muito formidavel em número, e fazia repetidas hostilidades com grave dano dos moradores do Ceará; e suposto que o terço recebeu a ferida de varios soldados mortos, foi tal a resolução do ataque, que o gentio experimentou um grande estrago. Em guerra efetiva se ocuparam as armas paulistanas debaixo do comando do seu mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, muitos anos; porque no de 1693 ainda durava a guerra, e em 25 de Abril de 1694 se retirou o mestre de campo, tendo conseguido na campanha do Rio Grande obrigar ao inimigo gentio até entrar de paz.

Foi este sertão, o teatro do valor de Mathias Cardoso de Almeida, cujas ações fizeram éco nos reais ouvidos do Sr. D. Pedro, que lhe conferiu patente de governador da mesma guerra, para executar a seu arbitrio, sem subordinação ás ordens que nesta materia davam os capitães generais de Pernambuco, ou os gerais do Estado.

No Rio de São Francisco fundou e estabeleceu copiosas e rendosas fazendas de gados vacum e cavalares, com as quais segurou abundante patrimonio a seus herdeiros. Foi natural da cidade de São Paulo, filho de Mathias Cardoso, natural da Ilha Terceira, que faleceu no sertão no ano de 1656, e de sua mulher Isabel Furtado, natural de São Paulo, da nobre familia dos Prados, que faleceu em São Paulo, a 17 de Abril de 1683. Em título de Prados, cap. 6.º, § 3.º, n. 3 — 3. Cartorio de órfãos de São Paulo, maço 3.º de inventarios, letra M, maço 2.º, letra I n. 31.

Do matrimonio de D. Ignez de Campos Monteiro com o coronel Caetano Cardoso de Almeida, do número 3 — 9, retro, houve filhos, dos quais temos notícia certa de quatro:

4 — 1. Caetano Cardoso de Almeida.
4 — 2. Francisco Cardoso de Almeida.
4 — 3. D. Maria Sancha de Campos.

§ 3.º e último

2 — 3. Filippe de Campos Bicudo (filho do segundo matrimonio de José de Campos Bicudo com d. Maria de Almeida do cap. 5.º, pag. 200) casou na vila de Itu, aos 12 de Março de 1728 com Isabel de Quadros, filha de Miguel de Arruda Sá, e de Maria de Almeida. Em título de Botelhos Arrudas, cap.... § ..... No ano de 1733 achando-se o conde de Sarzedas, governador e capitão-general de São Paulo, na vila de Itu, por ordem de Sua Magestade, de 5 de Março de 1732, e resolução do mesmo senhor do 1.º do dito mês tomada em consulta do conselho ultramarino, formou na dita vila um regimento para servir na guerra e conquista dos *Payagoás;* e para coronel dele foi escolhido Filippe de Campos Bicudo, como pessoa em quem concorriam todas as boas qualidades conducentes ao grande empenho que havia para o bom exito desta empresa, para a qual tambem foi promovido

a sargento-mor do dito regimento Antonio de Moraes Navarro, e para capitão de uma das companhias de infantaria José de Campos Monteiro, deste capitulo, § 1.º, a quem se passou patente em Itú, a 10 de Agosto de 1733; e foi o cabo desta guerra Gabriel Antunes Maciel, e comandante de todo o exército Manoel Rodrigues de Carvalho, tenente de mestre de campo general do governo da capitania de São Paulo. Em pessoa foi a Itu, como já dissemos, o general conde de Sarzedas até fazer expedir as canôas e gente de guerra. No 1.º de Agosto de 1734 saiu do porto geral de Cuiabá, onde se achava parte da armada, o sargento-mór Antonio de Moraes Navarro, e no distrito de Carandá se incorporou com o tenente de mestre de campo general Manoel Rodrigues de Carvalho, comandante da armada, a qual já formada completamente com todos os oficiais, e soldados dela, seguiram viagem até o rio Paraguai, com todas as canoas de guerra, sem descobrirem vestigios do inimigo, até que foi este descoberto, e fugiu com acceleração, deixando mais de sessenta canoas, que foram entregues ao fogo por ordem do comandante Carvalho. Escolhido sítio defensavel para acampar o corpo da bagagem, formar paiois para recolher e guardar os mantimentos, e deixando ficar tres barcas, que se mandaram construir na vila real de Cuiabá, com artilheria e pedreiros, e com cento e cincoenta soldados armados, e por cabo deste acampamento o coronel Innocencio Martins de Almeida, saíu a tropa e corpo militar a demandar os alojamentos do inimigo *Paiagoá*, rio abaixo de Paraguai, seguindo-os pelo dito rio, onde, sendo alcançados, lhes tomaram as suas canoas de guerra e espias, cujos prisioneiros serviram de guia para darmos nos seus alojamentos, os quais foram totalmente destruidos e arrasados, ficando prisioneiros mais de duzentos dos inimigos, resgatando-se do poder dos mesmos mais de vinte e tantas pessoas, que ali se achavam em prisão e se lhe tomaram todas as canoas que nos seus portos se acharam. Triunfantes as nossas armas desta canalha barbara, que tantas mortes e roubos tinham cometido contra os que iam e vinham do Cuiabá, e que agora ficavam destruidas, se recolheu o troço militar ao lugar do acampamento, onde tinha ficado o corpo de reserva dos cento e cincoenta soldados com a bagagem, seguiu a armada viagem para o Cuiabá, onde foi recebida com as demonstrações de alegria daqueles moradores (*Tudo isto consta de uma atestação jurada, e tambem assinada pelo conde de Sarzedas, e o tenente de mestre de campo general, que passou o sargento-mor Antonio de Moraes Navarro a favor do capitão José de Campos Monteiro, que era do seu regimento, a qual existe avulsa dentro do título que fez o autor). E teve oito filhos:

3 — 1. D. Rita de Campos, mulher de Antonio Pompêo, filho de José Pompêo Paes e de Francisco de Arruda.

3 — 2. José de Campos.

3 — 3. Miguel de Campos, jesuita, que foi para as Italias.

3 — 4. Estanisláo de Campos, casado com Antonia de Arruda, filha de Antonio Bicudo de Barros e de Josepha de Arruda.

3 — 5. Antonio de Campos, faleceu em Itu, onde foi casado com d. Rosa de Almeida, filha de Francisco de Almeida Lara Taques e de sua mulher... Arruda, com tres filhos.

3 — 6. D. Maria de Campos, casada com Francisco de Campos, filho de Mathias de Campos e de sua mulher Margarida da Silva.

3 — 7. Ignacio de Campos.

3 — 8. Felippe de Campos.

CAPÍTULO VI

1 — 6. Bernardo de Campos Bicudo, casou duas vezes: primeira, em Itu, a 18 de Abril de 1689, com Benta Dias, natural de Itu, filha do capitão Balthasar de Godoy Bicudo e de Ignez Dias de Alvarenga. Faleceu o dito capitão Balthasar de Godoy na vila de Parnaíba, a 8 de Novembro de 1718; natural da cidade de S. Paulo e filho de Nuno Bicudo de Mendonça, e de Antonio Preto (Cart. de orphãos de Parnaíba, Inv. I. B. n. 506, o do capitão Balthasar de Godoy Bicudo); sua mulher Ignez Dias de Alvarenga, natural da Parnaíba, alí faleceu a 19 de Agosto de 1733, filha de Pedro Corrêa de Alvarenga, e de sua mulher Benta Dias de Proença Varella. Esta Ignez Dias foi a fundadora do altar de Nossa Senhora da Conceição, na igreja do mosteiro de São Bento, da dita de Parnaíba, para cujo patrimonio deixou da sua terça 400$000 em dinheiro para se porem a juros, e dos reditos fazer-se anualmente a festa da Senhora; e para mais segurança deixou tambem 200$000 em dinheiro, e um escravo por nome Adão, ao dito mosteiro (Orfãos de Parnaíba, inventario, letra I, n. 576, o de Ignez Dias de Alvarenga). Benta Dias de Proença foi filha de Balthasar Fernandes. Em título de Fernandes Povoadores, cap. 1.º, § 4.º. Em título de Godoys, cap. 2.º, § 1.º, n. 3 — 1.

Segunda vez casou dito Bernardo de Campos Bicudo na vila de Pindamonhangaba, com d. Francisca Romeira da Silva, filha de João Corrêa Magalhães, da nobre casa e morgado de Sifans, na comarca de Lamego, a qual, depois, foi mulher de Martim Affonso de Mello. Em título de Bicudos, cap. 1, § 1.º, n. 3 — 2 (em sua descendencia). Foi morador e capitão em Pitangui.

Do primeiro matrimonio teve dois filhos:

2 — 1. Balthazar de Godoy Bicudo, presbitero secular .... § 1.º (3)
2 — 2. Filippe de Campos, faleceu sem geração . § 2.º

Do segundo matrimonio teve oito filhos:

2 — 3. João Romeiro de Campos, faleceu solteiro. § 3.º

(3) Cam. Episc. de São Paulo, maç. 1.º da let. B, ano de 1718.

§ 3.º

2 — 3. Bernardo de Campos Bicudo, casou com Maria Leite, filha de Francisco Gonçalves Leite, irmão do capitão Francisco Leite, da vila de Pindamonhangaba.

§ 4.º

2 — 4. Nuno de Campos Bicudo, casou com Anna de Arruda, filha de Francisco de Arruda, e de Anna de Proença. Em título de Botelhos Arrudas, n. 2.º, cap. 1.º, § 2 — 11, com sua descendencia.

§ 5.º

2 — 5. João Pires de Campos, levado só do indesculpavel apetite, e infeliz destino da sua sorte, esquecido das obrigações do seu nobre sangue, se desposou com uma mameluca, causando um geral luto de sentimento aos seus parentes, que, lamentando a injuria, lhe não poderam atalhar o dano.

§ 6.º

2 — 6. D. Isabel de Campos, faleceu em Itú, a 10 de Agosto de 1722, e o seu testamento existe no residuo da ouvidoria, letra I. Foi casada com Pedro Corrêa de Godoy, filho de Balthasar de Godoy Bicudo, e de Ignez Dias de Alvarenga, dos quais já se tratou no cap. 6.º retro. E teve cinco filhos:

3 — 1. Nuno de Campos, faleceu solteiro.

3 — 2. ...... foi casada, no Cuiabá, com Antonio do Prado, natural de Santa Maria de São Vicente, onde foi capitão das ordenanças. Sem geração.

3 — 3. .... casou, no Cuiabá, com João Coelho da Fonseca, natural de São Vicente, filho do capitão José de Araujo Guimarães. Em título de Pedrosos Barros, cap. 6.º, § 1.º. Em Barros n. 3 — 2.

3 — 4. João, e 3 — 5. Mario, faleceram meninos

§ 7.º

2 — 7. Rosa de Campos, casou com João Baptista Machado (filho de Manoel Machado Lima), que faleceu no Cuiabá, e ignoramos se deixou filhos.

§ 8.º

2 — 8. Anna de Campos (filha última de Nuno de Campos), foi baptisada em São Paulo, a 4 de Agosto de 1653. Casou com José de Sá e Arruda, filho de José de Sá Arruda e de d. Maria de Araujo. Em título de Botelhos Arrudas, tit. 2.º, cap. 7.º, § 2 — 2. E teve duas filhas naturais de Itu:

3 — 1. Anna de Campos, mulher de José do Amaral Grugel, filho de José do Amaral Grugel, e d. Escholastica de Arruda Leite, dos quais temos já feito menção. Em título de Arrudas, cap. 1.º, § 4.º, n. 2 — 10.

CAPÍTULO VIII

1 — 8. Anna de Campos, faleceu em Itu, com testamento, a 24 de Agosto de 1713. Casou com Antonio Antunes Maciel (que segunda vez casou em Itu, a 29 de Outubro de 1713), que faleceu em Itu, com testamento, a 15 de Outubro de 1725 (Resid. da ouvidoria de São Paulo, letra A, testamentos de Anna de Campos e Antonio Antunes Maciel) filho de Gabriel Antunes Maciel, e de Messia Cardoso, (Camara episcopal de São Paulo, *genere* I, maço 1.º, n. 41, de João Antunes Maciel). Em título de Carvoeiros, cap. 1.º, 8.º, n. 3 — 4. E teve oito filhos naturais de Parnaíba:

2 — 1. Gabriel Antunes Maciel .... § 1.º
2 — 2. O Padre João Antunes Maciel .... § 2.º
2 — 3. José Antunes Maciel .... § 3.º
2 — 4. Margarida Bicudo .... § 4.º
2 — 5. Rosa de Campos .... § 5.º
2 — 6. Messia Cardoso de Campos .... § 6.º
2 — 7. Maria Antunes .... § 7.º
2 — 8. Filippe, faleceu solteiro .... § 8.º

§ 1.º

2 — 1. Gabriel Antunes Maciel. Acompanhou a seu tio Manoel de Campos Bicudo, quando este por capitão-mor de uma tropa, penetrou o sertão de Caapaguaçu, acima da cidade de Assumpção do Paraguai; em cuja cadea ficou preso Gabriel Antunes e mais oito paulistas, curtindo o rigor dos ferros nove anos. Este sucesso fica referido no cap. 3.º, e vide isto na *História do Paraguai,* em francês, no ano de 1639, tomo 2.º, fl. 392. Casou Gabriel Antunes Maciel com Isabel Ribeiro, natural de São Paulo, filho do capitão Estevão Ortiz de Camargo, e de sua mulher Maria Cardoso, que faleceu a 18 de Julho de 1737; e ele faleceu a 27 de Março de 1731 (Orphãos de São Paulo, maço 1.º, de inventarios, let. M., n. 42, e let. E, maço 1.º, n. 18), o qual Estevão

Ortiz foi cidadão que sempre ocupou os cargos da republica com bom tratamento, veneração e respeito, e foi morador no sítio de Nossa Senhora do Ó, onde possuiu os bens de fortuna com grande número de gados vacuns e cavalares. Em título de Camargos, cap. 8.º, § 2.º. Maria Cardoso foi filha de Francisco Xavier Pedroso e de Maria Cardoso. Em título de Moraes, cap. 3.º, § 1.º, n. 3 — 5.

§ 2.º

2 — 2. João Antunes Maciel, presbitero secular, habilitado em 1710, mas casou-se.

§ 3.º

2 — 3. José Antunes Maciel, casou com Maria Soares, filha de Paschoal Delgado Lobo, e de Isabel Cubas Ferreira, que foi filha do sargento-mor Antonio Soares Ferreira, natural de São Paulo, e o dito Paschoal Delgado foi filho de João de Anhaya de Almeida, capitão-mor da vila de Itu, e de Isabel Delgado. Em título de Anhayas, cap. ... § ...

E teve uma filha, que foi Rita de Campos, mulher de Francisco João Botelho, filho de Luiz Soares Botelho; existem moradores no Cuiabá.

§ 4.º

2 — 4. Margarida Antunes Bicudo, batisada em Parnaíba, a 20 de Novembro de 1676, casou, em Itu, a 11 de Setembro de 1695, com João Paes Rodrigues, natural de São Paulo, filho de João Paes Rodrigues, natural de São Paulo, e de Maria Rodrigues. E teve nove filhos:

3 — 1. João Paes Rodrigues.

3 — 2. Antonio Antunes Maciel, casou no Cuiabá, com...... filha de Antonio Pedroso Borralho, e neto de João Borralho, e de Maria Leme de Alvarenga, a qual faleceu em Itu, a 19 de Dezembro de 1722, com testamento, que está na ouvidoria geral, let. I.

3 — 3. Garcia Rodrigues Paes, casou com d. Gertrudes de Arruda, filha do mestre de campo Antonio de Almeida Falcão, e de sua mulher, d. Gertrudes de Arruda. Em título de Arrudas, cap. 2.º, § 3.º, n. 2 — 4.

3 — 4. Anna de Campos, casou com Luiz Soares Paes. Sem geração.

3 — 5. Archangela Paes de Campos, casou com José de Campos Monteiro, do cap. 5.º, § 1.º.

3 — 6. Maria Paes, casou com Pedro Dias Ferraz. Em título de Botelhos, cap. 1.º, § 4.º, n. 2. E teve dez filhos:

4 — 1. Manoel Dias Ferraz, casou com Maria Dias, filha de Francisco Gonçalves, natural de Vianna do Minho, e de sua mulher, Maria Dias de Barros.

4 — 2. João Ferraz de Campos, casou com Rosa Maria Leite, filha de Francisco Gonçalves, e de Maria Dias de Barros, os mesmos supra.

4 — 3. Francisco Xavier Ferraz, casou com d. Maria Bicudo, filha de José de Arruda Sá, e de d. Escholastica Bicudo.

4 — 4. Antonio Ferraz.

4 — 5. Ignacio.

4 — 6. Maria Leite, foi casada com Filippe do Rego Castanho, e teve unico filho, chamado Manoel do Rego.

4 — 7. Antonia de Arruda, casou com Francisco Paes, filho de Francisco de Godoy Moreira e de d. Barbara Paes.

4 — 8. ...... casada com Claudio de Godoy, filho dos supra.

4 — 9. Anna de Campos, casou com José de Sampaio Castanho, filho de André de Sampaio Botelho, e de d. Ignacia de Goes.

4 — 10. Margarida Bicudo.

3 — 7. Gertrudes Bicudo (filha de Margarida Antunes Bicudo, do § 4.º retro) casou com Pedro Dias Bicudo, filho de João Bicudo, e de Margarida Bicudo. E teve tres filhos.

4 — 1. Anna de Campos.

4 — 2. Manoel Dias Bicudo, casou com Faustina Aranha, filha de Xisto de Quadros e de Francisca de Godoy.

4 — 3. Maria Bicudo, casou com Antonio Pacheco da Silva, sargento-mór da ordenança da vila de Itu, filho de Manoel Pacheco Gatto, e de sua mulher......

3 — 8. Josepha Paes de Campos, casou com João Bicudo de Campos, filho de João Bicudo, e de Margarida Bicudo. E teve quatro filhos, que foram:

4 — 1. Antonio Paes.

4 — 2. Miguel Paes.

4 — 3. Margarida Bicudo.

4 — 4. Francisco Bicudo de Campos, existe no Cuiabá.

3 — 9. Rosa de Campos.

§ 5.º

2 — 5. Rosa de Campos (filha de Anna de Campos, e Antonio Antunes Maciel, do cap. 8.º) casou, em Itu, a 7 de Fevereiro de 1701, com Antonio Garcia Borba, natural de Santo Amaro, filho de Jorge Velho, e de sua mulher Maria de Borba, naturaes de São Paulo.

E teve cinco filhos:

3 — 1. Anna de Campos (casou com José de Barros, filho de Pedro Vaz de Barros e de d. Maria Leite de Mesquita. Em

título de Mesquitas, cap. 12). E teve dois filhos que faleceram no Cuiabá.

3 — 2. Maria de Borba, casou com José Corrêa Penteado. filho de........

E teve quatro filhos: José Correia Paes, e as mais femeas.

3 — 3. Custodia Paes, casou com Timotheo de Goes, filho de Lourenço Castanho de Araujo e de Anna de Aruda. Em título de Botelhos, cap. 1.º § 1.º, n. 2 — 4.

3 — 4. Josepha de Borba, casou com José Pompêo Castanho, filho de Lourenço Castanho, e Anna Arruda supra.

3 — 5. Maria Garcia, casada com Bento de Barros, natural de Araçariguama, filho de José de Barros Bicudo, e d. Ignacia de Goes. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 1.º, n. 3 — 8.

§ 6.º

2 — 6. Messia Cardoso de Campos (filha de Anna de Campos, do cap. 8.º), casou com Lourenço Cardoso de Negreiros, filho unico de Estevão Cardoso de Negreiros, natural da freguezia de Acuthia, que faleceu em Itu, a 11 de Abril de 1719 (Ouvidoria de São Paulo, maço de testamentos do residuo, letra E), e de sua mulher Magdalena de Miranda, natural de São Paulo. Neto por parte paterna de Lourenço Cardoso de Negreiros, natural da cidade de Lisboa, freguezia do Loreto, morador que foi na rua da Rosa das Partilhas, e de sua mulher d. Antonia Borges de Cerqueira, natural de São Paulo, em cuja matriz casaram, a 25 de Agosto de 1629. Em título de Cerqueiras, cap. 5.º, § 4.º E em título de Mirandas, cap. 8.º, paragrafo unico. E teve dois filhos, naturais de Itu:

3 — 1. Estevão Cardoso de Negreiros.

3 — 2. Antonio Cardoso de Campos.

3 — 1. Estevão Cardoso de Negreiros, tem ocupado todos os cargos da republica da vila de Itu. Tem sido muitas vezes juiz ordinario, e por trienio juiz de orfãos, e sempre com grande aceitação nas correições dos coregedores. Casou com Maria de Almeida. Em título de Botelhos Arrudas, cap. 3.º, § 6.º, n. 2 — 2.

3 — 2. Antonio Cardoso de Campos, passou para as minas de Goiazes, onde fez estabelecimento no arraial de Crixás de lavras minerais, em que ocupa numerosa escravatura. Tem excelente docilidade, muita honra e verdade. Vive com estimação, e igual respeito, muito atendido dos ministros que passam em correição, e não menos dos governadores generais daquela capitania. Repetidas vezes tem tido sobre si o pesado jugo da republica, porque, como nos arraiaes de Crixás e do Pilar, que um do outro dista dez leguas, ou talvez mais, não ha conselho, servem os juizes ordinarios com jurisdição para todas as provincias do bem público.

2 — 7. Luiz Soares Ferreira foi filho de Antonio Soares Ferreira, sargento-mor com 600$ de soldo, conquistador dos *Tupinambás,* no sertão da Bahia; recebeu honrosissima carta do sr. Pedro II, com promessa de dois habitos de Christo.

3 — 1. Miguel Paes de Campos (que é o que me dá estas noticias em Cocaes, com idade de 67 anos, rijo e cheio ainda de vivacidade) que nasceu a 21 de Setembro de 1718, em Itu: passou-se para Cuiabá, em 1737, onde casou, em Maio de 1755, com sua prima irmã (para o que alcançou dispensa de Roma, procurando o seu tio Pedro Dias Paes Leme, em cuja companhia esteve á espera dele muitos anos no Rio de Janeiro), d. Antonia de Arruda de Campos (que ainda existe com a mesma idade do marido com avanço de dois meses), filha de João Antunes Maciel, capitão na guerra dos *Payaguazes,* de que era chefe seu primo irmão, o coronel Filippe de Campos, o qual João Antunes foi estudante, e é o do § 2.º deste cap. 8.º, filho de Anna Campos, e irmão por consequencia de Maria Antunes, mãe de Miguel Paes de Campos deste número. Foi capitão da leva das esmeraldas por patente de Gomes Freire de Andrade, quando a ela foi mandado Ignacio Dias Velho, irmão mais moço do guarda-mor general Pedro Dias Paes. No Cuiabá sempre teve estimação, e foi republicano; vive de minerar no seu sítio de Campo Verde do Ribeirão de Santo Antonio e tem tres filhos: d. Quiteria Paes de Arruda, d. Maria Garcia de Sá e Fernando Dias Paes Leme, todos solteiros. Miguel Paes faleceu no seu sítio a ....
E' capitão do dito arraial de Crixás, e juntamente guarda-mor da repartição das terras e aguas minerais do mesmo arraial. Foi casado em a matriz da Vila Boa de Goiazes, com d. Quiteria Leite da Silva Ortiz, descobridor e conquistador das minas dos Goiazes, e seu primeiro guarda-mor geral. Em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, no n. 3 — 6 ao n. 4 — 3, e dele ao n. 5 — 3 de João Leite da Silva Ortiz, com sua descendencia.

§ 7.º

2 — 7. Maria Antunes (filha de Anna de Campos) foi casada em Itu, aos 5 de Novembro de 1707, com Antonio Soares Paes, filho de Luiz Soares Ferreira e de d. Catharina Dias Paes, irmã do guarda-mór geral Garcia Rodrigues Paes. Em título de Lemes, cap. 5.º § 5.º, n. E teve cinco filhos, naturaes de Itu:

3 — 1. Miguel Paes de Campos, casou, no Cuiabá, com sua prima-irmã d. Antonia de Arruda de Campos, filha de João Antunes Maciel.

3 — 2. Antonio Soares Ferreira, morador em Goiazes, solteiro.

3 — 3. Hieronimo Soares, idem.

3 — 4. Catharina Dias Paes, casou, em Vila-Bela, com Manoel Lopes, natural da ilha de São Miguel.

3 — 5. Margarida Soares, casou duas vezes: primeira com Paschoal Leite: deixou geração; segunda, com José de Souza, natural da Conceição dos Guarulhos, morador no sítio dos Anhumas, caminho de Jundiahy para a vila de Mogy-Mirim, estrada para Goiazes.

CAPíTULO IX

1 — 9. Maria Bicudo de Campos, foi baptisada na Parnaíba, aos 3 de Dezembro de 1664, e ali casou aos 6 de Maio de 1677, com Francisco Cardoso, natural da cidade de São Paulo, filho de Manoel Cardoso de Almeida, terceiro padroeiro da igreja de Nossa Senhora da Luz, e de sua mulher Catharina Rodrigues. Em título de Carvoeiros, cap. 1.º, § 5.º, n. 3 — 3. E teve nove filhos, naturais de Parnaíba:

2 — 1. Filippe Cardoso de Campos .... § 1.º
2 — 2. Francisco Cardoso de Campos .... § 2.º
2 — 3. Desiderio Cardoso .... § 3.º
2 — 4. Angelo Cardoso .... § 4.º
2 — 5. Estanisláu Cardoso de Campos .... § 5.º
2 — 6. Maria de Campos .... § 6.º
2 — 7. Anna de Campos .... § 7.º
2 — 8. Catharina de Campos .... § 8.º
2 — 9. Maria de Campos .... § 9.º

§ 1.º

2 — 1. Filippe Cardoso de Campos, viveu muito abastado em minas de Goiazes, nas suas lavras minerais, no sítio do Ferreiro. Foi prodigo, vendo-se em prosperidade da fortuna; e como não atendeu aos futuros contingentes pela variedade dos tempos, acabou pobre, procurando com resignação catholica (depois de viuvo, e sem filhos para educar) servir a Nossa Senhora da Luz como legítimo neto do terceiro protetor Manoel Cardoso de Almeida, tomando o hábito de ermitão. Empossado dos moveis da capela da Senhora da Luz, entrou em obras, cercando aquele sítio com muros, e fez casas para os romeiros, com uma horta, para a qual introduziu uma levada de agua para a regar, conduzida do Anhangabahú, que banha o declivio da cidade de São Paulo, abaixo da cêrca do convento dos religiosos de São Francisco. Levantou o frontespicio da capela, e fez outras muitas obras, filhas do seu cordial afeto, zelo e acertos. Foi casado com Maria Bueno, filha do capitão João Pedroso Xavier, que faleceu a 14 de Agosto de 1707, e se lhe acabou a geração (Orfãos de Parnaíba, Inv. n. 442, let. I.).

§ 2.º

2 — 2. Francisco Cardoso de Campos, casou, na vila de Itu, aos 17 de Junho de 1715, com Joanna de Almeida, natural da dita vila, filha do capitão Jordão Homem Albernaz, e de Joanna de Almeida, da nobre familia dos Anhayas, e da de Jordão Homem Albernaz, que em 1645 governava a vila de Ubatuba, na marinha do Norte, como capitão-mor da dita vila, que ainda então era povoação. Em título de Anhayas. E teve filho unico Francisco Cardoso de Campos, que casou com.... filha de Raymundo de Godoy.

§§ 3.º e 4.º

2 — 3. Desiderio Cardoso, ainda vive, morador da vila de Jocarehy.

2 — 4. Angelo Cardoso de Campos casou, em Itu, a 11 de Julho de 1723, com Apolonia Cabral de Tavora, filha de João Cabral e de sua mulher Maria Bicudo. Sem geração.

§ 5.º

2 — 5. Estanislao Cardoso de Campos, casou com Anna de Moraes, natural de Santo Amaro, filha de Balthasar de Borba Gatto, e de sua mulher Leonor de Lemos de Moraes. Em título de Moraes, cap. 2.º, § 3.º, n. 3 — 1 a n. 4 — 7. E teve uma filha, que está casada com Ignacio da Rocha Pimentel, filho do capitão Bartholomeu da Rocha, e de Ursula Franca. Em título de Buenos, cap. 1.º, § 2.º, n. 3 — 8 a n. 4 — 1.

§ 6.º

2 — 6. Maria de Campos, nasceu na Parnaíba, em cuja matriz foi batisada a 15 de Fevereiro de 1678. Casou duas vezes: primeira na matriz de São Paulo, a 11 de Junho de 1696, com Pedro Ortiz de Camargo, que, sendo paulista potentado pelo dominio que tinha de número grande de arcos de gentio do sertão, já catolico, seguiu o partido da alteração, que houve em São Paulo, no ano de 1698, em que obrou várias insolencias com a vara de juiz ordinario, que, empunhava no dito ano. Nela acabou a vida, e o matou o tenente-general Gaspar de Godoy Colaço. No conceito de Arthur de Sá e Menezes foi caraterisado por homem regulo, sendo que este general soube fazer grandes estimação dos paulistas benemeritos como se vê das vinte e cinco cartas, que o Sr. rei D. Pedro II escreveu no ano de 1699 aos vinte e cinco paulistas,

dos quais havia dado particular informação ao mesmo senhor (4) dito Arthur de Sá, e tambem lha deu sobre a alteração, que havia causado no povo de São Paulo, e vilas da capitania o aumento da moeda, e da morte do regulo Pedro de Camargo; como tudo se vê melhor da resposta que teve em carta firmada do real punho, e datada em Lisboa a 22 de Outubro do ano de 1698, que se acha registrada no livro de registros das cartas do Rio de Janeiro tít. 1.673 a fl. 196, na secretaria do conselho ultramarino. Com a morte de Pedro Ortiz de Camargo não houve sucessão. Em título de Camargos, cap. 1.º, § 9.º. Segunda vês casou Maria de Campos com o capitão-mor Thomé de Lara e Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 4.º com sua descendencia, no segundo matrimonio do dito capitão-mór.

§ 7.º

2 — 7. Anna de Campos, casou em Itu a 20 de Agosto de 1708 com Valerio de Siqueira Caldeira, filho de João de Siqueira Caldeira, e de sua mulher Maria Ribeiro, naturais de Nazareth. E teve um filho chamado João de Siqueira Caldeira, que faleceu solteiro.

§ 8.º

2 — 8. Catharina de Campos, casou em Itu a 20 de Janeiro de 1705 com o capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes, provedor dos reais quintos nas minas do Cuiabá, natural de São Paulo, irmão direito de Fr. Urbano Barbosa, religioso capucho, e de Catharina Barbosa, mulher de João Vidal de Siqueira, filhos de Francisco Barbosa Rebello, natural de Viana (viuvo de Catharina Moniz da vila de São Vicente), e de sua segunda mulher Francisca da Silva, natural de São Paulo, onde faleceu com testamento a 21 de Maio de 1691 (Orfãos de São Paulo, maço segundo de inv. let. F). Netos por parte paterna de Thomé Rebello Carneiro e de sua mulher Catharina Barbosa, naturais de Viana, como consta do testamento com que faleceu em São Paulo Francisco Barbosa Rebello a 31 de Julho de 1685. E pela parte materna netos de Gonçalo Lopes, natural da vila de Sardoura do concelho de Paiva, freguezia de Santa Marinha, e de sua mulher Catharina da Silva, natural de São Paulo, em cuja matriz havia casado a 3 de Junho de 1640, filho de Pedro Lopes, e de sua mulher Joanna da Costa; e bisnetos de Cosme da Silva, e de sua mulher Joanna Gonçalves, que foi irmã de Maria da Silva, mulher de Luiz Hyánes. Em título de Camargos, cap. 1.º, § 2.º. Este paulista Jacintho Barbosa Lopes, estando com o pesado ofício de provedor dos reais

(4) Secret. do Cons. Ultr. liv. de reg. das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1.673, pág. 198 e seg.

quintos das minas do Cuiabá pelos anos de 1728, determinou Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general de São Paulo (então se achava nas ditas minas, para onde tinha passado por ordem régia) que o ouro dos quintos que eram oito arrobas, introduzido em cunhetes de madeira grossa, chapeados de ferro, na forma que se costuma para virem embarcados em canoa até o porto de Araritaguaba, se entregasse na cidade de São Paulo ao provedor da casa da real fundição de ouro, que então era um Sebastião Fernandes do Rego, natural do reino de Portugal. A êste se determinou que os tais cunhetes se não abrissem, e que do mesmo modo em que sairam do Cuiabá se remetessem para o Rio de Janeiro para irem a El-rei na nao do comboio da frota. *(Original truncado.-A. de E. T.)*.

§ 9.º e último

2 — 9. Maria de Campos, filha de Maria de Campos, e Francisco Cardoso, do cap. 9.º, casou em Itu a 18 de Agosto de 1726 com Gaspar de Godoy Moreira, natural de São Paulo, filho de Ignacio Moreira, e de sua mulher Catharina de Onhate. Em título de Hortas, cap. ....

CAPÍTULO X

1 — 10. D. Maria de Campos, nasceu em Parnaíba a 29 de Março de 1660 e faleceu em Itu com testamento a 22 de Agosto de 1728. Casou com o sargento-mor João Falcão de Sousa, natural da ilha de São Miguel, de nobreza conhecida, irmão de Ignacio de Sousa Falcão, o Morgado. Foi primo direito dos tres irmãos Arrudas, que casaram em São Paulo na casa de Quadros. Em título de Botelhos Arrudas, cap. 1.º, 2.º e 3.º E teve filha unica:

§ unico

2 — 1. D. Barbara de Sousa e Menezes, natural da vila de Itu, casou com Manoel de Sampaio Pacheco, natural da ilha de São Miguel da vila da Ribeira Grande, e capitão-mor que foi da vila de Itu, onde faleceu em 1762, filho do capitão Manoel Pacheco Botelho, e de D. Maria de Arruda, ambos da vila da Ribeira Grande. Neto pela parte paterna de Sebastião Botelho da Fonseca, natural de Calhetas, e de Catharina de Viveyro, tambem de Calhetas. E pela materna neto do capitão Nicoláo da Costa de Arruda, irmão dos tres Arrudas referidos no capítulo supra, e de sua mulher Ignez Tavares, da ilha de São Miguel. E teve dois filhos:

3 — 1. Francisco Pacheco de Menezes.

3 — 2. D. Maria Pacheco de Menezes.

3 — 1. Francisco Pacheco de Menezes, casou tres veses: primeira com D.... filha do tenente-coronel Antonio Borralho Pedroso, nas minas do Cuiabá, sem geração; segunda ves em ditas minas com D.... Flores Bonilha, sobrinha direita do capitão Salvador Martins Bonilha. Em título de Bonilhas, sem geração; terceira ves casou no Mato Grosso na Vila Bela com D. Maria de Oliveira, natural de Itu, filha de......

3 — 2. D. Maria Pacheco de Menezes, faleceu em Itu, em 1766: foi casada com Antonio Ferraz de Arruda, nobre cidadão de Itu, onde atualmente tem as redeas do governo civil daquela república e tem sido por duas veses juiz de orfãos trienal com acreditada utilidade dos pupilos desamparados. Existe em 1761, bem afazendado no seu engenho de assucares, e capela de .... com nove filhos naturais de Itu. Em título de Botelhos Arrudas, cap. 1.º, § 4.º, n. 2 — 2, com sua descendencia.

CAPÍTULO XI

1 — 11. Isabel de Campos, nasceu e batizou-se em Parnaíba a 11 de Dezembro de 1661, e foi casada com Pedro Dias Leite, filho de Manoel Ferraz de Araujo, cidadão da cidade do Porto. Em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 8. E teve quatro filhos naturais de Itu:

2 — 1. Theodosio Ferraz .... § 1.º faleceu solteiro.
2 — 2. Manoel Ferraz de Campos .. § 2.º
2 — 3. José Ferraz .... § 3.º
2 — 4. Margarida Bicudo de Campos. § 4.º

§ 2.º

2 — 2. Manoel Ferraz de Campos, casou com Anna Ribeiro, filha de José Corrêa Penteado. Em título de Penteados, cap. 6.º § 6.º E teve quatro filhos:

3 — 1. Maria de Campos, casou com seu parente Manoel Corrêa de Barros. Em título de Penteados, cap. 6.º, § 6.º E teve nove filhos:

4 — 11. José Manoel de Campos, casou na Acuthia com Paulina, filha do capitão Pedro da Rocha Machado. Em título de Camargos.

4 — 2. João Corrêa de Campos, casou na Acuthia com Helena Machado, filha do capitão Pedro da Rocha, supra.

4 — 3. Anna de Campos, casou em Penha de França com Manoel João de Athaide, natural de Parnaíba, filho de Manoel João de Athaide.

4 — 4. Agostinho Rodrigues de Barros, casou em São Roque com Joaquim de Araujo Paes, filho de João Martins da Fonseca. Em título de Arrudas ou Lemes, L 5.º.

4 — 5. Estanisláo de Campos, solteiro em 1773.

4 — 6. João Antonio, solteiro.

4 — 7. Maria Ferraz, casou na Penha com Bento de Camargo Paes, filho de Matheus Lopes de Camargo.

4 — 8. Francisco.

4 — 9. Salvador.

§ 3.º

2 — 3. José Ferraz foi jesuita na provincia da Bahia, onde tomou a roupeta. Este homem foi de marca maior na subtileza com que penetrou a sagrada theologia. As suas letras o elevaram tanto, que cahiu no desacordo de se constituir soberbo e ingrato ao doce leite com que se creára na companhia; porque faltando-se-lhe com a cadeira de theologia na Bahia, para logo entrou a abandonar aquela retidão de justiça distributiva, com que esta religião costuma praticar os seus preceitos com os subditos, publicando que com ele se tinha alterado esta virtude, porquanto as cadeiras se devem conferir aos mais benemeritos em letras, e não em antiguidade de estudos. Intentou largar a roupeta; mas os jesuitas, conhecendo que em José Ferraz se ia creando o maior barrete da provincia do Brasil, lhe faziam repetidas rogativas com admiraveis e prudentes advertencias, lembrando-lhe a virtude da santa humildade, a honra da religião pelo seu ilustre patriarcha, o desagrado dos seus nobres pais, a gloria da patria; e ultimamente que o defeito, que lavrava o primeiro descuido com a falta da cadeira naquela ocasião, se emendaria com o mesmo contentamento com que todos lhe aspiravam o credito das suas letras. Enquanto se foi contendo pelas admoestações dos reverendos amigos chegaram as noticias a Roma, e não duvidou o reverendissimo padre geral honrar a José Ferraz com carta cheia de paternal benignidade, mandando se lhe conferisse a cadeira de prima no colegio da Bahia. Não bastou esta ternura e obsequio sem exemplo, para abrandar o genio aspero, ou desconfiado do padre José Ferraz, que, preocupado da sua teima e alucinação, largou a roupeta, e como já era presbitero, veiu para São Paulo em habito de clerigo de São Pedro. Não tardou muito o castigo, porque de repente ensurdeceu, de sorte que ainda que aos ouvidos lhe disparassem uma peça de artilheria não ouviria este grande echo. Viveu pobre, e acabou na miseria porque até por fim da carreira da triste vida cahiu no vicio de se embriagar com aguardente. Jaz sepultado na vila de Itu sem mais campa, que a saudade do seu nome, não pelo que foi, mas pelo que deixou de ser. Foi bem instruido na historia sacra e profana, a que se aplicou por alivio da sua surdez. Nas humanidades foi eminente; e na poesia latina transcendeu a todos os do seu tempo, e ainda até hoje sem igual. Davam-lhe o assumpto, e no mesmo ponto pegando na pena entregava para logo um epigrama de um até dois disticos,

que serviam igualmente para o aplauso, como para a estimação. Em fim do padre José Ferraz (o infeliz nesta vida) todo o encarecimento será diminuto louvor ao seu grande e elevado engenho.

§ 4.º

2 — 4. Margarida Bicudo Leite de Campos, casou em Itu a 12 de Janeiro de 1761, com João Bicudo, natural da Parnahyba (irmão do capitão-mor da Parnahyba José Bicudo de Brito), filho de Manoel Bicudo de Brito, e de sua mulher Thomasia de Almeida. Em título de Alvarengas, cap. 3.º § 1.º, n. 3 — 2 a 4 — 2. E teve dois filhos:

3 — 1. Pedro Dias Bicudo.

3 — 2. João Bicudo de Campos.

3 — 1. Pedro Dias Bicudo, casou duas vezes: primeira com.... filha de João Paes Rodrigues, sua prima segunda; segunda vez casou com.... filha de José Pompêo de Almeida, filho do capitão-mor Thomé de Lara. Em título de Taques, cap. 3.º, § 3.º n. 3 —.

Do primeiro matrimonio teve:

4 — 1. Manoel Dias.

4 — 2. .... mulher do sargento-mor Antonio Pacheco da Silva. Em título de Borbas Gatos.

4 — 3. Anna de Campos, faleceu solteira.

Do segundo matrimonio:

4 — 4. Maria.

4 — 5. Theresa: faleceu solteira.

4 — 6. Isabel de Sampaio, solteira.

3 — 2. João Bicudo de Campos, casou em Itu com Josepha Paes de Campos, filha de João Paes Rodrigues, e de Margarida Antunes Bicudo, do cap. 8.º § 2.º n. 3 — 8, e ali com quatro filhos.

CAPÍTULO XII (5)

1 — 12. Maria Bicudo de Campos, casou duas vezes, primeira com Mauricio Machado Barreto, natural de São Paulo, na vila de Itu, aos 29 de Janeiro de 1688, filho de Manoel Machado e de sua mulher Cecilia Ribeiro, como consta no livro 1.º dos casamentos da matriz de Itu. E segunda vez casou com Lourenço Corrêa Ribeiro. E teve:

Do primeiro matrimonio:

2 — 1. O padre Filippe Machado de Campos, habilitou-se em São Paulo; foi vigario da vara e igreja em Itu.

---

(5) * Este capítulo parece que o autor o fez em dúvida pelas emendas, e variedade do nome do capítulo, e porque no princípio do título diz que faleceu solteira e aqui porém casada com descendência.

2 — 2. Cecilia Ribeiro de Campos, casou com Antonio Corrêa da Silva, natural de Itu, a 13 de Junho de 1706 (livro 2.º dos casamentos de Itu), filho de Antonio Corrêa da Silva, e de sua mulher Margarida Bernarda.

2 — 3. Maria de Campos, casou primeira vez com Salvador de Espinha Silva, natural do Rio de Janeiro e foram para o Cuiabá. Deixou geração.

§ 4.º

Do segundo matrimonio (*Em dúvida):

2 — 4. Lourenço Corrêa Ribeiro, casou com Rosa de Arruda. Em título de Arrudas, cap.... E teve:

3 — 1. Frei Salvador, capucho.

3 — 2. Lourenço Corrêa Ribeiro, casou em Sorocaba. Sem geração.

3 — 3. Anna Ribeiro de Araujo, casou com João Pires de Arruda, filha do capitão Pedro Taques Pires. Em título de Taques, cap. 3.º §.

3 — 4. Maria de Arruda, casou com Francisco Mendes de Almeida, natural de Acuthia, filho de Luiz Mendes de Almeida. Deixou geração.

2 — 5. Pedro Corrêa de Campos. Faleceu solteiro.

2 — 6. José Corrêa de Campos. Faleceu solteiro.

TOLEDOS PIZAS

Cópia fiel do Título de TOLEDOS PIZAS — que fez Pedro Taques de Almeida Paes Leme, e que se acha em poder do Illm. Sr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. (*)

A nobilissima qualidade dos Toledos Pizas, castelhanos da capitania de São Paulo, é mais para ser conhecida pelos documentos que a acreditam, do que pela nossa informação que a patentea. Quiz a sorte isentar-nos da participação deste ilustre sangue para não ficarmos suspeitos na publicação dele. Em nosso poder tivemos um volume de originais documentos pertencentes a D. Simão de Toledo Piza, que foi em São Paulo o tronco da familia do seu apelido. E porque estes papeis eram certidões de varios oficiais, com os quais tinha militado o dito D. Simão de Toledo Piza, e seu pai, o sargento-mor D. Simão de Toledo Piza, alvarás de mercês de el-rei Filippe de Castela; com consentimento do herdeiro o R. Dr. Antonio de Toledo Lara, que hoje é dignissimo conego da catedral da cidade de São Paulo, levamos todo o processo em nossa companhia para Lisbôa no ano de 1755, com o destino de se fazer por eles em Castella instrumentos de *puritate et nobilitate probanda,* para assim se manifestar sem a menor dúvida a alta qualidade do progenitor desta familia, na capitania de São Paulo, D. Simão de Toledo Piza. A sorte porém não permitiu se conseguisse este acertado intento, porque, chegando nós a Lisboa em Setembro do mesmo ano de 1755, sucedeu no 1.º de Novembro o formidavel terremoto, que destruiu aquela grande cidade em o limitado espaço de tres minutos, seguindo-se logo um incendio, que ateando-se na maior parte das casas, entre elas se abrazaram as da nossa assistencia junto á igreja e colegida de Nossa Senhora dos Martyres, reduzindo-se á cinza todos os moveis, que nela tinhamos, sem escapar nem ainda o dinheiro, que tambem se consumiu debaixo das mesmas ruinas daquela morada, e suas anexas. Com este infeliz acontecimento perderam os Toledos de São Paulo os excelentes papeis que lhes acreditavam a qualidade de seu nobilissimo sangue; porém ainda a advertida cautela do seu primeiro possuidor D. Simão de Toledo Piza deixou o remedio contra êste dano; porque no cartorio da vedoria de guerra da Ilha Ter-

(*) As notas que levarem este signal (*) são do copiador em 1783.

ceira, cidade de Angra, se acham todos os documentos registrados. Por eles sabemos com total certeza a origem de D. Simão de Toledo Piza, que é a seguinte:

Da ilustrissima casa dos condes de Oropeja e duques de Alva de Tormes foi legitimo descendente, sem quebra de bastardia D. João de Toledo Piza, que nasceu na vila de Alva de Tormes, e casou na corte de Madrid com D. Anna de Castelhanos. Deste matrimonio nasceu:

D. Simão de Toledo Piza, que, seguindo o real serviço, se achou em posto de capitão, militando com D. João de Austria na celebre batalha naval de Lepanto contra o turco no ano de 1571, em que foram metidas ao fundo duzentas galeras otomanas, e pereceram vinte e cinco mil turcos, e foram postos em liberdade outros tantos escravos cristãos. Tudo melhor consta da *Vida de Alexandre Farnezi*, principe de Parma, que se achou presente nesta batalha, governando as armas de Castela. Do posto de capitão passou o dito D. Simão de Toledo Piza ao de sargento-mor, com cujo caracter embarcou na armada com o general dela D. Alvaro Bazana, marquez de Santa Cruz, no ano de 1583 contra Monsieur de Chatres, cavaleiro de Malta que a favor do Sr. D. Antonio Prior do Crato se achava sustentando o partido dos moradores da Ilha Terceira, que seguiam a voz do dito Sr. D. Antonio, que aclamando-se rei de Portugal na vila de Santarém a 24 de Junho de 1580, foi roto e desbaratado por um corpo de vinte mil homens de tropas veteranas de el-rei Filippe II de Castela, que govêrnava o general D. Fernando Alvares de Toledo duque de Alva de Tormes; e posto em fugida no dia 26 de Agosto se retirou a França, de onde conseguiu o socorro para sustentar as ilhas no seu partido, que trouxe aqueles mares Monsieur de Chatres, que desbaratados ficaram os ilheos dando obediencia a Castela. Nesta batalha naval, que durou cinco horas de ativo e violento fogo, perdeu um olho o sargento-mór D. Simão de Toledo Piza, com cuja enfermidade ficou em terra na cidade de Angra. Nela casou depois com D. Gracia da Fonseca Rodovalho, irmã direita do deão daquela sé chamado o Rabaço, que instituiu o morgado no Pico Redondo; eram filhos de Vasco Fernandes Rodovalho, porque trazem os apelidos de Ozorios, Fonsecas e Alfaros. El-Rei o aposentou com o mesmo soldo, que tinha do posto de sargento-mór, acrescentando-lhe por nova mercê mais duzentos cruzados cada um ano. A provisão régia desta graça, nós a lêmos, e se acha registrada na vedoria geral da Ilha Terceira.

A quinta ou morgado sito no Pico Redondo, possuiu D. Pedro de Lombreiros, que deixou ao padre Lucas Garcia, e por sua morte foi arrematada em 1:600$. (Talvez foi esta venda pelos anos de 1710 até 1712.) E foi avisado por este mesmo tempo meu avô João de Toledo, a quem pertencia tambem 4$000 de foro nas casas de Antonio da Fonseca Carvão. O dito morgado com uma pensão de 500 réis para um noturno na Sé. O padre D. Pe-

dro, primo de meu tio, dispôz de tudo, cuidando não havia herdeiros.

Teve o sargento-mor D. Simão de Toledo do seu matrimonio com D. Gracia da Fonseca Rodovalho quatro filhos, dois varões e duas femeas. El-Rei de Castela mandou ir estas duas senhoras para Madrid, onde as fez recolher em um mosteiro, com grande tença a cada uma delas. Aos dois varões, que eram D. Gabriel de Toledo e D. Simão de Toledo, fez a cada um mercê de uma praça ordinaria de soldado na Ilha Terceira. e diz o alvará desta graça, *ibi*:

"E atendendo ao seu ilustre sangue: Hei por bem fazer mercê aos ditos D. Gabriel e D. Simão, filhos do sargento-mór D. Simão de Toledo Piza, a cada um de uma praça ordinaria com tres escudos de mais, além de praça ordinaria, até terem idades de tomar armas, etc."

D. Gabriel, seguindo o real serviço, se passou a Madrid por alvará que para isso teve de El-Rei Filippe. D. Simão continuou o serviço na mesma patria. Chegou ao posto de capitão de infantaria e passou á Côrte de Madrid, dela sahiu despachado, e voltou á Ilha Terceira, sua patria. O que nela aconteceu, ignoramos; porém, pela expressão que fez no testamento com que faleceu em São Paulo em 1668, discorremos que teve revez de fortuna, porque diz, *ibi*:

"Declaro que sou natural da Ilha Terceira, cidade de Angra, filho legítimo e de legítimo matrimonio do Sr. sargento-mor d. Simão de Toledo Piza e da sra. d. Gracia da Fonseca Rodovalho, cujas qualidades não declaro, porque, sendo minha patria tão perto, quem se importar saber, procure.

"Idem, declaro que, vindo de Madrid despachado com os alvarás, que se acham na provedoria da fazenda, por secretos juizos do meu destino, fui preso no castelo, de donde fugi, e vim dar a esta vila de São Paulo, onde casei e sempre cuidei em me não dar a conhecer, consentindo que o morgado, que por morte de minha mãi passava a mim, o tenha desfrutado, e se ache de posse dele, meu primo d. Pedro de Lombreiros, conego da sé de Angra, cujas cartas estão no meu contador com todos os mais papeis meus, e de meu pai e irmãos. Meu filho João de Toledo, habilitando-se por meu filho, irá á minha patria para tomar posse do morgado, que lhe pertence cobrar da fazenda real o que consta das provisões que lá se acham em processo, e tambem a minha legítima materna, que ficou em casas de sobrado."

Destas expressões inferimos que algum incidente do tempo pôz em desordem a sorte de d. Simão de Toledo, e o obrigou a fugir da patria e do castelo em que se achava preso. Do ano em que passou para a capitania de São Vicente e veiu para São Paulo, não descobrimos documento algum, que nos informe desta época; sabemos só, que na matriz de São Paulo, em 12 de Fevereiro de 1640, casou com d. Maria Pedroso, filha de Sebastião

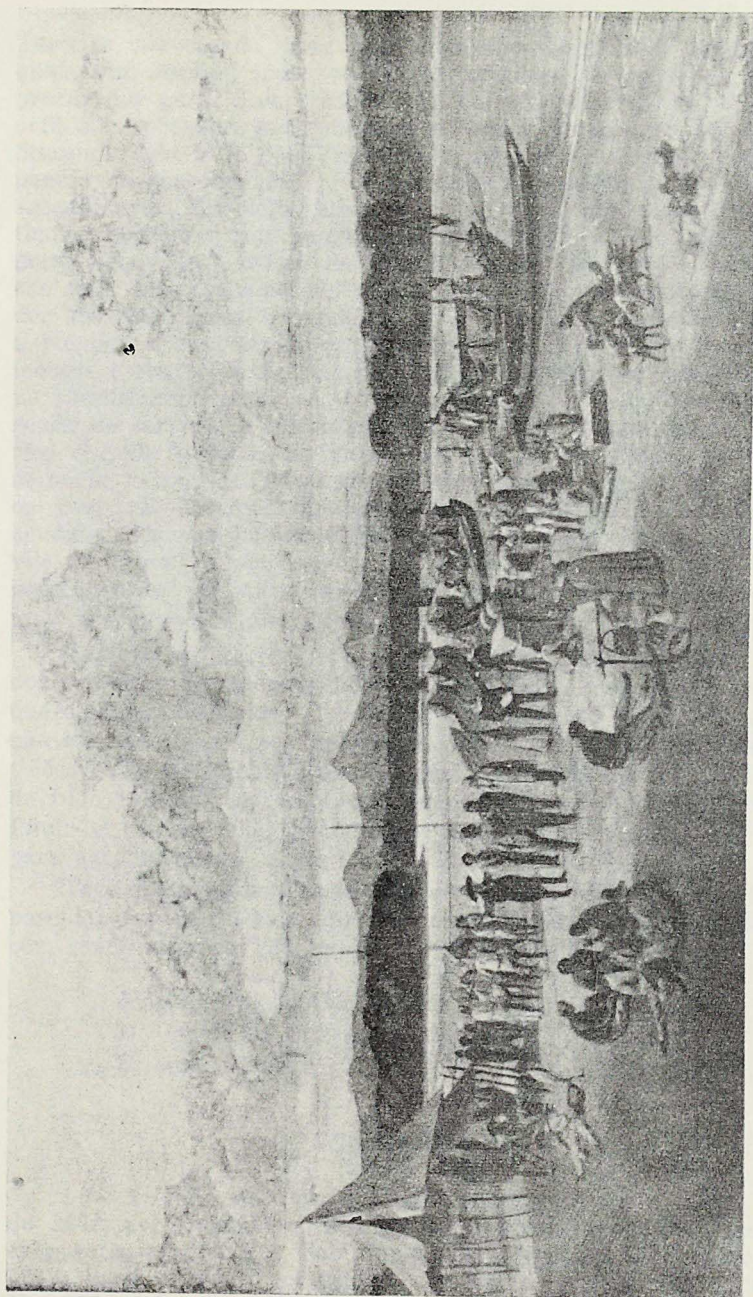
Fernandes Corrêa, 1.º provedor proprietario, e contador da fazenda real da capitania de São Vicente e São Paulo, e de sua mulher d. Anna Ribeira. Em título de Freitas, cap. 2.º, § 6.º. E na camara episcopal de São Paulo, nos autos *de genere* de João de Toledo Castelhanos, processados em 1658, prova-se bem a qualidade de Sebastião de Freitas, sogro de Sebastião Fernandes Corrêa, aqui nomeado; e tambem se prova bem a nobre qualidade de sangue, e os empregos que teve na Ilha Terceira, onde foi governador muitos anos do castelo de São Filipe, o dito sargento-mor d. Simão de Toledo Piza e seu filho d. Simão, de quem foi filho o dito d. João de Toledo Castelhanos.

D. Simão de Toledo Piza foi cidadão de São Paulo, onde teve sempre o primeiro voto no governo da república. Os seus merecimentos lhe adquiriram a mercê da propriedade de juiz de orfãos de São Paulo (1) que exercitou (com os acertos que se reconhecem nos inventarios e partilhas dos orfãos, que residem no cartorio) até 24 de Abril de 1661, em que lhe sucedeu Antonio Raposo da Silveira, a quem o donatario da capitania, marquês de Cascaes, d. Alvaro Pires de Castro e Sousa fez mercê da propriedade deste ofício, por provisão datada no castelo de São Jorge de Lisboa, no 1.º dia de Agosto de 1660, e tomou o dito Silveira posse deste ofício, na camara de São Paulo, a 24 de Abril de 1661 (2). Nesta provisão, diz o marquês donatario, que ele tinha feito mercê deste ofício a d. Simão de Toledo Piza, de propriedade; porém, que, tendo cometido crime de desafio contra o ouvidor da capitania dele marquez, e concorria tambem ser o dito d. Simão oriundo de Castela, que o inhabilitava para ofícios no reino de Portugal; que por estas causas fazia mercê deste ofício de juiz de orfãos da sua vila de São Paulo a Antonio Raposo da Silveira, casado e morador na dita vila, e com as partes necessarias, e haver com muita satisfação servido ao rei no Estado da India, e do Brasil, para o servir, ou para a pessoa que casasse com filha sua, levando em dote o sobredito ofício de juiz de orfãos da vila de São Paulo, etc.

Foi tambem ouvidor da capitania, e tomou posse deste pesado cargo a 16 de Julho de 1666. Dos seus serviços, obrados pelo rei e pela república, consta, no arquivo da Camara de São Paulo, no livro n. 4, título 1.664, pag. 30 v., pela certidão, que em 3 de Julho de 1666, lhe passaram os oficiais da Camara de São Paulo, cujo teor é o seguinte: "Os oficiais da Camara, que servimos êste presente ano, juizes, vereadores e procuradores do conselho, juntos em vereação certificamos, e é verdade, que conhecemos a d. Simão de Toledo, natural da cidade de Angra, Ilha

---

(1) Arquivo da Camara de São Paulo, no caderno de registos, titulo 1.643, pág. 5 v.

(2) Arquivo da Camara de São Paulo, livro de registo, titulo 1.658, pág. 129.

Encontro de monções no sertão (1826) — Desenho de Hércules Florence — Pintor, Oscar Pereira da Silva — *(Cortesia do Museu do Ipiranga).*

Terceira, ser casado nesta vila ha melhor de 27 anos, dentro dos quais tem servido todos os cargos honrosos da república, sendo procurador geral destas capitanias, e haver sido 19 anos juiz de orfãos e vereador, e as mais vezes eleito procurador desta vila, descendo dela á de São Vicente a ajustar a finta geral, com dispendio de sua fazenda. Por sua muita capacidade, prudencia e entendimento, foi eleito juiz ordinario, com o qual cargo fez particular serviço a sua magestade, ajudando em tudo ao ouvidor geral Sebastião Cardoso de S. Paio, tanto em comboiar a ele e aos seus mineiros e aos do cunho real a esta vila, como em prender aos homisiados, e mandá-los levar á vila de Santos, ajudando a romper a casa forte, vindo dela a esta vila a enviar mantimentos e munições ás justiças, para sujeitarem os criminosos, e no mesmo trabalhando na cobrança do donativo geral, sendo muito zeloso do serviço de sua magestade e do bem comum, quieto, pacifico e fora de todas as dissenções que ha sucedido, sem nunca se achar nelas, mas antes ser um dos que principalmente tratava da paz. E sabemos que em todas as ocasiões de rebate tem acudido com sua pessoa e gente do seu serviço, á sua custa, á vila de Santos, e nas ocasiões que da cidade da Bahia se pediram mantimentos, ele, além do que de sua casa dava, aplicava aos mais moradores a que fizessem o mesmo, etc."

Tambem no cartorio da provedoria da fazenda real, no livro dos registros das sesmarias n. 9, título 1.638, pag. 106 v., consta que d. Simão de Toledo Piza havia servido a sua magestade assim nas armadas, como nos presidios, o que mostrava pelas suas certidões e fés de ofícios e alvarás régios, quando o dito Toledo fez de tudo relação, representando que era morador na vila de São Paulo e casado nela, pedindo de sesmaria uma legua de terra para suas lavouras.

Teve d. Simão de Toledo Piza do seu matrimonio quatro filhos nascidos em São Paulo, que foram Sebastião, que vôou para o céu, tendo sido batizado a 25 de Novembro de 1640, e

João de Toledo Castelhanos .... Cap. 1.º
D. Gracia da Fonseca Rodovalho .... Cap. 2.º
D. Anna Ribeiro .... Cap. 3.º

CAPÍTULO I

1 — 1. João de Toledo Castelhanos, batizado a 5 de Maio de 1642, foi cidadão de São Paulo, e serviu repetidas vezes os cargos da república. Habilitou-se com sentença *de genere*, em 1658, para o estado sacerdotal, de que se arrependeu e casou. Em 1680 foi juiz ordinario e de orfãos, de que tomou posse em camara a 21 de Abril do dito ano. Teve cordial devoção ao ser-

viço da purificação de Nossa Senhora; e para ser todos os anos aplaudida esta sagrada imagem, colocada na igreja do colegio dos jesuitas em altar colateral, ficou sendo seu padroeiro, com o concurso de seu cunhado, o capitão-mor governador e alcaide-mor Pedro Taques de Almeida, e ambos por alternativa anual faziam esta festa com missa cantada, sermão e o sacramento exposto no trono; e para o refeitorio dos religiosos neste dia, mandavam com grandeza e abundancia varias iguarias de massas e conservas. Foi muito dado ao uso da oração mental, praticando sempre as virtudes morais em beneficio do proximo e perfeita educação de seus filhos. Vivia no retiro de uma quinta, vulgarmente chamada chacara, situada no alto plano, que faz o rio Tamanduatehy, unido já com a ribeira Anhangabahy (por detrás do mosteiro dos monges do patriarca São Bento, em tiro de peça) da campina do sítio da capela de Nossa Senhora da Luz de Guarê. Nesta quinta se recreava com a cultura de varias flores de um jardim, que era o total emprego dos seus cuidados (unico até aquele tempo em que os moradores de São Paulo só tinham por interesse ou as minas de ouro, ou as grandes seáras de trigo, com a abundancia da creação dos porcos, de que faziam provimentos para as cidades do Rio de Janeiro e Bahia de todos os Santos). Com essas flores fazia adornar os altares dos templos, principalmente de Nossa Senhora do Carmo, de cuja terceira ordem era irmão professo. As suas virtudes e exemplar vida mereceram conseguir uma ditosa morte; porque enfermando, e conhecendo o perigo da vida, se dispôs com todos os sacramentos, tendo atualmente a assistencia dos reverendos, que gostosos lhe faziam tão pio obsequio, assim o reverendo comissario de terceiros, como os de São Francisco, de São Bento e da companhia de Jesus, conservando uma tranquilidade de espirito e catolica resignação, expirou no mesmo ponto, em que se elevava a Sagrada Hostia pelo celebrante da missa cantada na festa da Purificação, que a ele tocou no dia 2 de Fevereiro de 1727.

Com o nascimento e criação da patria, nunca quiz saír para fora dela, e por isso até deixou perder o morgado do Pico Redondo, na Ilha Terceira, consentindo que os seus parentes o desfrutassem. Muito apenas por duas vezes aproveitou parte dos rendimentos que lhe foram enviados por intervenção dos PP. jesuitas dos colegios da Bahia e Rio de Janeiro, que recebeu em São Paulo em avultada soma de panos de linho, e aguardentes. E com a imitação da inercia do pai, seguiu a mesma inutilidade o filho primogenito, o capitão-mor d. João de Toledo Piza Castelhanos; e veiu esta casa a perder aquele morgado sem mais causa, que a de uma total e indesculpavel omissão, que se foi difundindo aos mais herdeiros até o presente tempo.

Casou João de Toledo Castelhanos duas vezes. A primeira com d. Maria de Lara. Em título de Taques, cap. 3.º, § 10, com toda a sua decendencia. A segunda com d. Anna do Canto de

Mesquita. Em título de Pires, cap. 6.º, § 5.º. E deste segundo matrimonio teve seis filhos, nascidos em São Paulo, que foram:

§ 1.º — Bento de Toledo Castelhanos, tenente-general, faleceu sem geração.

§ 2.º — Francisco de Toledo, jesuita e provincial no Maranhão em 1756.

§ 3.º — D. Anna do Canto de Toledo, sem geração.

§ 4.º — Pedro Nolasco de Toledo, faleceu solteiro.

§ 5.º — D. Escholastica de Toledo, faleceu solteira.

§ 6.º — D. Joanna de Toledo Canto e Mesquita. Casou com seu parente o sargento-mór João Barbosa Lara, com geração. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 1.º, n. 3 — 9 a n. 4 — 1, ou em título de Pires, cap. 6.º, § 6.º, n. 3 — 4, etc.

CAPÍTULO II

1 — 2. D. Gracia da Fonseca Rodovalho, foi batizada a 21 de Novembro de 1644. Casou com Gaspar Cardoso Gutherres, natural de Lisboa e batizado na freguezia da Senhora das Mercês do Bairro alto, irmão direito de Luiz Nunes da Silveira, que florecia em 1705, morador na capitania do Espirito Santo, filhos de Luiz Nunes Gutherres, natural de Lisboa e de sua mulher d. Maria Miguel da Silveira, natural da Ilha Terceira, cidade de Angra. Esta dona Maria Miguel era de conhecida nobreza e foi tia direita do dr. Jorge da Silveira, vigario geral e provisor do bispado do Rio de Janeiro, pelos anos de 1694. E teve, nacidos em São Paulo, tres filhos:

§ 1.º — Henrique Cardoso Gutherres.

§ 2.º — Carlos Pedroso da Silveira.

§ 3.º — D. Aurelia Gracia da Silveira.

§ 1.º

2 — 1. Henrique, que no sacramento da confirmação mudou o nome em José e ficou chamando-se José Cardoso Gutherres, viveu na vila de Taubaté, onde foi capitão de cavalos dos auxiliares, e ahi faleceu no 1.º de Maio de 1723, com testamento (3), e jaz sepultado no convento de Santa Clara dos capuchos da mesma vila. Não casou, mas teve dois filhos naturais, Ricardo e Maria.

---

(3) Cart. da vida de Taubaté, invent., letra I, n. 28.

§ 2.º

2 — 2. Carlos Pedroso da Silveira, herdou com desvelado empenho o serviço do rei; e vendo tão empenhado por Portugal o descobrimento de minas de ouro, ou prata, para que tinha sido mandado com o aparato de extraordinarias despesas a São Paulo, d. Rodrigo de Castelo Branco, como temos tratado no título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 1. E em título de Prados, cap. 6.º, § 3.º, n. 3 — 3 se animou (á custa da sua fazenda, sem a menor ajuda de custo, nem interesse de futuras mercês, que por alvarás de lembrança com ele se praticassem) a fazer penetrar o vasto sertão dos barbaros indios *Cataguazes*, que já Fernando Dias Paes o havia trilhado em demanda do serro de Sabarabuçú; e quasi pelo mesmo tempo o penetrou tambem Lourenço Castanho Taques, com patente de governador do seu troço, e de toda a mais gente, que a ele se incorporasse. Teve a felicidade de ser o primeiro que com o cabo da tropa Bartholomêo Bueno de Siqueira, nacional de São Paulo, conseguisse o descobrimento das minas de ouro. Delas entregou as primeiras mostras a Sebastião de Castro Caldas, que se achava com o governo da capitania do Rio de Janeiro, por falecimento de Antonio Paes de Sande, que remetidas ao sr. rei d. Pedro em 16 de Junho de 1695, foi o mesmo servido mandar escrever ao governador da dita capitania, que já era Arthur de Sá e Menezes, a carta seguinte, datada de 16 de Dezembro do mesmo ano; *ibi*:

"Governador da capitania do Rio de Janeiro. Amigo, eu el-rei vos envio muito saudar. Viu-se a carta que escreveu Sebastião de Castro Caldas, a cujo cargo estava esse governo, a 16 de Junho deste ano; em que me deu conta de umas novas minas, que se haviam descoberto no sertão da vila de Taubaté, e de que lhe haviam trazido cinco oitavas de amostras, que remeteu, com as noticias de que ainda se haviam descobrido mais ribeiras, como lhe haviam representado em suas petições os descobridores Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira, a quem provou nos oficios delas, por ficar duzentas leguas distante das de Paranaguá, e não poderem os oficiais delas acudir ás novas minas chamadas de Cataguazes, etc. Me pareceu dizer-vos que obrou bem Sebastião de Castro Caldas nestes provimentos, etc. Assim se vê na secretaria do conselho ultramarino, no livro de registros das cartas do Rio de Janeiro, que principia em 28 de Março de 1673 e acaba em 15 de Dezembro de 1700, nele, á fl. 143, e no mesmo livro, á fl. 166 e fl.19 7". Se seguem outras cartas a respeito de Carlos Pedroso da Silveira e seus descobrimentos, com honrosas expressões de sua magestade.

Descobertas assim por Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomêo Bueno de Siqueira as novas minas de Cataguazes, que extendidas depois do ano de 1695 a muitos descobrimentos, ficaram

conhecidas por minas de Sabarabuçú, que hoje se diz Sabará de Minas Gerais. Para o seu estabelecimento foi encarregado, como fica referido, o mesmo Carlos Pedroso. E para que estas minas chegassem ao seu maior aumento (já era falecido Antonio Paes de Sande no mesmo ano de 1695) ordenou sua magestade ao governador Arthur de Sá e Menezes, que havia sucedido no governo da capitania do Rio de Janeiro ao dito Sande no dito ano, que passasse as minas do Sul a executar o mesmo que se tinha encarregado a Antonio Paes de Sande, e praticassem com os paulistas em seu real nome todas as honras e mercês, que pela secretaria de Estado se lhe mandara declarar, para que assim animados dobrassem, e conseguissem maiores descobrimentos de minas de prata e de ouro. Esta carta é datada em 17 de Dezembro de 1696, á fl. 160 do referido. Depois, por outra carta de 27 de Janeiro de 1697, á fl. 163, foi o mesmo senhor servido mandar ao dito Arthur de Sá e Menezes, que saisse para as capitanias de São Vicente e São Paulo a examinar as minas de Sabarabuçú, com 600$ de ajuda de custo em cada um ano, além do soldo de governador do Rio de Janeiro.

Em execução destas reais ordens veiu a São Paulo o dito Arthur de Sá; e nesta capitania creou dois terços, em que no de auxiliares proveu de mestre de campo ao paulista Domingos da Silva Bueno, que depois acabou clerigo de São Pedro, em Minas Gerais; e no das ordenanças proveu de coronel ao paulista Domingos de Amores, de que dando conta a sua magestade, foi o dito senhor servido aprovar-lhe a creação das tropas e os cabos delas, por carta sua de 20 de Outubro de 1698, á fl. 195; e por outra de 6 do mesmo mês e ano, á fl. 19 v., ordenou sua magestade que os privilegios que gosam no reino as tropas auxiliares, gosassem as do Brasil. E tendo Arthur de Sá e Menezes executado em São Paulo o que entendeu necessario ao serviço do rei e dos vassalos do mesmo senhor, da repartição do Sul passou ás novas minas, onde se deteve até lhe chegar successor no governo do Rio de Janeiro.

Pelo contexto de toda esta verdade, fica conhecido o erro em que o coronel Sebastião da Rocha Pita, natural da cidade da Bahia, no seu livro *America Portuguesa*, livro 8.º, n. 62, afirma que estes descobrimentos foram no ano de 1698. Não caiu só neste engano, porque, levado da sua fantasia e credulidade, sem exame necessario em materias pertencentes á historia, traz muitos e pessimos erros, afastando-se inteiramente da alma da historia, que é a verdade. Desta falta resultou afirmar êste autor em dito livro 8.º, n. 67, *ibi*:

"Quando se descobriram estas minas, governava a provincia do Rio de Janeiro Arthur de Sá e Menezes; e convidado das riquezas e abundancia de ouro tão subido, foi a elas mais como particular, que como governador, pois não exerceu atos do seu poder

e jurisdição naquelas partes, fazendo-se companheiro daqueles de quem era superior, e se recolheu para o seu governo, levando mostras, que o podiam enriquecer, posto que da bondade de seu animo, e do seu desinteresse se pode presumir, que foi a elas menos por cobiça, que pela informação, que havia de dar a el-rei da qualidade das minas, e da forma que seus descobridores as lavraram.

Foi tal a abundancia do ouro das novas minas, que para pagamento do real quinto, e boa expedição das partes, se estabeleceu na vila de Taubaté a real casa da fundição, da qual foi provedor o mesmo Carlos Pedroso da Silveira, que exerceu o logar todo o tempo que durou o lavor da dita casa. E no primeiro ano de sua creação, no de 1698, foi tal o rendimento do real quinto, que o mesmo provedor Carlos Pedroso da Silveira, em pessoa e á sua custa, os levou á cidade do Rio de Janeiro, merecendo que el-rei em carta firmada com real punho, lhe agradecesse não só o aumento dado á coroa pelos quintos, mas o conduzí-los em pessoa ao Rio de Janeiro. Esta carta é datada em 19 de Outubro de 1699, á fl. 244 do livro já referido. E á fl. 276, outra carta do mesmo senhor datada em 6 de Novembro de 1700, na qual sua magestade, com honrosas expressões, agradece ao provedor Carlos Pedroso da Silveira o muito que tem desempenhado as obrigações do provedor dos seus reais quintos, e o grande aumento a que tinham chegado. Advertimos que a primeira construção de casa de fundição foi na vila de Paraty, para a qual teve Carlos Pedroso da Silveira de sua magestade a provisão de provedor dos reais quintos; porém, não sendo util existir esta casa naquela vila, por arbitrio do mesmo provedor facultou sua magestade a construção de nova casa na vila de Taubaté, onde o dito Silveira tinha o seu antigo estabelecimento, e se conservou até o fim da sua extinção no mesmo cargo de provedor, porque os reais quintos foram cobrados nas mesmas minas, onde se construiram casas para êste efeito.

As morais virtudes de Carlos Pedroso da Silveira lhes conciliaram sempre todo o bom conceito; por isso, muitos anos antes do descobrimento de Minas Gerais, tinha tido o cargo de ouvidor pelo donatario da capitania de São Paulo e São Vicente, em cuja capital Camara tomou posse; e depois a tomou de capitão-mór, por provimento tambem do donatario.

Quando d. Braz Balthazar da Silveira, segundo governador e capitão-general da Capitania de São Paulo, que sucedeu a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, quarto capitão-general positivo desta capitania, passou pelas vilas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, indo para as Minas Gerais, deu melhor forma aos terços das tropas milicianas, reduzindo o posto de capitão-mor delas no de mestre de campo na pessoa de Carlos Pedroso da Silveira. Estando já em Minas ele dito general d. Braz, e achando ser necessario um regente, que governasse as tres vilas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, mandou carta-pa-

tente ao mestre de campo Carlos Pedroso, datada em Nossa Senhora do Carmo (hoje cidade de Mariana), a 27 de Setembro de 1714, sendo secretário do govêrno Manoel da Fonseca. Faleceu Carlos Pedroso com testamento, a 17 de Agosto de 1719 (4) e jaz na quadra da capela dos terceiros de São Francisco do convento de Taubaté.

Casou o mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira na vila de São Vicente, com d. Isabel de Sousa Evanos Pereira, batizada na freguezia da Candelaria do Rio de Janeiro, filha de Gibaldo Evanos Pereira, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher d. Ignez de Moura Lopes, natural da vila de São Vicente. Neta pela parte paterna de Eliodoro Evanos Pereira, natural da vila de Viana do Minho (primo-irmão de Estacio de Sá, em cuja companhia viera para o Rio de Janeiro em 1568, em que faleceu Estacio de Sá), e de sua mulher d. Maria de Sousa de Brito, natural do Rio de Janeiro, e por ela bisneta de João de Sousa Pereira de Botafogo, natural da cidade de Elvas, e de sua mulher d. Maria da Luz Escorcio Drumond, filha de Manoel da Luz Escorcio Drumond, natural da Ilha da Madeira, de onde viera para São Vicente com sua mulher, tres filhas e um filho, e enviuvando em São Vicente, casou segunda vez o dito Drumond, e se recolheu para o Rio de Janeiro com seu genro João de Sousa Pereira de Botafogo. Era este natural de Elvas, como fica dito; e nesta cidade seus pais e avós tiveram casa, que se perdeu, e confiscou por ordem régia, por causa de suas insistencias, soberbas e resistencias ás justiças e outros motivos. A causa principal da ruina foram alguns privilegios e isenções, com que os senhores reis de Portugal lhes permitiram o fabricar um mosteiro de freiras, para recolhimento de suas filhas e parentas, em um pateo que tinha a dita casa (ainda hoje se chama o pateo e rua dos Botafogos), e não pode livrá-los dessa ruina um filho da mesma casa, que naquele tempo lograva a graça do cardeal d. Henrique, a quem servia de escrivão da sua camara, com um escudo de vantagens no seu foro, porque os crimes e desobediencias dos seus parentes foram tais que foram perseguidos, e confiscados os bens; de sorte que uns fugiram para Castela, outros para onde os guiou a sua boa ou má sorte. O dito pateo, com tudo o que continha em si de casas, foi dado aos jesuitas, que nele fundaram o seu colegio. Este João de Sousa Pereira de Botafogo foi participante com seus parentes dos crimes e resistencias, e por eles igualmente perseguido; mas como a este tempo a senhora rainha d. Catharina deixava passar em paz aos criminosos, que vinham á conquista dos indios barbaros do Brasil, passou ele a esta empreza, e a tratar da vida no que a fortuna lhe oferecesse. Chegou ao Rio de Janeiro quando já a cidade velha estava principiada, e dela se fazia guerra ao gentio *Tamoio*: e como este Botafogo era destemido, e se tinha noticia da sua no-

(4) Cartorio de órfãos de Taubaté, inventarios, letra C, n. 18.

breza, o fizeram capitão de uma das canoas de guerra, e o mandaram para Cabo Frio a impedir o contrato do pau Brasil, em que os franceses estavam comerciando. Foi tão feliz nesta conduta, que pelejando com valor e ousadia com os franceses, em varios encontros rendeu a muitos, que aprisionou, entre os quais foi Tucen Grugel, nobre e valoroso francês, cabo de toda a armada, e os trouxe prisioneiros á cidade do Rio. Deste Tucen procedem os Grugeis Amaraes daquela cidade. Dela veiu para a vila de São Vicente, onde tambem a guerra contra os barbaros gentios andava ateada; e mostrando nela o seu valor e destreza militar, o casou com sua filha o capitão do presidio Manoel da Luz Escorcio Drumond, como fica referido. E pela parte materna foi d. Isabel de Sousa Evanos neta de Manoel Lopes de Moura, que outros dizem Moreira de Moura, natural de São Vicente, e de sua mulher Ignez Gonçalves, natural da mesma vila.

As honrosas cartas que teve Carlos Pedroso da Silveira, de que atrás fizemos menção, dos senhores reis d. Pedro II e d. João V, se desencaminharam com a sua morte, que as não podemos descobrir para delas aqui darmos as cópias. A patente que teve de mestre de campo lhe confirmou d. João V. Aos seus grandes serviços tinha premiado d. Pedro II com a mercê do hábito de Cristo, com tença efetiva de 80$, pagos no almoxarifado da provedoria da vila de Santos, e o posto de capitão de infantaria do presidio da cidade do Rio de Janeiro; e falecendo o senhor rei d. Pedro, seu filho o senhor d. João V confirmou as ditas mercês. Ao tempo que se tratavam das provanças pelo tribunal da mesa da conciencia e ordens, para tomar o hábito, sucedeu a sua morte; porém, no seu testamento deixou todos os seus serviços a seu filho Leopoldo da Silveira e Sousa, que fiando-se de José da Silva Valença, que de São Paulo passava a Lisboa, lhe entregou dinheiro bastante, e os papeis para tratar dos requerimentos, porém, o dito Valença nunca mais deu satisfação alguma desta conduta; e deixando em si o dinheiro e papeis recebidos, passados muitos anos apareceu em São Paulo armado cavaleiro da ordem de Cristo, vindo na companhia de d. Luiz Antonio de Tavora, conde de Sarzedas, governador e capitão-general da capitania de São Paulo em 1731, com o caracter de seu secretário do gabinete, ostentando uma vaidade de personagem, por haver amortecido no conhecimento proprio os habitos humildes da natureza, estado com que de antes tinha sido morador na vila de Taubaté, onde só teve por maior emprego ser tabelião e escrivão da camara. Passou á vila Boa de Goiazes na companhia do mesmo conde, e lá faleceu, sem se lembrar da obrigação com que a propria conciencia lhe havia de arguir pela fazenda alheia. Desta forma veiu a malograr-se em tudo e por tudo o grande merecimento do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira.

Do matrimonio do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira, nasceram seis filhos:

3 — 1. Gaspar Gutteres da Silveira.
3 — 2. Leopoldo da Silveira e Sousa.
3 — 3. Leonel Pedroso da Silveira.
3 — 4. D. Maria Pedroso da Silveira.
3 — 5. D. Bernarda Pedroso da Silveira.
3 — 6. D. Thomazia Pedroso da Silveira.

3 — 1. Gaspar Gutterres da Silveira obteve sentença *de genere* em 1705, para ser sacerdote. Destes autos, que existem na camara episcopal de São Paulo, se prova bem que os seus avós são os que ficam já nomeados. Casou na vila de Pitanguí com Feliciana dos Santos; em título de Barbosas Limas, cap. 11, § 1.º. E teve tres filhos:

4 — 1. Ignacio Carlos Barbosa.

4 — 2. Antonio Barbosa da Silveira.

4 — 3. Floriano de Toledo Piza. Faleceu Gaspar Gutterres da Silveira em posto de sargento-mor, e na freguezia de São Antonio de Valpiedade da Campanha do Rio Verde, e jaz sepultado na capela de São Gonçalo, filial da mesma matriz.

3 — 2. Leopoldo da Silveira e Sousa, casou na vila de Guaratinguetá com Helena da Silva Rosa, natural de Taubaté, filha de Miguel de Sousa Silva, nacido no mar e batizado na Bahia, e criado no Rio de Janeiro, e de sua mulher Barbara Maria de Castilho e Cruz. Neta pela parte paterna de Manoel Francisco de Moura e de sua mulher Maria da Silva, que ambos vieram de Alemquer para o Rio de Janeiro, e são os avós maternos daquele grande barrete frei Antonio da Santa Maria, o Passante de alcunha, religioso capucho, e pela materna neta de Domingos Alves Ferreira e de Andreza de Castilho, da vila de Taubaté. E teve nove filhos:

4 — 1. Leopoldo Carlos Leonel da Silveira. Casou nas Minas de Paracatú.

4 — 2. Julio Carlos da Silveira. Casou com d. Bernarda de Sousa Evanos, sua prima, filha de Antonio Ferraz de Araujo e d. Bernardina Pedroso da Silveira do n. 3 — 5 deste § 2.º.

4 — 3. José da Silva Reis, foi casado, não teve filhos e existe viuvo.

4 — 4. D. Rosalia, faleceu solteira, jaz na capela de I. M. I. filial do Facão.

4 — 5. D. Leovigilda, casou com João de Sande Nabo, natural da ilha Grande, Angra dos Reis, sem geração.

4 — 6. D. Maria, casou com José Borges.

4 — 7. D. Helena Angelica de Cassis, solteira.

4 — 8. D. Antonia de Souza, casou no Facão com João Monteiro Ferraz, filho de João Monteiro Ferraz, que teve fazenda na encruzilhada, e d. Anna de Sousa.

4 — 9. D. Anna de Sousa, foi casada com Agostinho Gago da Fonseca, filho de Luiz da Fonseca, e de sua mulher Filippa Gago, natural da vila de Itu. Deixou geração.

3 — 3. Leonel Pedroso da Silveira, clerigo de São Pedro, existe em Minas Gerais.

3 — 4. D. Maria Pedroso da Silveira, casou com o capitão Francisco Alves Corrêa, natural da ilha Grande, filho de Francisco Alves Corrêa, e de Maria Bicudo, moradores de Taubaté, e teve nove filhos, naturais de Taubaté:

4 — 1. Estanisláo da Silveira e Sousa, casou na freguezia de São Caetano com Clara Maria Leite, filha de Fernando Leite, e de Maria de... E tem nove filhos.

5 — 1. José.
5 — 2. Fernando.
5 — 3. Bento.
5 — 4. Maria.
5 — 6. Anna.
5 — 7. Gertrudes.
5 — 8. Leonarda.
5 — 9. Rosa.

4 — 2. Floriano de Toledo Piza, faleceu na freguezia de São Caetano, onde jaz e era subchantre da Sé de Mariana.

4 — 3. Patricio Corrêa da Silveira, casou na freguezia de Santa Barbara com Rita Maria da Conceição, filha de nobres pais. Faleceu na dita freguezia e jaz na capela da Senhora Conceição d Barra do Caetê. E teve duas filhas.

5 — 1. Antonia.
5 — 2. Anna.

4 — 4. José Bento da Silveira, é clerigo.

4 — 5. Carlos Pedroso da Silveira, é clerigo.

4 — 6. Gibaldo, faleceu de tenros anos.

4 — 7. D. Leonor, faleceu de tenros anos.

4 — 8. D. Isabel de Sousa Castelhanos, casou na freguezia de São Caetano com Manoel Monteiro da Veiga. E teve 11 filhos:

5 — 1. Estanisláo da Silveira Evanos, clerigo.
5 — 2. Brigida, recolhida no recolhimento da Macahubas, onde faleceu.
5 — 3. Anna, recolhida no mesmo.
5 — 4. João.
5 — 6. Francisco. (*)
5 — 7. Manoel.

(*) O número 5 — 5 falta no manuscrito. (*Nota da redação*).

5 — 8. Floriano.
5 — 9. Antonio José.
5 — 10. Joaquim.
5 — 11. Thomaz.

4 — 9. D. Graciana da Fonseca Rodovalho, casou na freguezia de São Caetano com Antonio Gomes Ferreira natural de Pernambuco, filho do capitão Manoel Gomes Ferreira e de sua mulher d. Thomazia Luiza da Cruz. Sem geração.

3 — 5. D. Bernarda Pedroso da Silveira (filha do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira, do § 2.º) faleceu em Taubaté com testamento a 28 de Setembro de 1710: foi casada com João Pedroso de Alvarenga, que passando para as minas do Cuiabá depois de viuvo, nelas faleceu estando segunda vez casado. E teve filho unico natural de Taubaté (5).

3 — 4. Carlos Pedroso da Silveira, casou na freguezia da Penha de França do sitio de Araçariguama termo da vila de Santa Anna de Parnaíba, com Maria Pedroso de Almeida filha de Paschoal Leite de Miranda e de sua mulher d. Isabel de Lara de Mendonça em título de Laras, cap. 7.º, § 4.º. Em título de Mirandas, cap. 3.º. Faleceu na vila de Pindamonhangaba. E teve quatro filhos:

5 — 1. José Corrêa da Silveira.
5 — 2. Manoel Carlos da Silveira.
5 — 3. D. Izabel.
5 — 4. D. Maria.

3 — 6. D. Thomazia Pedroso da Silveira (filha do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira, do § 2.º). Casou na vila de Taubaté com o capitão Domingos Alves Ferreira, filho de Domingos Alves Ferreira, que feleceu em Minas Gerais em 1709 (6), e de sua mulher primeira d. Andreza de Castilho, natural da vila de Mogy, a qual foi filha de Francisco Alves Corrêa natural de Vila Real, de nobilissima familia, provedor da fazenda real da capitania de São Vicente, que passando á cidade da Bahia, foi hospedado do governador geral do Estado no seu palacio; e de sua segunda mulher d. Guiomar de Alvarenga, natural do Rio de Janeiro, filha de Manoel Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, da nobre familia de seu apelido tão conhecido, como examinada pelo brazão de armas dela. Em título de Alvarengas, da capitania de São Paulo. E teve treze filhos:

4 — 1. Vencesláo da Silveira Evanos Pereira, casou na vila de Itú em 1764, com d. Escholastica Forquim Arruda, filha de

(5) Cart. de órf. de Taubaté, inv. letra B., n. 8.
(6) Cart. de órf. de Taubaté, inv. letra D., n. 25.

Claudio Forquim Leite. Em título de Taques, cap. 3.º, § 8.º, n. 3 — 2. Arrudas, cap. 2.º, § 5.º, n. 3.

4 — 2. Eduardo José Caetano, casado na freguezia do Facão.

4 — 3. José Pires Corrêa, existe solteiro.

4 — 4. Domingos Alves Ferreira, existe solteiro.

4 — 5. D. Bernardina Pedroso da Silveira, existe casada com Antonio Ferraz de Araujo, natural da Parnaíba, filho de Antonio Rodrigues de Miranda, (em título de Mirandas) natural da mesma vila, e de Maria Pires de Araujo, filha de Antonio Ferraz de Araujo, e de Maria Pires Bueno, irmã do capitão-mor Bartholomeu Bueno da Silva. Em título de Ferrazes, ou Buenos. Com geração.

4 — 6. D. Maria Zeferina da Silveira, casou na freguezia de Santo Antonio do Rio Verde, com Manoel Tavares.

4 — 7. D. Amatildes Alves Jacintha, casou com Francisco do Rego Barros, filho do sargento-mor Francisco do Rego Barros e de d. Arcangela Forquim da Luz (7).

4 — 8. D. Leonor Domingues da Cunha, casou com Antonio de Faria Sodré, natural da vila de Pitanguí; filho de Miguel de Faria Sodré, e de sua mulher Veronica Dias Leite. Em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 6, na decendencia do n. 4 — 3 ao n. 5.

4 — 9. D. Genoveva da Trindade, casou com José Ferraz de Araujo, filho de Miguel de Faria Sodré e de d. Veronica Dias Leite, já nomeados.

4 — 10. D. Jutgardis, existe solteira.

4 — 11. D. Isabel de Sousa Evanos, existe solteira.

4 — 12. D. Emiliana Francisca de Moura, casou em Guaratinguetá com Francisco Leite, filho de Miguel de Faria Sodré e d. Veronica Dias, já nomeados.

4 — 13. D. Barbara Moreira de Castilho, casou com o coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça (8) filho do coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e de sua mulher d. Maria Cardoso de Siqueira.

§ 3.º

2 — 3. D. Aurelia Gracia da Silveira (filha última de d. Gracia da Fonseca Rodovalho, do cap. 2.º), faleceu solteira na vila de Taubaté, e jaz no Convento de Santa Clara dos capuchos da dita vila no mesmo jazigo de sua mãe.

---

(7) Em título de Forquins, da capitania de São Paulo, cap. unico § 5.º, n. 3 — 7.

(8) Arquivo da Camara de Taubaté, livro 2.º de registros, pág. 51, a patente de 1.º coronel das três vilas.

CAPÍTULO III

1 — 3. D. Anna Ribeiro Rodovalho, batizada a 16 de Setembro de 1643 (filha terceira e última de d. Simão de Toledo Piza, e de d. Maria Pedroso), casou com o capitão João Vaz da Cunha, natural e cidadão de São Paulo, filho de Cristovão da Cunha Onhate, natural e cidadão de São Paulo, e de sua mulher Messia Vaz Cardoso. Em título de Cunhas Gagos, cap. 1.º, § 4.º, com suas ascendencias. E teve 14 filhos:

2 — 1. D. Simão de Toledo Piza .... § 1.º
2 — 2. João Vaz Cardoso .... § 2.º
2 — 3. Christovão da Cunha .... § 3.º
2 — 4. Vasco Fernandes Rodovalho ..... § 4.º
2 — 5. Sebastião Fernandes Corrêa ..... § 5.º
2 — 6. Pantaleão Pedroso de Toledo .... § 6.º
2 — 7. Francisco de Freitas de Toledo .. § 7.º
2 — 8. D. Maria Vaz Cardoso .... § 8.º
2 — 9. D. Maria Pedroso .... § 9.º
2 — 10. D. Anna Ribeiro .... § 10.º
2 — 11. D. Catharina de Freitas .... § 11.º
2 — 12. D. Andreza de Toledo .... § 12.º
2 — 13. D. Joanna Maria de Toledo ...... § 13.º
2 — 14. Manoel de Toledo .... § 14.º

§ 1.º

2 — 1. D. Simão de Toledo Piza, natural e cidadão de São Paulo, onde teve sempre as redeas do governo da república: foi muitas vezes juiz ordinario, e muitos anos de orfãos. Foi ouvidor e corregedor da mesma capitania, e dela tambem foi capitão-mór governador; casou com d. Francisca de Almeida Taques, filha de d. Branca de Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 9.º, n. 3 — 9 com toda sua descendencia.

§ 2.º

2 — 2. João Vaz Cardoso, foi morador da vila de Taubaté e nela seu republicano, e uma das pessoas de maior estimação e respeito. Foi familiar do santo oficio, e um dos do número da inquisição de Lisboa por carta de Janeiro de 1711; faleceu na mesma vila de Taubaté; e nela foi casado com Francisca de Freitas natural da mesma vila onde faleceu com testamento a 8 de Abril de 1753 (9), filha do capitão Amaro Gil Cortez, e de sua

(9) Cartorio de órfãos de Taubaté, letra F., n. 33.

mulher Marianna de Freitas, ambos naturais de São Paulo, e ela faleceu em Taubaté com testamento a 10 de Junho de 1710 (10), filha de Manoel Fernandes Giga, e de sua mulher Maria Cubas; ele dito capitão Amaro Gil faleceu tambem em Taubaté, e foi filho de Sebastião Gil o velho chamado o vilão, natural de São João da Foz (11), um dos povoadores de São Paulo, para onde veiu com mais irmãos, todos com o apelido de *Gil*, e de sua mulher Feliciana Dias, natural de São Paulo, filha de Pedro Dias (que vinha vindo a São Paulo feito leigo da companhia com os primeiros padres jesuitas em 1554, em cujo ano no dia 25 de Janeiro se celebrou a primeira missa, que por isso a terra e o colegio tomou o nome de São Paulo); e de sua segunda mulher Antonia Gomes da Silva natural de Braga (casou esta segunda vez, morto o primeiro marido Pedro Dias, com Gaspar Nunes), de onde tinha vindo para São Paulo com seus irmãos, que foram Simão Alves, Maria Affonso, mulher de João Peres Canhamares natural de Castela; Francisca Fernandes mulher do estrangeiro João Baruel e Isabel Gomes; e todos na companhia de seus pais, que foram Pedro Gomes e sua mulher Maria Affonso, todos de Braga. As circunstancias, que ocorreram para Santo Ignacio, sendo geral em Rocha, permitiram relaxação de voto ao leigo Pedro Dias para o primeiro casamento com Maria da Grãa filha do rei ou cacique dos gentios *Piratiningas*, chamado Teviriçá, que depois de catolico foi chamado Martim Affonso Teviriçá, temos escrito em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3 — 6 em sua descendencia n. 4 — 3 e seguinte.

Do matrimonio de João Vaz Cardoso nasceram em Taubaté nove filhos:

3 — 1. Amaro de Toledo Cortez.
3 — 2. Timotheo Corrêa de Toledo.
3 — 3. João de Toledo Piza.
3 — 4. André Corrêa de Toledo.
3 — 5. D. Anna de Toledo.
3 — 6. D. Marianna de Freitas.
3 — 7. Simão de Toledo Piza.
3 — 8. D. Maria de Toledo.

3 — 1. Amaro de Toledo Cortez, ainda existe em 1767, morador de Taubaté, onde repetidas vezes tem sido juiz ordinario, e o foi de orfãos trienal: foi casado com Martha Rodrigues de Miranda, que faleceu em 1743 em Taubaté, filha ... E teve nove filhos (12):

———————

10) Cart. de órf. de Taubaté, letra M., n. 65, e nele apenso o inventario letra A, de Amaro Gil Cortez.

(11) Camara Episcopal de São Paulo, autos *de genere* de Timotheo Corrêa de Toledo.

(12) Cart. de órf. de Taubaté, letra M., n. 69.

4 — 1. Manoel, casou em São Paulo.
4 — 2. João, casou em Baependy.
4 — 3. D. Agueda, casou com João de Sousa, filho do coronel Antonio de Sousa, em Pindamonhangaba.
4 — 4. D. Luiza, casou com o capitão Domingos Vieira da Silva, em Pindamonhangaba.
4 — 5. D. Thereza, casou com Jeronymo de Campos Reinol.
4 — 6. D. Ignez, casou com Manoel Antonio de Carvalho Reinol.
4 — 7. Xisto, solteiro.
4 — 8. Lourenço, solteiro.
4 — 9. D. Marianna, casou com João Gomes Sardinha, no Rio de Janeiro. Todos com filhos e filhas.

3 — 2. Timotheo Corrêa de Toledo, existe clerigo do habito de São Pedro e vigario da vila de Pindamonhangaba. Foi casado a 18 de Abril de 1735, com Ursula Isabel de Mello natural de Taubaté, onde faleceu no 1.º de Janeiro de 1752, filha de Manoel Vieira de Amores, que ainda existe, e de sua mulher Ignacia Ferreira, ambos naturais de Taubaté. Neta pela parte materna de Sebastião Ferreira Albernaz, natural da vila de Taubaté, da qual foi juiz de orfãos, capitão-mor dela, e acabou em mestre de campo das ordenanças das tres vilas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá (13), que faleceu a 18 de Julho de 1726, e de sua mulher Isabel de Castilho natural da mesma vila, onde faleceu a 16 de Abril de 1751, que foi filha de José Castilho, que faleceu a 13 de Agosto de 1684, em Taubaté (filho de Francisco Alves Corrêa de Vila Real e de sua mulher Guiomar de Alvarenga), e de sua mulher Isabel Fragoso, natural de Mogy, filha do coronel Sebastião de Freitas e de sua mulher Maria Fragoso. Bisneta de Sebastião de Freitas Cardoso, natural da ilha de São Sebastião, e de sua mulher Isabel de Faria Albernaz, natural de Taubaté, que foi filha do capitão Salvador de Freitas Albernaz, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Francisca Ribeiro, natural de São Paulo, e terneta de Antonio de Faria Albernaz, que faleceu em Taubaté em 1663, e de sua mulher Catharina Sysmeira. E pela parte paterna neta de Paulo Vieira da Maia, natural de Taubaté (filho de Antonio Vieira da Maia, e de sua mulher Maria Cardoso Cabral), e de Catharina de Almeida, natural de São Paulo, filha de Domingos de Amores, e de sua mulher Ursula de Almeida. Em título de Vieiras Maias (14). E teve oito filhos:

4 — 1. Carlos Corrêa de Toledo, clerigo de São Paulo, hoje está vigario colado da igreja de São José, comarca do Rio das Mortes, o que alcançou estando em Lisbôa em 1776.

4 — 2. Luiz Vaz de Toledo, casou na freguezia da Acuthia com Gertrudes Maria de Camargo, filha de João Antunes, natu-

(13) Arquivo da Camara de Taubaté, livro 2.º de registros, pág. 71 v. e 118.
(14) Camara Episcopal de São Paulo, autos *de gene* de Carlos Corrêa de Toledo.

ral da vila de Itu (filho de Antonio Antunes Maciel, que serviu na dita vila todos os cargos da república, e de Josepha Paes de Siqueira), e de Rita Maria de Camargo, natural da Acuthia, filha de Thomaz Lopes de Camargo, que serviu os cargos honrosos na cidade de São Paulo, e de Paula da Costa, natural da dita freguezia.

4 —3. D. Marianna de Toledo, está casada com Antonio José da Motta, capitão de ordenanças em Taubaté, natural da freguezia de Sampaio de Favões, conselho de Bemviver, filho de Martinho Soares, e de sua mulher Clara da Motta Teixeira, dos verdadeiros e legitimos Teixeiras, a qual era filha de Manoel da Motta Teixeira, da freguezia de São Miguel de Fapinhos, que tirou instrumento de sua abonação, processado no conselho de Penafiel da Arrifana de Sousa, termo da cidade do Porto em 1690; pelo qual se mostra, que era filho legitimo de Antonio da Motta Teixeira morador da Quinta das Vargeas, e neto de Gaspar Teixeira da Motta, morador no lugar de Lageas freguezia de Couto de Vila Boa. Êste instrumento autentico tivemos em nosso poder, que fiou de nós o capitão Antonio José da Motta para o vermos.

4 — 4. Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, religioso capucho, que professou no Convento de São Francisco de São Paulo, hoje é mestre na sua religião.

4 — 5. Bento Cortez de Toledo, solteiro.

4 — 6. D. Anna Maria Toledo, casou com Felix Corrêa Leme, natural de Pindamonhangaba, filho de Salvador Corrêa Leme, e de Maria de Faria Ribeiro, ambos de Pindamonhangaba. Neto paterno de Braz Esteves Leme, filho do alcaide-mor do mesmo nome. E pela parte materna neto de Francisco Jorge Paes e de Marianna de Faria, ambos de Pindamonhangaba. Tem filhos, Felix e Francisco, menores.

4 — 7. D. Angela Mariana de Toledo, casada com João Leite do Prado, e de sua mulher Francisca Vieira; neta por parte paterna de Francisco Leite de Miranda e de Maria do Prado; e pela parte materna neta de José Vieira Fajardo, e de Maria da Rocha.

4 — 8. Joaquim José Osorio de Toledo, faleceu em 1780.

3 — 3. João de Toledo Piza, tem servido todos os cargos da república na vila de Taubaté, onde tem sido juiz ordinario e de orfãos trienal. Está casado com Leonor Corrêa Leme, natural de Pindamonhangaba; irmã inteira de Felix Corrêa Leme, acima do n. 4 — 6, filha de Salvador Corrêa Leme, e de sua mulher Maria de Faria Ribeiro: neta por parte paterna do alcaide-mor Braz Esteves Leme (difere de cima) e de sua segunda mulher d. Maria da Luz Corrêa. Em título de Bicudos, § 1.º, n. 2 — 1 em sua descendencia n. 3 — 3: e pela parte materna neta de Francisco Jorge Paes, natural da Ilha Grande, Angra dos Reis, e de sua mulher Marianna de Faria, parente muito chegada do mestre de campo Sebastião Ferreira de Albernaz. Tem filhos.

3 — 4. André Corrêa de Toledo, casou nas minas de Meia Ponte com...

3 — 5. D. Anna de Toledo Piza, casou com Bartholomeu Fialho de Azevedo, natural de Lisboa. Teve sete filhos:

4 — 1. Bartholomeu, solteiro.
4 — 2. Manoel, solteiro.
4 — 3. Bento, solteiro.
4 — 4. Maria, solteira.
4— 5. Antonia, solteira.
4 — 6. Thereza, casada.
4 — 7. D. Luzia, viuva do capitão-mor Domingos Moreira, em Minas, dos quais é filho o padre Domingos Moreira de Toledo.
4 — 8. Anna Moreira de Toledo, casou com Manoel Pereira Guimarães e teve filhos Floriano, Margarida, Ubaldo, Maria e Francisco.
4 — 9. Anna, casou com Bernardino de Sousa, natural de Portugal e familiar do santo ofício, e tem sete filhos:

5 — 1. Bento.
5 — 2. José.
5 — 3. Bernarda.
5 — 4. Thereza.
5 — 5. Luzia.
5 — 6. Anna.
5 — 7. Luzia: todos solteiros.

3 — 6. Marianna de Toledo, casou em Taubaté a 25 de Julho de 1724, com Domingos Pacheco Mascarenhas, natural de Taubaté, filho de Athanazio de Figueiredo Castello Branco e Joanna do Prado, sua mulher, natural de Taubaté, e teve ali cinco filhos:

4 — 1. Ricardo Mascarenhas Castello Branco, existe solteiro em 1767.
4 — 2. Norberto Cardoso, solteiro.
4 — 3. Genebra.
4 — 4.
4 — 5.

3 — 7. Simão de Toledo, foi religioso capucho, chamado frei Simão de Jesús.

3 — 8. D. Maria de Toledo, foi casada com Luiz da Silva Porto, fundador e primeiro padroeiro da capela de Jesús, Maria, José, na sua fazenda de cultura no sítio da Boa Vista, freguezia

do Facão, do termo da vila de Guaratinguetá, natural da cidade do Porto (15). E teve dez filhos:

4 — 1. O padre Timotheo Corrêa de Toledo, morador do Rio de Janeiro onde se ordenou por compatriota.

4 — 2. O padre Floriano da Silva Toledo, vigario da freguezia das minas de Itajubá, termo da villa de Guaratinguetá.

4 — 3. O padre Bonifacio da Silva Toledo.

4 — 4. Luiz da Silva Porto, casou.

4 — 5. José, solteiro.

4 — 6. Genoveva, solteira.

4 — 7. Francisca, casada com Antonio Ramos da Silva, com uma filha, Maria Francisca.

4 — 8. Margarida, solteira.

4 — 9. Francisca, solteira.

4 — 10. Maria, solteira.

4 — 11. Catharina, casou com José Monteiro, todos com apelidos de Toledo.

§ 3.º

2 — 3. Christovão da Cunha.

§ 4.º

2 — 4. Vasco Fernandes Rodovalho, foi morador da vila de Taubaté e do governo da república dela: ali faleceu com testamento a 6 de Setembro de 1733; (16) foi casado na mesma vila com Maria Moreira, irmã do sargento-mor Ignacio Moreira de Castilho, filha de Gaspar Martins, (filho de Gaspar da Costa Vianna), e de sua mulher Anna Moreira de Castilho, natural de Taubaté, onde faleceu a 16 de Junho de 1721 (17), filha de Francisco Alves Moreira de Castilho. Em título de Castilhos, cap.... E teve quatro filhos:

3 — 1. D. Rosa Maria de Toledo, faleceu em Taubaté, com testamento, a 5 de Outubro de 1761 (18), e ali casou, em 29 de Outubro de 1726, com Antonio da Silva Goulart que faleceu nas Gerais em 1756, natural da ilha do Faial, filho de João da Silveira Goulart e de Maria de Almança. E teve:

---

(15) Camara episcopal do Rio de Janeiro, autos *de genere* de Timotheo de Toledo. E Camara episcopal de São Paulo, *de genere* de Floriano de Toledo e de Bonifacio da Silva Toledo.

(16) Cart. de órf. de Taubaté, letra V., n. 1.

(17) Cart. de órf. de Taubaté, letra A, n. 83.

(18) Idem, letr. R, n. 4, letr. A, n. 83.

4 — 1. Antonio José de Toledo.
4 — 2. Salvador Thomaz da Silveira.
4 — 3. D. Anna Ferreira que foi mulher de Filipe do Rego Pimentel.
4 — 4. João.
4 — 5. D. Anna.

3 — 2. Clemente de Toledo, casou com Marianna do Prado Leme, filha de Manoel Garcia de Peralta, natural de São Paulo, que faleceu em Taubaté, com testamento, a 10 de Fevereiro de 1732 (19) e de sua mulher Maria Leme, neta paterna de Sebastião da Costa Garcia e de sua mulher Joanna de Peralta.
3 — 3. Manoel de Toledo.
3 — 4. D. Gertrudes de Toledo.

§ 5.º

2 — 5. Sebastião Fernandes Corrêa, republicano, que sempre andou na governança da vila de Taubaté, onde faleceu. Foi casado com Maria do Prado (irmã de d. Maria da Luz, mulher do capitão-mor governador Antonio Corrêa de Lemos. Em título de Quadros, cap. 4.º, § 1.º), filha de João Lopes Medeiros, e de sua mulher Marianna da Luz, como consta do livro dos casamentos da matriz de Taubaté nos anos de 1719 e 1727. E teve:

3 — 1. D. Catharina Cortez, que casou em Taubaté a 4 de Outubro de 1719, com José Pinto dos Santos, natural da vila de São João da Foz, filho de Pedro Simões e de sua mulher Maria dos Santos, com filhos, Manoel, Mathêos, Francisco, Maria, Isabel e Rosa.

3 — 2. D. Juliana Antunes, casou em Taubaté a 15 de Novembro de 1727, com João Corrêa Sarmento, filho de Belchior Felix Corrêa e de sua mulher Violante de Siqueira, todos naturais de Taubaté, neto de Manoel Vieira Sarmento, o alcaide mor, natural do Rio de Janeiro, que faleceu em Taubaté com testamento a 16 de Março de 1720 (20), e de sua mulher Anna Moreira, bisneta de Belchior Felix e de sua mulher Anna Sarmento, naturais do Rio de Janeiro. Este Manoel Vieira Sarmento, o alcaide mor de Taubaté, foi á Bahia em praça de capitão do socorro, que saíu de São Paulo para a conquista do barbaro gentio no ano de 1671, na conduta do governador nesta guerra Estevão Ribeiro Baião Parente.

---

(19) Falta esta nota no manuscrito.
(20) Cartorio de órfãos de Taubaté, inventários, letra M, n. 46.

§ 6.º

2 — 6. Pantaleão Pedroso de Toledo, foi morador da vila de Taubaté e do governo da república dela, onde casou a 30 de Julho de 1692 com Antonia da Rosa Guedes, que faleceu a 7 de Maio de 1735; e ele faleceu a 9 de Janeiro de 1731 (21), filha de João Ribeiro da Rosa, natural da Bahia, e de sua mulher Maria Corrêa, e teve oito filhos naturais de Taubaté:

3 — 1. Pantaleão de Toledo.
3 — 2. Bernardo Guedes de Toledo.
3 — 3. José Pedroso.
3 — 4. Lourenço Guedes de Toledo.
3 — 5. Francisco de Freitas.
3 — 6. Manoel Pedroso.
3 — 7. D. Felicia Pedroso.
3 — 8. D. Eugenia Pedroso.

3 — 1. Pantaleão de Toledo, casou com Maria Bicudo, filha de Francisco Rodrigues Moreira, que faleceu com testamento em Taubaté a 27 de Dezembro de 1715, e de sua mulher Maria de Góes da Costa, natural de Taubaté e filha de Domingos Gomes da Costa e de sua mulher Ignez Gonçalves. O dito Franicsco Rodrigues foi natural da vila de Nossa Senhora da Conceição do Paraíba, que é Jacarehy, filho de Manoel Rodrigues Moreira e de sua mulher Maria Bicudo. Tudo consta do testamento do sobredito Francisco Rodrigues Moreira no cartorio de orfãos de Taubaté, inventarios letra F, n. 29.

3 — 2. Bernardino Guedes de Toledo, faleceu em São Paulo, estando servindo de juiz ordinario, em 1763, natural de Taubaté, em cuja matriz casou, em 31 de Julho de 1728, com Maria Antunes de Miranda, viuva de Antonio do Prado, e filha de Pedro Teixeira, e de sua mulher Maria Antunes da Estrella, todos naturais de Taubaté; e ela era já viuva do seu primeiro marido. E teve:

4 — 1. O padre Ivo José Gordiano de Taubaté, vigario encomendado da igreja de Nossa Senhora do Desterro de Juquiry, termo da cidade de São Paulo (22). (* Em 1773 esteve vigario de São João da Atibaia).

3 — 3. José Pedroso, existe solteiro.

3 — 4. Lourenço Guedes, casou a 16 de Julho de 1731 com Maria Moreira de Castilho, natural de Pindamonhangaba, filha de Manoel Ferreira de Castilho e de sua mulher Helena Garcia, ambos naturais de Taubaté.

3 — 5. Francisco de Freitas, casou em São Paulo com...

(21) Cartorio de órfãos de Taubaté, inventários, letra A, n. 19, letra P, n. 18.

(22) Camara episcopal de São Paulo, autos *de genere* de Ivo Gordiano.

3 — 6. Manoel Pedroso de Toledo, casou em Taubaté, teve sete filhos:

4 — 1. Francisco Xavier de Toledo.

4 — 2. Antonio Alves de Toledo.

4 — 3. Reginaldo de Toledo, casou com d. Margarida da Silva, filha de Salvador Jorge de Moraes e de Maria Bueno da Silva. Em título de Buenos, Anhangueras.

4 — 4. Theobaldo de Toledo.

4 — 5. D. Isabel Pedroso, mulher de José Rodrigues do Prado.

4 — 6. D. Rosa de Toledo, casou com David do Prado.

4 — 7. D. Leocadia de Toledo, mulher de Lourenço da Cunha Prado.

3 — 7. D. Felicia Pedroso da Rora, casou com Francisco de Albuquerque.

3 — 8. D. Eugenia Pedroso, faleceu em Taubaté em 1927 (23), onde casou a 20 de Junho de 1716 com Manoel da Costa Cabral (24), filho de Pedro Leme do Prado e de Francisca de Arruda Cabral; neto de Manoel da Costa Cabral e de sua mulher Anna Ribeiro. Em título de Vaz Guedes, cap... §... E teve quatro filhos:

4 — 1. D. Anna.

4 — 2. D. Antonia.

4 — 3. D. Ursula.

4 — 4. José.

§ 7.º

2 — 7. Francisco de Freitas de Toledo, casou em São Paulo com Anna da Rocha, natural de São Paulo, filha de Francisco da Fonseca Leitão, natural da vila de Santos, que faleceu em S. Paulo com testamento, a 5 de Janeiro de 1706 (filho do capitão Antonio Amaro Leitão, e d. Isabel da Fonseca, naturais de Santos) (25), e de sua mulher d. Marianna de Sá, filha do capitão Manoel de Sá, natural da vila de Chaves, que foi cavaleiro da ordem de

(23) Cartorio de Taubaté, letra E, n. 5.

(24) Costas Cabraes, da ilha de São Miguel.

(25) Esta d. Isabel da Fonseca foi filha de Domingos da Fonseca Pinto, cujos merecimentos representam os oficiaes da Camara de São Paulo ao senhor rei d. João IV, como tratamos em Buenos, cap. 1.º. Obteve sentença de *nobilitate probanda* na vila de Santos, a 24 de Outubro de 1651, por Paulo do Amaral, ouvidor da capitania de São Vicente. Foi na Bahia vereador, juiz ordinario, guarda-mor da relação, procurador do fisco da inquisição de Lisboa. Da Bahia passou para São Vicente, feito provedor e contador da fazenda real, por provisão do governador geral do Estado d. Fernando Mascarenhas. Depois foi provido em provedor dos ausentes, capelas e residuos, e ouvidor da capitania por Antonio Telles da Silva, governador geral do Estado. Consta isto da sentença primeira e da provedoria da fazenda, liv. n. 4.º liv. de Registos, tit. 1.641, págs. 35 v. e 54.

Cristo, e comendador dela (Cartorio de orfãos de São Paulo, inventarios, letra F, maço 1.º, n. 5, o de Francisco Fonseca Leitão, com testamento); e de sua mulher Anna da Rocha, natural de São Paulo, irmã direita do padre Matheos Nunes de Siqueira. Em título de Nunes Siqueiras, cap.... Este capitão Manoel de Sá casou segunda vez com d. Anna de Moraes, de quem teve tres filhos. Em título de Moraes, cap.... Faleceu d. Anna da Rocha, mulher do capitão Manoel de Sá, com testamento em São Paulo a 15 de Outubro de 1734. E teve Francisco de Freitas do seu matrimonio ... filhos, e entre eles a Antonio de Freitas de Toledo, que casou com .... Em título de Taques, cap. 3.º, § 9.º, n. 3 — 9, 4 — 1 e 5 — 4.

§ 8.º

2 — 8. D. Messia Vaz Cardoso.

§ 9.º

2 — 9. D. Maria Pedroso, casou em Taubaté em 7 de Janeiro de 1692, com João Lopes Cortez, natural de São Paulo, filho de João Lopes de Medeiros, e de sua mulher Marianna da Luz, ambos naturais de São Paulo. Foram os contraentes dispensados em quarto grau de consanguinidade pelo prelado vigario geral João Pimenta de Carvalho. E teve tres filhos:

3 — 1. Innocencio da Fonseca.

3 — 2. João Lopes, casou em São Paulo.

3 — 3. ....

§ 10.º

3 — 10 D. Anna Ribeiro.

§ 11.º

2 — 11. D Catharina de Freitas.

§ 12.º

2 — 12. D. Andreza de Toledo.

§ 13.º

2 — 13. D. Joanna Maria de Toledo, casou com Salvador de Siqueira Leme, natural de Pindamonhangaba, filho de Sebastião

de Siqueira Gil, e de sua mulher Maria Bicudo Cabral. Em título de Costa Cabraes, cap. 5.º, § 2.º. E teve cinco filhos:

3 — 1. Luciano Leme de Toledo, casou duas vezes: a primeira, na freguezia da Piedade, com Maria da..... viuva; segunda vez em Jacarehy, com..... Do primeiro matrimonio sem geração. Do segundo tem geração.

3 — 2. Romualdo de Toledo Leme, casou na Piedade com Maria da Conceição, na familia dos Moreiras Castilhos, de Taubaté. Passou-se para a campanha do Rio-Verde, e faleceu na freguezia de Sapucahy, deixando cinco filhos:

4 — 1. Salvador.
4 — 2. Venancio.
4 — 3. Gertrudes.
4 — 4. Julia.
4 — 5. Joanna.

3 — 3. Salvador da Silva de Toledo, casou em Pindamonhangaba com.....

3 — 4. D. Anna........, casou em Mogy-Guassú com João Martins de Carvalho, natural de Portugal, e ahi faleceu, deixando dois filhos:

4 — 1. Antonio Carvalho de Toledo.
4 — 2. Miguel Martins de Carvalho.

3 — 5. D. Joanna de Toledo Silva, casou em Mogy-Guassú com Ignacio Pedroso Barros, filho de Fernão Bicudo Leme e de sua mulher Luzia Machado. Em título de Machado Barros. E teve quatro filhos.

4 — 1. José de Toledo Barros, nasceu na freguezia da Piedade, casou na freguezia das Lavras do Funil, sítio dos Buenos, com Maria Caetana da Silva, natural das minas de Paranampanema, filha do sargento-mór Salvador Pires Monteiro, e de sua mulher Margarida de Escobar, natural da Piedade, filha de Domingos Ribeiro de Escobar, da ilha de São Sebastião, e de sua mulher Maria do Prado, da familia de Machados Barros, acima. E tem tres filhos:

5 — 1. José, nascido nas Lavras do Funil.
5 — 2. Manoel, em Vila Rica.
5 — 3. Rosalia, em Pitanguí.

4 — 2. Aleixo de Toledo, passou-se para o Rio Pardo do Sul.

4 — 3. Maria de Freitas de Toledo, casou em Pindamonhangaba com Thimoteo Corrêa, filho de Carlos Cardoso, que é pai tam-

bem do capitão Domingos Vieira da Silva, em que falamos neste cap...., § ... Deixou geração.

4 — 4. Rita Margarida Angelica de Toledo, casou primeira vez na Campanha do Rio Verde com Miguel Luiz Moreira, filho do sargento-mor Ignacio Moreira, morador em Garapiranga. Em título de Moreiras Castilhos. Casou segunda vez com Salvador Jorge da Silva, filho do capitão Salvador Jorge de Moraes. Em título de Jorges Velhos ou Buenos Anhangueras. E teve do primeiro matrimonio filha unica Anna, e do segundo sem geração.

§ 14

2 — 14. Manoel de Toledo (filho último de João Vaz da Cunha e d. Anna Ribeiro), casou em Taubaté, a 17 de Junho de 1710, com Maria da Conceição do Prado, filha de Gaspar Martins, e de sua mulher Anna Moreira, e neta paterna de Gaspar da Costa Vianna, de quem já tratamos no § 4.º deste cap. 3.º. Faleceu em Taubaté com testamento a 17 de Maio de 1728. E teve:

3 — 1. D. Anna Ribeiro, casou com Baptista Pinto.

3 — 2. D. Francisca de Toledo, casou com José Pinto dos Santos.

3 — 3. D. Catharina Cortez, casou com José Preto dos Santos.

3 — 4. D. Maria Pedroso, casou com Pedro Guedes.

3 — 5. D. Juliana Antunes, casou com João Corrêa.

3 — 6. Sebastião Fernandes Corrêa, casou com ....., filha de Alberto Pires, filho de Francisco Alves de Castilho.

3 — 7. Joaquim Fernandes Corrêa ou Pedroso de Alavarenga, casou com.....

3 — 8. D. Marianna da Luz.

3 — 9. D. Andreza Cardoso.

3 — 10. D. Luzia do Prado.

3 — 11. D. Potencia do Prado.

RENDONS

Título historico e genealogico da familia de Rendons, das capitanias de São Paulo e da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que escreveu no ano de 1769, na cidade de São Paulo, Pedro Taques de Almeida Paes Leme. E fielmente copiada em Lisboa em 1784.

A ilustre familia de Rendons, Quebêdos, Lunas, Alarcões, Cabeças de Vacca (que por varonia são Sarmentos) da capitania da cidade de São Paulo, e da de São Sebastião do Rio de Janeiro, traz a sua propagação da cidade de Coria, no reino de Leão, em Espanha, e donde eram naturais os Rendons, filhos do fidalgo d. Pedro Matheus Rendon, que foi regedor das justiças na vila de Ocanha, pelo estado dos fidalgos, e de sua mulher d. Magdalena Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca, que se passaram ao Brasil, segundo o real serviço na armada que veiu á Bahia do Salvador de Todos os Santos com o general dela d. Fradique de Toledo Ozorio, marquez de Uvaldêça, no ano de 1625, pelo motivo seguinte:

Via-se o reino de Portugal subido a maior magestade na reputação, no imperio e nas riquezas, quando tudo viu sepultado nos campos da Africa, chorando a perda de um principe mais belicoso, que advertido, sendo-lhe successor um monarca menos aconselhado, que remisso; este foi o sr. cardeal d. Henrique, o qual tomou a coroa mais para a levar á sepultura, que para a subir ao trono; porque com ano e meio de reinado, o alcançou a morte no seu paço de Almerim, em 31 de Janeiro de 1580, anos com 78 de idade.

Apoderou-se do reino pelo direito das armas, el-rei d. Filipe II, de Castela, e 1.º em Portugal, tão favorecido do seu poder, do tempo e da fortuna, como desamparado de justiça e da razão. Desta sorte, unido o reino de Portugal á coroa de Castela, ficou sujeito ao odio com que todas as nações da Europa se opunham á grandeza da monarquia espanhola, tanto mais aborrecida, quanto mais dilatada.

Ardia neste tempo a guerra nos Estados de Flandres entre holandeses e espanhóes: aqueles por defenderem a rebeldia, estes por castigarem a rebelião. No anno de 1581 se rebelaram as oito provincias unidas, formando uma república democratica; e negando a obediencia ao seu natural senhor, lhe disputaram as armas com a maior constancia e com o valor mais intrepido, ganhando

insignes vitorias contra numerosos exercitos. Achava-se com a posse e governo de dois mundos desde 1621 el-rei d. Filipe IV, de Castela, e terceiro em Portugal, quando os holandeses dispunham uma grande armada para invadirem a cidade do Salvador de Todos os Santos, capital do Estado do Brasil. Esta se achava naquele tempo no descuido e grandeza que costuma resultar da longa paz; e esquecidos os seus moradores das frechas dos inimigos naturais, não cuidavam das balas dos estranhos; porque nos animos que invilece o ocio, ou a opulencia entorpece, não fazem consternação os perigos no ameaço, senão na ruina. Tinha por este tempo as redeas do governo real do Estado, Diogo Furtado de Mendonça, quando em 9 de Maio de 1624 chegou á barra da Bahia a armada holandesa, composta de 25 vasos, com 3.400 homens de guerra, trazendo por seu general a Jacob Vilhe Khens, por almirante a Petre Petrid, inglês de nação, e por mestre de campo de toda a infantaria a João Darth. Por interpresa foi ocupada a cidade, aproveitando-se o inimigo do nosso descuido, primeiro que a presteza da sua diligência. Quem não sabe temer, não sabe prevenir, e no repente dos assaltos obra mais a confusão dos invadidos, que o valor dos invasores.

Chegou a noticia do successo a Lisboa, que mediu o dano pela perda, e sentiu com excesso a desgraça. A Madrid chegou tambem a noticia da ruina, que despertou o letargo em que jazia aquela corte no descuido das conquistas. Dispôz logo o conde duque de Olivares duas poderosas armadas; uma em Castela, e em Portugal outra. Escreveu el-rei d. Filipe IV de sua real mão aos governadores do reino de Portugal, os condes de Portalegre e de Basto, e a outros muitos grandes, com encarecidos termos, o muito que esperava do valor e lealdade portuguesa naquele empenho, que tocava a toda a monarquia. Em uma e outra, se preveniram armadas: na de Portugal se alistou grande número de fidalgos da maior esfera, uns com praça de soldados, outros com nome de aventureiros, sendo general dela d. Manuel de Menezes, tão célebre então pelo nacimento, valor e mais morais virtudes, como depois pelas desgraças. A de Castela não era de menor aparato, antes superior em naus, gente e experiencia: nela vinham varios titulos e fidalgos de elevada grandeza; uns já famosos na profissão da guerra, e outros que escolheram esta ocasião para ensaio do seu novo militar emprego. Entre estes soldados vieram tres filhos do fidalgo d. Pedro Matheus Rendon que foram d. João Matheus Rendon, d. Francisco Rendon de Quebedo e d. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca. Depois, já no ano de 1640, veiu outro irmão, d. José Rendon de Quebêdo, com instrumento da sua fidalguia, e dela fazemos menção em n. 3.º deste título.

Estas duas armadas, com o número de 66 vasos, 12.000 homens e 1.015 peças de artilheria, entraram pela barra da Bahia na sexta-feira da semana santa, 28 de Março de 1625. Desembarcou a nossa infantaria, saiu á terra, escolheu sítio, formou quarteis,

levantou trincheiras, dispôz plataformas, acomodou artilheria e bateu as fortificações do inimigo, vigilante em se defender, até que desenganado e oprimido, entregou a cidade salvas as vidas, e saiu em 20 de Abril do mesmo ano, corrido e castigado o mesmo orgulho que a 9 de Maio do ano antecedente tinha entrado triunfante e atrevido; deixando-nos a cidade tão abastecida e municionada, como se só entrara nela a deixar fortalecida. Esta guerra anda difusamente narrada na *Nova Lusitania;* no *Castrioto Lusitano;* no *Portugal Restaurado* e na *America Portuguesa.* Nós aqui somente tocamos nela por conta da passagem, que na armada castelhana fizeram os tres irmãos Rendons, já referidos, como assunto deste genealogico e historico título de Rendons.

A cada um destes tres irmãos fez el-rei d. Filipe IV, por seu alvará mercê de tres escudos de mais por mês, além da praça ordinaria que venciam (1). Acabada a guerra da Bahia e lançada dela os belgas, se retiraram as armadas, largando as velas no dia 4 de Aogsto do mesmo ano de 1625. Ficaram continuando o real serviço os tres fidalgos Rendons, até que se passaram para São Paulo, como iremos mostrando no decurso deste título, no qual veremos a cada um deles em seu distinto número, para melhor percepção dos ramos que propagaram.

N. 1. D. João Matheus Rendon.
N. 2. D. Francisco Rendon de Quebêdo.
N. 3. D. José Rendon de Quevedo.
N. 4. D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca.

D. João Matheus Rendon veiu da Bahia para a cidade de São Paulo onde fez assento. Nela levantou uma companhia de infantaria á sua custa, para a restauração de Pernambuco, que se achava possuido do inimigo holandês, desde 4 de Fevereiro de 1630, em que tinha entrado a sua armada composta de 70 velas, contando-se entre elas poderosas náus com 8.000 homens de guerra, que governavam dois generais, Henrique Lonc, no mar, e Theodoro de Wandemburgo, na terra. Em a matriz de São Paulo, a 17 de Novembro de 1631, casou d. João Matheus Rendon; e no assento deste casamento se declarou que era natural da cidade de Coria, filho de d. Pedro Matheus Rendon e de sua mulher Magdalena Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca, com d. Maria Bueno de Ribeira, filha de Amador Bueno e de sua mulher d. Bernarda Luiz, todos naturais de São Paulo (2). Deste grande paulista Amador Bueno e das suas ações, cargos e ilustre ascendencia tratamos em título de Buenos, cap. 1.º.

---

(1) Cart. da provedoria da fazenda real de São Paulo, liv. de registos das sesmarias, n. 8, ano de 1633 até o de 1638, pág. 53.
N. 12, ano de 1636 até 1696, pag. 27 v.
Vid. liv. de datas, tit. 1.637, fl. 89, e tit. 1633, fl. 42 e seguintes.

(2) Livro 1.º de assentos dos casamentos da matriz de São Paulo, no ano de 1631, o de d. João Matheus Rendon.

Do matrimonio de d. João Matheus Rendon e dona Maria Bueno de Ribeira (que faleceu em São Paulo a 7 de Novembro de 1646) (3) nasceram em São Paulo cinco filhos, que foram:

D. Pedro Matheus Rendon e Luna Cap. 1.º
D. João Matheus Rendon .... Cap. 2.º
D. José Rendon .... Cap. 3.º
D. Ignez de Ribeira .... Cap. 4.º
D. Anna de Alarcão e Luna ...... Cap. 5.º

CAPÍTULO I

1 — 1. D. Pedro Matheus Rendon e Luna, casou na matriz de São Paulo com d. Maria Moreira Cabral, filha de Luiz da Costa Cabral e de sua mulher Luzia Moreira, ambos naturais de São Paulo, em cuja matriz casaram a 21 de Abril de 1652. Este Luiz da Costa Cabral foi mandado por parte dos camaristas de São Paulo beijar a mão ao sr. rei d. João IV, restituido ao trono de Portugal, levando por adjunto a Balthazar de Borba Gato, e ambos foram recebidos com benigno agazalho do soberano monarca, que se dignou agradecer esta obediencia por carta firmada do seu real punho, datada em Lisboa a 24 de Setembro de 1643 (4). Neta pela parte paterna de Simão da Costa, natural da cidade de Beja (filho de Luiz da Costa Cabral, cavaleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher d. Antonia Gomes Fróes, ambos da cidade de Beja) e de sua mulher Branca Cabral, natural de São Paulo, irmã direita de Pedro Alves Moreira, que foi pai dos honrados paulistas, o alcaide-mor Jacintho Moreira Cabral, que faleceu na vila de Sorocaba, e do coronel Pascoal Moreira Cabral, aos quais dois irmãos elegeu o sr. d. Pedro II, para penetrarem o sertão das serras de Caativa e Biraçoiaba, e nelas fazerem os exames das pedras de prata e descobrimentos de minas de ouro com fr. Pedro de Sousa, a quem o mesmo senhor enviara para êste efeito com cartas firmadas do seu real punho, datadas em Maio de 1682 (5), nas quais trata sua magestade a Jacintho Moreira Cabral com o carater de alcaide-mor, e a Pascoal Moreira com o de coronel.

Por sua avó Branca Cabral, foi bisneta de Pedro Alvares Cabral, natural da ilha de São Miguel (traz a sua origem da casa de Belmonte, como escreve o rev. dr. Gaspar Fructuoso, a quem seguiu o padre Antonio Cordeiro, do colegio da cidade da Ponte Delgada, no seu livro *Historia Insulana,* impresso em Lisbôa em

(3) Orfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra M, n. 11.

(4) Arquivo da Camara de São Paulo, livro de registros, capa de couro, n. 2, tit. 1.642, pág. 13 v.

(5) Secretaria do conselho ultram, livro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1.673 até 15 de Dezembro de 1700, pág. 30.

1717), e de sua mulher Susana Moreira, natural de São Paulo, irmã direita de Maria Moreira, que foi mulher de Innocencio Preto, natural de Portugal, ouvidor da capitania de São Paulo e São Vicente, em cuja camara tomou posse no livro tit. 1.684, pag. 49, e foi um dos primeiros e nobres povoadores desta vila com mais irmãos, José Preto, Manoel Preto e Sebastião Preto, que todos vieram pelos anos de 1562, na companhia de seu pai Antonio Preto, que depois de ter feito muitos serviços a Deus, a el-rei e ao donatario da capitania Martim Affonso de Sousa, voltou para o reino, e trazendo sua mulher se estabeleceu em São Paulo, em 1574, onde já se achavam os quatro filhos (6). Terneta de Jorge Moreira, natural do Rio Tinto, da cidade do Porto, pessoa de estimada nobreza, que veio em 1545 para a vila de São Vicente, da qual foi capitão-mor governador, e onde casou com Isabel Velho, natural da cidade do Porto, de onde com seus irmãos, os padres Gabriel Rodrigues e Antonio Rodrigues, ambos presbiteros do hábito de São Pedro, Garcia Rodrigues, Francisco Rodrigues Velho, Jorge Rodrigues e as irmãs Maria Rodrigues, mulher de Salvador Pires, Mecia Rodrigues, mulher de Domingos Gonçalves de Mendonça, e outras mais que tinham vindo para São Vicente na companhia de seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velha, ambos da cidade do Porto.

Foi d. Maria Moreira Cabral, mulher de d. Pedro Matheus Rendon e Luna, pela parte materna, neta de Innocencio Preto e de sua mulher Maria Moreira, os mesmos de que falamos supra. D. Pedro Matheus Rendon, segundo uma nota do major Pedro Taques, se passou de São Paulo para a Ilha Grande com seu sogro Luiz da Costa Cabral, em 1651, e descobriu os matos do rio Piraí, em cujas terras teve sesmaria em 1656. Seu pai foi tambem para a Ilha Grande. E se é certo que d. Pedro foi para a Ilha Grande em 1651, não é provavel que casasse em 1652 em São Paulo, em cujos livros da matriz se não acha tal casamento; certamente casaria na dita Ilha. Teve d. Pedro Matheus Rendon e Luna seis filhos, que são os seguintes:

Filhos de d. Pedro Matheus Rendon e Luna:

2 — 1. D. João Matheus Rendon .... § 1.º
2 — 2. D. Pedro Matheus Rendon .... § 2.º
2 — 3. D. José Rendon Quebedo ..... § 3.º
2 — 4. D. Luiz Rendon de Quebedo ... § 4.º
2 — 5. D. Francisco Matheus Rendon.. § 5.º
2 — 6. D. Maria Cabral Rendon ...... § 6.º

(6) Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registos das semarias, n. 3, tit. 1.618 até 1.620, pág. 1. Livro n. 1, tit. 1.562, pag. 159.

§§ 1.º e 2.º

2 — 1. D. João Matheus Rendon: faleceu solteiro, nas minas de Paranaguá.

2 — 2. D. Pedro Matheus Rendon: faleceu solteiro, nas Minas Gerais, na ocasião do levantamento dos europeos contra os paulistas.

§§ 3.º e 4.º

2 — 3. D. José Rendon de Quebedo, e

2 — 4. D. Luiz Rendon de Quebedo, seguiram o real serviço, saindo de São Paulo em 1679, com o governador d. Manoel Lobo, que foi fundador na ilha de São Gabriel do Rio da Prata, uma fortaleza e nova colonia, a que deu o nome de cidade do Sacramento. Para esta ação saíu de Lisboa d. Manoel Lobo com patente de governador e capitão-general do Rio de Janeiro, com ordem de que, logo que tomasse posse do dito governo, passasse ao Rio da Prata a formar as fortificações necessarias para uma nova colonia por carta datada em Lisboa, a 12 de Novembro de 1678 (7). Subiu a São Paulo a tratar a materia de sua comissão com os paulistas Fernão Dias Paes de Barros e Fernando Dias Paes Leme, para os quais trazia cartas do principe regente, o sr. d. Pedro para darem toda a ajuda e socorro a d. Manoel Lobo, para se conseguir a pretenção, a que vinha dirigido: assim se vê da carta para Fernão Paes de Barros cuja fiel copia é do teor seguinte:

"Fernão Paes de Barros. Eu, o principe, vos envio saudar. O governador d. Manoel Lobo vos ha de dar conta de um negocio de meu serviço, que, pondo-se em efeito, redundará em augmento dos meus vassallos, principalmente dos que vivem n'essa repartição do Sul. E porque estou inteirado do zelo, com que vos haveis em varios particulares do meu serviço, espero, que n'este ajudeis a d. Manoel Lobo com vossa pessoa, escravos e o mais que vossa possibilidade der lugar, para que se consiga o que se pretende, e me ficará em lembrança, para vos fazer mercê.

Escripta em Lisboa, a 12 de Novembro de 1678. "Principe".

Para Fernão Paes de Barros.

Deste mesmo teor foi a carta para Fernando Dias Paes Leme, como temos escrito em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, número 3.

Chegando a São Paulo o fidalgo d. Manoel Lobo, foi hospedado com grandeza e abundancia por Fernão Paes de Barros todo o tempo que precisou demorar-se, dispondo o necessario para a viagem, que tinha de fazer para a ilha de São Gabriel. Deu-lhe em dinheiro cem mil réis, e tres cavalos dos melhores que tinha

(7) Carta da provedoria da fazenda da praça de Santos. Livro de registros das ordens n. 3, tit. 1.678 até 1684, pág. 26 v.

em sua cavalariça; e porque no almoxarifado da praça de Santos não havia dinheiro para suprir as despesas que tinha de fazer d. Manoel Lobo, apareceu no senado da camara de São Paulo Fernão Paes de Barros, e representou aos oficiais dela, que para o serviço de sua alteza tinha quarenta arrobas de prata, nas baixelas de sua copa; que todas oferecia para que, ou se fundissem, ou se empenhassem, ou se vendessem, com tanto que se efetuasse o real serviço, de que vinha encarregado o governador d. Manoel Lobo. Tudo consta do termo de vereança em um dos livros do ano de 1679, e tambem dos papeis de serviços do dito Barros, processados em São Paulo, em 1685, perante o juiz ordinario Diogo Barbosa Rego, sendo escrivão dos autos o tabelião Roque Mendes da Silva.

D. Manoel Lobo retirou-se de São Paulo a embarcar-se no porto de Santos para a cidade do Rio de Janeiro, levando em sua companhia, como soldados aventureiros, aos dois irmãos d. José e d. Luiz Rendon de Quebêdo, os quais, em companhia do mesmo d. Manoel Lobo, embarcaram no Rio de Janeiro, a demandar a ilha de São Gabriel, onde chegaram a salvamento com o corpo militar de infantaria do presidio daquela praça, e da que veiu da Bahia com todos os petrechos de guerra e artilharia grossa, capaz de cavalgar nas carretas da nova fortaleza, que iam fazer construir.

Elegeu d. Manoel Lobo o sítio, e nele fundou a cidade da Nova Colonia do Sacramento e a sua fortaleza, de donde escreveu aos oficiais da camara de São Paulo, em Fevereiro de 1680, pedindo mantimentos de carnes de porco e tresentos alqueires de feijão, e que tudo mandaram entregar no porto de Santos a Diogo Pinto do Rego, capitão-mor governador da capitania de São Vicente, a quem escrevia para fazer prontificar embarcação que conduzisse estes generos para o Rio da Prata. Enviou por agente desta expedição a João Martins Claro, a quem Fernão Paes de Barros entregou 150 arrobas de carne de porco, mil alqueires de farinha de trigo e cem de feijão, sem mais interesse que a honra desta serventia.

Achava-se em S. Paulo o tenente de mestre de campo general Jorge Soares de Macedo, mandado por sua alteza para acompanhar para as minas de Paranaguá e para o sertão de Sabarabuçú ao administrador geral d. Rodrigo de Castel-Blanco, natural do reino de Castela (V. em título de Lemes, cap. 5.º, § 5.º, n. 3), que da cidade da Bahia tinham vindo, trazendo uma companhia de sessenta soldados infantes da qual era capitão Manoel de Sousa Pereira e alferes Mauricio Pacheco Tavares; e se dispôz por determinação do dito administrador geral a passar o Rio da Prata, e dali principiar a examinar todo o sertão da costa pelo interesse de descobrir minas de prata e ouro. Para este efeito preparou-se em São Paulo de todo o necessario, elegendo ao paulista Braz Rodrigues Arzão para capitão-mor de toda a gente da leva, de que lhe passou patente o dito tenente-general em São Paulo, em 15 de Janeiro de 1679; ao paulista Antonio Affonso Vidal para sargento-mor da

dita leva por patente com a mesma data; com outros muitos paulistas, que então seguiram este real serviço, como foram Manoel da Fonseca, Manoel da Costa Duarte, João Carvalho, João de Góes Raposo e seu irmão Manoel de Góes Raposo, Francisco Dias Velho e seu irmão José Dias Velho, além de outros, dos quais não descobrimos documento algum, que nos declarasse quem eles foram; e com duzentos indios, bons sertanistas. Para esta jornada recebeu Jorge Soares de Macedo dos oficiais da camara de São Paulo dois contos e cincoenta mil réis em dinheiro, doze catanas, dezenove espingardas, quinze arrobas de tabaco de rolo, três mil alqueires de farinha de trigo, tresentas arrobas de carne de porco, cem alqueires de feijão, oito mil varas de pano de algodão torcido em tres linhas e duas arrobas de fio singelo (8). Todos estes generos fizeram conduzir para o porto de Santos os oficiais da camara de São Paulo a entregar ao dito tenente-general Macedo. Este ali embarcou em fins de Março de 1679 com sete sumacas, das quais era capitão de mar Manoel Fernandes, por patente do mesmo Macedo datada em Santos, a 29 de Janeiro de 1679, levando nelas toda a gente da sua conduta, indios, fábricas minerais de sua alteza, fazendas, mantimentos, e tudo o mais necessario. Teve tres arribadas por contrarios ventos e temporais grandes, que levaram ao fundo uma sumaca, sem escapar do naufragio, viva criatura; e tres foram de arribada tomar o porto da ilha de Santa Catharina; e Macedo, com outras tres, tomou a barra de Santos. Desta vila, penetrou por terra a costa do Sul, e pelo sertão chegou á ilha de Santa Catharina. Estando nela, recebeu ordem do governador d. Manoel Lobo para ali postar com a infantaria e mais gente da sua conduta, aplicando á manobra de serrar madeiras e taboados, fazer cal de ostras e fazer carvão, para tudo servir na povoação da Nova Colonia: tudo fez assim executar o dito Macedo. Depois teve segunda ordem do mesmo governador d. Manoel Lobo para embarcar em uma sumaca, e nela ir para a ilha de São Gabriel (9), a qual ordem é do teôr seguinte:

"Ordeno ao capitão Manoel da Costa Duarte, que ficou por cabo da gente e indios que assistem na ilha de Santa Catharina, conserve a dita gente e indios, não lhes permitindo saiam da ilha senão aquellas pessoas de que muito se fiar, principalmente aquelles indios, que tiverem algum prestimo, assim de oficiais mecanicos, como os que tiverem capacidade para acompanharem os brancos nas jornadas dos sertões, por assim convir ao serviço do principe nosso senhor, e esta se cumprirá tão inteiramente como nela se contém. Dada nesta cidade do Sacramento, aos 8 de Abril de 680". — D. Manoel Lobo.

---

(8) Arquivo da Camara de São Paulo, liv. de vereanças, tit. 1.675, pág. 62, *usq.* 75 v.

(9) Carta da provedoria da praça de Santos, livro de registros das ordens, n. 5, titulos 1.693 até 1.701, pág. 81 v., na carta patente do mestre de campo Jorge Soares de Macedo, governador da praça de Santos, datada em Lisbôa, a 26 de Janeiro de 1700.

Embarcado o tenente-general Jorge Soares de Macedo com algumas pessoas de avultado nome, deu velas a sumaca a demandar o Rio da Prata; porém, na altura do cabo de Santa Maria, deu a embarcação á costa com uma grande tempestade. Salvou-se miraculosamente o dito tenente-general e 24 companheiros, cada um arrimado a sua taboa, perecendo todos os mais com tudo quanto ia na dita sumaca. Os naufragos que saíram á tera, se puseram em marcha, a demandar a Nova Colonia. Já por então haviam os jesuitas da missão de Yapejú despedido uma grande tropa de indios, armados a ocupar o sertão do costa do Sul, assim como outra tropa de canoas tinha ocupado a navegação do rio Paranãa, pelo justo temor de que de São Paulo saia grande socorro a unir-se com d. Manoel Lobo; assim o declara o livro intitulado *Insignes Misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay*, livro 3.º, cap . 10 até o cap. 13, posto que é obra jesuítica, como se conhece do estilo dela e da acomodação dos textos sagrados ao seu intento e com o nome de dom Francisco Xarque de Andela. O tenente-general Jorge Soares de Macedo e seus 24 companheiros foram encontrados da tropa destes indios, que a todos aprisionaram e conduziram até a missão de Yapejú, da qual foram mandados para Buenos Aires, onde foram presos no carcere da fortaleza, com sentinelas á vista, como consta da carta patente do mesmo Jorge Soares, citada na margem retro; e entre eles o capitão-mor Braz Rodrigues Arzão e o sargento-mor Antonio Affonso Vidal, ambos paulistas.

Tendo já o governador d. Manoel Lobo completa a obra da fortaleza da Nova Colonia e cidade de Sacramento teve dela noticias d. José do Garro, cavaleiro da ordem de São Tiago, governador e capitão-general da provincia de Buenos Aires, que por prevenção tinha pedido socorro a d. Filipe Rege Corbalan, governador da provincia de Paraguay, o ao tenente-general Martim de Garayar, que governava a cidade de Cordoba. Por este tempo, se achava na cidade de Salta, d. João Dias Andino, governador da provincia de Tucuman; porém os avisos contra d. Manoel Lobo chegaram até ao vice-rei do Perú, que então era o exmo. arcebispo de Lima, o dr. d. Melchior de Linhan. Escreveu tambem ao superior de todos os jesuitas das missões dos indios o padre Christovam Altamirano; e só a redução de Yapejú, que fica no rio Uruguai 20 leguas antes de Buenos Aires, prontificou tres mil e tresentos indios de armas, distribuidos em companhias de cem homens, dois mil cavalos em pêlo, quinhentas mulas de carga para a condução do trem e duzentos bois de carretas para puxarem a artilharia, que o general Garro quizesse encaminhar ao campo inimigo.

Estando pronto um pé de exército capaz de qualquer ação de batalha, enviou Garro varios protestos ao governador d. Manoel Lobo, requerendo-lhe desamparasse o sítio que ocupava, por serem as terras dele, de el-rei de Castella; e que lhe concederia todos os partidos que propuzesse, contanto que lhe evitasse o rompimento

da guerra, pelo que lhe oferecia todas as embarcações e viveres necessarios para se restituir ao Rio de Janeiro; e que lhe mandaria entregar livres os prisioneiros que já se achavam na cidade de Buenos Aires com o tenente-general Jorge Soares de Macedo. Constante, porém, o valor de dom Manoel Lobo, se não deixou vencer do terror, com o que o castelhano lhe representava o seu direito e força de suas armas no corpo do exército com que o ameaçava.

Desenganado o castelhano de que o português não cedia da constancia do seu valor, fez pôr em marcha o seu exército á disposição do mestre de campo d. Antonio de Vera Moxica, a cujo valor e pericia militar fiou Garro todas as operações da batalha. No dia 6 de Agosto de 1680 se moveu o exército do campo inimigo pela forma seguinte: Quatro mil cavalos em pêlo sem serem montados de pessoa alguma vinham adiante em um só corpo montuoso. Logo atrás tres mil indios de armas, divididos em tres batalhões, que governavam os mestres de campo, tambem indios, João de Aguilera, João de Frutos e Alexandre de Aguirre. A retaguarda ocupavam os soldados hespanhoes de tropas pagas do 3.º mestre de campo d. Francisco de Gusmão e Tejada, da cidade de Cordova, ficando na de Buenos Aires dois mil homens de armas para a defender no caso de ficar o exército derrotado e de intentarem os portugueses sorprezar a dita cidade, considerando-a menos presidiada. Todos marchavam a pé, porque discorria o mestre de campo Moxica que, empregada a artilharia da fortaleza, no corpo montuoso e dilatado, que formava o número de quatro mil cavalos avulsos, podiam os indios e os soldados hespanhoes com presteza militar levar por assalto a dita fortaleza, antes que a artilharia dela repelisse a sua segunda descarga. Esse discreto, ou nescio discurso, que não é da nossa inteligencia aplaudí-lo, ou condená-lo, se distraíu para logo, quando os mestres de campo Aguilera, Frutos e Aguirre, com os tres mil indios dos seus terços, começaram a murmurar e a queixar-se de que os levavam a morrer, e não a pelejar. E perguntados por que causa apreendiam tão infausto sucesso, responderam que, sentindo os cavalos o éco da artilharia e as balas dela, haviam de voltar atrás com tão furioso impeto, que atropelariam e poriam em desordem os esquadrões. Julgou Muxica prudentissimo este temor, e mandou que retirados os cavalos, marchasse o exército. Chegou este á fortaleza pouco antes de romper a alva, quando a sentinela de um baluarte fez sinal com um tiro de canhão e cujo estrondo foi entrada a fortaleza pelos soldados de d. Ignacio Amandiu, pelo mesmo baluarte, onde primeiro mataram a sentinela dele; e, acudindo todo o corpo militar da praça, avançaram pela parte da cidade os tres mil indios dos terços dos mestres de campo já referidos. Travou-se entre portugueses e inimigos uma rigorosa disputa de armas assim de fogo, como de balas em funda, maças e outros instrumentos de guerra, de que vinham petrexados os indios. Neste dia estava enfermo

de cama e purgado o governador d. Manoel Lobo, porém as forças do corpo lhe não diminuiram o valor do ânimo. Em viva peleja, sustentamos tres horas largas este assaltos com valor e obstinação portuguesa. Entre muitos se fez distinto Manoel Galvão, capitão de infantaria da praça do Rio de Janeiro, que montado a cavalo, com a espada na mão, feria e matava, animando a todos, e reforçando por muitas partes os batalhões, até perder a vida. Imitou os seus altos espiritos sua mulher d. N...., que, ao lado do marido, movia a espada, tão ligeira, que parecia raio, e continuou assim ainda depois de o ver morto até que teve a mesma sorte que a de seu esposo. E' lastima não declarar-se o nome desta matrona.

Perdemos a batalha e a praça, ficando muitos prisioneiros, entre os quais sabemos de d. Francisco Naper de Lancastre, o capitão Simão Farto, com 12 soldados da sua companhia, os dois irmãos d. José e d. Luiz Rendon de Quebêdo, que até no destino de serem prisioneiros tiveram a sorte de fazer fiel companhia ao governador dom Manoel Lobo, a quem acompanhou desde a saída de São Paulo, porque tambem ficou prisioneiro e foi conduzido para a cidade de Buenos Aires, e metido na mesma prisão, em que se achava o tenente-general Jorge Soares de Macedo, e ambos foram presos até 9 de Novembro do ano de 1681, em que foram soltos para assistirem a entrega e restituição da Nova Colonia; porém, Macedo, querendo passar a Portugal, foi para a cidade de Lima, onde se embarcou nos galeões de Hespanha, como tudo consta da sua carta patente de mestre de campo e governador da praça de Santos, da qual já temos feito menção.

D. José e d. Luiz Rendon de Quebêdo se deixaram ficar em Buenos Aires, depois que conseguiram a liberdade pelo tratado provisional, celebrado entre as duas coroas de Portugal da Nova Colonia, que se assinou em Lisbôa, a 7 de Maio de 1681, por parte do sr. d. Pedro, principe regente, sendo seus plenipotenciarios o duque de Cadaval, o marquês de Fronteira e o bispo d. fr. Manoel Pereira, secretário de Estado; e, por parte de el-rei, dom Carlos II, o duque de Jovenasso, seu embaixador extraordinario na corte de Lisboa, com pleno poder para este negocio. E teve efeito esta restituição, entregando-se a dita cidade a Duarte Texeira de Chaves, que veiu de Lisboa em Janeiro de 1682, com ordem régia para que, logo que tomasse posse do governo da capitania do Rio de Janeiro, passasse á Nova Colonia, para tomar entrega dela na forma do dito tratado. (Camara de São Paulo, livro de registro, tit. 1675, pág. 84 v.).

Em Buenos Aires, com eleição igual ás suas qualidades, casaram os dois irmãos Rendons, e se corresponderam com seu irmão d. Francisco Matheus Rendon, em São Paulo, cujas filhas foram pedidas para passarem áquela cidade á custa dos grandes cabedais que os tios possuiam, se as sobrinhas quizessem abraçar o estado de religiosas em um dos mosteiros daquela cidade. Se nela deixaram descendencia, ignoramos.

§ 5.º

2 — 5. D. Francisco Matheus Rendon (filho de dom Pedro Matheus Rendon, do cap. 1.º), casou em São Paulo, com d. Maria de Araujo, filha do capitão-mor governador e alcaide-mor da capitania de São Vicente e São Paulo, Pedro Taques de Almeida e de sua mulher d. Angela de Siqueira. (* Faleceu a 14 de Março de 1733. Orf. de São Paulo, maç. 3.º n. 11, let. F). Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 3.º. E do seu matrimonio nasceram em São Paulo seis filhos:

3 — 1. Pedro Taques de Almeida.
3 — 2. D. Francisco Taques Rendon.
3 — 3. D. Maria da Assumpção e Araujo.
3 — 4. D. Angela de Siqueira Rendon.
3 — 5. D. Ignacia Francisco Xavier Rendon.
3 — 6. D. Custodia Paes Rendon.

3 — 1. Pedro Taques de Almeida nasceu a 8 de Março de 1701.

3 — 2. D. Francisco Taques Rendon, nasceu ao 1.º de Novembro de 1699. (* Acho outro assento, á f. 104 v., de 4 de Janeiro de 1698, de nome de Francisco, filho dos mesmos pais).

3 — 3. D. Maria de Assumpção.

3 — 5. D. Ignacia Francisca Xavier Rendon, nasceu a 3 de Julho de 1696, (fl. 122) e faleceu.

3 — 6. D. Custodia Paes Rendon, filha última, nasceu a 15 de Julho de 1708, (fl. 192) e faleceu.

3 — 4. D. Angela de Siqueira Rendon de Quebêdo, primogenita, nasceu a 20 de Março de 1625, (fl. 113), (filha de d. Francisco Matheus Rendon, do § 5.º), casou com Diogo de Toledo Lara, seu tio em 3.º gráu de consanguinidade mixto, com o 2.º, em cujo impedimento foram dispensados pelo exmo. bispo. Foi natural de São Paulo e cidadão da sua republica, cujos honrosos cargos serviu sempre, e de juiz ordinario e orfãos. Por eleição de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general da capitania de São Paulo, minas do Cuiabá e dos Guaiazes, governou muitos anos as minas de Parnampanema e as de Apiaí, com patente de capitão-mor e regente delas. Datada em 26 de Agosto de 1725 (10).

Foi segundo padroeiro do altar de Nossa Senhora da Purificação da igreja do colegio dos jesuitas de São Paulo, onde todos os anos fazia a festa no dia 2 de Fevereiro, com muita solenidade; e, por falecimento, deixou em dinheiro estabelecido um redito para as despesas desta festa, a qual se obrigou o reitor por si e seus sucessores. Foi filho de João de Toledo Castelhano (* Faleceu a 2

(10) Arquivo da Camara de São Paulo, livro de registros, tit. 1.721, pág. 185 v. secretaria do govêrno de São Paulo, livro 2.º do registro geral, á fl. 38 v.

de Fevereiro de 1726, e nasceu a 5 de Março de 1642. Liv. de batizados e obit. da cidade de São Paulo), natural e cidadão de São Paulo; e de sua primeira mulher, d. Maria de Lara, que foi irmã inteira do capitão-mor governador e alcaide-mor Pedro Taques de Almeida, de quem já tratamos neste § 5.º. Neto pela parte paterna de d. Simão de Toledo Piza, natural da cidade de Angra da Ilha Terceira e de sua mulher d. Maria Pedroso, com quem casou, na matriz de São Paulo, a 12 de Fevereiro de 1640. Este d. Simão de Toledo Piza tinha militado assim nos presidios como nas armas de Castela (11). Em São Paulo faleceu, no ano de 1668, tendo ocupado repetidas vezes os honrosos cargos da republica e foi juiz de orfãos, proprietario por mercê do marquês de Cascaes, donatario da capitania de São Paulo. Os grandes serviços que fez a el-rei e á republica, nesta capitania constam no livro 4.º de registros, tit. 1644, pag. 30 v. do arquivo de camara de São Paulo, de cuja capitania e da de São Vicente tinha sido ouvidor de que tomou posse a 16 de Julho de 1666, na camara capital de São Vicente. Foi este d. Simão de Toledo Piza, filho de d. Simão de Toledo Piza natural de Madrid, que faleceu na Ilha Terceira, em posto de sargento-mor de infantaria, com o qual tinha vindo na armada, de que foi general d. Alvaro de Bazan, marquês de Santa Cruz, no ano de 1588, contra mr. de Chatres, cavaleiro de Malta, que se achava ocupando aqueles mares a favor do sr. d. Antonio Prior do Crato (cuja voz seguiam os moradores das ilhas), refugiado em França, contra o poder de el-rei d. Felippe II de Castela e 1.º em Portugal. Na batalha naval, que durou cinco horas, perdeu um olho o sargento-mor d. Simão de Toledo Piza, e ficando morador na Ilha Terceira, nela casou com d. Gracia da Fonseca Rodovalho, irmã direita do deão daquela sé, chamado o Rabaço, que instituiu o morgado da ilha do Pico Redondo, e el-rei o aposentou com o mesmo soldo de sargento-mor, fazendo-lhe mercê de mais 200 cruzados cada ano, além de sua praça, em atenção a qualidade do seu ilustre sangue, como consta do alvará desta mercê, registrada na vedoria da Ilha Terceira, tendo-se consumido o original em nosso poder, em 1755, em que nos achavamos em Lisboa quando foi do terremoto e incendio das casas, onde moravamos, junto á igreja dos Martires, abaixo do cemiterio de São Francisco da cidade. Teve o dito sargento-mor duas filhas, que el-rei d. Felippe as mandou recolher para Madrid, e as acomodou em religiosas em um dos mosteiros dessa corte; e dois filhos que foram d. Gabriel e d. Simão, e a ambos concedeu uma praça de soldo com tres escudos de vantagem, até terem idade de tomar armas, como consta do real alvará, registrado na vedoria da Ilha Terceira, cujos originais tambem se consumiram, reduzidos em cinzas em nosso poder em Lisboa, com outros muitos papeis e certidões de serviços do sargento-mór d. Simão de Toledo

(11) Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registros das semarias, n. 9, tit. 1.638 até 1.612, pag. 206 v.

Piza, e de seu filho do mesmo nome, que antes de vir para São Paulo, tinha estado em Madrid já em patente de capitão de infantaria do presidio da Ilha Terceira, para onde recolhendo-se teve não sei que sucesso, pelo qual foi preso no castelo daquela ilha, do qual fugitivo se passou ao Brasil e casou em São Paulo, no ano de 1640, como fica declarado. Ele assim o expressou no seu testamento, constituindo nele herdeiro dos seus serviços ao filho João de Toledo Castelhanos, e dos serviços de seu pai o sargento-mór d. Simão de Toledo Piza; o qual, antes de vir na armada com o general dela, marquês de Santa Cruz, tinha militado com d. João de Austria, com quem se achara na batalha de Lepanto, ganhada aos turcos, em 7 de Outubro de 1571, e na recuperação de Tuniz e Bizerta, em 1576, com o mesmo d. João de Austria; e com ele se achou tambem na famosa batalha de Glembours; o que tudo constava das certidões passadas ao dito sargento-mor, que se reduziram a cinzas em Lisboa e que se acham registradas na Ilha Terceira. Por este papeis de serviços se via que o dito sargento-mor d. Simão de Toledo Piza, era de qualidade ilustre, como filho de d. João de Toledo Piza, natural da vila de Alva de Tormes, legítimo descendente sem quebra de bastardia da ilustrissima casa de Alva de Tormes, que são os condes de Oropeia e duques de Alva e de sua mulher, d. Anna de Castelhanos, natural de Madrid.

E pela parte de sua avó, d. Maria Pedroso, foi o capitão-mor, Diogo de Toledo Lara, bisneto de Sebastião Fernandes Corrêa, natural de Refoios de Ponte de Lima, freguezia de Santa Eulalia, primeiro provedor e contador da fazenda real da capitania de São Vicente, proprietario por mercê do sr. d. João IV, de 3 de Janeiro de 1642 (12), e de sua mulher d. Anna Ribeiro, natural de São Paulo, filha de Sebastião de Freitas, natural da cidade de Silves, e de sua mulher d. Maria Pedroso de Alvarenga, natural de São Paulo, onde faleceu, a 17 de Julho de 1666, e foi sepultada em jazigo proprio, que tinha na igreja dos religiosos carmelitas (13). Este Sebastião de Freitas nasceu no lugar da Alagoa da cidade de Silves do Algarve, em 1565, filho de Manoel Pires, pessoa nobre, que foi provedor da santa casa da misericordia da dita cidade de Silves, e de sua mulher N...., que depois casou segunda vez com Diogo Mendes da Motta, cavaleiro professo da ordem de Christo e almoxarife da real fazenda, na mesma cidade. Passou ao Brasil, em praça de soldado da companhia do capitão Gabriel Soares, que veiu á Bahia no ano de 1591, com o governador geral d. Francisco de Sousa, para o acompanhar ao sertão ao descobrimento das minas de prata, que tinha ido oferecer a el-rei d. Felippe um Riberio Dias, natural da mesma cidade da Bahia, assegurando, que havia mais prata no Brasil do que Bilbáo dava ferro

(12) Cartorio da provedoria da fazenda real, livro de registros n. 1. tit. 1.637 até 1.658, pag. 16.

(13) Cartorio do 1.º tabelião de São Paulo, maço de titulos antigos, inventario de d. Maria Pedroso com testamento, letra M.

em Biscaia, e pedindo, por premio deste grande descobrimento a mercê de marquês das Minas, que se lhe não conferiu, posto que. por alvará de lembrança, foi despachado com outras mercês, e de administrador geral das ditas minas, se deu a d. Francisco de Sousa a de marquês das minas, que depois no ano de 1670 se verificou em seu neto do mesmo nome, terceiro conde do Prado, por mercê de 7 de Janeiro do dito ano do sr. rei d. Afonso VI. Na jornada faleceu o capitão Gabriel Soares e o simulado Ribeiro Dias não mostrou as minas prometidas, depois de fazer penetrar o sertão mais de 200 legoas a d. Francisco de Sousa, que por fim se recolheu á cidade, tendo-se consumido uma grande soma de dinheiro em aprestos, instrumentos, minerais, gente e corpo militar da sua conduta. Este engano, porém, ou se julgasse cometido na promessa, ou na execução, dissimulou o governador geral d. Francisco de Sousa, e sem dúvida experimentaria Riberio Dias o merecido castigo se houvesse falecido logo, deixando aquelas esperadas minas ocultas até aos proprios herdeiros; sendo certo que ele era um dos mercadores principais e dos mais poderosos da Bahia, descendendo de Catharina Alvares, e tinha uma baixela e todo o serviço da sua capela de finissima prata, tirada em minas, que achara em suas terras. Esta opinião se verificou depois com a resolução de passar a Madrid, e ofereceu-se com a indiscreta ambição de aspirar por premio a desmarcada mercê do marquês delas. O general d. Francisco de Sousa passou da Bahia para São Paulo, onde chegou em Novembro de 1599, e fazendo entablar as minas de Jaguamimbaba, Jaraguá, Vuturuna e Biraçoyaba, se recolheu ao reino em 1662, em que lhe chegou sucessor. Voltou do reino para São Paulo em 1609, com administração geral das minas, e a mercê de marquês delas. Faleceu em São Paulo, em 10 de Junho de 1611, deixando com o governo a seu filho d. Luiz de Sousa, que em 11 do mesmo mês e ano tomou posse na Camara de São Paulo.

Da cidade da Bahia passou para São Paulo Sebastião de Freitas, onde fez muitos serviços, porque no ano de 1594 acompanhou ao capitão Jorge Corrêa ao sertão a dar guerra ao barbaro gentio, inimigo que havia vindo pôr em cerco a vila de São Paulo. Depois, no ano de 1595, acompanhou ao capitão Hieronimo Pereira de Sousa ao mesmo sertão, levando seus escravos a dar guerra ao inimigo gentio, em bem e utilidade da capitania. Em 1599 saíu de socorro para a vila do porto de Santos, acompanhando o capitão Diogo Gonçalves Lopo, pelo rebate que houve de quatro velas inimigas, e assistiu todo o tempo, que foi preciso alí demorar-se o capitão Lopo. Por estes e outros serviços foi armado cavaleiro em São Paulo, em 1600, por d. Francisco de Sousa, que para isso tinha faculdade régia. Tudo consta da provisão que lhe passou para sua guarda e título, datada em São

Paulo, a 22 de Junho de 1600 (14). Em São Paulo teve sempre as redeas do governo civil e militar Sebastião de Freitas, que como pessôa distinta e caracterizada lograva respeito, autoridade e estimação. Estes merecimentos bem os reconheceu Hieronimo Corrêa Souto Mayor, capitão-mor governador da capitania, loco-tenente do donatario dela, Lopo de Sousa, quando em 22 de Julho de 1606, lhe passou patente de capitão da gente da vila de Piratininga do campo de São Paulo, para com ela poder acudir em todas as ocasiões de rebate por haverem inimigos na costa, o que difusamente narramos em título de Freitas.

Por sua bis-avó, d. Maria Pedroso, foi terneto de Antonio Rodrigues de Alvarenga, fidalgo da casa real, natural da cidade de Lamego (filho de Balthazar de Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro, fidalgos de geração, como se expressa na sentença proferida no juizo do civil da corte de Lisboa, por virtude da qual se passou brazão de armas, cuja cópia existe em título de Alvarengas, em 22 de Julho de 1681) (15), e de sua mulher, d. Ana Ribeiro, que faleceu em São Paulo, a 23 de Outubro de 1647, e seu marido Antonio Rodrigues de Alvarenga faleceu a 19 de Setembro de 1614, e foram sepultados na capela-mor da igreja do Carmo, em São Paulo.

Por sua ter-avó, dita d. Ana Ribeiro, foi quarto neto de Estevão Ribeiro Bayão, natural da cidade de Beja, e de sua mulher, Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, da cidade do Porto, de onde vieram com filhos e filhas, para a capital de São Vicente, a povoar de sua nobre geração aquela vila, da qual se passaram para a de São Paulo do campo de Piratininga, onde se estabeleceram e casaram suas filhas com acertos da eleição, porque d. Ana Ribeiro foi mulher de Antonio Rodrigues de Alvarenga, como temos escrito; d. Leonor Pedroso foi mulher de Pedro de Moraes de Antas, filho de Balthazar de Moraes de Antas, natural da vila de Monxagale, fidalgo da casa real; Cecilia Ribeiro foi mulher de Bernardo de Quadros, nobre sevilhano, provedor e administrador das minas de São Paulo e juiz de orfãos, proprietario, senhor do engenho de fundir ferro e aço, na serra de Biraçoiaba, etc., porque de Estevão Ribeiro Bayão, e de sua mulher, Magdalena Fernandes Feijó de Madureira procede a primeira e mais qualificada nobreza da capitania de São Paulo, que sempre no real serviço deram a conhecer o sangue que lhes adornava as veias.

O capitão-mor Diogo de Toledo Lara faleceu a 20 de Janeiro de 1743, e havia nascido ao 1.º de Fevereiro de 1680, e batisado por seu tio, o padre José Pompéo; e sua mulher d. Angela de Siqueira Rendon faleceu a 24 de Setembro de 1764 (16).

---

(14) Arquivo da Camara de São Paulo, livro de registros, tit. 1.600, pág. 22.

(15) Arquivo da Camara de São Paulo, livro de registros, tit. 1.675, pág. 97.

(16) Órfãos de S. Paulo, maço 2.º, n. 90, inventario e testamento do capitão-mór Diogo de Toledo.

4 — 1. Antonio de Toledo Lara.
4 — 2. D. Maria Thereza de Araujo e Lara.
4 — 3. D. Anna de Toledo, nasceu a 28 de Dezembro de 1724.
4 — 4. D. Escholastica Maria Rendon de Toledo, nasceu a 13 de Janeiro de 1727.
4 — 5. D. Ursula Maria das Virgens de Toledo Rendon, nasceu a 24 de Março de 1729.

4 — 1. Antonio de Toledo Lara (filho do capitão-mor Diogo de Toledo Lara), batizou-se a 11 de Julho de 1723, sendo seus padrinhos seus avós maternos d. Francisco Rendon e d. Maria de Araujo (17).

§ 6.º

2 — 6. D. Maria Cabral Rendon (filha última de d. Pedro Matheus Rendon, do cap. 1.º), foi casada com Manoel Lopes de Medeiros, natural e cidadão de São Paulo, onde serviu os honrosos cargos da república e nela teve tanta autoridade, que sempre conservou as redeas do governo politico e militar: Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão general do Rio de Janeiro com o govêrno de São Paulo, teve deste paulista muito honrosas informações, pelo bom procedimento que havia acreditado nas ocasiões do real serviço. Em 22 de Setembro de 1699 o proveu no posto de sargento-mór da comarca de São Paulo, com 80$ de soldo, que tanto tiveram sempre os desta patente: nela diz o general Arthur, *ibi* — "morador da vila de São Paulo e estar exercitando o posto de sargento-mor dos auxiliares do terço do mestre de campo Domingos da Silva Bueno, e ser uma das principais pessoas daquela vila, onde serviu por espaço de 14 anos o posto de capitão da infantaria da ordenança; e pela boa informação que teve dele o governador geral do Estado, Antonio Luiz Martins de Castro Coutinho, o proveu no cargo de provedor dos defuntos e ausentes, capelas e residuos das capitanias de São Vicente e de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaen. Apresentado em a Camara de São Paulo o capitão-mor Manoel Peixoto da Motta a real ordem para correr o dinheiro a peso, foi o primeiro que obedeceu á dita ordem, expondo por isso a vida ao odio do povo, que não queria aceitar a dita ordem" (18).

Do posto de sargento-mor da comarca tomou posse na camara capital de São Vicente a 18 de Outubro de 1699. Foi confirmada esta patente pelo sr. rei d. Pedro II, assim como a provisão com que serviu de provedor dos ausentes, capelas e residuos pelos

(17) Livro de batizamentos, fl. 106 v. da matriz de São Paulo.
(18) Cart. da provedoria da fazenda real, livro capa de holandilha de registos n. 5, liv. 8.º, de 1693, pag. 63 v.

anos de 1694 (19). Teve a incomparavel honra de receber do mesmo senhor uma carta firmada pelo seu real punho, com data de 20 de Outubro de 1698, registada na secretaria do conselho ultramarino, entre outras mais escritas a diversos paulistas, no livro das cartas do Rio de Janeiro, que principia a 28 de Março de 1673, paginas 198 até 199. O teôr da dita carta é o seguinte:

"Manoel Lopes de Medeiros. Eu, el-rei, vos envio muito saudar. Por haver sido informado pelo governador e capitão general do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes do zelo com que vos houvestes na expedição das ordens que tocavam a meu serviço, que o dito governador para este efeito expediu, e a grande vontade com que vos haveis em tudo o que vos recomendou, mostrando nisto a boa lealdade de honrado vassalo: Me pareceu por esta, mandar-vos agradecer, e segurar-vos, que tudo o que neste particular obrastes, me fica em lembrança para folgar de vos fazer toda a mercê quando trateis de vossos requerimentos. Escrita em Lisbôa a 20 de Outubro de 1698. Rei."

Quando Arthur de Sá e Menezes passou por ordem régia do Rio de Janeiro para São Paulo, com 600$ de ajuda de custo em cada um ano, além do seu soldo de capitão general, sendo preciso dar providencia ás desordens que experimentavam os povos das novas minas dos Cataguazes, que com o tempo ficaram conhecidas pelo carater de Gerais, só confiou esta importantissima comissão ao sargento-mor Manoel Lopes de Medeiros, a quem enviou com ampla jurisdição e regimento datado em São Paulo a 10 de Fevereiro de 1700, em serviço de sua magestade, e bem dos vassalos do mesmo senhor, fazendo atalhar qualquer perturbação que houvesse em ditas minas e repartir as terras minerais, não só as que já estavam descobertas, mas tambem as que de novo, se fossem descobrindo, e tambem para examinar com João Carvalho da Silva, um dos principais paulistas por sangue e procedimento de honrado vassalo, as minas de prata, que se suspeitava haver naquelas serras, para de tudo se dar conta ao monarca (20).

Este honrado paulista Manoel Lopes de Medeiros foi irmão direito do muito reverendo padre Antonio Lopes de Medeiros, presbitero do hábito de São Pedro, de grande veneração e respeito, não só dentro do bispado, mas fora dele; e ambos filhos de Antonio Lopes de Medeiros, natural e cidadão de São Paulo, onde sempre teve as redeas do governo civil, e pela sua distinta qualidade, foi eleito em ouvidor da capitania, de que tomou posse na camara capital da vila de São Vicente, a 7 de Dezembro de 1659 (21) e de sua mulher Catharina de Onhatte, com quem casou na matriz

(19) Livro supracitado, pág. 16 v., Arquivo da Camara de São Paulo, livro de registos n. 4, tit. 1.658, pag. 56 v.

(20) Cart. da Prov. da faz. real, liv. de reg. n. 5, ano de 1693, pag. 68.

(21) Arquivo da Camara de São Paulo, livro de registos n. 4, tit. 1.658, pag. 65 v.

de São Paulo, a 10 de Junho de 1642 (22). Neto pela parte paterna de Mathias Lopes, que foi mamposteiro-mor dos cativos pelos anos de 1608 (23), e de sua mulher Catharina de Medeiros, filha de Amador de Medeiros, um dos nobres povoadores da vila de São Vicente pelos anos de 1538, e casou na vila de Santos, onde se achava morador pelos anos de 1568, e passando para a de São Paulo, lhe foram concedidos por sesmaria todos os pontos devolutos, pelo caminho velho da antiga vila de Santo André, rio Jarobatiba, continuados ao longo de Tamanduatihí, até o Tejucuçú, como se vê no cartorio da provedoria da fazenda real, no livro de registro das datas de sesmarias, tit. 1.562, n. 1.º, pag. 161. Este Amador de Medeiros saíu de São Vicente com o socorro para a conquista do Rio de Janeiro, em 1560, em que o governador geral Mem de Sá tomou a fortaleza aos franceses; segunda vez saíu com socorro de São Vicente para Cabo Frio, quando o governador Antonio Salema foi contra os barbaros gentios do Cabo Frio (24). E pela parte materna, neto de Christovão da Cunha d'Onhatte, natural e cidadão de São Paulo, onde faleceu a 26 de Junho de 1664 (25), e de sua mulher Mecia Vaz Cardoso. Em título de Cunhas, cap. 1.º, § 1.º; e em título de Vaz Guedes, cap. 9.º.

Em São Paulo faleceu d. Maria Cabral Rendon a 23 de Novembro de 1699 (26). E teve do seu matrimonio dois filhos, que foram:

3 — 1. D. Antonia de Medeiros Cabral.
3 — 2. Antonio João de Medeiros.

3 — 1. D. Antonia de Medeiros Cabral, foi casada com Floriano de Toledo Piza, natural e cidadão de São Paulo, filho do capitão-mor governador d. Simão de Toledo Piza. Em título de Toledos, cap. 3.º, § 1.º. E em títulos de Taques, cap. 3.º, § 9.º. n. 3—9, e 4—1, e ahí a decendencia de Floriano de Toledo.

3 — 2. Antonio João de Medeiros, ficou herdeiro do cabedal e bens encapelados de seu tio o rev. Antonio Lopes de Medeiros, e abandonando a administração destes bens e dos rendimentos das moradas de casas em São Paulo, passou solteiro para o Cuiabá, onde casou com d. Gertrudes de Almeida Campos, natural da vila de Sorocaba e filha do capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 4.º, n. 3 — 15; faleceu no Cuiabá. Com geração.

(22) Cartorio de órfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra C, n.º 39. E maço 1.º, letra M, n. 25.

(23) Arch. da Camara de São Paulo, livro de registos, tit. 1.607, pag. 11 v.

(24) Cartorio da provedoria da fazenda real, livro das sesmarias, título 1.562, pag. 115 v.

(25) Cartorio de órfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra C, n. 2.

(26) Idem supra, maço 5.º, letra M. Vide pag. 102.

CAPÍTULO II

1 — 2. D. João Matheus Rendon (filho de d. João Matheus Rendon e de d. Maria Bueno, do n. 1), casou na cidade do Rio de Janeiro com D. N.... de Azevedo Coutinho, da mais qualificada nobreza daquela capitania, por trazer a sua origem do ilustre fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que tendo servido na India aos srs. reis d. Manoel e d. João III, desde o ano de 1511 êste monarca lhe fez mercê de juro herdade de 50 leguas de terra na costa do Brasil, para fundar uma capitania, por carta de doação passada no ano de 1525, que com efeito a fundou, e é chamada do Espirito Santo, e sua capital a vila da Vitória, com mais duas, que são a de Nossa Senhora da Conceição e a do Espirito Santo. Vasco Fernandes Coutinho veiu em pessoa fundar a sua capitania, trazendo do reino muitos navios e gente, aprestos de guerra, e familias nobres para povoadores. Tomou terra no porto do Espirito Santo, onde fundou com esta vocação a primeira vila, e conquistando as terras da sua demarcação, teve com os gentios barbaros daquele sertão muitas batalhas, e contra o poder destes inimigos alcançou uma muito particular vitória. Por ela edificou no mesmo lugar a vila dêste nome como trophéu, e triunfo ali conseguido. Nesta capitania teve o donatario e senhor dela, dito Vasco Fernandes Coutinho, em uma sra. N.... de Almeida, o filho Vasco Fernandes Coutinho, chamado o moço, que casoú com........ e dêste matrimonio procedem os Coutinhos do Rio de Janeiro, já com aliança de Azevedos, porque da capitania do Espirito Santo passou para a do Rio de Janeiro Marcos de Azevedo Coutinho primeiro da familia dos seus apelidos nesta cidade de São Sebastião, na qual é esta nobilissima familia bem conhecida. A sua ilustre ascendencia é patente nos autos, e demanda que correu sôbre a decisão de um morgado na Ouvidoria da mesma cidade, sendo autor na causa Sebastião da Cunha Rangel de Azevedo Coutinho. Ignoramos se do matrimonio de d. João Matheus Rendon houve filhos. Sabemos, porém, que, ficando viuvo, se habilitou para o estado sacerdotal, e passou para Lisbôa a tomar ordens, e tendo já conseguido as de presbitero do hábito de São Paulo, faleceu de bexigas naquela côrte.

CAPÍTULO III

1 — 3. D. Ignez de Ribeira casou em São Paulo com Vicente de Siqueira e Mendonça, irmão direito de Antonio de Siqueira e Mendonça, chamados de alcunha — Capuheiros — naturais e cidadãos de São Paulo, onde sempre tiveram o primeiro voto no governo da república. Foram filhos de Lourenço de Siqueira, que faleceu a 4 de Junho de 1633, e de sua mulher Margarida Ro-

drigues, que faleceu a 29 de Dezembro de 1634 (27), o qual Lourenço de Siqueira foi natural da vila de Santos, e irmão de Beatriz de Siqueira, mulher de Antonio Gonçalves David, capitão do forte do Pinhão da Vera-Cruz, da praça de Santos, com soldo e outros, que todos foram filhos de Antonio de Siqueira, que veio de Lisboa para a vila de São Vicente, no ano de mil quinhentos e tantos, proprietario dos oficios de tabelião e escrivão da camara e orfãos da vila de Santos, por mercê do sr. donatario Martim Affonso de Sousa; e casou na vila de Santos com uma filha de Antonio Pinto, irmão de Rui Pinto e de Francisco Pinto, todos fidalgos da casa de sua magestade, que tinham vindo em 1530 para o de 1531 com o dito Martim Affonso.

Foi Vicente de Siqueira e Mendonça, o Capuheiro, neto pela parte materna de Garcia Rodrigues, um dos primeiros povoadores da vila de São Vicente, e de sua mulher Catharina Dias, filha de Lopo Dias, que veiu povoar São Vicente, atraído do donatario em 1531, e o dito Garcia Rodrigues era natural de São Vicente, e por ele bisneto de Domingos Gonçalves, que faleceu em S. a 30 de Abril de 1627, e de sua segunda mulher Messia Rodrigues, natural da cidade do Porto (28), e por esta terneto de Garcia Rodrigues e de sua mulher Isabel Velho, primeiros e nobres povoadores de São Vicente, para onde vieram da cidade do Porto com varios filhos. Em títulos de Garcias Velhos....

Do matrimonio de d. Ignez de Ribeira nasceram oito filhos, que foram:

2 — 1. D. Innocencia .... § 1.º
2 — 2. D. Joanna .... § 2.º
2 — 3. D. Maria .... § 3.º
2 — 4. Manoel de Siqueira Rendon .... § 4.º
2 — 5. José de Siqueira Rendon ...... § 5.º
2 — 6. Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça .... § 6.º
2 — 7. Antonio de Siqueira de Mendonça .... § 7.º
2 — 8. João Matheus Rendon .... § 8.º

§ 1.º

2 — 1. D. Innocencia... casou nas Minas-Gerais, e ignoramos se teve decendencia.

(27) Cartorio de órfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra L, n. 42.
(28) Idem, maço 2.º de inventarios, letra D, o testamento de Domingos Gonçalves

§ 2.º

2 — 2. D. Joanna... casou nas Minas Gerais, e ignoramos se teve geração.

§ 3.º

2 — 3. D. Maria... faleceu solteira no Rio de Janeiro.

§ 4.º

2 — 4. Manoel de Siqueira Rendon, casou no Rio de Janeiro com d. Brites da Fonseca Doria, e teve tres filhos, que foram:

3 — 1. D. Joanna, mulher de Manoel Alves Fragoso, dos campos de Guaitacazes.

3 — 2. D. Brites da Fonseca Doria, mulher de Gregorio Nazianzeno.

3 — 3. D. Antonia, casou nas Minas-Gerais.

Porém, no livro dos casamentos da igreja da vila de Taubaté achamos que Manoel de Siqueira Rendon (filho de Vicente de Siqueira Mendonça e de sua mulher d. Ignez Navarro de Alva), casára a 22 de Novembro de 1639 com Maria Vieira Cardoso, filha de Antonio Vieira da Maia e de sua mulher Maria Cardoso. Supomos que este Manoel de Siqueira, do § 4.º, casou primeira ou segunda vez, no Rio de Janeiro, com d. Brites da Fonseca Doria. Em título de Vieiras Maias, cap. 4.º.

§ 5.º

2 — 5. José de Siqueira Rendon, casou no Rio de Janeiro com d. Maria da Fonseca Doria, irmã direita de d. Brites da Fonseca Doria, do § 4.º supra, e teve tres filhos, que foram:

3 — 1. D. Maria, mulher de Ignacio Ferreira Fuchal.

3 — 2. D. Marianna, mulher de João da Fonseca Coutinho.

3 — 3. Ignacio de Siqueira Rendon, que faleceu solteiro.

§ 6.º

2 — 6. Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça, foi capitão-mor da barra de Guaratiba do Rio de Janeiro, e casou com d. Barbara da Fonseca Doria, e teve quatro filhos, que foram:

3 — 1. Salvador de Siqueira Rendon, casou com d. Rosa Maria de Caldas.

3 — 2. Fradique Rendon de Quebêdo, capitão-mor da barra de Guaratiba, que existia pelos anos de 1759, em que nos hospedamos em sua casa, e dele recebemos estas notícias da geração que teve d. Ignez de Ribeira, dêste cap. 4.°.

3 — 3. D. Margarida de Luna, casou com José Corrêa Soares, natural do Rio de Janeiro, filho de Gaspar Corrêa e de sua mulher d. Luzia de Aguilar, que foi filha de Martim Rodrigues Tenorio e de d. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca, que foi filha do capitão d. Francisco Rendon de Quebêdo, do n. 2.º dêste título.

3 — 4. D. Leonor de Siqueira Rendon, casou com Gaspar de Asedias Machado.

§ 7.º

2 — 7. Antonio de Siqueira e Mendonça, casou com D. N..., sobrinha do capitão-mór Manoel Pereira Ramos, senhor do engenho e freguezia de Marapicú.

§ 8.º

2 — 8. João Matheus Rendon (último filho de d. Ignez de Ribeira), existia solteiro no Rio de Janeiro em 1759.

CAPÍTULO IV

1 — 4. D. José Rendon (filho de d. João Matheus Rendon do n. 1.º), nasceu gemeo com sua irmã d. Anna, e ambos se batizaram na matriz de São Paulo, a 4 de Agosto de 1641, como consta do liv. 1.º dos assentos dos batismos desta igreja, em dito mês e ano. Casou na cidade do Rio de Janeiro (tendo passado a ela na companhia de seu pai d. João Matheus Rendon, que segunda vez estava casado em São Paulo, com d. Catharina de Góes e Siqueira, como adiante fazemos menção) com uma irmã dos padres Francisco Frazão e Antonio de Alvarenga Mariz, ambos da companhia de Jesus do colegio daquela cidade. Não teve filhos.

CAPÍTULO V e último

1 — 5. D. Anna de Alarcão e Luna, nasceu em São Paulo e de um mesmo parto com seu irmão d. José Rendon, supra. Na companhia de seu pai d. João Matheus Rendon, pelos anos de 1655, se recolheu ao Rio de Janeiro. Este fidalgo viuvou pelos anos de 1646 em São Paulo, onde segunda vez casou com d. Catharina Góes de Siqueira, como adiante mostramos, e com ela

se passou para a capitania do Rio de Janeiro, onde já era morador desde 1651 seu irmão d. José Rendon de Quebêdo, do n. 3.º, adiante, como ali tratamos. No Rio de Janeiro casou d. Anna de Alarcão e Luna com Ignacio de Andrade Souto Maior. (*Daqui por diante vai esta decendencia copiada de um título de Rendons feita pelo Illm. sr. João Siqueira Ramos, em 1746, que me foi confiado depois da sua morte) senhor da casa de Jerecinó com sete engenhos, capitão e muitas vezes vereador da mesma cidade, filho de Ignacio de Andrada Machado, natural da Ilha Terceira, donde passou ao Rio de Janeiro, o qual era legítimo decendente das familias dos seus apelidos, de cuja origem se trata em título de Machados, das ilhas, e de sua mulher Helena de Souto-Maior, chamada a viuva da Pedra, sua parenta e filha de Belchior da Ponte Maciel, da familia dos Pontes Cardosos, da mesma ilha, como se vê em título de Pontes.

Teve:

§ 1.º — José de Andrada Souto-Maior.
§ 2.º — D. Helena de Andrada Souto-Maior.

2 — 1. José de Andrada Souto-Maior, nasceu nô Rio de Janeiro, onde vive neste ano de 1746 senhor da casa de Jerecinó, que fora de seus pais. Casou com sua prima d. Anna de Araujo e Andrada, filha de Francisco de Araujo de Andrada e de sua mulher d. Maria de Souro, filha de João de Souro, e neta pela parte paterna de Belchior de Andrada e Araujo, natural da vila dos Arcos e capitão no Rio de Janeiro, e de sua mulher Maria Cardoso de Souto-Maior, irmã inteira de Helena de Souto-Maior, de quem falamos acima, cap. 5.º.

Teve:

3 — 1. Ignacio de Andrada Souto-Maior.
3 — 2. D. Maria de Andrada Souto-Maior.
3 — 3. D. Anna de Alarcão e Luna.
3 — 4. D. Josepha, solteira.
3 — 5. D. Luiza, solteira.
3 — 6. Francisco de Araujo e Andrada.

3 — 2. D. Maria de Andrada Souto-Maior, casou no Rio de Janeiro com Mathias de Castro Moraes, que é hoje coronel de cavalaria da mesma cidade onde vive, fidalgo da casa real, e filho de Gregorio de Castro Moraes, mestre de campo da mesma cidade, onde faleceu na ocasião em que os franceses a invadiram, de cuja ascendencia se trata em título de Pimenteis Moraes.

Teve:

4 — 1. José de Moraes Castro Pimentel, faleceu solteiro indo das minas de Paracatu para a Bahia, onde foi sepultado na igreja do mosteiro de São Bento: sem geração.

4 — 2. Gregorio de Moraes Castro Pimentel, que serve a sua magestade no posto de ajudante de infantaria de um dos regimentos da guarnição do Rio de Janeiro.

3 — 3. D. Anna de Alarcão e Luna, filha de José de Andrada Souto-Maior, casou no Rio de Janeiro com Francisco Fernando Camello Pinto de Miranda, moço fidalgo da casa real, natural da cidade do Porto, filho de Ayres Pinto de Miranda, moço fidalgo da casa real e neto de Fernão Camello de Miranda, senhor da casa de Villar do Paraiso, de cuja ascendencia se trata em título de Pintos, senhores de Ferreiros e Tendaes, de quem é a sua varonia.

Teve:

4 — 1. Ayres Pinto Camello de Miranda, moço fidalgo da casa real, tenente de cavalaria.

4 — 2. D. Joanna de Miranda, ajustada para casar com seu primo co-irmão Gregorio de Moraes Castro Pimentel, acima.

4 — 3. D.

§ 2.º

2 — 2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, filha de d. Anna de Alarcão e Luna, cap. 5.º. Casou no Rio de Janeiro com Clemente Pereira de Azeredo Coutinho, natural da mesma cidade, senhor dos engenhos de Itaúna e Guaxindiba, capitão-mor e vereador da camara da mesma cidade, filho de Domingos Pereira da Silva, capitão de infantaria paga na mesma praça e de sua mulher d. Paula Rangel, em título de Azeredos Coutinhos e Mellos, do Rio de Janeiro, o qual faleceu em 1739, a tempo que já era viuvo e tinha os filhos seguintes:

3 — 1. D. Anna de Alarcão e Luna, mulher do sargento-mor Bento Rodrigues de Andrada, de quem ficou viuva em 1746, sem geração.

3 — 2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, que segue.

3 — 3. Carlos de Azeredo Coutinho e Mello, que faleceu solteiro em 1739, sem geração.

3 — 4. D. Ignacia de Andrada Souto-Maior, que vive em companhia de sua irmã d. Helena, sem haver tomado estado.

3 — 2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, filha segunda de d. Helena e de Clemente Pereira, nasceu no engenho de Itaúna, em que viviam seus pais, e foi batizada na freguezia de Nossa Senhora da Piedade de Magé, a 3 de Novembro de 1700. Casou no Rio de Janeiro com Manoel Pereira Ramos, em cuja casa foram recebidos a 16 de Agosto de 1721, e vivem ambos no seu engenho de Marapicu, em 1746. E' Manoel Pereira Ramos natural do Rio de Janeiro, capitão-mór de um dos distritos da mesma ci-

dade, vereador da camara dela e senhor dos engenhos de Marapicu, Cabuçu, Itaúna, do Gama, etc., filho de Thomé Alvares do Couto Moreira e de sua mulher d. Michaella Pereira de Faria e Lemos, neto pela parte paterna de Thomé Alves Moreira do Couto, que havendo nascido na vila de Moreira, bispado do Porto, na quinta da Azenha, que era de seus pais, casou no baliado de Lessa, donde passou ao Brasil por uma morte que fez; e da sua ascendencia se acham memorias nos títulos de Coutos Moreiras, do Porto; e pela parte que toca a sua mãe, neto de Francisco de Lemos de Faria, natural da ilha do Faial, donde passou ao Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Isabel Pereira de Carvalho, filha de Gaspar Pereira de Carvalho e Jardim, senhor do engenho de Pinditiba; o qual Francisco de Lemos era legítimo decendente das familias dos Lemos e Farias, bem conhecida no Faial.

Tem:

4 — 1. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, que nasceu a 2 de Julho de 1722, e foi batizado em casa de seus pais a 31 de Agosto. E' cavaleiro da ordem de Cristo e opositor em canones na universidade de Coimbra.

PROSSEGUIMENTO DO TÍTULO DE RENDONS, QUE ESCREVEU O SENHOR JOÃO PEREIRA, PARA DEPOIS SER POSTO EM MELHOR ORDEM

Seguem-se seus irmãos

4 — 2. D. Michalle Joaquina Pereira de Faria e Lemos, batizada a 22 de Março de 1726, religiosa no convento de Narvilla junto a Lisboa com o nome de soror Michaella Joaquina Archangela de Sant'Anna.

4 — 3. Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria, batizado a 16 de Julho de 1728. E' cavaleiro da ordem de Cristo, que recebeu no Rio de Janeiro no convento de São Bento no ano de 1746.

4 — 4. D. Helena Josepha de Andrada Souto-Maior Coutinho, batizada a 12 de Novembro de 1729, religiosa no mesmo convento de sua irmã com o nome de soror Helena Josepha Angelica da Gloria. Fizeram as suas profissões em 1746.

4 — 5. Clemente Pereira de Azeredo Coutinho de Mello, batizado a 31 de Outubro de 1731.

4 — 6. Ignacio de Andrada Souto-Maior, batizado a 10 de Agosto de 1733.

4 — 7. Francisco de Lemos de Faria Pereira, batizado a 22 de Abril de 1735.

4 — 8. Thomé Alves Pereira do Couto Moreira, faleceu de poucos dias.

4— 9. D. Anna Rosaura Rita de Alarcão e Luna, batizada na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro, a 10 de Junho de 1737.

4 — 10. Thomé Alves do Couto Moreira, falecido de poucos dias.

4 — 11. D. Maria de Mello Coutinho e Azeredo, batizada a 18 de Junho de 1739.

4 — 12. José Rendon de Luna Quebêdo Alarcão, batizado a 20 de Junho de 1743.

O fidalgo D. João Matheus Rendon, casou segunda vez em São Paulo pelos anos de 1654, com D. Catharina de Góes e Siqueira. Esta senhora estava viuva desde 18 de Janeiro de 1651 de seu primeiro marido Valentim de Barros, natural de São Paulo, capitão de infantaria na restauração de Pernambuco contra os holandeses, cujo irmão Luiz Pedroso de Barros casou tambem na Sé da cidade da Bahia com D. Leonor de Siqueira, irmã da dita Catharina de Góes e Siqueira que eram naturais da Bahia, de onde se passaram com seus maridos para São Paulo, curtando pelas saudades da patria e dos irmãos João de Góes de Araujo que foi desembargador juiz do civel da relação da sua patria pelos anos de 1666, em que o sr. rei D. Affonso VI, lhe tinha encarregado varios negocios do seu real serviço, de que mandou fazer aviso aos oficiais da camara de São Paulo (29) de que tratamos, e da nobre ascendencia do dito desembargador em título de Góes.

D. João Matheus Rendon fez assento no seu engenho de assucar de Itacuruçá, onde já se achava pelos anos de 1656. Levou de São Paulo os dois enteados Fernando e João, o qual se batizara em São Paulo, a 13 de Julho de 1645. Ignoramos se D. João Matheus Rendon teve filhos deste segundo matrimonio na capitania do Rio de Janeiro. Nós entendemos, que os não teve, e que os enteados, Fernando ou João, se enlaçaram por casamento na mesma nobre familia de Rendons do Rio de Janeiro.

FIM DO N. 1.º

N. 2

DE

D. Francisco Rendon de Quebedo

D. Francisco Rendon de Quebedo, acabada a guerra contra os holandeses na Bahia, passou para São Paulo, onde casou com D. Anna de Ribeira, irmã direita de D. Maria Bueno de Ribeira, mulher de seu irmão D. João Matheus Rendon. Foi este fidalgo D. Francisco Rendon, juiz de órfãos, proprietario em São Paulo, onde

(29) Arquivo da camara de São Paulo, livro de registros n. 4, tit. 1.664, pág. 52.

sempre teve as redeas do governo da república e da milicia. Pelo seu grande respeito, atividade e zelo ao real serviço, foi encarregado para levantar em São Paulo companhias de peças hespanholas com 40 escudos de soldo por mês os capitães para restauração de Pernambuco, e armada que na Bahia preparava o conde da Torre para passar com ela contra os holandeses. Havia encarregado as dependencias todas desta guerra nas capitanias do sul ao governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, o qual logo se lembrou para desempenho da ação de D. Francisco Rendon de Quebedo, a quem concedeu todos os poderes, que se notam no contexto das patentes que para isto lhe mandou passar, que se acham registradas no lugar á margem citada (30). A 1.ª datada a 23 de Maio de 1639; e a 2.ª em 2 de Agosto do dito ano. De ambas daremos aqui fiel cópia. As ordens do conde da Torre foram expedidas da Bahia com data de 3 de Fevereiro, 8 de Junho e 2 de Agosto do ano de 1639, que todas se acham registradas no arquivo da camara de São Paulo, no livro de registros, tit. 1.636, n. 5, págs. 96 e 99. Caderno de registro n. 1, capa de couro de veado, título 1640, págs. 3 e 18. Livro de registros n. 5, tit. 1636 com capa de carneira, pág. 96.

Deu causas para esta recruta de soldados paulistas o máu sucesso, que teve o conde da Torre, quando com poderosa armada saíu de Lisbôa para restaurar Pernambuco, e se recolheu á Bahia, onde então tinha as redeas do governo geral do Estado Pedro da Silva. Havia o conde da Torre saido de Lisboa nos ultimos de Outubro de 1638 com armada para restaurar Pernambuco, do poder dos holandeses e do seu general o conde de Nassau, tão poderosa nos vasos como crecida no portante dos navios, galeões, fragatas de guerra, náus grossas, cópia grande de embarcações ordinarias, com instrumentos belicos, artilharia, etc. Era a frota mais poderosa, que até aquele tempo sulcara os mares da America. Em 10 de Janeiro de 1639, se avistou do Arrecife esta pomposa armada com assombro dos inimigos e alvoroço dos pernambucanos, que vendo aquele poder pelo vulto dos vasos, encheram de discreta confiança a sua expedição. O holandês, parecendo-lhe que o desengano do golpe lhe chegava sem tempo para o reparo, olhava para o que temia, e para o que necessitava. Via as suas praças desmanteladas, suas fortificações caidas, e sustentadas só na confiança da paz, em lembrança das vitórias. Considerava-se sitiado no Arrecife, e sem aquela provisão de mantimentos e munições precisas para sustentar um cerco. Os soldados tão poucos por suas fortificações, que reconduzidos do sertão, e chamados das fortalezas, não faziam corpo, que pudesse avultar á vista do nosso poder. Olhava para o que tinha no mar, e só via cinco náus que estavam á carga. Cotejava o seu estado, e nossa injúria, e não achava em que pudesse fundar a menor confiança para se opôr

---

(30) Cert. da Prov. da Fazenda Real de Santos, livro de registro, n. 3, 1.638. 23 v. e livro n. 6, 1.626, pág. 40.

á resistencia, e assentava comsigo o ser chegado o fim do imperio holandês em aquela porção da America. Porém, quando o conde de Nassau se considerava perdido, se viu respirar desabafado; porque sem tomar pano foi navegando a armada até dobrar o cabo de Santo Agostinho, e ancorar na enseada da Bahia. Enquanto nela se deteve quasi um ano, se preveniu o conde de Nassau e o da Torre D. Fernando Mascarenhas de capitães mais destros nos caminhos e veredas dos reconcavos de Pernambuco, para que com a gente da sua disciplina penetrassem os matos e deles assaltassem com subitas armas os quarteis e habitações holandesas. Para segurança deste premeditado projeto mandou o conde da Torre ordem a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador alcaide-mor do Rio de Janeiro para fazer levantar na capitania de São Paulo, companhias de infantaria de peças hespanholas, cada uma de 80 paulistas, como já dissemos, cujos cabos e oficiais lhe seriam confirmadas as patentes pelo dito conde, chegados que fossem á Bahia para se passarem na armada, em que havia ir restaurar Pernambuco. Esta importante recruta se fiou de D. Francisco Rendon de Quebedo que, com atividade e zelo do real serviço, conseguiu elegendo capitães e mais oficiais as pessoas de maior confiança e valor. E' lástima não descobrirmos documentos, que nos certifiquem de todos os capitães que nesta importante ocasião tiveram a honra do real serviço! Apenas encontramos a certeza de que do corpo militar paulistano foram capitães de infantaria Valentim de Barros e seu irmão Luiz Pedroso de Barros, Antonio Raposo Tavares e seu irmão Diogo da Costa Tavares, Manoel Fernandes de Abreu e João Paes Florião. No porto da vila de Santos debaixo do comando do capitão D. Francisco Rendon de Quebedo embarcaram os capitães, seus oficiais e soldados, com grande número de indios frecheiros e arcabuzeiros para a Bahia, onde foram recebidos os capitães com benigno agasalho pelo conde da Torre, que lhes mandou passar suas patentes, pagando-se a todos os soldos desde o dia que tinham destacado de São Paulo. Do Rio de Janeiro fez regresso o capitão Rendon para São Paulo, ficando entregue de todo o corpo militar o governador Salvador Corrêa de Sá. Estas companhias foram encorporadas na Bahia no terço do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra.

CÓPIA DA ORDEM DO GOVERNADOR SALVADOR CORRÊA, PASSADA A D. FRANCISCO RENDON DE QUEBEDO (31)

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, alcaide-mor da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, comendador da comenda de São Salvador da Alagoa, almirante da costa do Sul e Rio da Prata,

(31) Cartorio da provedoria da fazenda real da vila de Santos, livro de registros n. 6, título 1.626, pág. 40.

superintendente em todas as materias de guerra da dita costa, capitão-mor e governador desta capitania do Rio de Janeiro, etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem, que dando-me o Sr. conde da Torre, governador e capitão-general de mar e terra deste Estado, parte de haver chegado á cidade da Bahia com a armada, que o dito senhor foi servido mandar a ela para restauração de Pernambuco, e que necessitava de infantaria para refazer a que no decurso da viagem havia morrido, pedindo-me o socorresse com toda a que pudesse desta capitania, e das de São Vicente e São Paulo, e dispondo a dita leva nesta cidade por minha pessoa; e tendo satisfação da do capitão D. Francisco Rendon de Quebedo, morador em São Paulo, lhe cometi a que na dita capitania se havia de fazer, o que ele fez com tanto cuidado e zelo do serviço de sua magestade, que juntou muitos infantes e 54 indios frecheiros e arcabuzeiros, os quais me troüxe a esta cidade para o efeito de ir ao dito socorro, gastando de sua fazenda muito até os trazer a ela, de onde com a mais gente, que lhe agreguei de infantaria o nomeei por capitão dela, e cabo de todo o dito socorro, para partir para a dita cidade da Bahia. E tendo nesta ocasião segundo aviso do dito Sr. conde da Torre governador geral de que fosse o socorro com toda a vantagem de infantaria e indios quanto fosse possivel, para cujo efeito lhe pareceu serviço de sua magestade enviar-me a provisão, que irá trasladada com esta, para que possa perdoar crimes, que me parecer, e em particular os cometidos nas estradas dos sertões, com o que ficaria a dita leva mais aumentada, e o dito socorro mais consideravel. E havendo respeito ás partes, qualidade, suficiencia, zelo e desvelo, com que se tem havido no serviço de sua magestade em muitas ocasiões, como me consta, e em especial nesta presente da dita leva o dito capitão D. Francisco Rendon de Quebedo, e que sendo morador na vila de São Paulo, fica mais suave o conseguimento da dita leva, hei por bem, e serviço do dito senhor, de lhe encarregar que torne á dita capitania, e nela faça e solicite a leva de toda a infantaria e gente que lhe for possivel, declarando e manifestando a mercê que o dito Sr. conde, em nome de sua magestade, concede por meio da sua provisão em cumprimento da qual eu lhes darei o dito perdão dos crimes que haviam cometido, sendo que venham para ir ao dito socorro, ou mandem em seu lugar estando impedidos outras pessoas, filhos, parentes, ou familiares da sua, e a todas as pessoas, que para o dito efeito o dito capitão D. Francisco Rendon de Quebedo oferecer o perdão em nome de sua magestade, e debaixo desta minha ordem, eu lhes concedo na forma que se me ha concedido. E bem assim a todas as pessoas que particularmente fizerem gente e o ajudarem na dita leva, o dito capitão prometerá a companhia da mesma infantaria que alistarem, o que eu confirmarei em virtude da dita provisão, para cujo efeito lhe concedo todo o meu poder da mesma maneira que eu o tenho. E ao dito D. Francisco Rendon de Quebedo nomeio por capitão de infantaria

de peças hespanholas com 40 escudos de soldo em cada mês, os quais gozarão de hoje em diante, visto estar atualmente em serviço de sua magestade nesta leva, e comissão dela; e ordeno ao capitão-mor, ouvidor, oficiais de justiça e fazenda da dita capitania dêm ao dito capitão D. Francisco Rendon de Quebedo todo o favor e ajuda, que para efeito da dita leva lhe for necessaria, e embarcações para trazer a gente de guerra, que assim alistar, com cominação de se haver por eles, suas fazendas e bens, toda omissão que nisto houver, e possa prejudicar ao serviço de sua magestade, diligência e brevidade, que o caso requer: E mando a todas as pessoas, que assim alistar lhe obedeçam e sigam suas ordens de palavra, ou por assento; e as justiças de sua magestade da dita capitania de São Paulo, as guardem sendo caso que para o dito efeito se passe alguma cedula de confiança para poder algum criminoso assistir livremente na dita leva, até chegar a esta cidade, onde eu lhe confirmarei o perdão. E havendo alguma pessoa, oficial de justiça ou fazenda, que impida ou não favoreça ao dito capitão D. Francisco Rendon de Quebedo, em dita leva ou ordem que para ela der, para que com melhor efeito se corrija o serviço de sua magestade, poderá o dito capitão emprezar a tal pessoa para que pareça ante mim; e sendo pessoa que vença ordenado da fazenda de sua magestade, se lhe porá verba no assento, até eu determinar o dito emprazamento. E outro sim ordeno, que a primeira provisão, que passei ao dito capitão para efeito da dita leva, fique em sua força e vigor, como nela se contém; e que o dito capitão proceda contra todas as pessoas, que livremente se alistarem na primeira leva que fez, e depois sem impedimento algum se ausentem por não irem no dito socorro, pelo que lhe mandei passar a presente minha provisão, que mando se cumpra e guarde, como nela se contém e se registrará nas camaras das vilas, onde parecer que convém. Dada nesta cidade do Rio de Janeiro sob meu sinal e selo das minhas armas, a 2 do mês de Agosto de 1639 anos. — *Salvador Corrêa de Sá e Benevides.*

No fim do ano de 1639 saiu da Bahia o conde da Torre, deixando entregue o governo a D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos (depois vice-rei da India e o 2.º do Estado do Brasil em 1663) e com vento em popa navegou a armada até avistar a barra grande distante de Pernambuco para a parte do Sul 25 leguas; ali se advertiu a conveniencia do porto para o intento de lançar-se a gente em terra debaixo do comando do seu mestre de campo o Barbalho, como tinha premeditado na Bahia o conde da Torre, general desta armada, e feito antecedentes avisos deste seu projeto aos de Pernambuco; porém não se admitiu o conselho pela distância. A vista de Tamandaré 17 leguas do Arrecife se fez o mesmo requerimento e foi reprovado, não sabemos se por desprezo. Já nesta altura experimentava a frota a vehemencia com que corriam as aguas, que ajudadas da furia dos ventos fizeram inutil todo o govêrno do leme e do pano. O inimigo holandês, que com des-

treza se sabia aproveitar das ocasiões, que lhe oferecia a fortuna, mandou largar pano a 20 fragatas e alguns patachos, (já de antes prevenidos para este fim) que sairam do porto com a vantagem de navegarem a barlavento dos nossos, cairam sobre a capitania com ousada resolução tres fragatas, intentando abalroal-a, castigados e arrependidos. A primeira tragaram as ondas despedaçada; e as duas desarvoradas e desfeitas, de sorte que apezar da memória as desconhecia a vista. Abonançou o vento por espaço de tres horas, em cujo tempo poderam os nossos navios ordenar-se para a batalha, que a temeu o contrário e valeu-se do desvio, servido da furia, com que se repetiu a tempestade, que a uns e a outros, não deixou mais salvação que a de obedecer aos mares. Levado das ondas desgarrou a frota portuguesa para Indias de Hespanha, onde primeiro a levou o destino de que a ordem que el-rei tinha dado ao conde da Torre, para que concluida a empresa de Pernambuco tomasse as Indias e comboiasse os galeões da frota de São Lucas. As naus holandesas favorecidas do vento voltaram para o Arrecife, embandeirada de negro entrou a sua capitania, em cujo luto se amortalhou toda a alegria da ventura tão custosa pela perda, como pela mágoa, com que dela se tiraram os corpos dos mortos, entre os quais vinha o do seu general.

Este infeliz sucesso da nossa armada, fez acordar aos capitães do terço do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra a vigilante cautela, com que agora o conde de Nassau poderia intentar ir sôbre a Bahia, reconhecendo a falta das forças militares, que se desgarrava na armada, que seguia para Indias de Castella e propozeram ao conde da Torre a necessaria providencia e socorro, que devia deixar em terra em qualquer dos portos daquela costa de onde podessem marchar pelo sertão para a Bahia. Instava a importancia desta resolução; e no porto do Touro 14 leguas do Rio Grande do Norte deixou a armada ao mestre de campo Barbalho com mil e trezentos infantes, em que entravam os capitães, oficiais e soldados paulistas, e os governadores D. Antonio Felipe Camarão e Henrique Dias, com seus pretos; este dos crioulos e minas, e aquele dos indios. Havia de ser a marcha pelo interior do mato e em parte por entre a barbaridade dos indios do sertão, topando em muitas com armas dos inimigos holandeses, e em todas sem provisão nem esperanças de socorro humano com distância de quasi 300 leguas até a cidade da Bahia, cujas dificuldades eram superiores aos mais ousados dos corações, e só o de cabos tão destemidos e que já tinham o carater de bons sertanistas, havendo conquistado muitas e diversas nações barbaras dos sertões de São Paulo e Indias de Hespanha nas provincias do Paraguay até o reino do Perú poderam intentar e vencer semelhante empresa, que ainda depois de conseguida se fez duvidosa. Os transes desta jornada vimos compendiados no cartorio da provedoria da fazenda de Santos, no livro de registros n. 4. tit. 1641, pág. 154 v., na patente de ajudante de João Martins Esturiano, um dos soldados

paulistas, que teve a honra de servir em uma das companhias da leva de São Paulo, e desta patente consta o seguinte sucesso:

Parte de um deserto era o porto de Aguassú junto ao do Touro, onde a armada deixou ao mestre de campo Barbalho com a gente já referida no dia 7 de Fevereiro de 1640, sem mais viveres, que os que cada um dos soldados pode tirar na sua moxila, falta que, considerada em semelhante lugar está acusando a determinação não só de temeraria, se não de louca, fiando a livrança dos perigos e contingencia de milagres; porém aquele valor de portugueses sempre igual nos despresos da vida pelas melhoras da patria nada mais lhe deixara ver, que a constancia, a lealdade e o serviço do rei. Todos se alentavam por estes briosos estimulos e alentado coração do seu mestre de campo Barbalho, que então lhes fez uma discreta e advertida ponderação, lembrando-lhes: "Que o motivo que os tirara a uns da Bahia, e a outros de São Paulo, deixando todos a patria, os lançara agora naquela praia, por ficar infrutuosa a restauração de Pernambuco, e se voltavam para a defesa da Bahia, que no mau sucesso da armada tiveram parte os elementos, e não os inimigos, e que nesta jornada tinham de pelejar com os inimigos e com os elementos: estes armados dos rigores do tempo, e aqueles revestidos da colera do odio: que tudo se venceria se estribados na causa alentassem a confiança, por ser certo, que não falta Deus com auxilios a quem lhe dedica obsequios; que os poderia acobardar a falta dos mantimentos, se já não estivessem bem acostumados com as agrestes frutas dos sertões incultos, com o mel silvestre de suas abelhas, com as amendoas das variedades dos côcos dos matos, com os palmitos doces e amargosos, e com as raizes das plantas conhecidas capazes de digestão; e porque onde se contrasta o maior perigo se alcança a maior glória, era de parecer, que na marcha se buscasse o povoado, no qual poderiam conseguir remédio para a fome e aumento para a fama, que sempre foi mais grata a quem vencia homens, que a quem mata feras: é que quando o holandês os procurasse poderoso, então se aproveitariam da retirada com a vantagem do conhecimento de penetrar sertões, que se fazia superior ás forças e numero dos soldados inimigos.

Com esta bem advertida ponderação formou o mestre de campo Barbalho a sua gente e começou a marcha, levando diante do seu esquadrão descobridores para as ciladas, e guias para as veredas, com ordem que todos os cavalos e bois que descobrissem, os recolhessem para o sustento e para o serviço. Com saudosa mágua perderam de vista as últimas vozes da armada, que navegava arrazada em popa. Dos moradores que encontravam, recebiam os soldados de Barbalho o sustento, que voluntariamente davam compadecidos da sua necessidade. Das fazendas do inimigo mandava Barbalho tomar o necessario e queimar o restante, sem que a espada deixasse vida, que pudesse chorar a perda. No distrito do Rio Grande acharam ao governador chamado Gusmão, e destrui-

das as suas armas, o levaram cativo com muitos flamengos e indios, seus confederados, até a Bahia. Na vila de Guaiana, onde chegaram pelas 2 horas e meia da noite, deram um assalto ao inimigo e lhe degolaram 530 holandeses, que tinha o presidio, entrando o seu governador Alexandre Ricardo e outros oficiais de estimação; e os que deste conflito escaparam foram perseguidos ao romper da alva, e todos acabaram na casa forte, onde se haviam refugiado. Chegando á mata do Brasil, onde se alojaram, e tocando na retaguarda o inimigo arma, foi investido de uma companhia volante, que matando a muitos, escaparam outros com vergonhosa fugida, largando armas, munições e petrechos, de que os nossos se aproveitaram. Em outras muitas partes encontraram inimigos em desigual número que em todas destruiram com igual sorte. Em nada era dissimilhante a dos indios rebelados, em os quais a entidade da culpa não deixava vêr a distinção da natureza.

Chegou ao Arrecife primeiro a noticia da perda, que a da marcha, e o impaciente Nassau fez sahir ao general Marfez com 3.000 soldados em tres terços, com instrução de que a todo risco seguisse e perseguisse a Barbalho, até o destruir e sua gente. A êste tempo já o mestre de campo deixava atraz o distrito de Pernambuco, e dele tinha agregado a si, não poucos moradores com suas familias, que receiosos da vingança, que em sua inocencia havia executar a tirania, trocaram o cativeiro da patria, pela liberdade do destêrro. Informado o valoroso Barbalho do poder com que o seguia o holandês, lhe escondeu a marcha por muitos dias penetrou o interior do mato com tanta molestia, que a fôrça de braço se ia abrindo caminho. Passou o rio São Francisco, e da parte do Sul, fez alto para descanso e alívio de tão dilatada jornada. A nossa vista parou o inimigo que o seguia, temendo na passagem o destroço. Passados alguns dias, continuou Barbalho a marcha; e cheia de espanto a cidade da Bahia quando entraram nela, não cessou em muitos dias de encarecer o muito que o mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra com seus capitães ganharam de glória, e adquiriram de fama. O esquadrão inimigo voltou a marcha para o Arrecife, e a colera contra os pobres moradores, matando e destruindo tudo quanto topou até Pernambuco.

Desta armada e do que obraram os soldados das companhias do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, trata o livro *Castrioto Lusitano*, p. 1.ª, livro 3.º, de n. 140 até 154, e muito melhor os autos de justificação de serviços do capitão Valentim de Barros e de seu irmão o capitão Luiz Pedroso de Barros, processados na vila de São Vicente em 1643, sendo escrivão Antonio Madureira Salvadores, tabelião da dita vila, sendo juiz ordinario dela Pedro de Sousa Muniz. No serviço do grande João Paes Florião, decretados e registrados na nota do tabelião da vila de Mogi das Cruzes, e na patente já referida de ajudante João Martins Esturiano, datada em 14 de outubro de 1645 anos, e passada pelo capitão-mor

governador e alcaide-mor da capitania de São Vicente, Francisco da Fonseca Falcão.

O capitão D. Francisco Rendon, depois de ser morador em São Paulo muitos anos, tendo já seus irmãos na capitania do Rio de Janeiro, se passou a ela, e fez assento na Ilha Grande de Angra dos Reis, aonde no ano de 1665 pediu terras por sesmaria. Neste requerimento alegou parte dos seus serviços pela petição seguinte: — Diz o capitão D. Francisco Rendon de Quebedo, que passou de 40 anos que veiu a êste Estado do Brasil, servindo de soldado com tres escudos de vantagem cada mês de mais de sua praça ordinaria na armada, na qual foi general D. Fradique de Toledo Osorio, que restaurou a cidade da Bahia ocupada pelo holandês, em cuja restauração se achou; depois se passou para São Paulo, em cuja vila casou, e como soldado e capitão de ordenança, cu foi alguns anos, procedeu com inteira satisfação dos seus maiores, e ultimamente levantou uma companhia de infantaria á sua custa para socorro da guerra de Pernambuco, em que gastou quantidade consideravel de sua fazenda, como dos seus papéis largamente consta; e ao presente é morador nesta vila de Nossa Senhora da Conceição de Angra dos Reis, onde tem sua casa e familia sem ter terras algumas, em que se agasalhar e plantar mantimentos, e ora estão devolutas e desaproveitadas as terras, que ficam detraz da serra, em cujas fraldas fica o engenho de Itacuruçá, que foi do governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que ao presente é de seu irmão D. José Rendon de Quebedo; e as terras que o suplicante pede hão de começar de um rio, que está no fim da praia de Moriquecariná da banda do dito engenho, e acabará sua testada no rio Itiriga, que poderá ter uma legua de rio a rio, botando-se o rumo pelo nor-nordeste da banda do rio Itinga para o sertão até chegar ás cabeceiras do rio Guandú; e passando este pede mais uma legua em quadra, etc. Foram-lhe concedidas as terras que pediu em 7 de Setembro de 1665 por João Blau, capitão-mór loco-tenente da condessa de Vimieiro donataria da capitania de São Vicente e São Paulo.

Do matrimonio do capitão D. Francisco Rendon de Quebedo nasceram em São Paulo quatro filhas, que foram:

D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca.... Cap. 1.º
D. Bernarda de Alarcão e Luna .... Cap. 2.º
D. Catharina .... Cap. 3.º
D. Francisca .... Cap. 4.º

CAPÍTULO I

1 — 1. D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca, casou na igreja matriz de São Paulo, a 20 de Outubro de 1642, com Martim Rodrigues Tenorio e Aguiar, natural de São Paulo, filho de João

Paes e de sua mulher Suzana Rodrigues, estando viuva de seu primeiro marido Damião Simões; e o dito Tenorio tendo passado ao sertão por capitão-mor da tropa, nele faleceu no ano de 1603. Do matrimonio de D. Magdalena casou no Rio de Janeiro a filha D. Luzia de Aguiar com Gaspar Corrêa, e teve a José Corrêa Soares, que casou com D. Margarida de Luna, filha de Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça, e de sua mulher D. Barbara da Fonseca Doria, como temos mostrado neste titulo n. 1.º, capitulo 4.º, § 6.º.

Não sabemos se D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca teve mais filhos na capitania do Rio de Janeiro além de D. Luzia de Aguiar; nem tambem se acabaram em tenros anos, ou solteiras, as duas filhas, que teve em São Paulo, que foram D. Isabel, batizada em São Paulo no dia 1 de julho de 1652, e D. Maria, batizada a 30 de outubro de 1653; porque como se ausentou com seu pai, o capitão D. Francisco Rendon de Quebedo para a capitania do Rio de Janeiro, como temos referido no ano de 1665, ignoramos a decendencia desta senhora.

CAPÍTULO II

1 — 2. D. Bernarda de Alarcão e Luna, ficou em São Paulo, sua patria, onde faleceu a 20 de março de 1683, e foi casada com Fructuoso do Rego e Castro, natural e nobre cidadão de Pernambuco, da familia de seu apelido (32). E teve tres filhos nascidos em São Paulo.

2 — 1. D. Angela de Castro do Rego .... § 1.º
2 — 2. D. Anna de Castro e Quebedo .... § 2.º
2 — 3. Cosme do Rego e Castro de Alarcão ... § 3.º

§ 1.º

2 — 1. D. Angela de Castro do Rego, foi casada com o capitão Antonio Pacheco Gatto: sem geração e faleceu em São Paulo, a 21 de agosto de 1706 (33).

§ 2.º

2 — 2. D. Anna de Castro e Quebedo, foi casada com Salvador Bicudo de Mendonça, natural de São Paulo, onde faleceu a 15 de junho de 1697, e foi sepultado na igreja dos reverendos religiosos carmelitas no jazigo de seus avós; não consumou o ma-

(32) Cartorio de órfãos de São Paulo, maço 1.º de inventarios, letra B n. 30.
(33) Cartorio supra, maço 4.º de inventarios, letra A.

trimonio por achaques que tinha, como declarou no seu testamento (34).

§ 3.º

2 — 3. Cosme do Rego e Castro de Alarcão, seguiu os estudos, e tomou o grao de mestre em artes no fim do curso que leu no colegio de São Paulo o padre José de Mascarenhas, da companhia de Jesus. Nós o tratamos pelos anos de 1731, em que faleceu de bexigas, estando habilitado para o estado clerical.

CAPÍTULOS II e IV

D. Catharina e *D. Francisca* nesceram em São Paulo, em cuja matriz se batizaram: esta a 12 de outubro de 1654 e aquela a 10 de julho de 1650. Ignoramos se faleceram de tenros anos ou, se acompanharam a seu pai, o capitão D. Francisco Rendon de Quebedo para a capitania do Rio de Janeiro.

N. 3.º

DE

D. JOSÉ RENDON DE QUEBEDO

D. José Rendon de Quebedo saíu de Madrid para o Brasil em 1640, e veiu para o Rio de Janeiro, onde fez o seu estabelecimento; por quanto em 1639 tirou instrumento de abonação em Madrid, o qual foi autenticado em Lisboa em 25 de maio de 1640. E no ano de 1651 estava situado em Juiari, e pediu mais terras nas serras de Jericinó e Marapicú, que lhe foram concedidas pelo capitão-mór João Blau, loco-tenente da condessa de Vimieiro, D. Marianna de Sousa da Guerra, donataria da capitania de São Vicente e São Paulo (35).

No Rio de Janeiro casou D. José Rendon com uma viuva, d. Suzana Peixoto, senhora do engenho chamado de Fumaça em Irajá, que o trocou por outro que possuia em Itacuruçá o governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides; a qual senhora foi mãi de Francisco Lemos, que faleceu em 1680. Parece que a mesma D. Suzana Peixoto foi irmã de D. Maria Peixoto, mulher de D. Luiz

(34) Cartorio 1.º de notas de São Paulo, maço de inventários antigos, letra S.

(35) Cartorio da provedoria da fazenda real da vila de Santos, livro de registros das sesmarias n. 12, titulo 1.656, pag. 87 v.

de Quixada Reinoso, hespanhol, e ascendente de Hieronimo Carneiro de Albuquerque, e do morgado de Paramos; e tambem parece que foi irmã de Francisco de Lemos Peixoto, cavaleiro de Aviz, e filha de Pedro Peixoto Castelam, natural de Guimarães, e provedor da Fazenda do Rio de Janeiro, e de D. Antonia de Azevedo de Lemos, filha de Francisco de Lemos de Azevedo, alcaide-mór do Rio de Janeiro, e de D. Branca do Porto, filha de Ruy Dias Bravo, e de Antonia Rodrigues, neta paterna de Gonçalo Gomes Peixoto de Freitas, e de D. Suzana Mendes de Brito, filha de João Mendes de Brito. No dito engenho de Itacuruçá se estabeleceu o fidalgo D. José Rendon de Quebedo, e ficou o dito engenho tomando o nome do seu possuidor dito Rendon.

Do seu matrimonio teve nascidos na Ilha Grande de Angra dos Reis, cinco filhas, e um filho, que foram:

D. Theodora .... cap. 1.º
D. Anna .... cap. 2.º
D. Francisca .... cap. 3.º
D. N. .... cap. 4.º
D. Maria de Alarcão .... cap. 5.º
D. Pedro Rendon e Luna .... cap. 6.º

CAPÍTULOS I, II e III

D. Theodora, D. Anna e D. Francisca. Estas tres irmãs elegeram o estado celibato; e vestiram o habito de carmelitas, e assim faleceram e foram sepultadas na casa do capítulo do convento dos carmelitas da ilha Grande. Essas memorias nos communicou Fradique Rendon de Quebedo, capitão-mor da barra de Guaratiba no ano de 1759, estando já em avançada idade, e de quem fazemos menção neste titulo n. 1.º, cap. 4.º, § 6.º, pag....

CAPÍTULO IV

1 — 4. D. N.... casou com N.... Lobo, de cujo matrimonio nasceu unico filho que foi Antonio Lobo de Alarcão, que casou com D. Ignacia Telles, filha de Francisco Telles, com geração.

CAPÍTULO V

1 — 5. D. Maria de Alarcão, casou com Damaso Pimenta Gago de Oliveira, natural da Ilha Grande, onde a sua distinta qualidade é assas bem conhecida pelo seu acendente João Pimenta de Carvalho, fidalgo da casa real e morador na Ilha Grande em 1629, capitão-mor e ouvidor loco-tenente da condessa de Vimieiro,

D. Marianna de Souza da Guerra, que casou ná nobre familia dos Oliveiras Gagos, transplantada da vila de Santos em 1... com dois irmãos naturaes da dita vila. E teve do seu matrimonio tres filhos.

2 — 1. José Pimenta Rendon .... § 1.º
2 — 2. João Pimenta Gago de Alarcão ...... § 2.º
2 — 3. D. Maria Pimenta .... § 3.º

§§ 1.º e 2.º

2 — 1. José Pimenta Rendon, acabou solteiro, morto a facadas em Itacuruçá.

2 — 2. João Pimenta Gago de Alarcão, faleceu solteiro de bexigas.

§ 3.º

2 — 3. D. Maria Pimenta, foi casada com o capitão Jacintho de Sá Barbosa, que teve lavras minerais no arraial velho, junto ao Sabará. Foi irmão do coronel Antonio de Sá Barbosa, que teve grandes lavras na Roça Grande, freguezia de Santo Antonio, e que faleceu sem geração, irmão tambem de D. Maria Coutinho, que casou no Rio de Janeiro a furto, com o capitão João Ferreira Coutinho, com quem se passou para Minas Gerais, e tiveram filhos, o padre Boaventura Ferreira Coutinho, clerigo de boa vida, o padre Francisco Ferreira Coutinho, D. Gertrudes Coutinho, casada com José Tavares Pereira, capitão em Sabará, natural das Ilhas: com geração.

D. Maria Pimenta e o capitão Jacintho de Sá Barbosa são pais de *Antonia de Sá Barbosa,* mulher de José Pacheco Viegas, que em 1759 existia na Ilha Grande, no seu engenho de assucar: de *Bento de Sá Barbosa,* que viveu e faleceu no Sabará e casou com D. N.... filha do coronel Faustino Ferreira da Silva, e de sua mulher D. Maria da Fonseca Romeira Velho Cabral, natural de Pindamonhangaba, onde casou com dito coronel Faustino Ferreira da Silva, natural de Vianna, irmão direito de Fernando Ferreira de Castro, ajudante da praça de Santos, onde faleceu, e de Felix Ferreira, capitão-mór do Caeté.

CAPÍTULO VI

1 — 6. D. Pedro Rendon e Luna, ordenou-se de clerigo de São Pedro. O Exmo. bispo do Rio de Janeiro D. José de Barros

e Alarcão o fez seu visitador das igrejas das vilas de São Vicente, e São Paulo (36).

FIM DO N.º 3

N. 4

DE

D. PEDRO MATHEUS RENDON CABEÇA DE VACCA

D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca, tambem se achou na Bahia do Salvador de Todos os Santos, e acabada a guerra contra os holandezes passou a São Paulo com seus irmãos (37). Não casou este fidalgo, e, ou se recolheu ao reino de Castela, ou faleceu solteiro. E' certo, que depois de estar em São Paulo muitos anos, se passou para a capitania do Rio de Janeiro, onde todos os irmãos se ajuntaram; e se casou, foi nesta capitania; e não temos certeza alguma do seu estado. A noticia difundida dos antigos, que se conserva na memoria dos modernos, assevera que se recolhera para a patria, a cidade de Coria, por ter cessado a causa que a ele e a seus irmãos tinha obrigado a embarcarem para o Brasil, na armada com o general D. Fradique de Toledo Osorio, pêlo crime de haverem morto a facadas a um geral dos franciscanos em Castela, estando todos em uma quinta divertindo-se; e fôra áto primus este sacrilego atentado contra o padre geral. Não encontramos documento algum, que verifique esta constante noticia, que a communicou em São Paulo o rev. padre mestre José de Mascarenhas, da companhia de Jesus, que foi um grande indagador de memorias antigas, e unico genealogico das familias da capitania do Rio de Janeiro, São Vicente e São Paulo.

FIM

(**A respeito de D. João Matheus Rendon*, irmão segundo de D. Pedro Matheus Rendon, e filho de D. João Matheus Rendon, achei no cartorio eclesiastico de São Paulo, no maço 1.º da letra I, n. 15, uns autos *de genere* procesados em 1680 no Rio de Janeiro a favor do sobredito D. João Matheus Rendon, pelos quais consta ser filho de D. João Matheus Rendon e de sua mulher D. Maria Bueno: neto por parte paterna de D. Pedro Matheus Rendon, e sua mulher D. Magdalena de Alarcão; e pêla

(37) Cartorio 2.º, de notas de São Paulo, livro de notas, título 1.684, pag. 55.

(36) Livro dos casamentos da igreja de Taubaté e Guaratinguetá. — Cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro de registros n. 4, tít. 1.686 pag. 45.

materna neto de Amador Bueno, e de sua mulher Bernarda Luiz. Na petição declara somente a sua naturalidade, e não a de seus pais e avós. Do dito das testemunhas consta mais alguma coisa. Consta mais dos autos, que era viuvo e passava de 30 anos de idade, e que tinha sido casado com D. Ignez de Oliveira a qual tinha sido casada com o capitão-mor da Ilha Grande João Bláo (êste foi capitão-mor loco-tenente da condessa donataria, como consta de muitos documentos): e porque a mulher dita Ignez era viuva quando com ele casou, foi dispensado por um missionario apostolico capuchinho da irregularidade que contraiu de bigamia interpretativa. Por um requerimento que fez, alega ser tutor dos seus sobrinhos, filhos de seu irmão D. Matheus Rendon, e que como, estando para partir os navios em que ele devia embarcar para Lisboa dentro de dois dias, não cabia no tempo o dar contas da tutoria na Ilha Grande, onde se fizera o inventario, pedia dispensa daquela irregularidade, etc. Mas eu creio que houve erro na citação do nome do defunto seu irmão, pai de seus pupilos, porque além de que o nome de Matheus era o apelido proprio daquela familia, não consta por outra parte que tivesse outros varões mais do que D. Pedro Matheus Rendon, o qual faleceu na Ilha Grande, e D. José Rendon de Quebêdo. Desta se faz menção como testemunha na escritura de doação de bens para patrimonio que lhe faz Luiz de Vilhena Peixoto. Creio pois com toda a probabilidade que em vez de D. Pedro Matheus Rendon, escreveu-se o primeiro nome; e isto com maior razão, porque em uma certidão, que o mesmo ordenando ajuntou aos ditos autos para mostrar que se livrara de um crime de morte feito na Ilha Grande, se declara que estando João Vaz da Conceição na Ilha Grande e fazendo de D. Maria, cunhada do reo, onde assistia, tendo o reo suspeitas que o dito João Vaz havia de casar com a dita D. Maria, tratou de o matar; o que sendo na ocasião da festa, que se fez em o ano de 1670 da dita vila.... E como D. Pedro Matheus Rendon foi casado com D. Maria Moreira Cabral, não póde ser certamente outra D. Maria a que se trata por sua cunhada já viuva, e por consequencia nem outro o irmão falecido senão o mesmo D. Pedro. A última testemunha da sobredita inquirição diz, que conhecera a D. José e D. Francisco Rendon, filhos do justificante e irmãos de seu pai.

Ora, em um livro de notas, velho, que se acha em poder do Dr. José Arouche a fl. 16 v., se acha uma procuração bastante, lavrada a 27 de junho de 1690, na qual o capitão Domingos da Silva Bueno, além de outros procuradores que constituiu em diversas partes, tambem constituiu: — e na Ilha Grande a D. José Rendon. — Este não era outro certamente, como creio, sinão o irmão de D. Pedro, Matheus e de D. João Matheus, que se habilitou.

No mesmo sobredito livro de notas a fl. 63, acha-se uma escritura lavrada a 11 de julho de 1691 pelo qual toma — o

capitão D. João Matheus Rendon — cem mil réis a juros de 8 por cento, dos quais foi seu fiador o sargento-mor Manoel Bueno da Fonseca. Creio que este foi filho de D. Pedro Matheus Rendon e irmão de D. Francisco Matheus Rendon, e que foi o que faleceu solteiro nas minas de Paranaguá, como se diz a fl. 6 v. dêste titulo; muito principalmente porque logo na seguinte folha do dito livro de notas se acha uma procuração bastante em nome do mesmo capitão D. João Matheus Rendon, o qual constituia (a 16 de julho de 1691) na vila de São Paulo (em que se passava a procuração) por seus procuradores ao major Manoel Bueno da Fonseca, o capitão-mor Pedro Taques de Almeida, a *D. Francisco Rendon e D. Pedro Rendon de Alarcão;* o qual tambem era irmão do dito D. Francisco Rendon ou D. Francisco Matheus Rendon (ás vezes deixavam de por o Matheus), e faleceu nas Minas Geraes como diz a fl. 6 v. dêste mesmo titulo). (*).

(*) Esta nota é do punho de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes.

ÍNDICE DO TOMO II